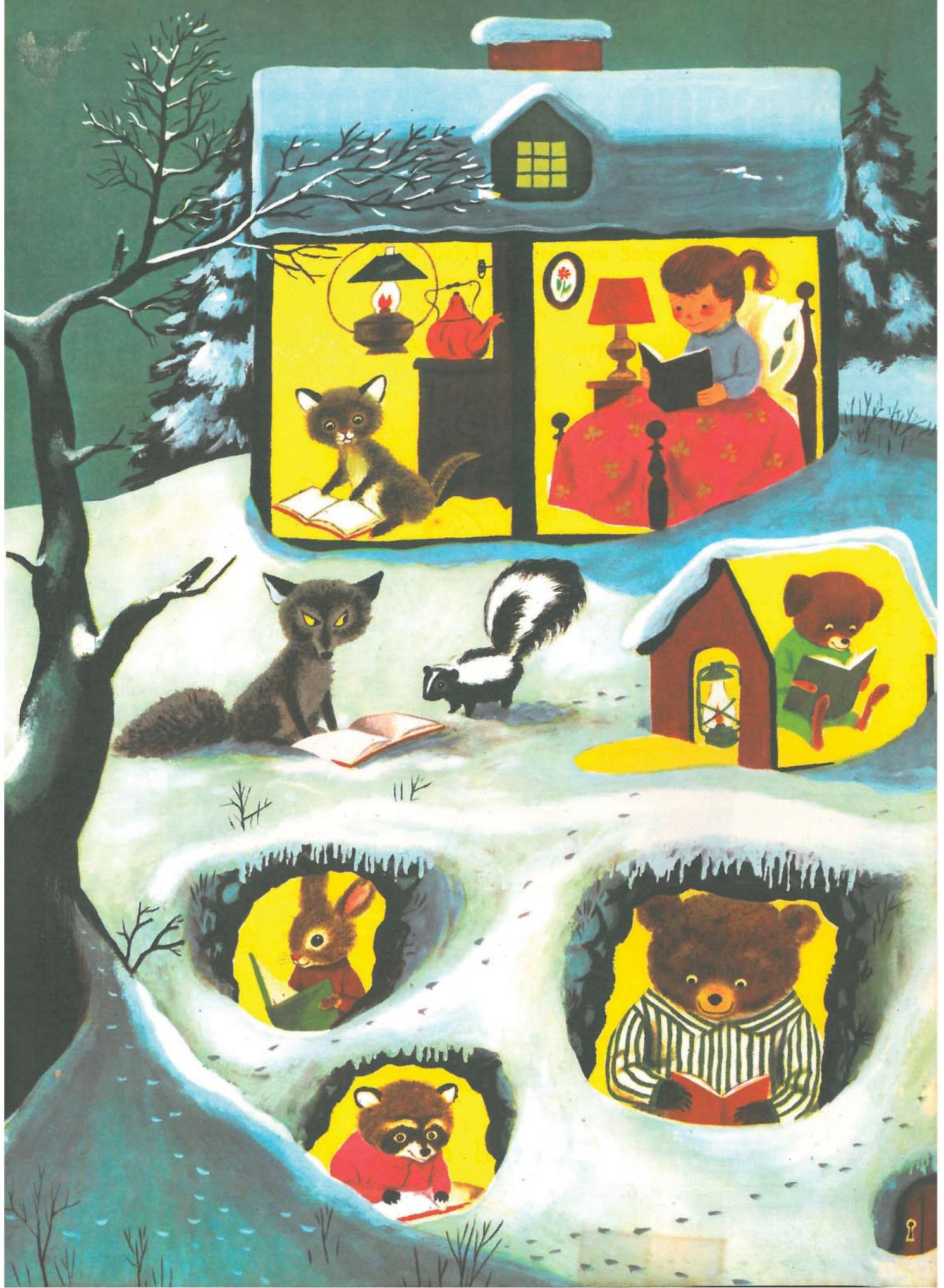


# 365

# histórias de encantar

um conto para cada dia do ano





# 365 histórias de encantar

um conto para cada dia do ano

Texto de Maria Isabel de Mendonça Soares  
sobre documentação de K. Jackson  
e Elisabeth Gille

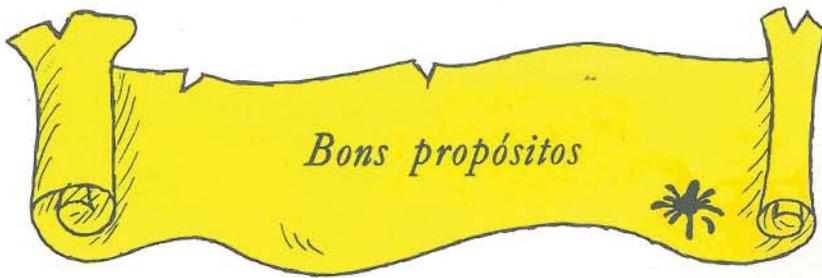
Ilustrações de Richard Scarry



Verbo Infantil



Copyright by Western Publishing Company, Inc., e Editorial Verbo, S. A. R. L.



## Bons propósitos

### 1 DE JANEIRO

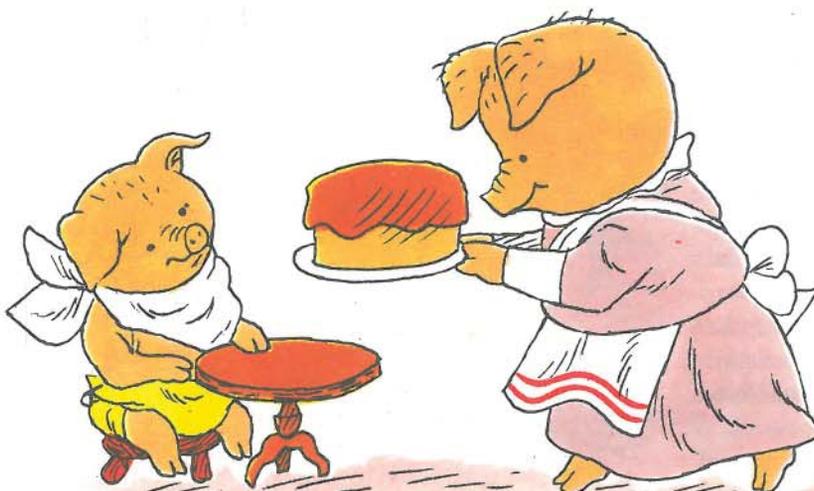
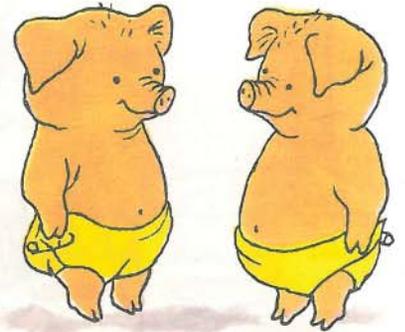
*Hoje, que o ano começa,  
e pra que comece bem,  
vou fazer uma promessa  
ao meu pai e à minha mãe.*

*E para não a esquecer  
e que ninguém me desminta,  
nesta folha de papel  
aqui fica escrita a tinta.*

*Prometo solenemente  
não brigar com o meu irmão,  
repartir com toda a gente  
brinquedos, bolos ou pão;*

*ter sempre tanto juízo  
quer de dia quer de noite  
que nunca há-de ser preciso  
apanhar nenhum açoite.*

*Se assim fizer, hei-de ter  
muitos amigos e amigas  
porque a amizade se pega  
mais que o sarampo e as bexigas.*





## O Inverno do Compadre Leão

### 2 DE JANEIRO

Um belo dia, o Compadre Leão compreendeu que já não aguentava passar em África outro Verão tão quente como o do ano anterior.

Comprou um bilhete de avião para os países do Norte e dirigiu-se ao aeroporto.

— Tome muito cuidado com o Inverno rigoroso dessas terras — preveniram-no os amigos. — Tenha cautela com o frio, pois de contrário arrisca-se a ficar transformado em estátua.

De modo que, mal chegou a Londres, o Compadre Leão alugou uma casinha com uma enorme lareira e comprou uma pilha de lenha de altura impressionante. Feito isto, resolveu divertir-se.

Foi a um piquenique, tomou banho com os seus novos vizinhos e jogou ténis no parque. Noutro dia, foram todos dar um passeio de barco pelo rio para admirar a paisagem.

Nunca na sua vida o Compadre Leão havia passado um Verão tão agradável.

Mas este depressa chegou ao fim, e o Compadre Leão preparou-se para o Inverno. Acendeu a lareira e instalou-se ao pé do lume com os seus livros preferidos.

Como a casa possuía também aquecimento central, o calor dali a pouco tornou-se insuportável.

— Isto é pior que um Verão africano! — gemeu o pobre Compadre Leão, abanando-se. — Mas a verdade é que não me apetece nada ver-me congelado e transformado em estátua!



E quando os seus novos amigos vieram buscá-lo para ir patinar com eles, tiveram um trabalhão para o convencer a deitar o nariz fora de casa.

Mas, logo que saiu, o Compadre Leão ficou de boca aberta. Até as crianças pequenas se divertiam loucamente a deslizar pela neve, tão bonita e tão branca.

— Esperem aí! — gritou ele. — Tenho de escrever aos meus amigos de África para lhes dizer que estavam redondamente enganados!

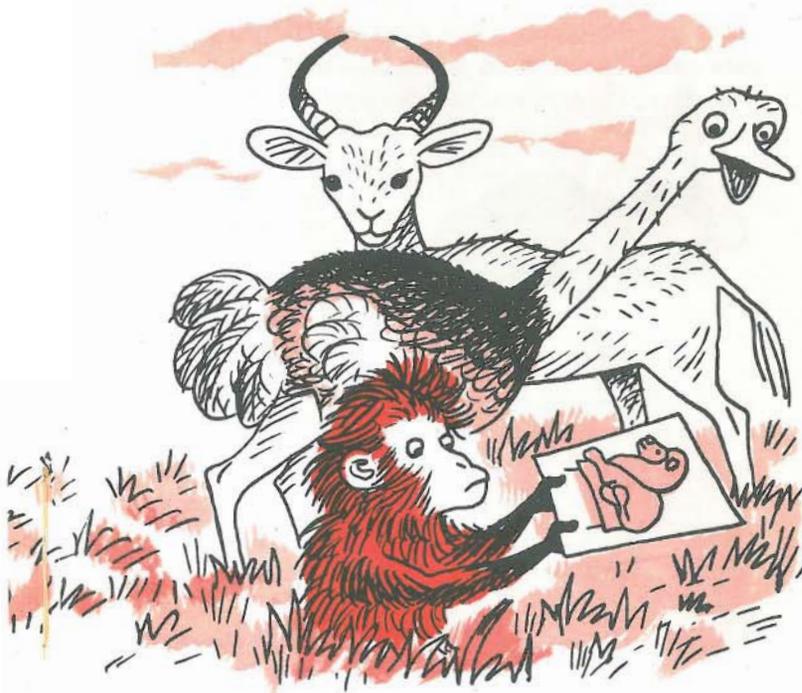
Rabiscou um postal ilustrado à pressa: «Dias maravilhosos. Logo que possa, escrevo.»

O Inverno não foi demasiadamente frio. O Compadre Leão passou-o todo a fazer esqui, a patinar, a andar de trenó.

Infelizmente, o postal que ele tinha mandado representava a Biblioteca Nacional, com uma grande escadaria ladeada por dois grandes leões de pedra.

— Que horror! — exclamaram os amigos africanos. — O pobre do Compadre Leão ficou congelado e transformado em estátua ... exactamente como nós tínhamos previsto! Olhem ... Cá está ele, imóvel, gelado ... ao pé de outro infeliz! Diz ele que vai escrever-nos logo que possa, mas é mais do que certo que nunca mais descongela!

E, embora lamentando muito o seu amigo e Compadre Leão, lá por dentro não podiam deixar de pensar com certo orgulho que tinham calculado logo o que ia acontecer!



Nunca se sabe ...

### 3 DE JANEIRO

Havia uma semana que o André se divertia com o belo trenó que lhe tinham dado pelo Natal. Mas a brincadeira principiava a aborrecê-lo.

— Tenho pena de não ter pedido uns patins em vez de um trenó — disse ele à mãe. — Antes do Natal nunca se sabe muito bem o que se quer depois ...

— Ouve — disse-lhe a mãe —, o Filipe pediu uns patins. Talvez ele não se importe de tos emprestar.

O André estava convencido de que um rapaz que tinha a sorte de possuir um par de patins não ia emprestá-los a ninguém ... nem sequer ao seu melhor amigo.

Apesar disso, agarrou no trenó e foi até ao lago ver os patinadores. O seu amigo Filipe rodopiava em cima de uns magníficos patins reluzentes. Mas, caso extraordinário, não tinha ar de quem se divertisse muito, e olhava constantemente para os rapazes e meninas que deslizavam de trenó pela encosta.

Ao ver o André, correu para ele:

— Porque é que não andas a brincar com o teu trenó? — perguntou.

— Já estou farto — respondeu o André. — Antes queria patinar.

— Não me digas! — exclamou o Filipe. — Isso é formidável! Imagina que eu já estou farto dos meus patins e antes queria um trenó! Se fizéssemos uma troca?

Dois minutos depois, o André patinava no lago. Embora não se aguentasse lá muito bem, andava radiante.

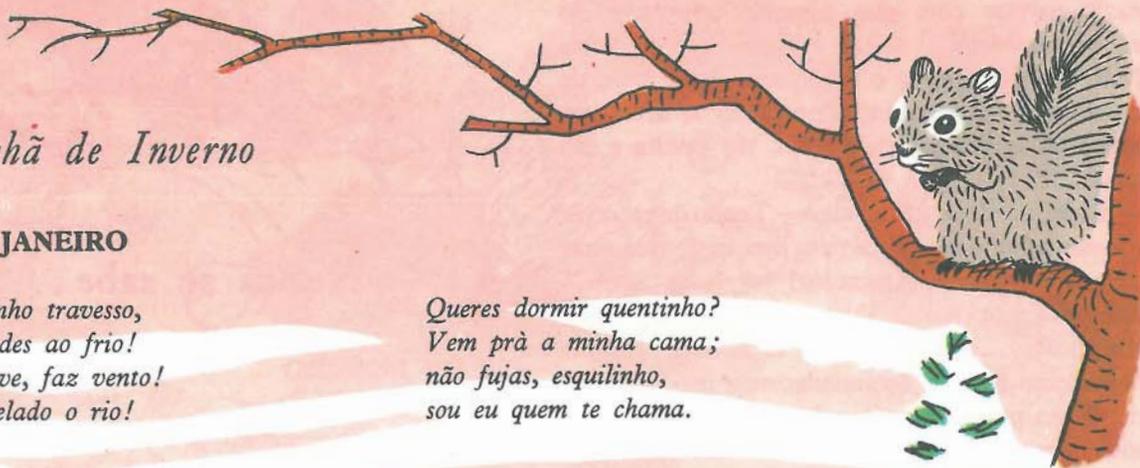
Mas quando viu o Filipe a divertir-se loucamente na colina, e quando se lembrou da alegria com que o amigo lhe emprestara os patins, disse lá para consigo que o trenó novo tinha sido afinal um rico presente.

## Manhã de Inverno

4 DE JANEIRO

*Esquilinho travesso,  
não andes ao frio!  
Cai neve, faz vento!  
Está gelado o rio!*

*Queres dormir quentinho?  
Vem prà a minha cama;  
não fujas, esquilinho,  
sou eu quem te chama.*



## O ursinho constipado

5 DE JANEIRO

Era uma vez um ursinho polar que tinha apinhado uma constipação, mas, como não queria ficar na cama, dizia que não se sentia nada doente e que o seu fato bem acolchoado bastava para o proteger do frio.

Durante todo o dia, divertiu-se a pular na neve espessa e a pescar na água gelada.

Fazia muito frio para um ursinho constipado.

Daí a pouco já ele começava a fungar e a espirrar.

Os outros ursinhos, as focazinhas e as renas fugiram a gritar:

— Não queremos brincar mais contigo porque as constipações pegam-se!

E um médico que passava olhou para ele e disse:

— O melhor que tens a fazer é ir deitar-te e pôr um saco de água quente aos pés.

O ursinho riu-se daquele bom conselho. Mas, de repente, as gargalhadas transformaram-se em tosse, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e os joelhos dobraram-se-lhe ... a tal ponto que caiu sentado em cima da neve gelada. Desta vez, o pobre ursinho não desejava outra coisa senão voltar para casa, mas nem se podia levantar!

E, céus! Os espirros que ele dava!



— Olhem! — exclamaram todos os Esquimós. — Aquele ursinho constipado vai causar uma verdadeira epidemia, se não nos apressamos a acudir-lhe!

Mandaram à pressa para casa os esquimòzinhos, cortaram grandes blocos de gelo e construíram rapidamente um *igloo* à roda do ursinho e da sua constipação.

Uma senhora esquimó muito amável trouxe-lhe um saco de água quente, chá de limão bem quente e dois cobertores espessos às riscas encarnadas e brancas.

O ursinho ficou tão bem instalado que se sentiu logo melhor. Ao fim de três dias já não espirrava. E ainda a semana não tinha acabado, já estava capaz de sair.

Mas teve de esperar muitos dias até que alguém viesse brincar com ele. Em primeiro lugar porque todos os outros ursinhos, assim como as focas, as renas e os meninos esquimós tinham apanhado grandes constipações, por sua causa.

E depois, porque todos estavam zangados com ele.



De modo que, quando os companheiros finalmente se curaram, e o ursinho constipado conseguiu que lhe perdoassem, passou a ter muito mais juízo.

Tanto assim que, dali em diante, se habituou a meter-se na cama aos primeiros sinais de constipação. E agora, quando sai de casa já curado, todos os amigos estão à sua espera para brincar, muito contentes por tornar a vê-lo.



## O presente

### 6 DE JANEIRO

Era uma vez um menino cuja avó morava em Itália.

Um dia, ela escreveu-lhe a dizer que ia mandar-lhe um presente, e o menino pôs-se a pensar consigo mesmo o que seria.

O presente chegou. Era um jarro de loiça, muito esquisito, com estranhas folhas pintadas da cor de frutos, e frutos pintados da cor de folhas.

O menino ficou muito desapontado.

— Não gosto nada deste jarro — disse ele à mãe.

— Pois eu gosto muito — respondeu a mãe. — Repara como diz bem com os nossos pratos.

E colocou o jarro em cima da mesa, a todas as refeições.

Pela manhã, o jarro estava cheio de leite muito quente que o menino deitava na sua chávena.

Ao meio-dia, continha água fresca.

Ao lanche, nos dias de calor, laranjada; e nos dias frios, chocolate.

O menino todos os dias encontrava dentro do jarro tanta coisa boa que acabou por já não o achar esquisito.

Um dia escreveu para Itália à avó, a contar-lhe tudo. No fim da carta dizia:

«Muito obrigado pelo seu lindo jarro. Gosto muito dele.»

E era verdade.

O menino agora achava que o jarro italiano era o jarro mais bonito do Mundo.

## Altos e baixos

### 7 DE JANEIRO

*Há coisas que não percebo  
e me fazem confusão:*



*de trenó, julgo que voo;  
de patins, caio no chão! ...*



## As botas da Anita

### 8 DE JANEIRO

Anita não sabia calçar-se sòzinha. Como os irmãos a ajudavam sempre que a mãe não podia fazê-lo, Anita não via qualquer vantagem em aprender.

Ora, um belo dia, ao acordar depois da sesta, Anita viu que estava a nevar. O irmão e a irmã

tinham levado o trenó e divertiam-se a deslizar pela encosta. Anita vestiu-se à pressa para ir ter com eles. Já bem agasalhada, desceu a escada a correr.

— Mãezinha! — gritou. — Ajude-me a calçar as botas, se faz favor!

A mãe da Anita não respondeu. Tinha saído.

Anita esteve quase para desatar a chorar. Mas pensou que não tinha tempo. E logo em seguida disse consigo que podia muito bem sair sem botas. Simplesmente, arriscava-se a adoecer se ficasse com os pés molhados!

Não lhe apetecia nada adoecer. Por isso, sentou-se no chão, puxou, empurrou, até que enfiou as botas. Depois, muito devagarinho, com todo o cuidado, puxou o fecho.

Não era fácil, mas lá conseguiu!

Mal tinha acabado de se calçar tocou o telefone. Era a mãe que estava em casa de uma vizinha a fazer bolos.

— Anita — disse a mãe —, sei que deves ter vontade de ir brincar na neve com os outros meninos, mas tenho muito que fazer e não posso ir para casa tão depressa. Espera que eu chegue para te ajudar a calçar as botas.

— Não vale a pena, mãezinha — respondeu Anita, rindo. — Não, não vale a pena ... porque já me calcei sòzinha!

Calculem como a mãe da Anita ficou admirada!





## O fogão da minha avó

10 DE JANEIRO

*Quando a minha avó  
vem cá de visita  
o espanto que faz!  
— Que coisa bonita  
um fogão a gás!  
Volta-se um botão ...  
e é uma beleza!  
Pão-de-ló ou empadão  
estão prontos a pôr na mesa!*

## O pisco prudente

9 DE JANEIRO

A Senhora Pisco tinha pressa de saborear as migalhinhas de pão que um menino havia colocado em cima da tábua no alto de uma árvore sem folhas.

Mas o Senhor Pisco era desconfiado!

— Quem nos garante que não há qualquer armadilha escondida? — disse ele.

— Talvez! — respondeu a mulher. — Mas do que temos a certeza é que morremos de fome se não correremos esse risco! Anda, vem!

— Ainda não — tornou o Pisco. — Espera ...

Nesse momento dois grandes corvos precipitaram-se na direcção da árvore e começaram a devorar tudo àvidamente.

— Vão comer tudo! — lamentou-se a Senhora Pisco.

Porém o Pisco repetiu:

— Espera mais um bocadinho.

Por fim, os outros, acabada a refeição, afastaram-se todos satisfeitos com o papo cheio. Então o Senhor Pisco aproximou-se cautelosamente da árvore. Ao chegar junto da tábua, fez sinal à esposa para que viesse ter com ele. Com um alegre bater de asas, esta voou muito contente por poder tomar parte no banquete.

O Pisco estava ainda mais contente do que ela.

Mas nada se comparava com a alegria do menino que os observava por detrás da vidraça.

— Aí está — disse ele. — O pai e eu só ontem pusemos ali aquela tábua. E olhem como já dois piscos desconfiados vieram tomar o pequeno almoço!



*Mas quando vou eu  
a casa da avó  
todo o espanto é meu.  
— Que lindo fogão!  
Preto e luzidio como o alcatrão!  
E o calor que espalha  
o lume encarnado  
dentro da fomalha!  
Avó, nunca venda  
este seu fogão!*



## A surpresa do Miguel

### 11 DE JANEIRO

Durante o Verão, todos os meninos da aldeia ajudavam as mães a tratar do jardim (menos o Miguel que era muito pequeno).

Sentiam-se muito orgulhosos das suas habilidades e, quando no jardim de algum deles nascia uma flor especialmente bonita, o dono ia a correr chamar os outros para que viessem admirá-la:

— Venham ver a minha rosa ou o meu lilás!

Mas agora era Inverno. Todos os jardins dormiam debaixo de uma camada de neve.

Por isso, quando o Miguelinho foi de porta em porta a gritar:

— Venham ver a flor que nasceu no meu jardim! — os amigos iam desatando a rir.

— No Inverno não nascem flores, Miguel! — exclamaram eles.

Mas o Miguel tinha uma cara tão séria e tão contente que mesmo assim foram atrás dele. Subiram, o caireiro coberto de neve e dirigiram-se à casa, cujo telhado desaparecia debaixo de uma espessa cobertura de neve. Ao chegarem ao pé dos degraus o Miguel parou e apontou para o chão.

Aí, mesmo no meio da neve, rodeada por uma golinha de folhas verdes muito lustrosas ... abria uma magnífica flor branca.

— Oh, Miguel! — exclamaram os outros meninos. — Que é isto?

— É uma rosa-do-natal! — respondeu Miguel orgulhosamente. — Vi-a num catálogo de flores e a

minha mãe mandou-a vir. Mas fui eu sozinho quem a plantei, no Outono. Acham que já estou bastante crescido para saber tratar do jardim como vocês?

E os meninos, que continuavam a admirar a linda rosa-do-natal, exclamaram:

— Mas tu já és um jardineiro a valer, Miguel!





## O bombeiro dorminhoco

### 13 DE JANEIRO

Era uma vez um bombeiro dorminhoco que gostava muito da sua profissão. Era muito valente e estava desejoso de cumprir bem o seu dever, mas de noite, quando a sereia apitava, não conseguia nunca acordar ... e era sempre o último a subir para o carro da bomba.

Um dia, até o carro esteve quase a partir sem ele!

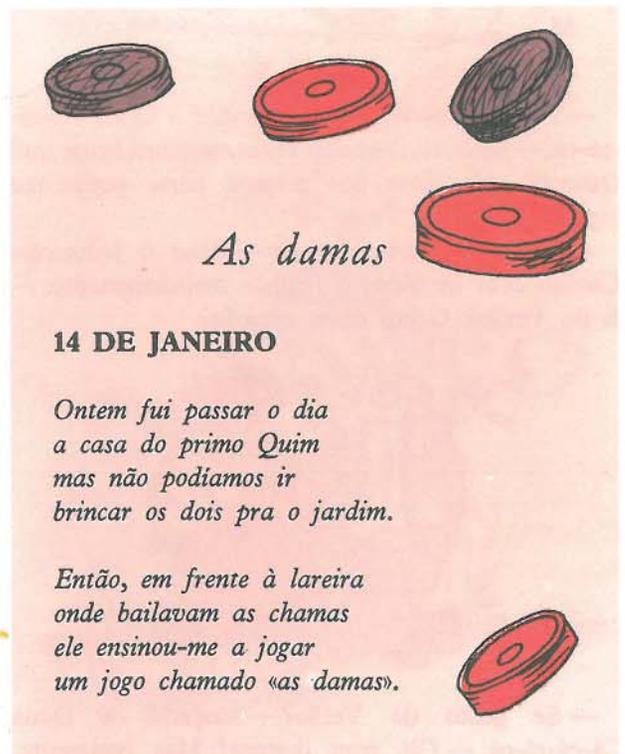
— Não posso continuar assim! — disse ele para consigo, na noite seguinte, andando nervosamente de um lado para o outro no dormitório. Estava quase resolvido a não se deitar quando uma ligeira corrente de ar frio soprou pelo buraco que os bombeiros usam para escorregar até ao rés-do-chão. Então, o bombeiro dorminhoco lembrou-se de que não podia dormir quando tinha frio.

Deu um grito de alegria. E, zás!, em dois tempos, em três movimentos, prendeu os cobertores aos dos seus dois vizinhos de cama. A seguir deitou-se.

Ora, a meio da noite, a sereia apitou.

Que barulho! Todos os bombeiros, menos o bombeiro dorminhoco, acordaram em sobressalto e pularam da cama. Atiraram fora os cobertores, e os do bombeiro dorminhoco também. Brrr! O bombeiro dorminhoco sentiu tanto frio que acordou logo, vestiu-se com a velocidade de um relâmpago, escorregou pelo buraco ... e foi o primeiro a subir para o carro da bomba.

Por isso, como aparecia sempre bem acordado, era muito valente e se mostrava desejoso de cumprir bem o seu dever, o comandante não levou muito tempo a promovê-lo ao posto de primeiro-cabo.



### As damas

### 14 DE JANEIRO

*Ontem fui passar o dia  
a casa do primo Quim  
mas não podíamos ir  
brincar os dois pra o jardim.*

*Então, em frente à lareira  
onde bailavam as chamas  
ele ensinou-me a jogar  
um jogo chamado «as damas».*

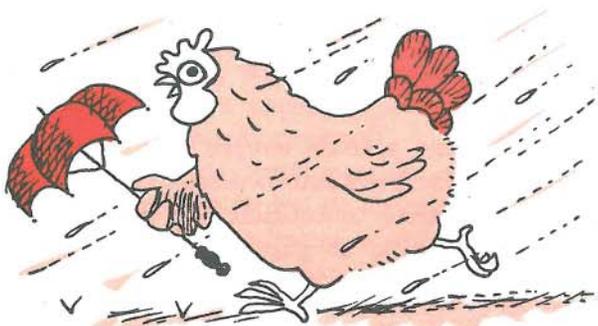


Neve, neve, sempre neve!

### 15 DE JANEIRO

— Neve, neve, sempre neve! — resmungou a Dona Cá-cá-rá-cá, varrendo o pátio, cheia de energia. — Quem me dera que o Inverno acabe!

— Sério? — perguntou-lhe o Joãozinho Coelho. — Então gosta mais da Primavera?



— Pois com certeza! — respondeu a Dona Cá-cá-rá-cá. — Embora... muitas vezes em Abril águas mil. Quando vejo lama por toda a parte ponho-me logo a desejar o Verão...

— Já estou a compreender — disse o Joãozinho Coelho com os olhos a brilhar maliciosamente. — E do Verão? Gosta dessa estação?



— Se gosto do Verão? — suspirou a Dona Cá-cá-rá-cá. — Oh, com certeza! Mas realmente,

no mês de Agosto com todo aquele calor e aquela poeirada, espero pelo Outono com impaciência.

— Portanto — disse o Joãozinho Coelho —, o Outono é a sua estação preferida?



— Sem dúvida — replicou a Dona Cá-cá-rá-cá. — Menos lá para o fim, quando as folhas principiam a cair e é preciso varrê-las. Nessa altura, só peço uma coisa: que venha o Inverno...

— O Inverno! — exclamou Joãozinho Coelho, pulando de contente. — Portanto, aí tem, Dona Cá-cá-rá-cá! A senhora acaba de me dizer que gosta mais do Inverno do que das outras estações!



A Dona Cá-cá-rá-cá ficou muda de espanto. Depois, desatou a rir também.

— É verdade! — disse ela. — Oh, Joãozinho, que coisa terrível se as estações passassem tão depressa.

Depois, cantarolando alegremente: «Viva a neve! Viva a neve branquinha!», a Dona Cá-cá-rá-cá desceu os degraus da entrada aos pulinhos para ir ajudar o Joãozinho Coelho a fazer um grande boneco de neve no pátio deslumbrante de brancura.



## A sete pés

16 DE JANEIRO

Um dia uma girafa novinha, empoleirada nas suas pernas altas, foi dar um passeio em companhia de um elefantezinho de pernas gordas, de um tigre-zinho de patas elegantes às riscas e de um macaquinho de pernas elegantes que pareciam braços.

Atravessaram a selva e a savana para irem beber água fresca a um grande rio que muito bem conheciam. Depois de terem bebido até fartar, instalaram-se na margem e principiaram a conversar perguntando uns aos outros se haviam de ali ficar ainda durante algum tempo ou se teriam de se pôr a caminho logo.

Nisto, saiu do rio um hipopótamo velho e muito gordo, furioso com aqueles estouvados que com a conversa lhe tinham interrompido a sesta.

Subiu até à margem fazendo uma trovoadade com as patorras a escorregar ... e, sem mais demoras, a girafa, o elefantezinho, o tigre e o macaquinho fugiram a sete pés. Uns mais depressa, outros mais devagar; mas os pés de uns e outros, grandes ou pequenos, levaram-nos até casa mesmo a tempo do almoço.



## Boletim meteorológico

17 DE JANEIRO

*Virá chuva para amanhã?  
Cai neve na Covilhã?*



*Talvez sopra vento norte,  
aquele que é frio e forte ...  
Ou então pode bem ser  
que o sol nos queira aquecer ...*



*Um sol de Inverno, molhado,  
de sorriso envergonhado ...  
Se assim for, ainda bem!  
Vou sair com a minha mãe.*

## O tigre lanzudo

18 DE JANEIRO

O tigre lanzudo tinha-se perdido. Não era coisa rara!

Aquele tigre patusco tinha tanto pêlo e tanta patetice que passava a vida a perder-se, e o Guilherme nunca sabia onde havia de o procurar.

Um dia, encontrou-o em cima de uma prateleira tão alta que foi preciso subir a uma cadeira para o ver. Doutra vez, debaixo da cama a comer pó, com um ar muito triste. De outra vez ainda, o Guilherme, ao levantar o tejadilho do seu camião encarnado, foi encontrar lá dentro o tigre.

Mas, agora, não estava nem em cima da prateleira, nem debaixo da cama, nem dentro do camião.

Nem dentro do armário. Nem na arca de brinquedos.

O Guilherme começou a rugir ... o que é uma excelente maneira de chamar um tigre perdido. Em seguida, pôs-se a assobiar ... o que tem a vantagem de dar ânimo a uma pessoa. Mas por mais que rebuscasse, procurasse, rugisse, assobiasse, não via nem sombra de tigre no horizonte.

Por fim, na altura em que ia desistir de procurar, convencido de que ele tinha desaparecido para sempre, o Guilherme levantou a cabeça e, pelo maior dos acasos, avistou, pendurado no ramo mais baixo do carvalho grande, o seu tigre, que parecia dizer-lhe:

— Olá! Julgava que te tivesses perdido!

Sim, lá estava ele, sempre lanzudo e pateta ... desejoso de que o encontrassem para logo a seguir se perder outra vez.



## Os patins

19 DE JANEIRO

*Nada há mais divertido  
que patinar sobre o gelo  
com um cachecol de lã  
e um barrete de pêlo.*



*O ar está frio? Não faz mal!  
A deslizar tão depressa  
não tarda cinco minutos  
que logo a gente se aqueça.*

## Os sinos de Natal

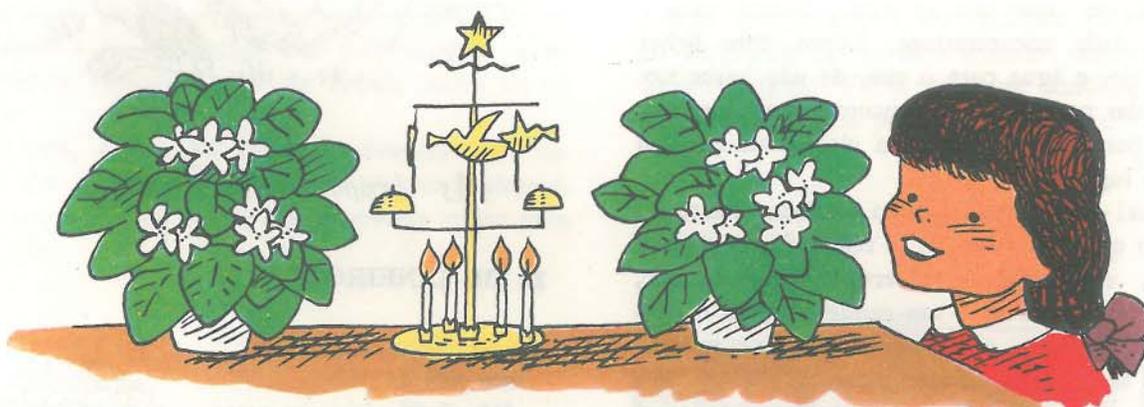
20 DE JANEIRO

Numa tarde tristonha de Inverno, escura e fria, quando a Primavera parecia ainda muito distante e o Natal parecia ter sido havia muito tempo, a Lina encontrou uns sinos de Natal na gaveta da secretária.

Com um trapo de lã puxou o lustro às peças de metal, juntou-as, depois foi buscar as velas

Lina pegou num deles, com todo o cuidado. A mãe pegou no outro, e colocaram-nos um de cada lado dos sinos.

— Vamos ver o efeito que fazem logo à hora do jantar! — exclamou a Lina. A mãe acendeu logo as minúsculas velas brancas, e os anjos cintilantes começaram a girar fazendo tilintar os sinos. Com a



pequeninas que quando se acendem fazem girar os anjos doirados.

Depois de posta a mesa para o jantar, Lina colocou os sinos no centro da toalha e pediu à mãe que viesse ver.

— Só faltam as flores — disse a mãe da Lina, indicando-lhe os dois vasos de violetas brancas do Cabo que passavam o Inverno no parapeito da janela.

luz o metal brilhava. As violetas pareciam ainda mais brancas.

— É tão lindo como se fosse Primavera! — disse a mãe da Lina.

— Até é tão lindo como se fosse Natal! — disse Lina. E sorria, porque, de repente, aquela tarde de Inverno tão comprida já nem parecia tristonha nem escura. Os sinos pequeninos tinham bastado para a iluminar.

## O macaco medroso

21 DE JANEIRO



E foi-se embora, mais desembaraçado que nunca, enquanto o macaco medroso ficou em casa, a abanar tristemente a cabeça e a arrumar tudo aquilo nos seus lugares.

Um macaco medroso e um seu amigo desembaraçado preparavam-se para ir dar um passeio.

— Precisamos de ter a certeza de que não nos esquecemos de coisa alguma — disse o primeiro, fazendo os embrulhos. — Roupas quentes para o caso de fazer frio, roupas leves para o caso de fazer calor. Caçarolas e pratos para o caso de encontrarmos qualquer coisa que se coma, comida para o caso de nada encontrarmos. Copos para beber água do rio, e água para o caso de não haver rio. Espingardas para o caso de encontrarmos inimigos, escudos para o caso de serem eles a ver-nos em primeiro lugar ...

— Céus! — exclamou o amigo. — Pensas em tudo!

— Não quero arriscar-me — respondeu o macaco medroso, embrulhando cobertores para dormir, um baralho de cartas e um candeeiro para o caso de terem insónias, além de um caixote enorme cheio de sanduíches de presunto.

Por fim, tentou pegar no embrulho, e o amigo desembaraçado tentou pegar no dele.

Mas os embrulhos eram tão pesados que nem um nem outro conseguiram levantá-los do chão.

— Ai! — gemeu o macaco medroso. — Não podemos partir!

— Tu, não! — respondeu o amigo, agarrando uma espingarda e uma sanduíche de presunto. — Mas eu posso ... porque me governarei com o que encontrar.



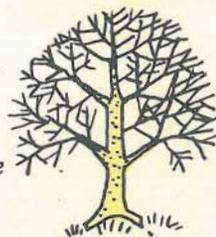
## As árvores no Inverno

22 DE JANEIRO

*Coitadinhas das árvores  
sem folhas!*

*Hão-de ter frio certamente.  
Não trazem roupa vestida  
como a gente! ...*

*E devem estar ansiosamente  
à espera  
que volte a Primavera!*





## As férias do coelho da cidade

### 23 DE JANEIRO

— Vem passar uns dias aqui ao campo — convidou o coelho do campo, telefonando ao primo, o coelho da cidade. — Deves estar farto de ruas enlameadas e de casas de pedra fria!

— É verdade; e obrigado por te teres lembrado de mim! — respondeu o coelho da cidade.

Pôs às costas os patins e os esquis, e tomou o primeiro comboio. Que lindo estava o campo cheio de pinheiros verdes e lagos gelados!

Durante o dia, o coelho da cidade patinava e fazia esqui de boa vontade com o primo. À noite, adorava jogar as cartas ou divertia-se a assar castanhas, sentado ao pé da lareira, antes de se deitar.

— Pois, meu caro primo — disse-lhe um dia o coelho do campo —, agora que gozaste as alegrias do campo calculo que já não te apeteça voltar para a cidade.

Mas o coelho da cidade ficou admirado quando deu por si a responder:

— Não estou bem certo disso ...

Porque, de repente, lá no fundo do coração, sentiu saudades das ruas animadas, das luzes da cidade, dos amigos, e da sua caminha quente num último andar de um prédio muito alto, e até da lama que fazia um chape-chape tão agradável quando se lhe punha os pés em cima.

Por isso, terminadas as férias, quando o coelho da cidade se viu dentro do comboio depois de se ter despedido do primo e gritado: «Adeus! adeus! Muito obrigado! Vai lá visitar-me também!», sentiu-se muito contente por voltar para casa.





Pchiu!

## 24 DE JANEIRO

A casa estava silenciosa. Pchiu! A mãe a dormir a sesta. Pchiu! O bebé a dormir também. Tch... Tch! A água corria para o lava-loiças cheio de loiça suja.

— Achas que podemos? — disse baixinho a Cati.

— Acho que sim — bichanou o Pedro.

E a Cati, logo a correr, com um grande avental da mãe atado à cintura, lavou a loiça toda. O Pedro limpou-a. Depois arrastou uma cadeira até junto do armário e abriu as portas.

Cati estendeu-lhe os pratos, que ele arrumou no seu lugar.

Mas, de repente, na altura em que ia pegar na travessa grande, esta escapou-se das mãos da Cati.



Pás! Que barulheira tremenda! O bebé acordou e desatou a chorar. Os gritos do bebé acordaram a mãe, que se levantou, pegou nele ao colo e desceu à cozinha. Mas não exclamou: «Ai, valha-me Deus! A minha rica travessa!»; nem disse: «Porque é que os meninos se metem a fazer o que não é da sua conta?».

Não. Disse assim:— Oh! Pedro! Oh! Cati! Muito obrigado por terem lavado a loiça!

Depois, sentou o bebé na cadeirinha dele, deu um beijo aos dois filhos mais velhos, varreu os cacos da travessa ... e tirou do armário a tigela, o açúcar, os ovos e a farinha, tudo quanto era preciso para fazer um grande bolo.



## As luvas do Bichaneco

## 25 DE JANEIRO

O Bichaneco andava sempre a perder as luvas. A avó nunca lhe ralhava, porque adorava fazer luvas de malha.

Ia sentar-se à lareira e pegava nas agulhas para substituir o par de luvas desaparecido.

Mas o pai e a mãe do Bichaneco não estavam satisfeitos.

Por mais que lhe repetissem que devia aprender a ser cuidadoso, não servia de nada. Por fim, acabaram por declarar que se o Bichaneco perdesse outra vez as luvas, não ia ao cinema. Que ameaça terrível!

O Bichaneco havia muitos meses que poupava tostão a tostão para poder ir ver aquele filme.

E por isso respondeu que ia ter muito cuidado.

E teve.

Mas, no dia seguinte pela manhã, quando chegou à escola e despiu o casaco, viu que lhe tinha desaparecido uma das luvas.

Felizmente o Bichaneco sabia escrever e tinha dinheiro na algibeira. Escreveu um anúncio que dizia assim:

«Dão-se cinco escudos de alvissaras a quem entregar ao Bichaneco a luva que ele perdeu.»



Colou o papel no quadro preto e esperou que tudo se resolvesse.

Céus! Foi uma verdadeira calamidade! À hora do recreio vinte e cinco dos seus colegas vieram trazer-lhe luvas perdidas ... e todas eram dele!

Depois de ter dado cinco escudos a cada um, ficou sem dinheiro, e com pares de luvas que chegavam para treze gatinhos.

Pobre Bichaneco! Voltou para casa carregado de luvas e com as lágrimas nos olhos.

— Não chores — disse-lhe a avó. — Eu vou descobrir a maneira de resolver tudo ...



Uma hora depois, tinha descoberto. A ideia parecia excelente ao Bichaneco. Pediu licença ao pai e à mãe, que lha deram. Então o Bichaneco principiou a lavar todas aquelas luvas. Pô-las a enxugar. No dia seguinte, levou-as para a escola. Desta vez colou no quadro preto um papel que dizia:

«Lindas luvas. Preço de saldo. Dirigir-se ao Bichaneco.»

Durante o recreio, os outros gatinhos vieram ver as luvas e acharam-nas muito bonitas. À hora do almoço, falaram nisso às mães, e como as luvas custavam só vinte escudos (uma verdadeira pechincha) as mães deram-lhes o dinheiro.

Tinham acabado as arrelias do Bichaneco! Agora tinha dinheiro suficiente para ir ao cinema, e que chegava até para levar a avó, o pai e a mãe. Depois do espectáculo, que agradou a todos, ainda puderam ir tomar uma grande chávena de chocolate quente.

E o melhor é que o Bichaneco nunca mais perdeu as luvas, o que deu grande satisfação ao pai e à mãe.

Para a avó também foi muito bom, pois, no ano seguinte, as mães dos gatinhos que andavam na escola com o Bichaneco quiseram comprar luvas.

A avó vendia-as a vinte escudos o par, e deste modo pôde tricotar quantas quis.



## Um desastre feliz

26 DE JANEIRO

Desde o começo do Inverno que os animais estavam desejosos de ir patinar no lago gelado que havia por detrás do jardim zoológico, até que por fim o macaco conseguiu surripiar da algibeira do guarda a chave das jaulas, e, nessa mesma noite, todos se dirigiram para o lago.

Só os elefantes é que se recusaram a deslizar no gelo.

— Estalava com o nosso peso — suspiravam eles.

— Ora! — exclamou o hipopótamo. — Olhem para mim!

E principiou alegremente a dar saltos à luz do luar.

Com um estrondo de trovão, o gelo cedeu e todos fugiram para a margem.

É claro que os animais ficaram muito zangados com ele.

— Escusas de contar com mais convites para brincar connosco! — resmungou o chimpanzé, fechando as jaulas.

Entretanto, o guarda deu por falta das chaves. Correu ao jardim zoológico, disposto a castigar os culpados, deixando-os o dia inteiro a pão e água.

Porém, ficou muito admirado de os encontrar a todos dentro das respectivas jaulas a dormir profundamente (pelo menos, parecia...) e de ver as chaves caídas no meio do caminho.

— Que imprudência a minha! — exclamou ele. — Quem merecia ficar de castigo a pão e água era eu.

E tornou a ir deitar-se.

— Viram? — segredou o chimpanzé. — Se ele tivesse aparecido mais cedo, apanhava-nos!

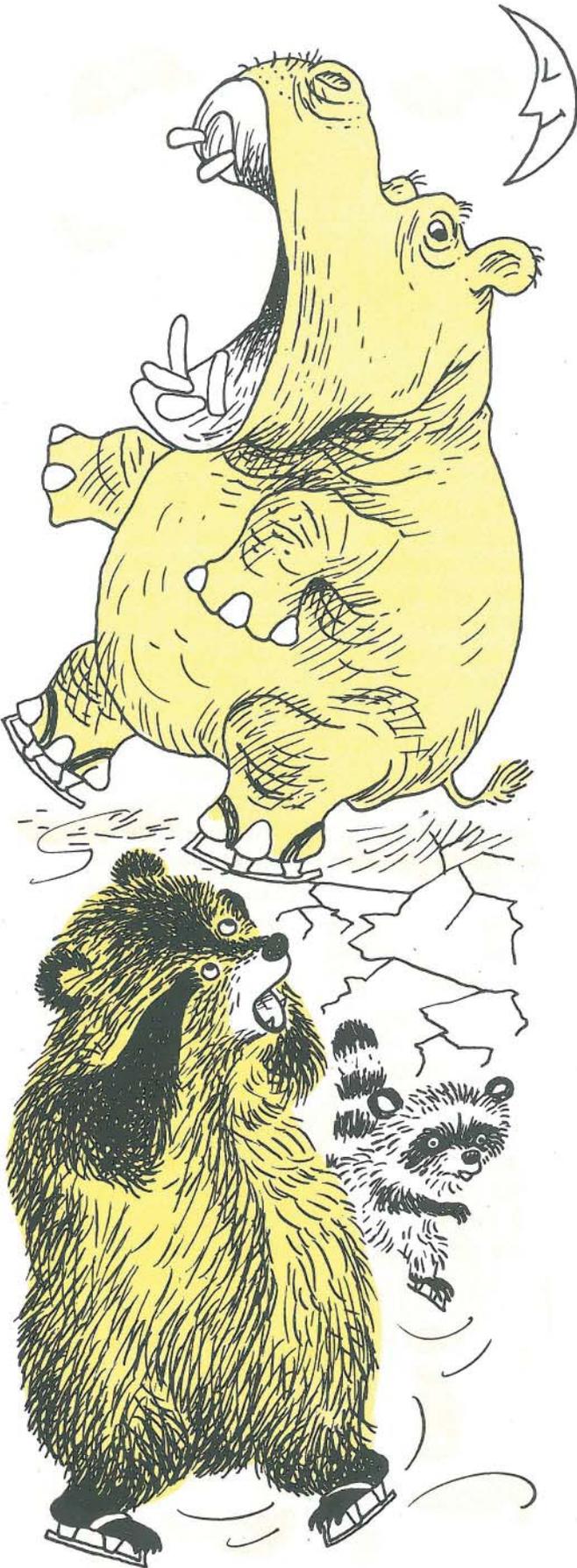
— Tivemos sorte! — exclamaram os outros animais.

O hipopótamo fez simplesmente «Hum!» e todos concordaram com ele.

— É verdade, amigo — disseram. — Foste tu quem nos salvou. Tiveste uma bela ideia em quebrar o gelo!

O pobre hipopótamo velho ficou tão contente ao ouvir aquilo que declarou:

— Alguém havia de fazer qualquer coisa!





## O ilusionista maravilhoso

### 27 DE JANEIRO

O ilusionista maravilhoso era um gatarrão preto que fazia coisas extraordinárias. Quando tirava o chapéu alto para cumprimentar o público, as pessoas viam sair de lá de dentro um coelho branco, duas rolas e uma bola prateada.

A bola dançava no ar sem nunca tocar no chão. Pulava em cima da cauda do ilusionista e em cima do focinho.

Quando ele dizia «abracadabra», a bola partia-se ao meio deixando escapar grandes lenços de cores lindas. Mas quando o ilusionista tentava metê-los outra vez dentro da bola, não conseguia porque eram muitos.

Então, atirava-os ao ar onde fluavam como nuvens coloridas, macias e leves. Quando o ilusionista agitava a varinha dizendo «abracadabra», os lenços desapareciam; e o coelho e as rolas desapareciam também, e desaparecia até o próprio ilusionista. Só ficava no palco uma grande cortina de veludo preto pendurada num varão prateado.

Aquele ilusionista maravilhoso fazia realmente coisas extraordinárias.

A sala vinha abaixo com palmas.

Então ouvia-se a bela voz grossa do ilusionista que dizia: «Muito obrigado, minhas senhoras e meus senhores.» Mas ninguém o via.

Não voltava à cena para se despedir porque tinha realmente desaparecido ... e só tornava a aparecer na segunda sessão do espectáculo.

### Quem passou por aqui?

#### 28 DE JANEIRO

- Quem passou neste carreiro?
- Foi o veado ligeiro.
- Quem passou por acolá?
- Um urso do Canadá.
- E agora, quem anda aí?
- Eu, o ratinho Ri-Ri, a roer uma castanha.

Mas a mim ninguém me apanha!



## O palhaço triste

29 DE JANEIRO

*Não sabia rir  
aquele palhaço,  
parado na pista  
com ar de cansaço.*



*Um menino deu-lhe  
um bombom doirado.  
O palhaço riu-se  
e disse: — Obrigado!*



## O menino delicado

30 DE JANEIRO

Era uma vez um menino que comia sempre muito pouquinho. Não queria feijão porque o achava muito verde. Nem cenouras porque não gostava daquela cor. Nem carne porque não lhe parecia apetitosa.

Esse menino respondia sempre «não quero, obrigado», a tudo quanto lhe ofereciam, de tal maneira que não comia nada, a não ser de vez em quando uma *tablette* de chocolate.

Um dia, o menino foi convidado para ir almoçar a casa de um amigo. A mesa estava posta e toda a gente se servia.

— *Serve-te* — disse-lhe a mãe do amigo. — Tira aquilo de que gostares.

O menino ficou muito atrapalhado.

Não podia tirar aquilo de que gostava, porque não havia chocolate. Tinha de comer qualquer coisa, visto que o haviam convidado para almoçar. Nem sequer podia dizer «não quero, muito obrigado» porque lhe tinham dito que se servisse.

Então, tirou um bocadinho de feijão e um bocadinho de cenouras. Depois, muito devagar, provou do que tinha no prato.

E, que coisa espantosa!... Achou tão bom a carne, o feijão e as cenouras que dali a meio minuto tinha comido tudo.

Daí por diante, tanto em casa dele como em casa das pessoas que o convidavam para almoçar, o menino respondia sempre delicadamente: «Quero sim, muito obrigado», a tudo quanto lhe ofereciam.

## Os ratinhos

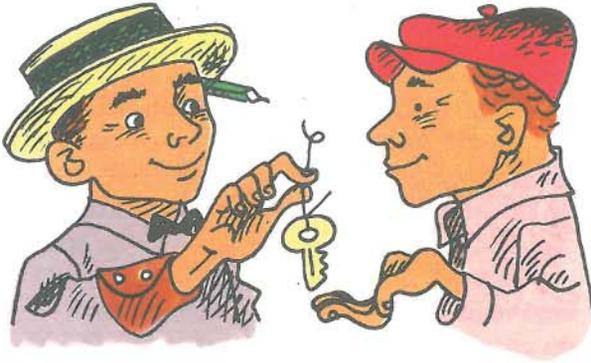


31 DE JANEIRO

*Se os ratinhos estão a ler  
caladinhos como ratos  
não há perigo de que os gatos  
apareçam para os comer.*



*Mas se fazem tropelias,  
se andarem às correrias,  
a mãe rata logo exclama:  
— Já de castigo para a cama!*



## O merceeiro cuidadoso

### 1 DE FEVEREIRO

Era uma vez um merceeiro muito cuidadoso que desejava poder ir entregar as encomendas aos fregueses ao mesmo tempo que aviava outros fregueses na loja. Mas era impossível fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Então, contratou um ajudante para guiar a carrinha.

— Se guiássemos e aviássemos, ora um ora outro? — pediu-lhe o ajudante.

— Não penses nisso! — respondeu o merceeiro. — Lembra-te dos enganões que podias cometer a aviar os fregueses na loja!

E cada qual continuou a trabalhar como de costume. Até que um dia o ajudante apareceu com um braço ligado. Tinha deslocado um pulso.

— Hoje não podes guiar a carrinha — disse o merceeiro. — Vou eu no teu lugar. Tu ficas na loja, mas cuidado não te enganes.



E, dizendo isto, meteu as bolachas da D. Maria Silva na caixa destinada à D. Maria Costa! Depois foi-se embora todo satisfeito, a guiar a sua linda carrinha vermelha.

— Oh, que pena já ter acabado a volta! — pensou ele, parando em frente da casa da D. Maria Silva.

Mas a volta não tinha acabado. Bem longe disso.

A D. Maria Silva não encontrou as bolachas na caixa, e o filho desatou a chorar.

— Não chore — disse o merceeiro. — Já se vão buscar!

Mandou o menino subir para o lugar ao seu lado, e ambos foram bater a todas as portas. Que satisfação quando encontraram por fim as bolachas em casa da D. Maria Costa!

Então, o merceeiro levou o menino a casa.



Voltou depois à loja, onde tudo corria o melhor possível.

Ficou tão contente que disse ao ajudante:

— Porque não havemos de guiar a carrinha, ora um ora outro, de hoje em diante?

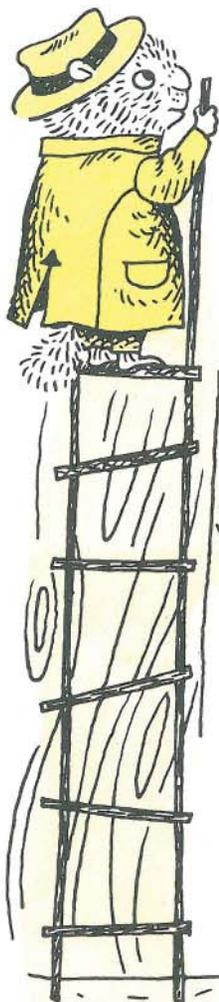
— Ótima ideia! — exclamou o ajudante, batendo as palmas. — Veja! O meu pulso já está curado.

— Muito bem — disse o merceeiro. — Portanto, amanhã é a tua vez de guiar a carrinha enquanto eu tomo conta da loja.

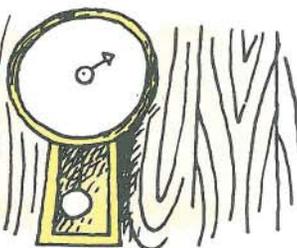
E nem um nem outro foram capazes de dizer de qual das coisas gostavam mais: se aviar os fregueses na loja, se ir entregar as encomendas na linda carrinha vermelha.

## Os dois ouriços

2 DE FEVEREIRO



*Enroscadinhos na toca  
onde estavam desde o Outono,  
dois ouriços friorentos  
e ainda tontos de sono*



*perguntaram: «Minha mãe,  
onde foi o pai?» «Já vem»,  
respondeu a mãe ouriço.  
«Foi só espreitar ali fora  
a ver se o tempo melhora,*



*para podermos sair.»  
Os ouriços dorminhocos  
fizeram ouvidos moucos.  
Continuaram a dormir!*



## As arrelias do Cágado Ronceirinho

3 DE FEVEREIRO

O Cágado Ronceirinho era tão vagaroso que mesmo no princípio do Outono os amigos tinham um trabalhão para conseguir que ele chegasse a horas à escola. Quanto mais os dias diminuían, quanto mais o tempo arrefecia, mais devagar Ronceirinho se arrastava.

Um dia, caiu neve e Ronceirinho não foi além da soleira da porta. Sentou-se no degrau, encolheu-se debaixo da carapaça sem tentar sequer pôr-se a caminho da escola.

— Anda, Ronceirinho! — gritaram-lhes os amigos. — Vais ficar sem recreio e depois não podes brincar na neve connosco ...



## O rapaz dos sete ofícios

4 DE FEVEREIRO

*Sou mecânico à segunda;  
sou bombeiro à terça-feira;  
à quarta sou um pirata*

— Bem sei — suspirou Ronceirinho. — E é horrível! Mas os meus pés hoje não querem levar-me.

Os amigos de Ronceirinho olharam uns para os outros. Depois, todos juntos, pegaram nele ao colo e levaram-no até à escola.

— É formidável! — murmurou Ronceirinho. — Vocês faziam bem se me trouxessem assim todos os dias ...

Mas nessa altura a professora viu-os.

— Ronceirinho! — exclamou ela. — Que estás tu aqui a fazer? Não sabes que os çãgadozinhos costumam dormir durante todo o Inverno e só voltam à escola na Primavera?

Ronceirinho não respondeu. Já tinha adormecido. Mas os amigos fungavam de riso.

— O Ronceirinho já sabia isso primeiro do que nós — disseram eles.

E sem demora levaram-no para a cama.

Depois voltaram para a escola, muito contentes por saber que as arrelias do Ronceirinho tinham terminado até à Primavera próxima.



com uma espada de lata;  
astronauta de primeira  
é o que sou à quinta-feira.  
À sexta sou Grande Chefe  
da tribo da Águia Azul;  
ao sábado sou cowboy.  
E ao domingo sou herói  
e então chamo-me Raul.

## Guardado está o bocado

### 5 DE FEVEREIRO

1 — Pobre Pedrinho! Ao regressar do lago gelado, perdeu um patim que ficou enterrado na neve.

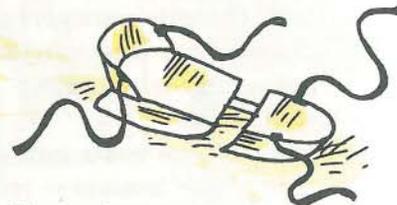


2 — Olha! Olha! — exclamaram nessa noite os ratinhos. — Que esplêndido trenó! Vamos dar um passeio!



3 — Os dois maiorzinhos atrelaram-se ao «trenó» e os outros encaixaram-se lá dentro, uns por cima dos outros.

4 — Divertiram-se tanto que, ao voltarem para casa, estavam tão cansados que nem tiveram forças para arrumar o «trenó».



5 — E portanto, no dia seguinte pela manhã, o Pedrinho encontrou o seu patim junto da escada, mesmo em frente do buraquinho dos ratos.



## O passeio dos cangurus

6 DE FEVEREIRO

Todos os domingos a tia Canguru levava os sobrinhos e as sobrinhas a passear, mas a tia ia sempre com tanta pressa que nem lhes dava tempo para admirarem a paisagem.

Os sobrinhos bem desejavam que ela andasse um bocadinho mais devagar.

Um belo domingo, disseram-lhe:

— Cá estamos prontos para o passeio, tia!

— Muito bem — respondeu a tia, sorrindo contente porque via que finalmente os sobrinhos traziam tudo quanto lhes podia fazer falta: camisolas de lã, guarda-chuvas, impermeáveis, almofadas, mantas, sanduíches e... até um colchão de borracha.

Assim carregados, os canguruzinhos puseram-se a caminho. Como de costume, a tia, que dava grandes saltos, passou-lhes logo à frente.

— Despachem-se! — gritava ela. — Vamos, não venham a lesmar!

— Não podemos andar mais depressa, carregados com tudo o que levamos — responderam eles.

— Lá isso é verdade — disse a tia Canguru. Pegou nas camisolas, nos guarda-chuvas, nos impermeáveis e encafuou-os na sua bolsa tão cómoda.

Com semelhante carregamento era impossível andar com a mesma rapidez.

Então os canguruzinhos, disfarçando a vontade de rir, pediram que lhes levasse também as almofadas e as mantas.

Depois, foi a vez das sanduíches e do colchão de borracha.

Amavelmente, a tia Canguru disse que sim. Mas a bolsa ia tão cheia que ela não podia saltar, e contentava-se em ir andando tão devagar que os canguruzinhos podiam admirar a paisagem.

Pela primeira vez na sua vida, também a tia Canguru podia olhar à sua volta. E o que via agradou-lhe tanto que se deixou ficar para trás.

— Vamos, tia! — gritavam-lhe os sobrinhos e as sobrinhas. — Despache-se, então!



— Para quê? — perguntou a tia Canguru. — Para quê semelhante pressa? Quando se dá um passeio é para gozar a paisagem, não é verdade?

— Ai é, é! — responderam os canguruzinhos, mortos de riso. — Com certeza! Com certeza!

E a tia Canguru, com a bolsa cheia de coisas que na verdade não faziam falta nenhuma aos sobrinhos, nunca percebeu por que razão eles se riam tanto.



## A festa do Joãozinho Coelho

7 DE FEVEREIRO

Quando o Joãozinho Coelho estava sozinho na sua toca, passava os dias a sonhar.

Imaginava-se a representar uma peça de teatro na escola, recebendo muitas palmas do público. Ou então, a marcar um golo difícil num desafio de futebol.

Mas acima de tudo gostava de sonhar com a magnífica festa que lhe apetecia oferecer aos amigos.

Até que um dia resolveu organizá-la de verdade.

«Vou pendurar lanternas de papel. Hei-de arranjar balões, jogos, muitas coisas boas para comer — pensou ele. — E convido os meus amigos para uma festa no sábado à noite.»

Realmente, pendurou lanternas de papel no tecto. Que lindas haviam de ficar depois de acesas!

Comprou balões que encheu e atou num molho para que cada qual pudesse escolher a cor que achasse mais bonita.

Finalmente, havia muitas coisas boas para comer, pois tinha passado a semana inteirinha a cozinhar e a fazer bolos.

Quanto a jogos, inventou muitos e divertidíssimos porque a imaginação era o seu forte.

Mas, no meio da excitação, ia-se esquecendo de convidar os amigos.

Felizmente, à última hora, quando se preparava para acender as lanternas ... lembrou-se.

Com o coração a bater, foi a casa de todos eles.

— Venham! — gritou-lhes. — Organizei uma festa e vocês estão todos convidados. Mas despachem-se por favor, antes que se faça tarde!

— Bravo! — responderam os amigos. — Vamos imediatamente!

E foram atrás do Joãozinho Coelho, que corava de prazer ao abrir-lhes a porta.

Os amigos nem queriam acreditar, ao verem o que o Joãozinho Coelho tinha preparado. E que bem se passaram aquelas horas, saboreando todos aqueles ricos bolos à luz das lanternas, escolhendo exactamente os balões que mais lhes agradavam, jogando os jogos que Joãozinho Coelho tinha inventado para eles!

Ficaram ali durante muito tempo, muito tempo. E quando por fim se foram embora, afirmando que aquela festa era a mais divertida de todas a que tinham assistido, Joãozinho Coelho corou pela segunda vez, ainda mais contente do que eles.



## Gosto mais de ser eu

### 8 DE FEVEREIRO

Ontem tive muita pena  
de não ser gato vadio.  
Podia andar lá fora  
a toda a hora  
sem me importar com o frio.  
Ia sozinho para a rua  
sem ter de andar pela mão.  
Trepava até ao telhado  
para ver mais de perto a Lua! ...

Mas hoje penso que não.  
Gosto mais de ser quem sou  
(sem saber caçar ratos nem miar)  
desde que o pai me ensinou  
a patinar!



## Os dois sócios

### 9 DE FEVEREIRO

O pobre do Compadre Rinoceronte via muito mal.

— Parece-me tudo baralhado — dizia ele, em pé no meio do rio que lhe dava pela barriga, imóvel

como um bloco de gelo. — Quem me dera distinguir as coisas mais nitidamente!

Ora precisamente no instante em que dizia estas palavras, ouviu exclamar:

— Ai, meu Deus!

Era uma lebre pequenina que gemia, sentada na margem.

— Ai, meu Deus! Quem me dera poder atravessar o rio e morder as folhinhas tenras que vejo acolá!



## Em Fevereiro

### 10 DE FEVEREIRO

*Em certos dias cinzentos  
(dias que parecem noites)  
apetece-nos fazer  
uma data de tolices  
das que merecem açoitos:  
vir a escorregar na neve,  
enterrar os pés no chão,  
e chegar todos molhados  
ao pé do fogão.  
Mas agora tudo muda!  
Com a roupa já enxuta  
e a comer uma torrada  
bem barrada  
de mel ou doce de fruta  
saboroso,  
apetece num instantinho  
ser um santinho  
de pau carunchoso.*



«Céus! — pensou o Compadre Rinoceronte. — Que sorte ela tem em possuir tão boa vista!»

Aproximou-se da margem e cumprimentou a lebrezinha.

— Posso transportar-te facilmente ao outro lado do rio, minha amiga — disse ele —, se estiveres disposta a descrever-me aquilo que vires ...

— Combinado! — exclamou a lebre, pulando de alegria.

O Compadre Rinoceronte levou-a então às costas, até à outra margem, onde a lebre comeu grande quantidade de folhas tenras. Depois de ter comido à sua vontade, trepou novamente para o largo costado do seu amigo e descreveu-lhe exactamente aquilo que tinha visto.

Daí em diante, nunca mais o Compadre Rinoceronte nem a lebrezinha de vista apurada tiveram ocasião de se queixar dos seus defeitos.





## O presente de anos

### 11 DE FEVEREIRO

Naquele ano, o Tiago fazia conta de comprar com o seu dinheiro um presente para a mãe. Tinha posto de lado uma bela moeda de dez escudos, e queria oferecer-lhe um lenço metido numa linda caixinha enfeitada com um laçarote.

«As mães adoram estas coisas», disse para consigo, aos saltos pela rua coberta de neve, e levando na mão o dinheiro. Mas, de repente, escorregou no gelo. Caiu, e a moeda desapareceu.

Por mais que procurasse, não foi capaz de a encontrar.

O pobre Tiago já não tinha presente para oferecer à mãe, à hora do jantar.

De súbito teve uma ideia.

«Posso fazer um boneco de neve — pensou. — Talvez a mãe goste.»

Modelou um grande boneco de neve em frente da porta da cozinha, num sítio onde a mãe pudesse vê-lo facilmente enquanto preparava as refeições.

Mas, assim que o terminou, não ficou lá muito convencido de que a mãe gostasse daquele presente.

«Ela havia de gostar mais de um lenço metido numa caixinha enfeitada com um laço de fita», pensou.

Ora, enquanto reflectia nisto, distinguiu, mesmo no centro do boneco de neve, uma coisa a brilhar. Parecia um pedaço de gelo ou um botão prateado.

Mas não era uma coisa nem outra: era a bela moeda de dez escudos que o Tiago havia perdido!

Desenterrou-a cuidadosamente e correu à loja. Aí comprou um lindo lenço metido numa caixinha, que a empregada enfeitou com um magnífico laçarote.

Nessa noite, ao jantar, o Tiago disse à mãe: — Aqui tem o meu primeiro presente, mãezinha. O outro está lá fora diante da janela da cozinha.

A mãe do Tiago achou o lenço tão bonito que abraçou o filho e deu-lhe três beijinhos. Mas o boneco de neve parecia agradecer-lhe ainda mais.

— Realmente, Tiago! — disse ela. — É o boneco mais lindo que vi na minha vida.



## O cuco marau

### 12 DE FEVEREIRO

Um cuco muito marau  
certo dia disse assim:  
— Vou pregar uma partida  
aos pássaros do jardim.

Foi ao ninho dos pardais  
e pôs um ovo lá dentro;  
outro no ninho dos corvos  
colocado bem no centro.

Por fim foi a outro ninho:  
o ninho dos tentilhões  
onde pôs terceiro ovo.  
E fugiu sem explicações.

Quando os cuquinhos nasceram  
muito grandes, a piar,  
nunca ninguém percebeu  
como ali foram parar.



## O esquilo

### 13 DE FEVEREIRO

Sabem, esta manhã  
quis apanhar um esquilo.  
Mostrei-lhe uma avelã,  
mas nem que fosse um quilo!  
Num pulo se sumiu  
aquele diatrete.  
Tão depressa fugiu  
que parecia um foguete.

## Os anos de casados do casal Urso

### 14 DE FEVEREIRO

O Sr. Urso e a Sr.<sup>a</sup> Ursa festejavam os anos de casados.

Ora toda a gente sabe que é costume festejar essa data de maneira especial. Como o Sr. Urso tinha resolvido oferecer à esposa um presente raro, começou a pensar nisso com muita antecedência.

Um belo dia, dirigiu-se em segredo à loja da aldeia.

Comprou um vaso de barro, um saco de pedrinhas de cores vivas e três bolbos de flores. Plantou-os, regou-os cuidadosamente e escondeu-os no fundo do guarda-fato, atrás de uma pilha de lenços de assoar.

— Sei muito bem a altura em que os hei-de tirar cá para fora. Será quando deitarem rebentos.

Um dia os bolbos deitaram rebentos. O Sr. Urso pô-los à luz do Sol, e era ele mesmo quem fazia a limpeza do quarto, para que a mulher não visse a surpresa que lhe preparava.

No próprio dia dos anos de casados, as flores abriram.

Eram lindas!

— Oh que bela surpresa! — exclamou a Sr.<sup>a</sup> Ursa, com os olhos a brilhar, vendo o presente. — Agora, vê o meu ...

Ela tinha feito uma grande pilha de crepes.

— Que felicidade!... — exclamou o Sr. Urso. — Vem sentar-te ao pé de mim.

E ambos comeram os crepes todos, regando-os com belo mel doirado.



### 15 DE FEVEREIRO

Um dia em Fevereiro,  
outras em Março (é conforme!)  
jogamos o Carnaval.



Ponho uma caraça feia,  
com um narigão enorme,  
ponho o chapéu do avô.  
Ninguém sabe quem eu sou!





## A ponte que não ia dar a parte nenhuma

16 DE FEVEREIRO

Era uma vez, lá muito longe, no país tranquilo de parte nenhuma, uma pequenina ponte de pedra lançada sobre uma estreita ria.

Por cima dela passavam às vezes camiões; por debaixo passavam às vezes barcos daqueles que têm um motor que faz tuc-tuc-tuc. Contudo, a maior parte do tempo a ponte só tinha a companhia de uma ou duas gaivotas toleironas, que voltavam do estrangeiro.

— Ainda continuas aí? — gritavam elas, assim que a avistavam. — Então ainda não te mexeste, ó pontezinha que não vais dar a parte nenhuma?

— Não — respondia a pontezinha. — É certo que não me desagradava ver outras terras. Mas como isso é impossível, conformo-me com a minha sorte.

E a pequenina ponte era tão alegre, apesar de tudo, que os automóveis e os camiões tinham muita alegria em utilizá-la e, a pouco e pouco, habituaram-se a abandonar a ponte grande da cidade sempre cheia de trânsito.

E passou a haver tanto movimento na pontezinha de pedra que um rapaz se lembrou de montar ali perto uma estação de serviço. A seguir apareceu um óptimo restaurante para os motoristas dos camiões que passavam por ali, depois vieram as lojas, e por fim as lindas moradias para toda aquela gente e suas famílias.

Por isso, como junto da ponte tinha nascido uma verdadeira cidade, baptizaram-na com o nome de Cidade da Ponte.

E agora, quando as gaivotas lhe perguntam:

— Então ainda aí continuas, ó pontezinha? Nunca vais a parte nenhuma?

A ponte responde a rir:

— É verdade; continuo aqui. Para que havia de me deslocar se toda a gente vem ter comigo?

Então, as gaivotas toleironas ficam tão admiradas que se afastam furiosas, sem se atreverem a responder.

## O baile de máscaras

17 DE FEVEREIRO

— *Quem és tu, ó mascarado, que estás tão bem disfarçado?*

— *Eu também não sei quem és.*

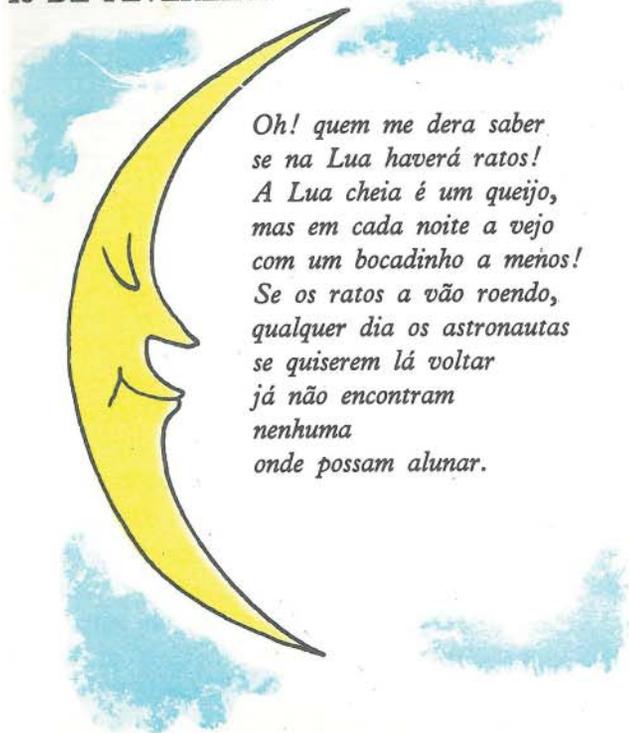
— *Vamo-nos fartar de rir.*

*Só nos podem descobrir pelas orelhas ou pelos pés!*



## A Lua

18 DE FEVEREIRO



*Oh! quem me dera saber  
se na Lua haverá ratos!  
A Lua cheia é um queijo,  
mas em cada noite a vejo  
com um bocadinho a menos!  
Se os ratos a vão roendo,  
qualquer dia os astronautas  
se quiserem lá voltar  
já não encontram  
nenhuma  
onde possam alunar.*

## A varicela e a papeira

19 DE FEVEREIRO

O Manuel estava com varicela e sentia-se muito aborrecido por causa disso.

Obrigavam-no a ficar no quarto durante duas semanas, sem se coçar, nem mesmo quando as bor-



bulhas lhe faziam comichão, e sem ler, ele que gostava mais que tudo de ler.

A Irene, essa, estava com papeira.

Quando olhava para o espelho via um grande alto na bochecha direita e outro na bochecha esquerda. Embora tivesse licença para ler, desenhar e comer gelados, nem por isso deixava de pensar que ficar metida no quarto com papeira durante toda a semana não era nada divertido.

E o Manuel e a Irene lamentavam-se, quando lhe disseram que o seu vizinho Nicolau, que acabava de ter varicela, apanhara agora papeira.

— Coitado do Nicolau! — disse o Manuel. — Ainda bem que só tenho varicela.

— Coitado do Nicolau! — disse a Irene. — Felizmente só tenho papeira.



E a vida pareceu-lhes menos triste.

Para o Nicolau, pelo contrário, era-o, e muito.

— Sou o rapaz mais infeliz deste mundo! — gemia ele.

— Não sou dessa opinião, Nicolau — disse-lhe o médico. — Toda a gente ou quase toda, mais dia menos dia, apanha varicela e papeira. Acho que tens até muita sorte em te veres livre de ambas duma vez só.

Depois, enquanto o Nicolau ficava a pensar naquilo o médico guardou os aparelhos e, voltando-se para a mãe do Nicolau, disse:

— Os gelados fazem-lhe muito bem. Pode dar-lhe quantos ele quiser ...

Então o Nicolau fez uma cara sorridente e feliz, e pensou que afinal a vida não era tão triste como ele julgava.



## Os esquilinhos zaragateiros

20 DE FEVEREIRO

Três esquilinhos felpudos e gorduchos pulavam no cimo de uma árvore.

— A mãe deu-nos licença! — gritavam eles. — A mãe deu-nos licença de passar a noite na casinha que vamos construir no alto de uma árvore.

E, enquanto saltavam de um ramo para outro, todos concordaram que a sua casa devia ser à prova de chuva e suficientemente grande para os abrigar aos três, assim como às suas caudas farfalhudas, e sem esquecer uma grande porção de bolotas para roer.

Mas foi este o único ponto sobre o qual conseguiram entender-se, pois entre aqueles três esquilinhos havia dois que passavam o tempo a discutir.

— Cá está a árvore de que precisamos! — exclamou um deles.

— Não! — replicou o outro. — Aquela é melhor.



Questionaram tanto que o terceiro esquilinho sentiu a cabeça a andar à roda. Por isso, murmurando: «Sempre a mesma história», foi-se embora à socapa.

Dois minutos mais tarde, pim! pim!, duas grandes bolotas caíram em cheio na cabeça dos dois zaragateiros.

— Deste-me um murro na cabeça! — gritou um.

— Eu não; foste tu! — gritou o outro.

E zás! num abrir e fechar de olhos desataram a brigar.

A discussão continuou até à noite.

Por fim, não tendo chegado a construir a casa no alto da árvore, os dois esquilinhos resolveram-se, tristemente, a voltar para a sua toca.

Iam a meio do caminho quando uma vizinha os chamou.



— Olhem para mim! — dizia a voz. — Estou cá em cima. Levantem a cabeça!

— Oh! — gemeram os outros. — Vais dormir aí esta noite! E nós não!

— Vêm, sim! — respondeu-lhes o irmão. — Há muito espaço na minha casa onde cabemos os três, mais as nossas caudas felpudas. Vão buscar bolotas para a gente roer e venham aqui ter comigo!

Em dois minutos e três pulos, os dois esquilinhos encheram as bochechas de bolotas. Treparam até ao cocuruto da árvore, e iam tão contentes que nem se lembraram de discutir qual havia de entrar primeiro.



## Noites de Inverno

### 21 DE FEVEREIRO

As noites compridas de Inverno, escuras e silenciosas, fizeram-se para dormir.

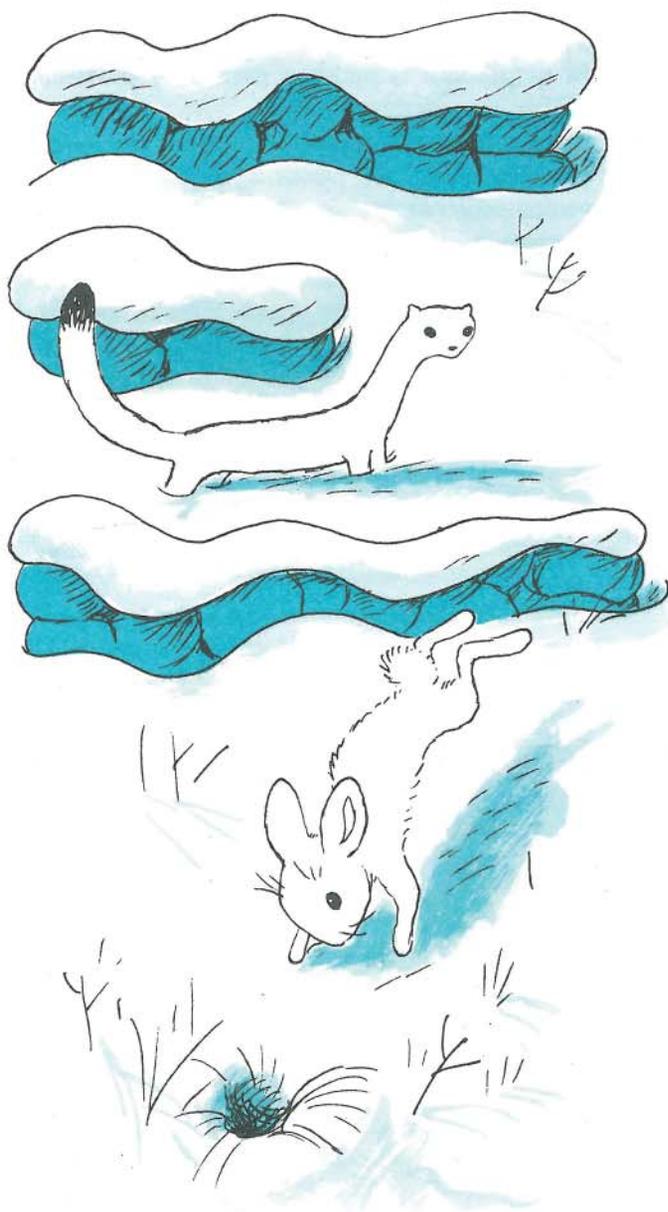
Os carneiros e as vacas regressam cedo ao estábulo de telhado vermelho. As galinhas sonolentas adormecem ao sol posto, entufando as penas para se aquecerem. O gato enrosca-se na palha, com preguiça de caçar os ratos que se escondem nas fendas das paredes ou o mocho velho que cabeceia debaixo das telhas cobertas de neve.

Os homens também se deitam cedo depois do longo serão de Inverno. Os meninos e as meninas dormem nas suas caminhas quentes, enquanto lá fora o campo se cobre de uma espessa camada branca para lhes fazer uma surpresa ao acordar.

Certos animais dormem desde os primeiros frios até à Primavera. É assim que fazem o urso e o cágado. Quanto ao esquilo e ao ouriço, esses estão mais tempo a dormir que acordados.

Mas outros animais têm fome durante as noites frias e compridas do Inverno. O coelho medroso foge pela neve aos saltos, procurando raízes e tronquinhos novos para roer. O toirão desliza no escuro, à espera de apanhar um coelhito imprudente. E a raposa ruiva corre por cima do rio gelado, pronta a saborear um toirão ao pequeno almoço.

Por isso, de manhã, quando os animais da quinta principiam a mexer-se, quando os meninos e as meninas abrem a boca, espreguiçando-se nas suas camas, a neve branca está já marcada pelas pegadas de todos esses animais nocturnos.





## A aritmética

**22 DE FEVEREIRO**

Um e um são dois.  
Dois bombons. E depois?  
Dois e um são três.  
Dois para mim desta vez.  
Três e um são quatro.  
Com recheio de ananás.  
Apanha-os lá se és capaz.



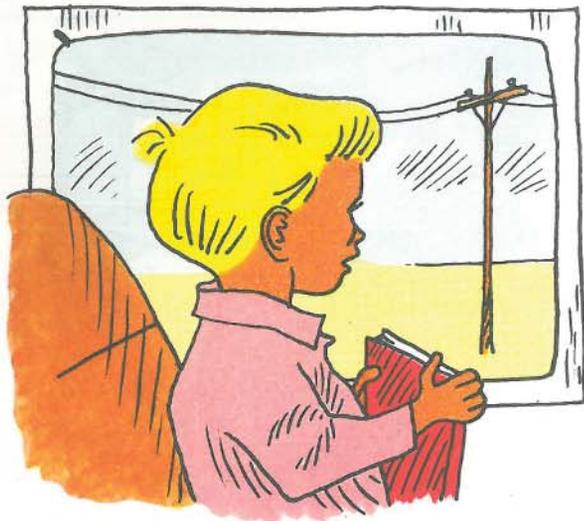
## Os comboios



**23 DE FEVEREIRO**

Gosto de andar de comboio;  
gosto de vê-lo passar;  
digo adeus se vou lá dentro;

também me ponho a acenar  
com o boné ou com a mão  
quando fico na estação.



## A viagem que nunca mais acabava

### 24 DE FEVEREIRO

Era uma vez um menino que ia de comboio através de uma região deserta da América. Havia já muitas horas que o comboio rodava, e da janela o menino só via grandes planícies de areia branca, sem uma única árvore. Nada bulia. Nem um coelho. Nem um pássaro. Ao fim de um bocado, o menino pensou que naquelas terras tivesse morrido tudo e que nunca mais via um ser vivo.



Quis perguntar ao pai se realmente encontrariam índios quando chegassem à cidade, mas o pai estava a dormir. Quis pedir à mãe que acordasse o pai, mas a mãe também estava a dormir. Então o menino voltou a olhar pela janela. Agora o comboio subia pela montanha. Subia, subia sempre. Dali a pouco chegou ao alto de um desfiladeiro donde a vista mergulhava até um grande canhão, quer dizer, um vale muito fundo.

E, de repente, o menino avistou ao longe, lá no fundo do canhão, um poldro bravo. Percebeu que era bravo pela maneira como dava coices e sacudia as crinas, e porque fugia a galope ao ver passar o comboio cujo barulho o assustava.

— Um cavalo bravo! — murmurou o menino. — Se há realmente cavalos bravos ... então, talvez haja também índios a valer.

E, muito contente, o menino fechou os olhos. Agora podia dormir porque sabia que quando chegasse à cidade havia de encontrar índios verdadeiros.

## A despensa

### 25 DE FEVEREIRO



*Os esquilos comem bolotas;  
os coelhos erva fina;  
nós compramos a comida  
na mercearia da esquina.*



*Os pardais comem migalhas  
de pão ou bolo que eu deito  
em cima do parapeito.*





## Pedrinho Terrível

### 26 DE FEVEREIRO

— Cuidado! — berravam na estrada as buzinas dos automóveis. — Depressa! Travem! Aí vem o Pedrinho Terrível.

Os pneus guinchavam e todos os carros paravam para evitar uma travagem brusca, no caso de Pedrinho Terrível se lembrar de os assustar. O que não deixaria de fazer, com toda a certeza. Picava em direcção à estrada, aquele aviãozinho presunçoso, e roçava por ela tão baixo que os automóveis mais velhos ficavam a tremer durante muitas horas.

— Cuidado! — exclamavam os grandes prédios, lastimando não se poderem abaixar. — Aí vem o Pedrinho Terrível.

E Pedrinho Terrível passava por eles, resvés, arrancando de uma janela uma bandeira que lhe ficara presa à cauda.

— Vão ver — diziam as pessoas. — Qualquer dia, apanha o que merece.

— Isso sim! — dizia o aviãozinho, morto de riso. — Eu cá sou muito esperto!

E continuava a aterrorizar com as suas cambalhotas os campanários e as torres, as casas e as quintas, e até as manadas de vacas.

Um dia avistou um carrinho minúsculo que seguia pela linha férrea em direcção a um túnel cavado no meio das montanhas.

«Vou meter-lhe um susto!», disse para consigo Pedrinho Terrível.

E deu uma cambalhota formidável. Ia tão preocupado a calcular a distância a que havia de se virar que não viu uma grande locomotiva a sair do túnel.

«Aff... fas... tem-se... Uu!», assobiava o comboio.

Pedrinho quis fugir... mas era tarde. A enorme locomotiva passou e arrancou-lhe um bocado da asa.

Pobre Pedrinho! Uma hora depois estava na oficina de reparações, doente e cheio de dores.

Foram precisas duas semanas inteirinhas para voltar a pô-lo em condições de voar. Quando tornou a aparecer no ar, toda a gente ficou espantada.

O aviãozinho já não merecia a alcunha. É verdade que ainda se divertia a dar reviravoltas, mas já só dava cambalhotas perigosas lá muito alto, e nunca mais ninguém precisou de gritar:

— Cuidado! Aí vem o Pedrinho Terrível!

## A Menina Ratinha no armário

### 27 DE FEVEREIRO

*Olá, Menina Ratinha,  
que é lá isso?*

*Escondidinha no armário  
a roer queijo e chouriço?*

*Prometa, faça favor,  
que não torna a vir fazer  
semelhante disparate.*

*E eu prometo que vou pôr  
junto do seu buraquinho  
um bocadinho  
de chocolate.*



## Maneiras de falar

28 DE FEVEREIRO

Todas as vezes que o urso e a sua amiga raposa iam às compras encontravam-se na encruzilhada.

— Olá, bom dia, raposa! — dizia o urso. — Aonde vais?

— Vou lá acima à aldeia — respondia a raposa. — E tu?

— Eu vou lá abaixo à aldeia — replicava o urso. — Que pena não irmos para as mesmas bandas!

Dito isto, separavam-se e seguia cada qual na direcção da aldeia, por caminhos diferentes.

Andavam tão atarefados que nunca se viam.

Até que uma tarde de Inverno, à hora de fecharem as lojas, iam tão carregados de embrulhos que quase esbarraram um de encontro ao outro.

— Esta agora! — exclamou o urso. — Que fazes tu por aqui, ó raposa? Vem jantar comigo.

— E tu que andas por aqui a fazer? — admirou-se a raposa. — Acompanhava-te com todo o prazer, mas infelizmente são horas do meu almoço.

Os dois amigos despediram-se. Mas, quando já iam a voltar costas, o urso perguntou:

— Olha lá, ó raposa, que comes tu ao almoço?

— Um ovo quente, salada e uma laranja — respondeu a raposa.

— Exactamente o que eu costumo comer ao jantar! — exclamou o urso. — Portanto, o teu almoço e o meu jantar são a mesma coisa!

— Pois são! — exclamou a raposa. — Mas então... se nos encontrámos os dois aqui é porque, quando tu ias lá abaixo à aldeia e eu ia lá acima à aldeia, vínhamos ambos para a mesma aldeia.

— É verdade! — disse o urso, muito satisfeito, e, dando o braço à sua amiga raposa, levou-a ao restaurante mais próximo.

Desde então, sempre que se encontram na encruzilhada, o urso e a sua amiga seguem os dois alegremente para a aldeia na companhia um do outro.





## O ursinho do lado

### 1 DE MARÇO

Era uma vez um menino que tinha por vizinho um urso da mesma idade que ele.

Todos os dias brincavam juntos.

E juntos davam passeios de bicicleta, aprendiam a patinar, e de vez em quando, por especial favor, as respectivas mães deixavam-nos ir dormir a casa um do outro: ora o ursinho a casa do menino, ora o menino a casa do ursinho.

O ursinho levava o dia a contar o que se passava em casa do amigo, e o menino por seu lado não falava senão do ursinho.

— Em casa do meu amigo ursinho — declarava ele ao pequeno-almoço — ninguém se dá ao trabalho de pôr guardanapo, nem de dizer «se faz favor», «muito obrigado» e todas essas coisas ...

— Em casa do meu amigo ursinho — declarava ele quando chegava a hora de se deitar — vão à pesca de noite e divertem-se muito ...

Sempre que o banho estava preparado, dizia:

— Em casa do meu amigo ursinho nunca são horas de tomar banho.

— Pois então o melhor é ir morar para casa dele e transformares-te em ursinho! — acabou por dizer a mãe, perdendo a paciência.

Fez-lhe a mala e abriu a porta.

Mas quando a porta se fechou, o menino não correu para casa do amigo. Pelo contrário, começou a andar muito devagarinho pelo carreiro fora.

Qual não foi a sua surpresa quando a meio do caminho encontrou ... Quem? O seu amigo ursinho.

— Olha! — exclamou ele. — Que fazes tu por aqui?

— Eu ... eu vou transformar-me em rapazinho — gaguejou o ursinho. — E tu?

— Eu vou para tua casa transformar-me em ursinho. Mas ... mas antes queria continuar a ser um menino!

— E eu um ursinho! — exclamou o amigo.

Dizendo isto, desatou a correr direito a casa.

O menino fez o mesmo. Abriu a porta, atravessou a sala de entrada em bicos de pés e espreitou para a sala de estar, envergonhado.

— Na ... na casa aqui do lado ... já há ... já há um ursinho — disse ele numa vozita sumida. — A mãe não acha que é melhor ficar outra vez com um menino?

— Pois claro que acho! — respondeu a mãe.

E pouco depois, deitado na sua cama quentinha, o menino sonhava com o que iria fazer no dia seguinte, quando brincasse com o seu amigo ursinho.



## O automóvel azul

2 DE MARÇO

Durante toda a semana dois macacos tinham manejado chave de parafusos e martelo para construir um automóvel. Tinham-no pintado de uma linda cor azul. Assim que a tinta secou, um deles sentou-se lá dentro enquanto o outro o empurrava pelo passeio fora; depois, trocaram de lugar.

Estavam muito divertidos quando apareceu um primo.

— Porque é que vocês não empurram o automóvel até ao alto da encosta? — perguntou ele. — Depois, podiam meter-se os dois lá dentro e desciam por ali abaixo muito mais depressa!

— Boa ideia! — exclamou um dos macaquinhos.

— Vamos! — apoiou o outro. E começaram a empurrar o seu lindo automóvel novo até ao alto da encosta.

Quando chegaram lá acima, meteram-se ambos no carro e deixaram-no deslizar.

Iam tão depressa, tão depressa, tão depressa, que nem sequer repararam numa árvore, direito à qual corriam, até que ...

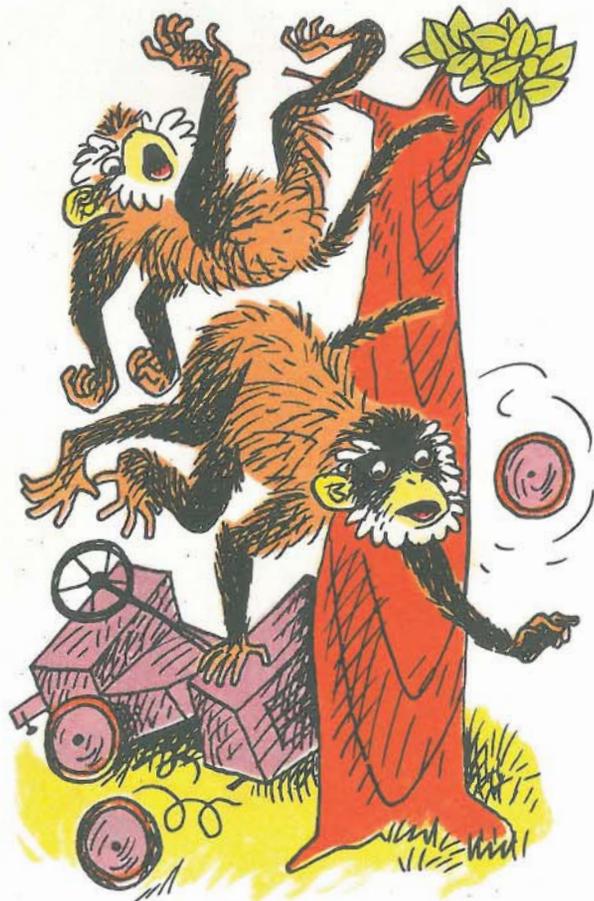
Pum! Com um estrondo medonho, o lindo automóvel azul foi chocar com a árvore e ficou feito num harmónio! Felizmente os macaquinhos foram atirados por cima da erva macia e não se magoaram.

— O nosso rico automóvel! Ficou todo escangalhado! — exclamaram eles.

Era verdade! Os macaquinhos levaram outra semana inteira a consertá-lo e a pintá-lo. Mal tinham acabado quando o primo veio outra vez visitá-los.

— Bom dia — disse ele. — Porque é que vocês ... Mas não continuou.

— Não, não! — gritaram ao mesmo tempo os dois macaquinhos. — Se quiseres brincar connosco tens de te contentar com empurrar o nosso automóvel pelo passeio fora. Não precisamos de mais!



## Três leõezinhos

3 DE MARÇO

Três leõezinhos na toca,  
num dia de vendaval,  
diziam uns para os outros:  
— Que é aquilo? Um animal  
a rugir mais do que nós  
com um barulho que atordoa?!  
— Não. É o vento veloz.  
Parece um leão feroz —  
respondeu a mãe leoa.





## A zebrazinha veloz

### 4 DE MARÇO

— Oh, papá — pediu a zebrazinha. — Se fazes favor ensina-me a correr tão depressa como tu!

— Com todo o gosto — respondeu o pai, muito contente por ouvir elogiar a sua agilidade. — Vou dar-te imediatamente uma lição.

Dirigiram-se, pois, à grande planície, que é o lugar ideal para aprender a correr.

— Escuta antes de mais nada — disse o pai. — Tu... é claro, tu sabes andar, não é verdade? Ora bem; correr é andar mexendo as patas muito depressa.

— Assim? — perguntou a zebrazinha, trotando.

— Não! Não! — gritou-lhe o pai. — Muito mais depressa!

A zebrazinha tentou andar mais depressa.

— Assim? — perguntou.

— Isso é muito devagar — respondeu o pai. — O que é preciso é *querer* andar mais depressa, muito mais do que qualquer outro animal.

— Já percebi — disse a zebrazinha. — Queres correr ao desafio comigo?

— Com certeza — disse o pai.

E principiaram a correr por entre o capim alto.

Então a zebrazinha quis sinceramente correr mais depressa que qualquer outro bicho.

E queria com tanta vontade que, de repente, percebeu que já corria quase tão depressa como o pai.

«Mais um bocadinho — pensou — e corro tão depressa como ele.»

Mas, nessa altura, o pai zebra parou.

— A lição acabou, por hoje — disse ele.

— Oh! Porquê? — exclamou a zebrazinha.

— Porque não quero que te canses — respondeu o pai.

Mas não acrescentou que desejava continuar a ser, ainda durante algum tempo, o mais veloz da família.



## Um presente para a Dona Rata do Campo

5 DE MARÇO

A Dona Rata do Campo queria que no dia dos seus anos lhe oferecessem um animal de estimação.

— Pois há-de tê-lo — decidiu o Sr. Rato do Campo. — Infelizmente não vejo lá muito bem que espécie de animal hei-de escolher.

a esposa, mas estava realmente muito desconsolado. Nisto, ouviu o seu amigo Sr. Rato da Cidade, que corria atrás dele.

— Já descobri o animal que te convém! — gritou.

— Onde está? — perguntou o Sr. Rato do Campo.

— Bom, ainda não o tenho. Mas já vi no mercado da cidade venderem gaiolinhas com grilos lá dentro que os meninos penduram na janela para os ouvirem cantar ...

— Um grilo! — exclamou o Sr. Rato do Campo. — Isso mesmo! É exactamente o que eu quero.

Os dois amigos correram ambos direitos ao campo. Anoitecia quando acabaram de fazer uma gaiola de palhinhas entrelaçadas. Viraram pelo menos uma centena de pedras até descobrirem um grilo pequenino e alegre que lhes agradasse.

Por fim, o grilo foi metido na gaiola.

— É realmente uma linda prenda! — observou o Sr. Rato do Campo. E como já passava da meia-noite e portanto o dia dos anos tinha chegado,



— Não há nenhum que seja pequenino — observou o seu amigo Rato da Cidade.

O Sr. Rato do Campo, que não se lembrara ainda disso, pôs-se a pensar seriamente no assunto. Pensava de noite e de dia. Mas, coitado, quando chegou a ocasião não tinha encontrado ideia nenhuma.

De orelha murcha, o pobre Sr. Rato do Campo resignou-se a comprar outra prenda qualquer para

convidou o Sr. Rato da Cidade para o acompanhar a casa.

Lá foram os dois, a cantar «parabéns a você», enquanto o grilo tocava as suas cantigas mais alegres. A Dona Rata do Campo sentiu-os chegar e adivinhou que lhe traziam o presente que desejava. Por isso, quando os dois amigos abriram a porta encontraram em cima da mesa o bolo de anos com as velas todas acesas.



*Que esquisitos são os espelhos!*

## 6 DE MARÇO

*Que esquisitos são os espelhos!  
Quando me ponho na frente  
vejo uma rapariguinha  
vestida decentemente.*

*Mas a mãe, essa, protesta:  
— Puseste o chapéu de lado,  
e o casaco do avesso!  
Estás mascarrada na testa!  
Com o sapato desatado!  
E tens sujos os joelhos!*

*Por isso é que eu me aborreço.  
Que esquisitos são os espelhos!*



Oh, que ventania!

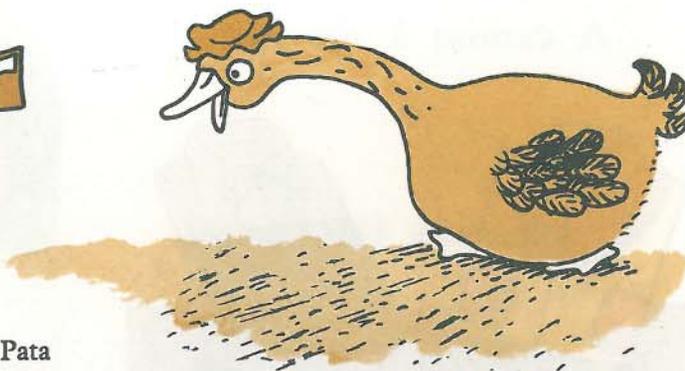
## 7 DE MARÇO

— Detesto o vento! — supirava a avòzinha Pata Gansa, acorada na sua casa. — Quando sopra às rabanadas, sinto-me tão sòzinha!

Nesse mesmo instante, um sobrescrito trazido pelo vento veio bater de encontro à vidraça da janela, e a avòzinha Pata Gansa não resistiu ao desejo de ver o que seria.

— Oh! — exclamou ela. — Um convite para almoçar em casa da Dona Cá-cá-rá-cá! Que bela surpresa num dia tão tristonho!

A Dona Cá-cá-rá-cá ficou muito admirada ao ver a avòzinha Pata Gansa.



— Quando a minha carta voou pelos ares — explicou ela — lembrei-me de que a senhora detestava o vento, e pensei que não valia a pena tornar a escrever-lhe outra.

— Eu, detestar o vento! — exclamou a avòzinha Pata Gansa, instalando-se confortavelmente. — Seria uma ingratidão depois de ele me ter feito uma surpresa destas!

## O que eu achei!

### 8 DE MARÇO

Eu queria um gatinho.  
Mas onde os havia?  
Nem no merceiro  
nem na padaria.  
Ninguém os vendia.  
Mas esta manhã,  
num canto escondido  
daquele jardim,  
encontrei por fim!  
São quatro gatinhos  
tão engraçadinhos!  
E os quatro para mim!



### A camisa à cow-boy



### 9 DE MARÇO

Bruno era um menino que só tinha um grande desejo nesta vida: uma camisa à *cow-boy*.

Não falava noutra coisa. Às quartas-feiras, quando a mãe o levava à cidade a fazer compras, perguntava-lhe se tinha escrito na lista uma camisa à *cow-boy*.

Mas a mãe respondia sempre:

— Primeiro precisamos de comprar sapatos (ou um casaco, ou uma camisola) e no fim o dinheiro não chega para mais coisas.

Bruno já tinha desistido de ver algum dia, na lista da mãe, a camisa à *cow-boy*.

Ora certo dia em que a mãe tinha resolvido comprar-lhe um pijama, o Bruno, muito triste, foi com ela à loja. Olhou para todos os pijamas que o caixeiro tinha colocado em cima do balcão, mas o seu olhar foi atraído de uma maneira especial para uma magnífica camisa à *cow-boy* que naturalmente estava ali por engano. Bruno «comia-a» com os olhos e ao de leve tocou-lhe nas franjas amarelas.



Nisto, a mãe disse ao caixeiro:

— Parece-me que o meu filho prefere os pijamas à *cow-boy*. Embrulhe-me dois.

Pijamas à *cow-boy*! Bruno nem queria acreditar. Feito o embrulho, agarrou nele e meteu-o debaixo do braço e, pelo caminho, dizia lá consigo que talvez pudesse usar o casaco de dia (como se fosse uma camisa) e usar as calças de noite... Deste modo andaria vestido de *cow-boy* durante vinte e quatro horas.

E foi na verdade o que aconteceu.



## Pobre Raposa!

### 10 DE MARÇO

Fff! Fff! Fff! ... A Raposa aproximava-se, a passos cautelosos, de um velho caixote onde se escondiam três porquinhos muito gordos.

— Pchiu! — murmurou um dos três porquinhos.

— Não se mexam! — segredou o segundo. — Não façam barulho!

Mas o terceiro porquinho sentiu uma vontade terrível de espirrar. E, apesar de todos os esforços, não pôde conter-se:

— A ... a-a-a-tchim!

Que barulho!

Espantada, a Raposa velha deu um pulo tão grande que foi cair de cabeça para baixo no meio de um tufo de cardos.



Enquanto tentava sair dali picando-se o menos possível, os porquinhos aproveitaram para fugir do caixote e correr para casa.

Depois de fecharem a porta, o terceiro porquinho assoou-se e olhou sorridente para os irmãos.

Nisto, o segundo porquinho espirrou. A-a-a-tchim!

E o primeiro também. A-a-a-tchim!

Então os três porquinhos desataram a rir, imaginando o pulo que a Raposa velha teria dado, se todos três tivessem sentido vontade de espirrar ao mesmo tempo quando estavam metidos dentro do caixote, se todos se tivessem contido, e se por fim os três espirros houvessem explodido num enorme, num tremendo:

A-A-A-A-A-A-A-A ----- TCHIM!



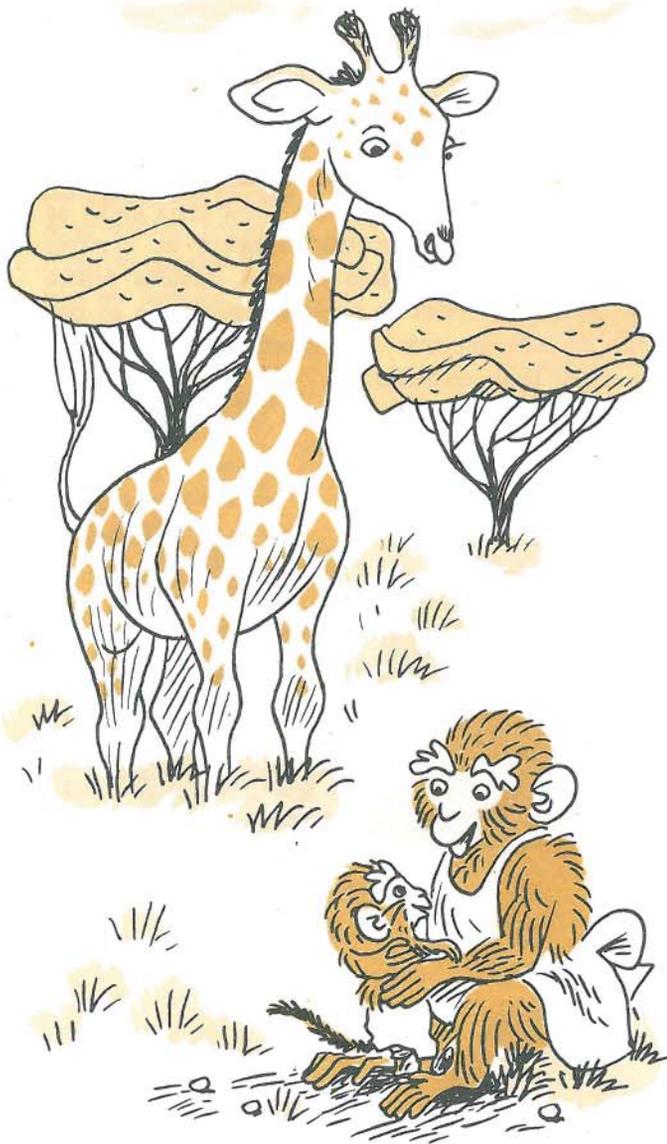
## O naufrágio

### 11 DE MARÇO

*Duma casquinha de noz  
a rã verde fez um barco  
e convidou o ratinho  
para um passeio no charco.*

*Mas o rato que é medroso  
avisou: — Toma cautela!*

*O vento virou o barco ...  
E a rã verde? Lá foi ela  
de pernas ao ar para o charco!*



## A girafa que queria aprender

### 12 DE MARÇO

A girafa pequenina caminhava ao lado da mãe com os seus grandes olhos castanhos a transbordarem de perguntas.

— Porque será que o céu é tão alto e tão azul? — perguntava ela de si para consigo. — Quem será que pinta o arco-íris? Quem faz o orvalho? Onde vem a água? Que são as abelhas? Porque será que nascem folhas nos ramos das árvores?

Mas tinha de guardar para si todas aquelas perguntas porque as girafas, quer grandes quer pequenas, não têm voz para falar. Por isso a nossa girafa pequenina sentia-se triste, muito triste.

E assim continuou até ao dia em que, ao passear pela selva, ouviu um macaquinho a fazer à mãe as mesmas perguntas cuja resposta ela tanto desejava conhecer.

A mãe macaca ia explicando tudo o que o filho queria saber. A girafa pôs-se à escuta de ouvidos atentos.

«Não preciso de fazer perguntas — disse lá consigo. — Basta-me ouvir.»

E continuou o seu caminho, de cabeça inclinada para ouvir o que os outros bichos diziam.

Foi assim que a girafa pequenina que tanto desejava aprender ficou sabendo tudo quanto queria saber e à medida que ia crescendo cada vez se tornava mais instruída.



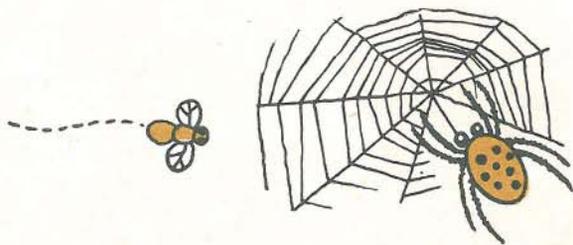
## Debaixo da folha seca

### 13 DE MARÇO

*Debaixo da folha seca  
que ficou do Verão passado  
tudo se pode esconder:*

*Um batalhão de formigas  
que ali tem o seu quartel;  
um sapinho que de noite,  
faz ouvir suas cantigas;  
a pele que a cobra despiu  
e que parece papel;  
um escaravelho ou um rato;  
ou um caracol pacato;  
uma família de aranhas  
de pernas altas, tamanhas,  
à espera da sua presa;  
ou até uma lagartixa  
a rabear remexida ...*

*Sabe-se lá que surpresa  
debaixo da folha seca  
se pode encontrar escondida!*



## A aranha tecedeira

14 DE MARÇO

*Fia, fia a tua teia!  
Tece, tece, aranha feia!  
Trabalhas e não descansas,  
enquanto as moscas bailando  
só querem festas e danças.  
Ai delas, se distraídas  
vierem cair na rede  
que teceste na parede!*

## A casa da cabrinha e do cabrito

15 DE MARÇO

No alto de uma colina rochosa, uma cabrinha e um cabrito sem abrigo encontraram uma barraquinha de madeira, vazia e desmantelada, como tinham ouvido dizer.

O cabrito, encantado, declarou que tinham de arranjar imediatamente. Mas a irmã não achava nada a seu gosto.

— Não tem chaminé — disse ela. — E olha para aquele grande buraco do telhado! Além disso, a terra tem pedras de mais para que se possa cultivar seja o que for.

— Cada coisa a seu tempo — replicou o cabrito. — Tratemos primeiro da chaminé.

E deitou-se ao trabalho. Apanhou pedregulhos e fê-los rebolar para dentro de casa. Em vez de o ajudar, a irmã ficava a olhar para ele com ar

aborrecido, mas daí a pouco estava construída uma esplêndida chaminé por onde o fumo podia sair.

— Já ficou melhor — reconheceu a irmã —, visto que a tua chaminé tapou o buraco do telhado. Mas para que serve uma casa, se a terra em volta tem tantas pedras que se não pode cultivar horta- liça nem flores?

— Anda cá ver! — respondeu sorrindo o cabrito. — Repara e verás ...

Sairam então os dois. Quando a cabrinha olhou em redor de si, esbugalhou os olhos.

— Esta agora! Já não há pedras! Desapareceram todas!

— Pois claro — explicou o irmão. — Servi-me delas para fazer a chaminé.

Desta vez a cabrinha sorriu francamente.

— Anda. Vamos comprar sementes de flores e de horta- liça!

De braço dado, dirigiram-se à cidade, onde compraram uma pá, um ancinho e um pacote de sementes que a cabrinha escolheu ao seu gosto.



## Os três coelhos

16 DE MARÇO

*De focinho ao sol,  
este coelhinho  
rói folhas de trevo  
e de rosmaninho.*

*O segundo mano  
dá pulinhos altos:  
treina todo o dia  
para a prova de saltos.*

*O terceiro então  
é poeta e cantor.  
Viva a Primavera!  
Viva o campo em flor!*

## Os sapatos novos do Yann

17 DE MARÇO

Era uma vez um rapazinho chamado Yann que morava numa pequenina aldeia, aninhada na floresta maravilhosa da Brocelianda, onde vivia antigamente o feiticeiro Merlin. Yann tinha um avô muito carinhoso que todas as noites, quando lhe vinha aconchegar a roupa da cama lhe contava histórias de fadas e de gêniozinhos. Uma noite em que Yann lhe mostrara os sapatos cambados e lhe dissera que gostaria muito de ter outro par, o avô declarou:

— Se esta noite colocares os teus sapatos velhos aos pés da cama, e se tiveres o cuidado de não tornares a abrir os olhos até amanhã, encontrarás de manhãzinha um par de sapatos novos. Mas é preciso que ponhas primeiro, ao lado destes, um pires com leite e um pãozinho mole.

Yann admirou-se:

- E quem é que bebe o leite e come o pão?
- Um gêniozinho.

— Um gêniozinho?

— Não sabias que os gêniozinhos vivem na floresta de Brocelianda, como no tempo do feiticeiro Merlin? — disse o avô. — Antigamente, os camponeses tinham sempre o cuidado de colocar um pires com leite e um pãozinho mole para lhes dar. O gêniozinho entrava, comia e bebia, e para mostrar a sua gratidão, não deixava de prestar qualquer serviço antes de se ir embora: varria a casa ou limpava a chaminé ou fazia-lhes um par de sapatos. É o que vai acontecer esta noite se fizeres o que eu te recomendei.

Yann assim fez. E, no dia seguinte pela manhã, havia aos pés da cama um belo par de sapatos. Calçou-os com um sorriso garoto. Porque ele bem tinha visto, na véspera, por entre as pálpebras semi-cerradas, o avô entrar no quarto em bicos de pés e colocar junto da cama um embrulho que trazia o letreiro de uma sapataria da cidade!



## O carro vermelho

19 DE MARÇO

Paulo e Paulina tinham um carro vermelho muito prático para transportar pedras, brinquedos, ou até para deslizar pela encosta abaixo. Infelizmente tinham-no perdido.

O Paulo procurou-o lá fora, no sítio onde a irmã e ele costumavam carregar pedras. O carro não estava lá.

Paulina procurou-o no patamar da escada, no sítio onde arrumavam os brinquedos. O carro não estava lá.

Paulo e Paulina procuraram-no na garagem onde guardavam as bicicletas. Mas não, o carro vermelho também lá não estava.

Ninguém sabia onde estaria ele metido. Nem os gémeos da casa ao lado, que às vezes o pediam emprestado. Nem sequer a mãe, que passava a vida a repetir:

— Se vocês não arrumarem o carro à noite, ainda ficarão sem ele.

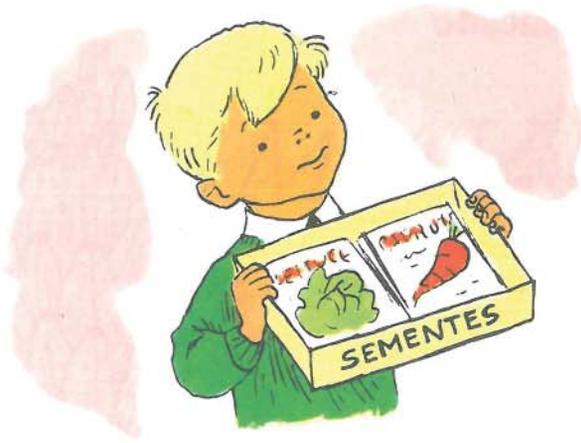
— A mãe tinha razão — lamentou-se Paulina. — Perdemo-lo.

Mas justamente quando dizia estas palavras um rapazinho que vinha pela estrada dirigiu-se-lhes.

O rapazinho sabia onde estava o carro vermelho.

Tinha deslizado pela encosta abaixo até ao seu quintal, onde o encontrara quando andava a brincar. Como sabia muito bem a quem pertencia, vinha trazê-lo aos donos.

Paulo e Paulina ficaram tão contentes por encontrarem o seu carro que convidaram o rapazinho para brincar com eles durante todo aquele dia.



## O vendedor novo

18 DE MARÇO

A fim de arranjar dinheiro para comprar um trenó as crianças da escola tinham resolvido ir vender sementes às pessoas crescidas. Gil tinha a sua conta de pacotes. Precisava portanto de bater a dez portas. Na altura de principiar a venda, o pequeno não se sentia nada à vontade.

«Talvez a minha mãe mos compre todos. Ou então, ponho dinheiro do meu mealheiro para o trenó», pensava consigo.

Mas ele bem sabia que a mãe não precisava de tantas sementes. E também preferia gastar o dinheiro do mealheiro noutra coisa. Reuniu, portanto, todas as forças e, corajosamente, bateu à primeira porta.

Quando a D. Maria veio abrir, Gil achou que ela não parecia absolutamente nada a mesma pessoa que lhe costumava dar rebuçados. Quase não a reconhecia e tinha a certeza de que aquela senhora não estaria interessada em comprar sementes.

A tremer, lá conseguiu dizer:

— Bom dia, D. Maria. Quer comprar sementes? É para substituir o trenó velho da escola.

Então, a D. Maria fez um sorriso que o Gil conheceu muito bem.

— Com todo o gosto — disse ela. — Ia justamente encomendar alguns pacotes de sementes, mas antes quero comprar das tuas.

Gil ficou tão animado que não hesitou um minuto em tocar à campainha da segunda porta... A da D. Joana, que, com toda a certeza, desejava também comprar um pacote de sementes para semear no seu jardim.



## O polícia esfomeado

20 DE MARÇO

O senhor Grade era um polícia muito cumpridor dos seus deveres que, infelizmente para ele, andava sempre com vontade de comer. Todos os dias fazia o seu giro pela cidade, e quanto mais andava, de ouvido à escuta e olho alerta, mais a vontade de comer o atormentava. Quando passava em frente da mercearia, via na montra fruta tão apetitosa que até lhe crescia água na boca.

— Dá-me licença que lhe ofereça uma banana? — perguntava o merceeiro.

— Não, muito obrigado — respondia o pobre polícia. — Quando estou de serviço não posso comer nada.

Depois da mercearia era a vez da salsicharia, onde se enfileiravam as salsichas e os chouriços, os ovos cozidos e o presunto. Quando o salsicheiro lhe oferecia uma grande sanduíche de pasta de fígado, limitava-se a abanar a cabeça. E assim sucessivamente, durante o dia inteiro. Diante da pastelaria, da padaria, da vendedeira ambulante, o pobre polícia passava, repetindo:

— Não, muito obrigado. Quando estou de serviço, não como nunca.

E o apetite crescia de hora a hora.



Por isso, quando o dia chegou ao fim, correu para casa e num pulo estava dentro da cozinha.

— Deves trazer fome! — exclamou a mulher, retirando do forno o frango assado. — Senta-te e come!

— Não, muito obrigado. Quando estou de serviço, nunca ... — gemeu, pelo hábito, o pobre polícia.

Nisto, logo a seguir, arregalou os olhos, atirou com o boné ao ar e exclamou:

— Mas, é verdade, a hora de serviço já acabou!

Então, o pobre polícia, sempre esfomeado, sentou-se à mesa, e em cinco minutos devorou tudo quanto a mulher tinha preparado!

# PRIMAVERA





## A Dona Cá-cá-rá-cá

### 21 DE MARÇO

A Dona Cá-cá-rá-cá orgulhava-se sempre dos ovos que punha mas, com a chegada da Primavera, pôs-se a pensar na Páscoa e disse lá consigo que os seus ovos todos brancos não lhe agradavam.

— Vou pôr ovos de cores, como os ovos da Páscoa! — declarou ela.

E correu ao ninheiro que arranjava às escondidas, no campo. Uma vez aí, fez o possível por pôr ovos cor-de-rosa, azuis, amarelos ou verdes.

Mas tudo quanto conseguiu foram ovos brancos. E o pior é que as outras galinhas suas amigas passavam a vida a perguntar-lhe pelos ovos.

— Então os seus ovos, Dona Cá-cá-rá-cá? De quantas cores já tem?

A Dona Cá-cá-rá-cá não respondia. Limitava-se a ficar no ninheiro para esconder os ovos, e sorria com ar misterioso esperando que, por artes mágicas, antes da Páscoa eles se tornassem cor-de-rosa, azuis, amarelos ou verdes.

Coitada! Nada disso aconteceu. A Páscoa chegou e os seis ovos continuavam tão brancos como antes.

Mas, nesse instante ... pic! uma casca estalou debaixo das suas penas quentes.

Pic! dois minutos depois, estalava o segundo ovo.

Pic! Pic! Pic! Pic! Uns atrás dos outros, seis pintainhos muito macios saíram da casca. As amigas da Dona Cá-cá-rá-cá nem queriam acreditar no que viam.

Mas nada se comparava com a surpresa e a alegria da própria Dona Cá-cá-rá-cá. Tão grande era o seu orgulho que quando as outras galinhas lhe perguntaram:

— Estes encantadores pintainhos saíram realmente de ovos de cores?

Respondeu simplesmente:

— Não; saíram de ovos branquinhos.

E nunca mais, nem mesmo pela Páscoa, a Dona Cá-cá-rá-cá quis pôr ovos de cores.

## A combinação dos Silvas

### 22 DE MARÇO

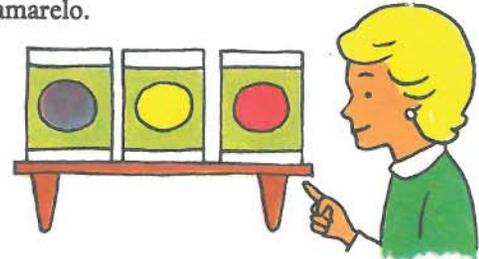
1 Estava-se na Primavera e o campo cobria-se de cores vivas.

— Precisamos de pintar a casa — dizia o senhor Silva. — Voto pelo azul. É um tom claro e alegre.



2 — O vermelho é mais claro e mais alegre — respondeu a Dona Maria Silva.

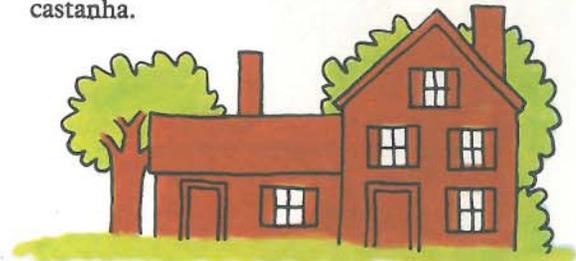
Quanto aos meninos Silvas, esses preferiam o amarelo.



3 — Está bem! — disse o senhor Silva. Deitou numa lata tinta azul, tinta vermelha e tinta amarela ...



4 A D. Maria Silva e os meninos Silvas mexeram a mistura. Cada qual começou a pintar ... e pelas paredes da casa espalhou-se uma linda tinta castanha.



5 — O azul, o encarnado e o amarelo, juntos, fazem a cor mais bonita de todas! — exclamou a família Silva olhando para a sua casa, que parecia tal qual um ovo da Páscoa feito de chocolate.

## O vento

23 DE MARÇO

Num dia de Março  
o vento soprava ...  
Se não me seguro  
pelo ar me levava.



— Anda! Vem comigo! —  
dizia, trocista.

— Do alto verás  
como é linda a vista.

Mas eu respondi:

— Não meavas; não.  
E o vento não pôde  
erguer-me do chão.



## A Dona Ratinha num dia de chuva

24 DE MARÇO

A Dona Ratinha correu ao primeiro andar à procura do seu guarda-chuva. O senhor Ratinho correu ao rés-do-chão à procura das galochas da esposa.

— A mãe também precisa de um lenço — disse uma das gémeas abrindo as gavetas da cómoda.

— ...e do impermeável! — declarou a outra gémea, remexendo a casa toda.

O senhor Ratinho gemia:

— Não consigo encontrar as galochas. Onde estarão elas?

E as duas ratinhas gémeas lamentavam-se:

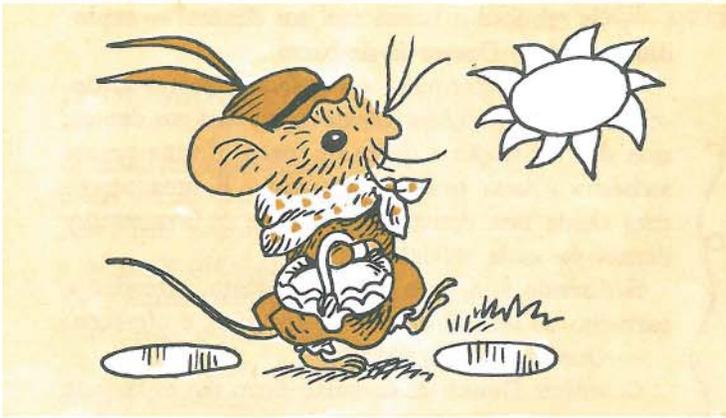
— Não encontramos o lenço nem o impermeável!



## O Sol e eu

25 DE MARÇO

*Diz a minha avó que «em Março  
tanto durmo como faço».*



A mãe assim não pode sair, e ficamos sem jantar!

A família Rato estava quase a chorar quando de repente a chuva parou e o sol apareceu.

Então a Dona Ratinha lá foi, de cesto no braço, muito alegre, aos pulinhos para não meter os pés nas poças.

Durante a sua ausência, o senhor Ratinho e as gémeas procuraram, procuraram por toda a parte e acabaram por encontrar o guarda-chuva, as galochas, o lenço e o impermeável.

— Que bom! — exclamou a Dona Ratinha quando voltou. — Agora arrumem tudo cuidadosamente para sabermos onde está quando chover outra vez.

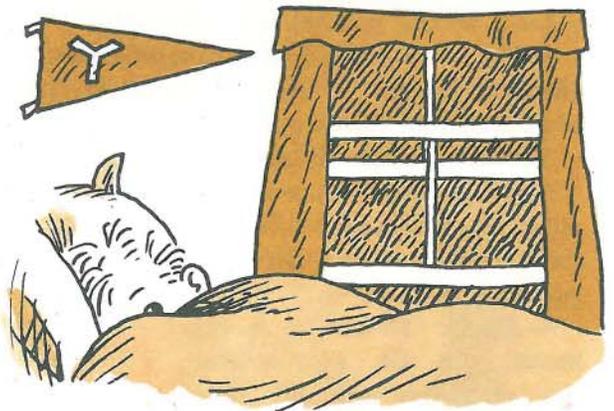
— Com certeza! — disseram o senhor Ratinho e as duas ratinhas.

Mas estavam com tanta pressa de ver o que a dona Ratinha trazia no cesto que nunca mais se lembraram em que sítio tinham guardado as coisas.



*De manhã quando eu acordo  
vejo o Sol que por mim chama.  
Num instante me levanto  
saltando logo da cama.*

*Ao meio-dia o Sol a pino  
diz que são horas de almoço.  
Lavo as mãos, sento-me à mesa  
de guardanapo ao peçoço.*



*À tardinha, o Sol baixando  
marca a hora de jantar.  
Depois quando ele se esconde  
também eu me vou deitar.*



## O senhor Doutor-lá-de-cima e o senhor Doutor-lá-de-baixo

26 DE MARÇO

O senhor Doutor-lá-de-cima e o senhor Doutor-lá-de-baixo não se falavam.

Tudo porque o senhor Doutor-lá-de-baixo que tratava dos dentes dizia o pior possível dos rebuçados.

Enquanto que o senhor Doutor-lá-de-cima que tratava de tudo menos de dentes dizia dos rebuçados o melhor possível.

— Não há nada mais delicioso que um rebuçado! — afirmava sempre, e no fim de cada consulta oferecia um ao cliente.

Todas as crianças da cidade eram da sua opinião.

Mas quando o senhor Doutor-lá-de-baixo as ouvia na escada a desembulhar o papel do rebuçado, e as via correr pela rua chupando guloseimas, sufocava de raiva.

— Senhor Doutor-lá-de-cima! — gritou finalmente, um dia, pelo telefone. — Essa história dos rebuçados tem de acabar imediatamente!

Coube a vez ao senhor Doutor-lá-de-cima de se zangar.

Desceu escada abaixo tão depressa como qualquer elevador, bateu com toda a força à porta do senhor Doutor-lá-de-baixo e berrou:

— Vamos lá discutir convenientemente o assunto!

— Os rebuçados fazem mal aos dentes! — explodiu o senhor Doutor-lá-de-baixo.

— Oiça! — retorquiu o senhor Doutor-lá-de-cima. — Os rebuçados talvez façam mal aos dentes, mas dão satisfação a quem os come. E uma pessoa satisfeita é uma pessoa com saúde. E uma pessoa com saúde tem dentes são porque os lava sempre depois de cada refeição ...

E dizendo isto, pela força do hábito, estendeu o cartucho ao senhor Doutor-lá-de-baixo, e ofereceu:

— Quer um rebuçado?

O senhor Doutor-lá-de-baixo ficou tão espantado que, sem mesmo saber o que fazia, meteu um rebuçado na boca. Ora, tratava-se de um rebuçado de groselha e tão gostoso que os olhos do senhor Doutor-lá-de-baixo até brilharam.

— Sabe, senhor Doutor-lá-de-cima — disse ele dali a um instante —, parece-me que o senhor tem razão. Um rebuçado de vez em quando não pode fazer mal a ninguém.

Estendeu a mão ao senhor Doutor-lá-de-cima, que lha apertou com todo o prazer.

Depois, como estava na hora de começarem a chegar os clientes, o senhor Doutor-lá-de-cima subiu a escada bem disposto, enquanto o senhor Doutor-lá-de-baixo voltava para o seu consultório a cantarolar.



## O carrinho

27 DE MARÇO

O vendedor ambulante  
vende coisas muito boas.  
No Verão compro-lhe gelados  
e só gasto cinco coroas.  
De Inverno compro castanhas  
quentinhas, enfarruscadas.  
No resto do ano, enfim,  
pevides e amendoim.  
Gosto muito deste amigo  
que encontro pelo caminho  
e às vezes penso comigo:  
«Quem me dera o seu carrinho»!



A minha gata

28 DE MARÇO

Tenho uma gata, a «Princesa»,  
que não se parece nada  
com as gatas da vizinhança.  
É uma gata francesa  
muito fina e delicada,  
muito linda e muito mansa.  
Mas é bom que sua alteza  
perca os seus ares de Princesa  
filha de Rei e Rainha,  
e como é próprio dos gatos  
vá caçar ratas e ratos  
na despensa ou na cozinha.

## Quando eu crescer

29 DE MARÇO

Querem saber  
que vou fazer  
quando eu crescer?  
Vou trabalhar  
a abrir no chão  
grandes buracos.  
Mas não com a mão.  
Com a escavadora  
que faz barulho  
e grandes montes  
de terra e entulho.





## O castorzinho preguiçoso

30 DE MARÇO

Um castorzinho preguiçoso estava sentado sozinho à beira do rio. Apetecia-lhe que alguém lhe desse atenção.

— Aqueles maçadores daqueles castores, sempre sempre a trabalhar — cantarolava ele baixinho. — Sempre a trabalhar sem tempo para me levarem a dar um passeio, nem para me darem coisas boas de comer, nem para me contarem uma história ...

Mas não servia de nada. Os castores mais velhos andavam tão atarefados a construir uma barragem que nem o ouviam.

Então o castorzinho preguiçoso cantou mais alto, mais alto, cada vez mais alto.

Resposta, nenhuma. Os castores mais velhos continuavam a acarretar troncos grossos, a transportar raminhos e lama para construir a barragem.

Ninguém lhe dava atenção, nem sequer o pai ou a mãe.

Então o castorzinho preguiçoso zangou-se. Sem dar pelo que dizia, levantou-se de um salto e exclamou:

— De uma coisa pelo menos estou eu certo: quando for grande, hei-de ser peixe, esquilo, ou talvez urso. Mas nunca, nunca, serei um castor

velho sempre a trabalhar sem pensar em me divertir.

Desta vez os castores mais velhos ouviram-no. E todos eles, menos o avô, largaram o trabalho e viraram-se para ele de sobrolho carregado. O pai olhou para ele tão severamente que o castorzinho preguiçoso já sentia um açoite a preparar-se.

Ai! Como o castorzinho preguiçoso desejava agora que os mais velhos comessem a trabalhar e não lhe ligassem nenhuma!

Coitado! Todos a olharem para ele! Nisto, o avô chamou-o:

— Eh, castorzinho mandrião, preciso de quem me ajude a calcar a lama entre os troncos! Anda cá, eu ensino-te como se deve fazer.

— Vou já, avô! — gritou o castorzinho. — Pronto!

E, chape mergulhou no rio. Clop! voltou ao de cima. Dois minutos depois, andava tão atarefado a calcar a lama entre os troncos com a sua caudazinha achatada que os castores mais velhos deixaram o seu ar severo e sorriram.

E o castorzinho, que estava a tomar gosto pelo trabalho, ficou muito contente por ter aprendido a servir-se da sua caudazinha achatada, antes que o pai resolvesse servir-se da dele para lhe dar um bom par de açoites.

## A união faz a força

### 31 DE MARÇO

Sempre que o Artur avistava o Félix, o gatarrão pretensioso que morava na casa ao lado, sentia-se envergonhadíssimo.

— Se ao menos eu fosse capaz de o fazer fugir! — dizia lá consigo. — No fim de contas os cães foram feitos para correr atrás dos gatos.

Mas quando o Artur tentava fazê-lo, o Félix virava-se a ele, de bigodes eriçados e ar tão furibundo que, mesmo sem dar por isso, o pobre cachorrinho desatava a fugir.

E sucedia a mesma coisa a todos os cachorros da vizinhança. Nenhum era capaz de resistir ao gatarrão Félix.

Um dia, porém, Artur teve uma ideia luminosa. «Sòzinhos, nada podemos — pensou ele. — Mas aposto que, se nos juntássemos, o Félix havia de fugir a sete pés.»

Correu a falar com os outros cachorrinhos. Encantados, todos eles se esgueiraram para o jardim do Félix e correram diretos a ele ladrando furiosamente. Desta vez o gatarrão não eriçou os bigodes. Em dois minutos e três pulos estava no cimo de uma árvore.

— Bravo! — ladrou o Artur. — Conseguimos!

Quanto ao Félix, havia trepado a um ramo tão alto que a dona não encontrou escada que lá chegasse para o ir buscar. Tiveram de chamar os bombeiros.

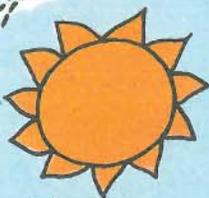
Mas os bombeiros não ficaram nada satisfeitos.

— O nosso trabalho é apagar incêndios, e não ir buscar os gatos ao cocuruto das árvores — declararam eles quando terminaram o salvamento. — Além disso, é proibido aos cães andarem na rua sem trela.

Por isso, no dia seguinte, os donos dos cachorrinhos fecharam-nos nos respectivos quintais. Mas eles não se arrependeram da aventura. E o Artur ainda menos do que os outros, porque também o Félix nunca mais saiu do seu jardim e nunca mais teve vontade de eriçar os bigodes.



## Verdade ou mentira?



### 1 DE ABRIL

O jornal de hoje dizia em títulos bem graúdos:

«Um bilhete para a Lua custa apenas vinte escudos!»

Dizia também que o dia seria um dia de Verão!

Quem saiu sem guarda-chuva arriscou-se fortemente a uma constipação porque choveu toda a tarde. Pareciam rios as valetas!

Poucos se tinham lembrado que hoje era o dia das petas.



## O padeiro simpático

### 2 DE ABRIL

Era uma vez um padeiro simpático que durante toda a semana fazia coisas deliciosas.

— Tenho pena de não amassar ao domingo — disse certo dia ao seu amigo merceeiro.

— E porque não amassas ao domingo? — perguntou-lhe este.

— Porque na segunda-feira já estava tudo duro — respondeu o padeiro.

— E se as pessoas ao domingo comessem os teus pãezinhos, as tuas arrufadas e os teus bolos todos? — lembrou o amigo.

— Que rica ideia! — exclamou o padeiro. E correu direito ao forno, deitando-se ao trabalho com entusiasmo.

No fim da tarde, acendeu as luzes todas da loja, colocou em cima de uma grande mesa uma porção de pratos com bolinhos e um grande bule cheio de chá quente. Depois, foi encostar-se à ombreira da porta cumprimentando os amigos.

— Olha! Olha! — exclamavam eles, fungando. — Que rico cheirinho! Então agora já podemos comprar bolos ao domingo?

— Não senhor! Ao domingo sou eu quem oferece a merenda. Entrem e sirvam-se à vontade!

## Para o lado esquerdo

3 DE ABRIL

O Compadre Urso tinha muito bom feitio, menos de manhã quando acordava. Rabujava com a mulher, ralhava com os ursinhos, e até às vezes tinha uma fúria. Depois arrependia-se sinceramente.

— Desculpa ter sido malcriado contigo — dizia ele à Comadre Ursa. — Tenho muita pena de me ter zangado com vocês — dizia ele aos ursinhos.

— Oh, não teve importância — respondiam a Comadre Ursa e os filhos.

E um dia, a Comadre Ursa acrescentou:

— Parece-me que te levantaste para o lado esquerdo.

O Compadre Urso admirou-se.

— Como é isso possível? Do lado esquerdo é que eu tenho reumático, e por isso deito-me sempre para o lado direito.

Ficou a pensar no caso o dia inteiro, dizendo lá consigo que toda a vida acordara de mau humor.

Mas à hora de se deitar, pareceu-lhe que tinha tido uma boa lembrança.

No outro dia, pela manhã, ao acordar, ia-se esquecendo da resolução que tomara. Mas no momento de se levantar quis voltar-se rapidamente na cama, atrapalhou-se com os lençóis e o cobertor, e caiu da cama, fazendo tão grande estardalhaço que a Comadre Ursa e os ursinhos acudiram assustados.

Qual não foi a sua surpresa quando viram o Compadre Urso levantar-se do chão todo risinho. E com espanto da mulher e dos filhos explicou:

— Agora já sei que não vale a pena importar-me se me levanto para o lado direito ou para o lado esquerdo. Só sei que daqui em diante vou passar a acordar sempre bem disposto.

A Comadre Ursa não percebeu lá muito bem a explicação, e os ursinhos, esses nem sequer tentaram perceber. Mas ficaram muito contentes ao ver que desde aquele dia o Compadre Urso estava sempre bem disposto ao acordar!





## Quatro gatinhos



### 4 DE ABRIL

São quatro gatinhos  
tristes a miar:  
— Se esta chuva pega  
quem pode ir brincar?

Mas chuva de Abril  
é breve aguaceiro.  
E o Sol apareceu  
rindo prazenteiro.

Os quatro gatinhos,  
risonhos agora,  
vão saltar o eixo  
todos lá para fora.



## Três patinhos à descoberta

### 5 DE ABRIL

Numa linda manhã de Primavera, três patinhos foram passear em bicha atrás uns dos outros. Como nunca tinham ido a parte alguma e não conheciam mais ninguém senão o pai, a mãe e eles próprios, julgavam que a terra inteira era habitada somente por patos.

Por isso, quando encontraram uma galinha toleirona que cacarejava «cá ... cá ... cá ... rá», um peru velho e sábio que fazia «glu, glu, glu», e um por-

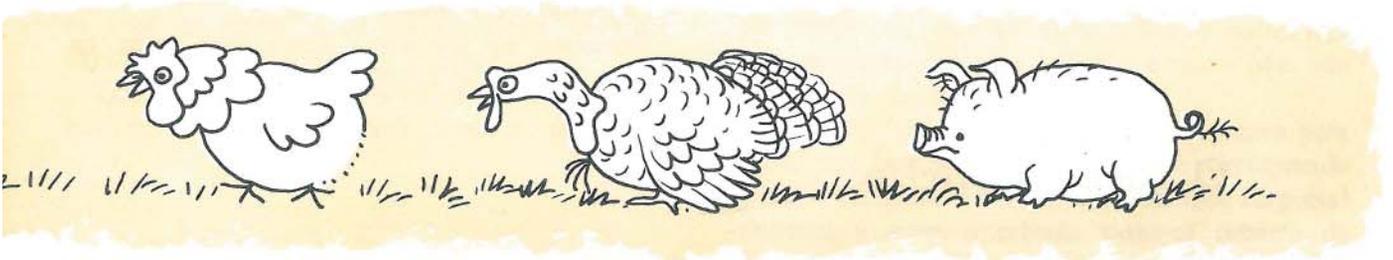
## As pessoas crescidas

Oh, como são aborrecidas estas 'pessoas crescidas!  
Decerto o seu dicionário diz as coisas ao contrário!  
Porque se a gente pedir que nos contem uma história à noite, antes de dormir, respondem: «Mais logo conto.» Isto é, ponto por ponto,

6 DE ABRIL



em linguagem de pais  
«Que não contam nunca mais.»  
Se pedimos um presente (mesmo que se venda em frente da casa onde a gente mora) respondem-nos sem demora: «Está bem; depois se verá.» O que significa «Não». E a gente nunca o terá.



quinho gorducho que grunhia «cuim, cuim, cuim», os três patinhos ignorantes não queriam acreditar no que viam nem no que ouviam.

Voltaram ao lago, sempre em bicha atrás uns dos outros, e com tanta vontade de rir que até lhes doía a barriga.

— Oh, mãezinha! — exclamaram eles. — Encontrámos os patos mais esquisitos que se pode imaginar! Um era encarniçado com um bico pontiagudo, e sabes como fazia? «Cá ... cá ... cá ... rá!»

— Não era um pato — respondeu a mãe. — Era uma galinha.

— Uma galinha! — repetiram os patinhos, pensativos. — Ah! Mas ouve, mãezinha: depois encontrámos outro mais esquisito ainda. Um grande

pato preto com o rabo em leque que fazia «glu, glu, glu».

— Era um peru — disse-lhes a mãe.

— Um peru! — exclamaram os patinhos. — Essa agora! Mas depois vimos o mais esquisito de todos. Não tinha penas nem asas, mas duas patas a mais, e um saca-rolhas pequenino no lugar da cauda, e fazia «cuim, cuim, cuim»!

— Também não era um pato — explicou-lhes a mãe. — Era um porco, e falava à moda dos porcos.

E dizendo isso mergulhou no lago. Os três patinhos seguiram-na em bicha uns atrás dos outros.

— Porco ... peru ... galinha ... galinha ... peru ... porco — repetiam eles, muito espantados de que houvesse outros animais que não eram patos.



Ora, certo dia, quem havia ele de ver no meio da horta? O corvo, a galinha do vizinho e o esquilo que vivia no carvalho grande, a comerem os rebentinhos novos! O coelhinho ficou muito arreliado.

— Saíam já daqui para fora! — gritou ele.

A galinha e o esquilo recuaram. O corvo encheu o bico e respondeu:

— Tu disseste-me que se tivesses uma horta nunca mandarias embora quem tivesse fome.

— É verdade — concordou o coelhinho. — Mas nessa altura não sabia o trabalho que dá cultivar hortalíça. Vamos! Vamos! Fora daqui!

Fez uma cara tão zangada que o pobre corvo largou a alface que debicava.

— Talvez eu pudesse ajudar-te — propôs ele. — Semeava plantas novas no lugar daquelas que comesse ...

— E eu regava-as! — disse o esquilo.

— Eu arrancava as ervas ruins! — propôs a galinha.

— Nesse caso — respondeu o coelhinho todo risonho — não seria preciso mandar embora quem tivesse fome. Porque a horta passava a ser nossa ...

E sentou-se no chão, no meio dos seus novos amigos. Os quatro aprendizes de hortelão deitaram-se ao almoço com todo o apetite.

Comeram até ganharem forças para pegar na enxada, na pá e no ancinho.

## O coelho hortelão

7 DE ABRIL

Era uma vez um coelhinho que nunca comia o suficiente. Na verdade, quando entrava sorrateiramente em qualquer horta onde cresciam couves e cenouras com abundância ... aparecia sempre alguém a mandá-lo embora.

— Que hortelões tão maus! — soluçava ele, fugindo. — Se eu tivesse uma horta, não era capaz de mandar embora quem tivesse fome!

— Então porque não te fazes hortelão? — lembrou um corvo que também tinha fome.

— Boa ideia! — exclamou o coelho. — Vou começar já.

Agarrou numa pá, numa enxada, num ancinho, plantou couves e cenouras, regou-as e arrancou as ervas ruins do canteiro. Todas as manhãs, ao romper do sol, ia ver se as plantas já estavam capazes de comer.



## O hortelão apressado

8 DE ABRIL

— Não há direito! Não há! —  
 protestavam as formigas,  
 as lesmas e as toupeiras  
 e as retorcidas minhocas,  
 ao verem o hortelão  
 a revolver com a pá  
 a terra e os molhos de urtigas,  
 os formigueiros e as tocas.



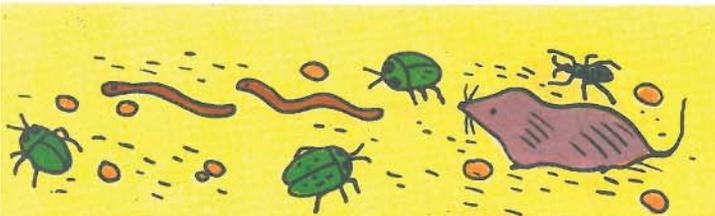
## Os ovos da Páscoa

9 DE ABRIL

Coitado do Joãozinho Coelho!

Estava-se na véspera de Domingo de Páscoa e não conseguia encontrar sítio onde pudesse esconder os ovos de açúcar e de chocolate que os filhos haviam de procurar no dia seguinte.

Tinham aparado de tal maneira a relva que tudo quanto se quisesse esconder ficava a descoberto,



— *Paciência, minhas senhoras.*

*É a altura de semear  
as alfaces e as cenouras,  
rabanetes e feijão.*

— *Ele é isso? Pois então —  
respondeu a bicharada  
refilona, esganiçada  
em vozinha de falsete —  
cá estaremos para o banquete.*

os raminhos dos arbustos eram tenros de mais e as árvores não tinham ramos baixos.

— Que pena! — suspirava ele. — Tenho de deixar ficar os ovos dentro do cesto e pô-lo na sala de jantar para que os meus filhos o encontrem quando vierem tomar o pequeno almoço. Mas vão ficar muito desconsolados.

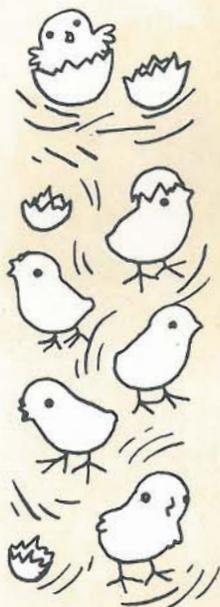
O pobre Joãozinho Coelho já se preparava para voltar para casa, e já ia meter a chave à porta quando a lua se escondeu e o sol se levantou. Que surpresa! Durante a noite o relvado tinha-se coberto de flores: botões-de-ouro e malmequeres, papoilas e violetas, que faziam manchazinhas coloridas na erva verde.

Então o Joãozinho Coelho teve uma ideia. Correu direito ao relvado, com o cestinho no braço, e, cautelosamente, cautelosamente, para não quebrar nenhum, foi colocando os ovos de Páscoa no meio das flores.

Era preciso olhar com muita atenção para diferenciar uns e outras, mas os coelhinhos tinham a vista tão apurada que haviam de encontrá-los.

Terminado o trabalho, o Joãozinho Coelho voltou para casa muito cansado. Deitou-se na sua grande cama, exactamente na altura em que no quarto ao lado os três coelhinhos abriam a boca, espreguiçavam-se, acordavam e diziam uns para os outros que tinham de ir depressa ao jardim onde com certeza haveria uma quantidade de coisas boas para comer.

## O pintainho preto



**10 DE ABRIL**

*As cascas dos seis ovos estalaram ... clic, clic ...*

*Seis pintainhos novos piaram ao despique.*

*Cinco cor de limão e um cor de carvão.*

*Cada um deles pensa:*

*«Somos todos irmãos. A cor não faz diferença.»*

## Casas de toda a espécie

**12 DE ABRIL**

Que lindo dia de Primavera!

Todos os bichinhos saíram de casa a correr para irem brincar à sol.

O ursinho deixou a sua caverna, o coelhinho a sua toca, o esquilo o ramo da árvore, e Artur, o cachorrinho, saiu aos pulos do canil.

Até o cágado veio brincar também. Mas esse trazia a casa com ele, porque a carapaça é que é a sua casa. Já se sabe, era o mais vagaroso. E quando jogavam ao gato e ao rato ou às escondidas, os companheiros não tinham dificuldade nenhuma em o agarrar. Faziam troça dele (mas não era por mal, era só a brincar) e o cágadozinho não se zangava.

Quando o sol se pôs, todos os bichinhos tiveram de voltar para suas casas. O ursinho esgueirou-se para a sua caverna, o coelhinho para a sua toca, o esquilo para o seu ramo e Artur para a sua casota.

## Tenho um segredo



**11 DE ABRIL**

*Tenho um segredo que só eu sei:*

*Ao pé do rio há um penedo;*

*por trás espireitei e ouvi cantar ...*

*Mas quem seria? Um passarinho na ramaria?*

*Ou um sapinho no seu abrigo?*

*Sei, mas não digo.*



Mas o cágadozinho não. Comeu uma minhoca gorda, uma mosca apetitosa e foi beber água fresca ao riacho. Depois, meteu a cabeça, o rabinho e as quatro patinhas para dentro da carapaça (que é a casa dele) e adormeceu como se fosse um campista.



## O rapazinho que estava a crescer

### 13 DE ABRIL

Num sábado de Abril começou a chover.

Chovia tanto que a água escorria do telhado e batia nas vidraças.

O Eurico via a chuva cair.

Via os pingos esborracharem-se no passeio — ping! — e em seguida transformarem-se em pingos grossos que caíam — pong! — com tal velocidade que nem se distinguiam uns dos outros.

Ao fim de algum tempo, o Eurico disse lá consigo que lhe apetecia ir brincar à chuva. Calçou as botas, que lhe serviam lindamente. Depois quis vestir o impermeável, mas foi então que deu por que o impermeável lhe ficava muito acanhado. As mangas chegavam-lhe pouco abaixo do cotovelo, os joelhos ficavam de fora e os botões já não entravam nas casas.

— Cresci muito este Inverno! — disse para a mãe.

— É verdade! — respondeu esta; e levou-o diante do espelho para que se visse.

O Eurico achou-se tão esquisito com o seu impermeável curto que desatou a rir. Mas, nessa altura, tocaram à porta.

— Naturalmente é o Guilherme que vem buscar-me para irmos brincar — pensou o Eurico. — Que pena! Não posso sair com este impermeável.

Entretanto, a mãe, que tinha ido abrir a porta, voltou com uma grande embrulho, e entregou-lho.

— É para ti — disse ela. — Trouxeram-no mesmo a tempo.

O Eurico desatou o embrulho muito depressa. Tinha dentro um impermeável novinho, e de bom tamanho para lhe servir durante dois anos, pelo menos.

Então o Eurico despiu o seu velho impermeável acanhadinho, vestiu o impermeável novo e saiu para ir brincar à chuva... À chuva que faz crescer as árvores e as plantas da mesma maneira que crescem os meninos.

## O tesouro

### 14 DE ABRIL

*Já sabem? Caiu-me um dente!*

*Um destes aqui da frente.*

*Pareço mesmo um velhinho.*

*Foi este dente o primeiro.*

*Mas o meu pai ensinou-me*

*que o pusesse atrás da porta*

*para que de noite um ratinho*

*me desse em troca dinheiro.*

*Assim fiz. Hoje acordei*

*e encontrei no seu lugar*

*uma moeda a brilhar!*

*Tenho muitos outros dentes*

*que ainda faltam cair.*

*Portanto, se multiplico*

*os dentes pelos escudos*

*daqui a pouco estou rico.*



## Trapalhona

15 DE ABRIL

Era uma vez uma menina tão desmazelada, tão desmazelada, que nunca arrumava as suas coisas. Arrumar o quarto dava tanto trabalho, a ela e à mãe, que esta nunca tinha tempo para a levar a passear antes do almoço ou para lhe contar uma história antes do jantar.

E a menina não gostava disso.

A mãe também não.

— Ouve, Trapalhona — disse certo dia a mãe —, não compreendo como uma menina tão pequena consegue fazer tamanha desarrumação à sua volta.

— Eu também não compreendo — suspirou Trapalhona.

Porém, no dia seguinte teve mais cuidado. Reparou, que, para brincar, tirava da arca uma quantidade enorme de brinquedos e nunca arrumava nenhum.

«Se arrumasse cada brinquedo antes de tirar outro, talvez fosse diferente...» — pensou ela.

E experimentou. Sempre que pegava num brinquedo, começava por pôr no seu lugar aquele que já não queria. Ao fim do dia, a menina nem acreditava no que os seus olhos viam.

A mãe ficou ainda mais admirada do que ela.

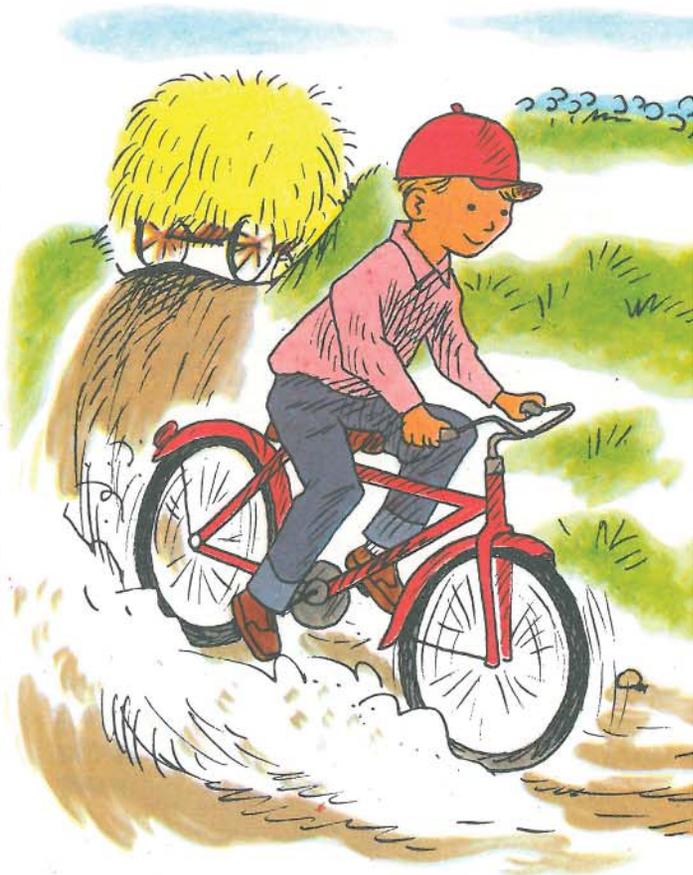
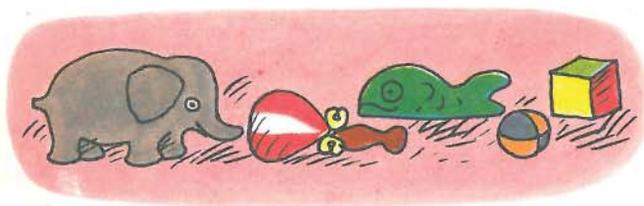
— Oh, Trapalhona! — exclamou. — Como foi que arrumaste as tuas coisas todas?

— É segredo — respondeu a menina, murmurando-lhe qualquer coisa ao ouvido.

A mãe sorriu.

— É verdade — disse —, já não devo chamar-te Trapalhona. Agora já posso dar-te o teu nome verdadeiro: Francisca.

E daí em diante, quando passeava com a filha antes do almoço, e quando lhe contava histórias antes do jantar, nunca mais lhe chamou Trapalhona, mas Francisca, o que é muito mais bonito.



## Molengão

16 DE ABRIL

— Olha lá, Molengão — disse certo dia a ovelha ao seu cordeirinho —, já estás muito crescido para andar atrás de mim para onde quer que eu vá. Tens de te desembaraçar sozinho. Vai para um lado, que eu vou para outro.

— Está bem — respondeu o cordeirinho. — Adeus.

E Molengão desatou a correr aos pulos através dos campos verdes. Mas, de repente, estacou. Não tinha atrás de quem ir, e não sabia para onde se dirigir.

Olhou para todos os lados. A mãe já desaparecera, mas avistou ao longe um poldrozinho todo preto, e foi ter com ele ao prado cheio de sol. Depois, foi atrás de um vitelo muito alegre, depois atrás do caseiro que passou por ali guiando uma grande carroça cheia de palha.

Atrás dela correu estrada fora, mordiscando a palha que saía para fora da carroça. E achava-a

## A pista dos índios

17 DE ABRIL

O Raposinho Ruivo atravessava sorrateiramente o bosque em companhia dos seus dois manos.

— Onde é que tu nos levas? — perguntou o primeiro. — É até à árvorezinha onde se abriga o pintassilgo com os filhos?

— Não senhor — respondeu o Raposinho Ruivo. — Aí levaste-nos tu ontem. Eu cá descobri uma coisa muito melhor.

— Onde é que tu nos levas? — perguntou o segundo dos manos. — É àquela árvore velha onde se abriga um lindo lagarto preguiçoso?

— Não senhor — respondeu o Raposinho Ruivo. — Aí levaste-nos tu antes de ontem. Descobri uma coisa muito melhor.

Os manos do Raposinho Ruivo ficaram tão excitados que não foram capazes de esperar nem mais um minuto para ver o que iria ele mostrar-lhes. Mas não foi preciso. Meio minuto depois, o Raposinho Ruivo parava diante de uma correnteza de faias inclinadas para a mesma banda.

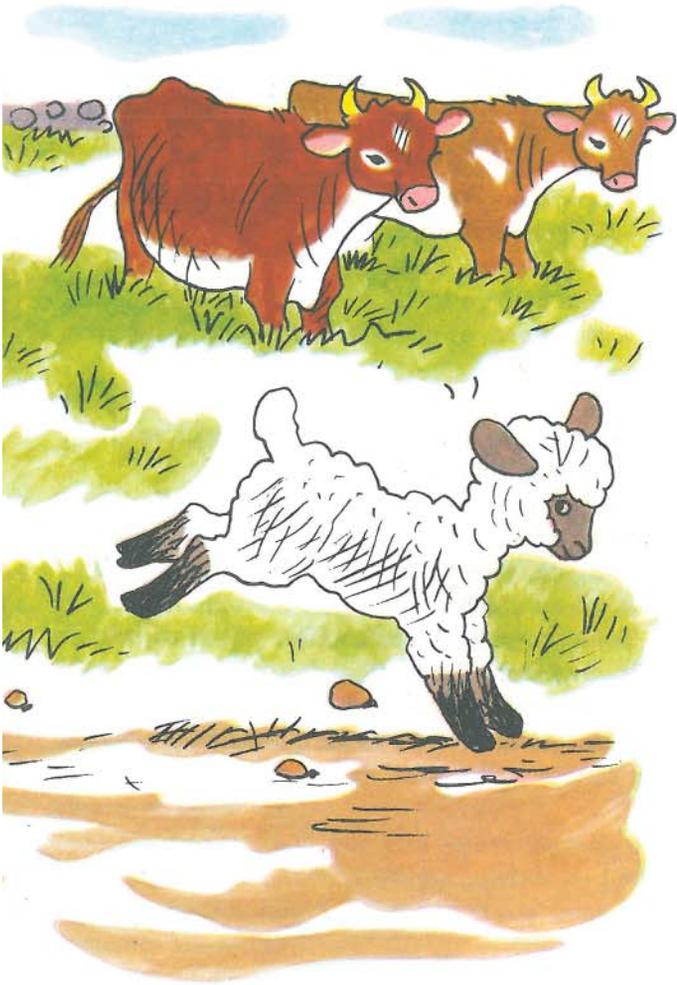
— Hum! — disse o primeiro dos dois manos. — Não acho lá grande coisa.

— Hum! Eu cá também não — disse o segundo.

— Ai não acham? — murmurou o Raposinho Ruivo. — Então imaginem que estas árvores foram dobradas pelos índios para marcarem uma pista. E como isso aconteceu esta manhã, eles não devem andar longe.

— Índios! — exclamaram os dois manos. — Vão-nos escalar com os seus machados de guerra! E deitaram a fugir.

Tinham um ar tão assustado que o Raposinho Ruivo (embora soubesse muito bem que tinha sido o vento que inclinara as árvores) fugiu também e foi o primeiro a chegar a casa.



tão boa que fez de conta que não ouviu o caseiro quando este o viu e lhe gritou:

— Vai-te embora!

Nessa altura, o filho do caseiro apareceu montado na sua bicicleta, e disse ao pai:

— Vou ensinar este cordeirinho.

Empurrou o Molengão com a roda da frente, e obrigou-o a ir a trote. Depois tocou a campainha da bicicleta para não o deixar parar, e levou-o assim até ao pátio da quinta onde a mãe ovelha já estava à espera.

«Pronto! — disse consigo mesmo o filho do caseiro. — O meu pai vai dar-me os parabéns porque já sou pastor a valer.»

«A minha mãe também vai ficar contente comigo — pensou por sua vez o cordeirinho. — Já sou tão crescido que os outros agora é que andam atrás de mim.»

E nunca mais, nunca mais, mereceu que o tratassem pela alcunha de Molengão.



## O menino Silva



### 18 DE ABRIL

Quando os meninos Silvas iam à baixa com a mãe fazer compras, esta recomendava-lhes sempre: «Se algum de vocês se perder, deixe-se ficar onde está, à espera de que o vamos buscar ...»

De resto, ela fazia tudo para evitar que os meninos se perdessem: contava-os de cinco em cinco minutos, e obrigava-os a andarem a dois e dois.

Certo dia, porém, o mais novo dos meninos Silvas parou defronte da pastelaria. Levou muito tempo a escolher o bolo que lhe apetecia, e, quando se virou para trás, todos os meninos Silvas e a mãe tinham desaparecido.

«Perderam-se!», pensou o menino Silva.

No primeiro momento assustou-se, depois lembrou-se do que a mãe tinha dito: que se se perdessem deviam ficar onde estivessem, até que os outros viessem buscá-los.

«Sou eu quem deve ir à procura deles!», pensou.

Durante bastante tempo andou pela rua e espreitou para dentro de todas as lojas, da padaria, do talho, da mercearia e da salsicharia. Em parte alguma descobria sinais da família Silva.

«Não estão aqui — suspirou. — Talvez fosse bom ir procurá-los ao parque de estacionamento.»

Não era coisa fácil para um menino Silva tão pequeno. Primeiro porque os automóveis eram difíceis de distinguir uns dos outros. E depois, porque corria o risco de ser atropelado. Perguntava a si próprio se, sozinho, conseguiria encontrar a família.

Mas, ao tornar a descer a rua, ouviu grandes vivas. Era a D. Maria Silva e todos os meninos Silvas que corriam para ele.

— Procurámos-te por toda a parte — gritaram.

— Eu também os procurei por toda a parte — respondeu o menino Silva.

— Mas eu bem te tinha dito que, se te perdesse, ficasses à espera de que te encontrassem — interveio a mãe.

O menino Silva arregalou os olhos. Esteve quase a dizer: «Ah! Agora já percebo! Quem se perde é quem está sozinho!»

Mas sem lhe dar tempo para falar, a D. Maria Silva replicou:

— Agora, vamos que se faz tarde. Anda cá, filho, vem ao pé de mim.

Todo contente, o menino Silva pôs-se ao lado da mãe. Seguiam-se os manos, dois a dois, e todos se dirigiram para a pastelaria onde o menino Silva lhes mostrou o lindo bolo que tinha escolhido.

### O jardim público



### 19 DE ABRIL

*Se este jardim fosse meu acabava com os letreiros:*

*«Proibido andar na relva e apanhar flores nos canteiros»,  
«É proibido trepar às árvores do jardim».*

*Eu punha no seu lugar outros a dizer assim:*

*«Este jardim é de todos.  
É de todos como o sol.*

*Brinquem, saltem, cheirem flores e escutem o rouxinol.»*





## A sorte da Dona Cá-cá-rá-cá

### 20 DE ABRIL

— Que tempo este, no mês de Abril! — suspirou a Dona Ovelha, vendo cair chuva. — Devia ir aparar a relva do meu jardim, mas como?

— Nunca vi uma coisa assim! — mugiu a Dona Vaca. — Era agora a altura de plantar legumes na horta, e tudo quanto posso fazer é ficar metida em casa a amofinar-me.

— No ano passado por esta época fizemos um piquenique — lamuriavam os porquinhos. — Lembrem-se do sol que fazia e das coisas boas que comemos na mata?

Quanto ao senhor Bode e à senhora Cabra, esses lamentavam-se sentados por detrás da vidraça:

— Chuva, chuva, chuva a toda a hora!

Mas a Dona Cá-cá-rá-cá pôs o avental e começou a fazer limpeza à casa. Quanto tinha tudo limpo, pôs-se a fazer bolos e a cantarolar. Na altura em que tirava do forno os bolos de chocolate, as tortas e os pastelinhos de maçã, a chuva parou e o sol apareceu.

— Veio mesmo a tempo! — exclamou a Dona Cá-cá-rá-cá. — Vou lavar os vidros da janela.

E assim fez. Em seguida, aparou a relva e plantou legumes na horta.

Depois, como o dia estava lindo, encheu um cesto de coisas boas e foi fazer um piquenique à mata. De caminho, passou pela casa dos vizinhos e perguntou-lhes se queriam ir com ela. Mas ninguém podia. Ninguém!

— Com este sol é que se vê bem como a casa precisa de ser limpa — suspirou a Dona Ovelha.

— É verdade — disseram os outros. — Há a relva para aparar, os legumes para plantar. Nós não somos daqueles que podem ir passear quando lhes apetece ...

E disseram mais coisas que não eram lá muito amáveis. Mas a Dona Cá-cá-rá-cá nem os ouviu. Disse-lhes adeus e, despreocupadamente, lá foi com o seu cestinho na direcção da mata, àquela hora aquecida pelo sol.

## O ramalhete

### 21 DE ABRIL



*Fui apanhar um junquilha  
lindo, amarelo-dourado,  
e miosótis azuis  
que havia à beira do prado.*

*Mais uma florinha branca  
(que não sei que nome tem).  
Juntei-as num ramalhete  
e vou dá-lo à minha mãe.*





## O rinoceronte detective

22 DE ABRIL

O senhor Camelo, louco de raiva, saiu de casa, atirando com a porta.

— Oiçam todos! — berrou ele. — Enquanto estive de cama com gripe, enquanto ardia em febre e morria de fome porque era obrigado a fazer dieta, roubaram-me a corcova!

— Então, senhor Camelo! — interveio a Dona Elefanta. — Ninguém lhe ia fazer uma coisa dessas! Há-de haver engano com certeza ...

— Engano?! Ora, pois ... — exclamou o senhor Camelo, voltando-se de modo a que todos pudessem ver o que lhe restava da corcova. — Foi um roubo, e vou chamar a polícia!

— Não me parece que seja preciso — retorquiu a Dona Elefanta. — Ainda por cima não temos polícia. Mas convidou-os a todos para almoçar comigo. Havemos de descobrir uma pista, com certeza.

— Duvido — resmungou o senhor Camelo. Porém, dando conta da fome que sentia, foi com os outros e sentou-se à mesa, amuado, diante de um belo almoço.

Quando a Dona Zebra lhe perguntou se tinha procurado a corcova debaixo da cama, limitou-se a responder com um resmungo impaciente. E encolheu os ombros quando a tímida Dona Girafa quis saber se ele realmente estava bem certo de ter tido sempre corcova. E quando o senhor Rinoceronte indagou

(com ares misteriosos) em que sítio tinha ele visto a sua corcova pela última vez, o senhor Camelo atirou com o guardanapo.

— Vi-a nas minhas costas, evidentemente! — exclamou. — Nas minhas costas, onde sempre estive...

E voltou-se para mostrar o sítio exacto. E aí, no lugar onde sempre estivera, mesmo ao meio das costas ... viu a sua corcova!

— Quem foi que a pôs aqui? — berrou o senhor Camelo. — Quem foi que a pôs aqui sem eu ver?

— Ninguém — respondeu o senhor Rinoceronte. — Tenho a certeza disso porque estive sempre a olhar para si. E reparei que à medida que você comia, a sua corcova ia crescendo ...

— Céus! — exclamou o senhor Camelo. — É isso exactamente! Eu ... eu tinha-me esquecido de que a minha corcova é para isso mesmo ... para armazenar alimento. E durante a gripe, como não comia, a corcova foi diminuindo. Até que se sumiu ...

Estava tão envergonhado ao dizer aquilo que a Dona Elefanta deu-lhe mais uma fatia de bolo de chocolate.

— Com isto a sua corcova há-de ficar igual ao que era — declarou ela, sorrindo.

— Realmente — respondeu o senhor Camelo. E, pela primeira vez na sua vida, dirigiu um largo sorriso a todos os convivas.



## Irmãos a mais

### 23 DE ABRIL

Várias vezes no ano, acontecia a Ting Ling pensar que tinha irmãos a mais.

E porque não? Se tinha desejo de possuir outra cana de pesca, de bambu, o pai abanava a cabeça e respondia que cabia agora a vez ao segundo irmão.

Se Ting Ling queria uma cabaia nova, a mãe abanava a cabeça e respondia que só tinha tecido para fazer uma ao terceiro irmão cujo fato estava no fio.

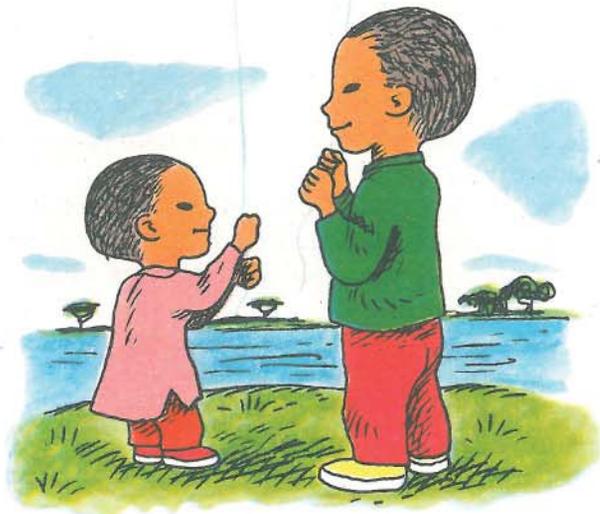
Se havia apenas uma tigela de arroz, um pêssego, um rebuçado ou uma bolacha, Ting Ling nunca chegava a tempo ... Zás! o quarto, o quinto, o sexto ou o sétimo irmão engolia-os primeiro que ele.

E se por um acaso extraordinário naquela casinha chinesa havia um bela laranja doirada, Ting Ling, com sete irmãos, nunca podia comer senão um oitavo da laranja. Que admiração que ele invejasse muita vez o seu amigo Loo Wan ... o seu amigo Loo Wan, que era filho único!

Mas, no fim do ano, chegou a altura da Festa dos Papagaios. Nesse dia, todos os chineses, grandes e pequenos, se dirigiam ao campo onde deitavam os seus papagaios em honra dos antepassados. Nesse dia, Loo Wan e o pai só puderam apresentar dois.

A seguir foi a vez da família Ling.

Ting Ling contou os papagaios que flutuavam e planavam no ar, como se fossem um cardume de peixes extraordinários e maravilhosos.



— Nove — murmurou com orgulho. Mais do que qualquer outra família da aldeia. Depois, olhou para os irmãos, um por um, e Ting Ling, que se tornara pelo menos tão sábio como os seus antepassados, pensou que, no fim de contas, os seus sete irmãos não eram de mais para o fazerem feliz.

### 24 DE ABRIL

*Venham ver! Durante a noite as coisas que aconteceram! Nos ramos daquela faia folhinhas novas nasceram; no carvalho, os pintarroxos*

*Venham ver!*



*já construíram o ninho; o salgueiro ao pé do rio de mil botões se enfeitou. Veio o sol. Fugiu o frio. A Primavera voltou!*

## Os vizinhos novos

25. DE ABRIL

Quando se mudaram as pessoas que moravam na casa grande, a Carminho perguntou a si própria quem viria para o lugar deles.

Certo dia, uma senhora de idade veio ver a casa, e saiu abanando a cabeça:

— Aquela cozinha enorme agrada-me muito porque adoro fazer bolos — disse ela ao encarregado de mostrar a vivenda —, mas o resto da casa é grande demais para mim.

Depois foi a vez de um senhor. Disse que precisava de uma grande casa que não fosse húmida para alojar todos os seus animais, mas que não tinha necessidade de tantos quartos.

A seguir ao senhor, veio uma senhora nova e bonita.

— A casa convinha-me perfeitamente — disse ela — se não tivesse sete quartos de cama. Mesmo com três filhos, são quartos a mais!

A Carminho começava a crer que a casa ficava por habitar.

Mas algum tempo depois, o encarregado de mostrar a casa tirou a tabuleta que dizia «Para vender», e dois ou três dias depois chegou um camião de mudanças.

A Carminho viu os empregados descarregarem os móveis, e procurou adivinhar a que espécie de pessoas pertenceriam.

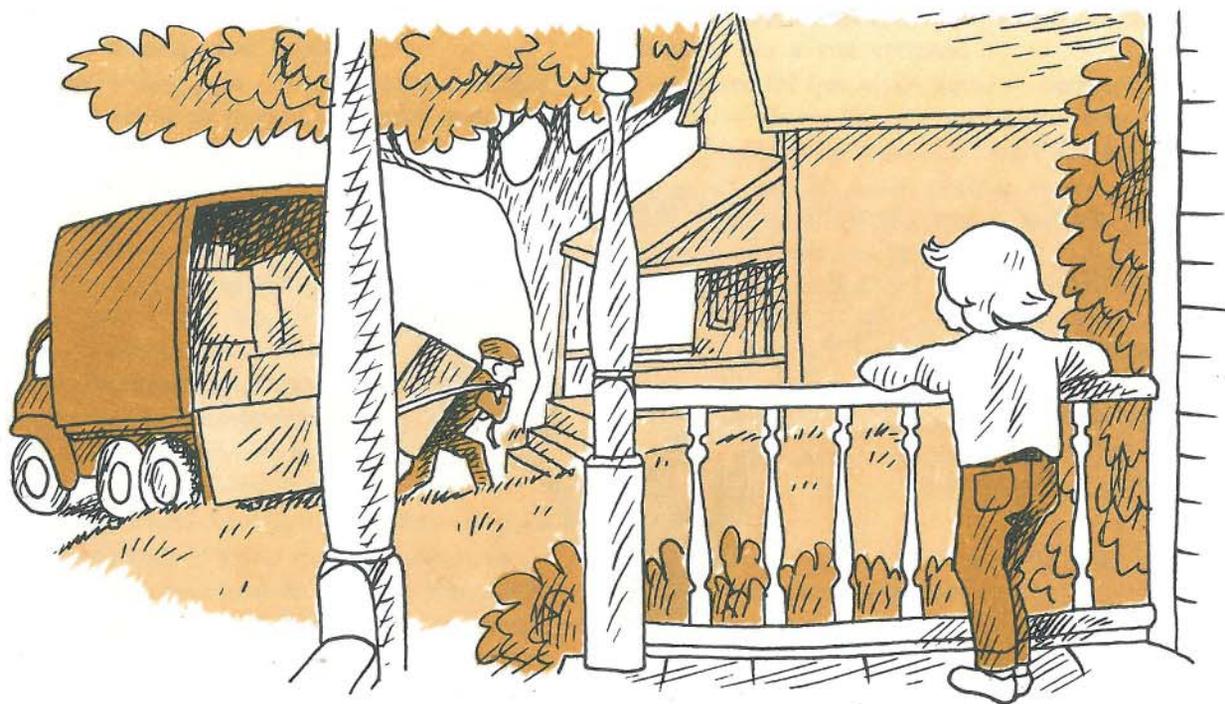
Viu aparecer sucessivamente uma poltrona confortável que podia pertencer a uma senhora de idade; depois uma quantidade de coisas que indicavam a presença de animais: o cesto de um gato, o prato do cão, um aquário enorme e três gaiolas.

A seguir foram as camas: uma cama antiga, uma cama de casal, duas caminhas iguais, três camas de pessoa só, parecidas com aquela em que a Carminho dormia, e um berço.

Nessa altura percebeu quem vinha morar para a casa do lado.

— É com certeza uma família com uma avó que adora fazer bolos, um pai que gosta de animais, uma mãe e tantos filhos que os sete quartos de cama não são demais!

E a Carminho esperou com impaciência o momento em que aquela grande família viesse finalmente instalar-se na casa que lhe convinha tão bem.





## O senhor Comodista e a chuva

26 DE ABRIL

O senhor Comodista não gostava da chuva. Achava-a desagradável até. Nos dias de chuva, o senhor Comodista instalava-se na sua poltrona, com uma cara zangada, e ordenava aos seus cinco gatos que viessem deitar-se-lhe aos pés para lhos aquecer.

Só recuperava o bom humor à hora das refeições.

Corria à cozinha e fazia uma grande panela de sopa.

— Não há coisa melhor do que uma boa sopinha quente em dias de chuva — declarava ele aos gatos, que o aprovavam, sorridentes.

Mas, ai!, certo dia em que chovia a potes o senhor Comodista não encontrou na despensa um único legume para fazer sopa.

— Nem sequer uma cenoura! — exclamou ele. — Alguém tem de ir à aldeia!

Os gatos fizeram-lhe compreender claramente que isso não estava no seu programa. Desapareceram os cinco por debaixo da poltrona, e nem um pêlo do bigode ficou de fora. Então, o senhor Comodista agasalhou-se o melhor possível, e furioso, saiu ele mesmo.

Não se dignou dar uma olhadela sequer às ruas que rebrilhavam lavadas pela chuva, aos regatozinhos onde navegavam barquinhos de papel, nem ao parque refrescado e reverdecido.

— Que tempo horrível! — resmungou ele.

Mas assim que entrou na mercearia, a testa franzida do senhor Comodista mudou-se num largo sorriso.

— Que magníficos legumes! — exclamou. — Que ervilhas tão gradas, que cenouras tão douradas! E estes tomates vermelhinhos, e estas maçãs sumarentas, e aqueles cogumelos carnudos, e aquelas admiráveis couves-flores! Nunca vi iguais!

— Realmente os legumes este ano são belíssimos! — disse o merceiro, enchendo até às bordas o cesto do senhor Comodista. — Por causa da chuva, é claro.

— Por causa da chuva! — repetiu o senhor Comodista muito admirado. — Palavra? E eu que não sabia!

De volta a casa, o senhor Comodista meteu de propósito os pés em todas as poças, e admirou com todo o seu vagar a paisagem que rebrilhava à chuva.

Até parou para fazer um barquinho de papel com o rol das compras e deitou-o a navegar na valeta.

Os gatos ficaram pasmados quando o viram entrar todo molhado, mas com um ar radiante.

— Não há coisa melhor que uma boa sopinha em dia de chuva — observou ele, pondo sobre o fogão uma grande panela.

Depois, dando uma olhadela ao cesto, ainda causou maior espanto aos gatos já pasmados, quando acrescentou:

— Se não fosse esta bela chuva! ...



## A chuva



### 27 DE ABRIL

Lá fora a chuva escorre na vidraça,  
a vaca pasta sem olhar quem passa.

Mas não passa ninguém, só um carneiro  
com a lã encharcada, e no ribeiro

toma banho um pardal arrepiado  
enquanto outro debica no relvado.

Todo o dia choveu, choveu, choveu.  
Enxuto e quente, apenas fiquei eu!



## Pobre Joãozinho Coelho!

### 28 DE ABRIL

1. — Joãozinho Coelho, dá cá a almotolia, se fazes favor.  
— Estou muito cansado.
2. — Podes dar-me a chave de parafusos que está aí mesmo ao pé de ti?  
— Não pode ser. Estou muito cansado.
3. — Se me ajudasses a dar à bomba, Joãozinho?  
— Estou cansadíssimo.
4. — Pronto. A bicicleta está consertada. Só falta experimentá-la.  
— Vou eu! Vou eu!
5. — Não, Joãozinho. Muito obrigado; mas tu, coitado, estás tão cansado!



## O coelho que tinha nascido na Primavera

**29 DE ABRIL**

Era uma vez um coelhinho que, tendo nascido na Primavera, gostava muito dessa estação, e pensava que não havia mais estações no ano. Um dia, porém, a Primavera acabou. Começou o Verão, e o coelhinho achou-o um tempo detestável.

— Oh, oh — gemeu tristemente —, todas as coisas bonitas que a Primavera trouxe desapareceram.

E não quis ir com os outros coelhos pular pelos campos banhados pelo sol de Verão. Não quis acompanhá-los ao bosque que o Outono tornara ruivo, nem quis brincar às escondidas em cima do tapete de folhas secas. Por fim, quando o Inverno chegou com as suas tempestades de neve e com a geada, correu a meter-se no fundo da toca, onde passou três meses a queixar-se e a lamentar o desaparecimento da Primavera.

Mas, um belo dia, o Inverno acabou, e um cheirinho a Primavera entrou pela toca do coelhinho. Este saiu, cautelosamente, com o focinho no ar, e o coração a tremer de espanto e desconfiança. Oh, que milagre! Tinha voltado a Primavera.

— A Primavera voltou! — exclamou o coelhinho, louco de alegria.

— Pois com certeza — observou sorrindo um coelho velho muito sábio, que passava por ali. — A Primavera volta todos os anos!

— Volta todos os anos! — exclamou o coelhinho.

Esta descoberta deu-lhe tanta alegria que se pôs a dançar. Dançou durante toda a Primavera, durante todo o Verão, todo o Outono e todo o Inverno. Nunca mais deixou de dançar. Mas ficou sempre a gostar mais da Primavera do que das outras estações, e ainda hoje continua a gostar.

## Os inquilinos novos

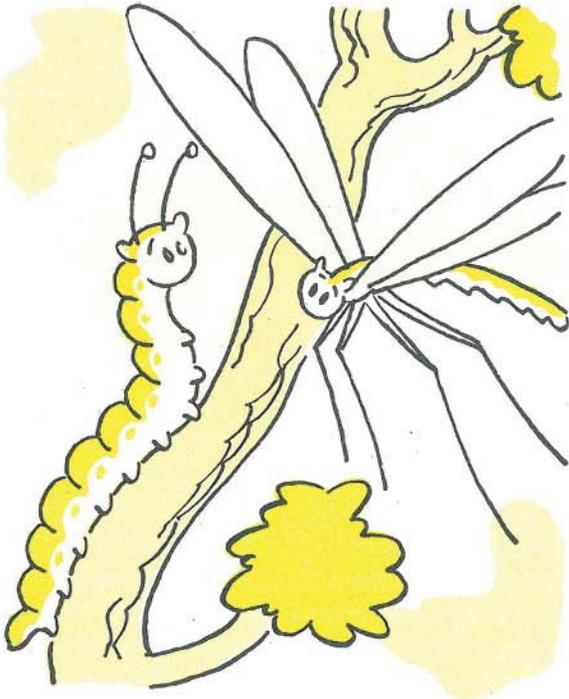
**30 DE ABRIL**

*Ontem, ao cair da noite,  
veio um casal de carriças  
pequeninas e roliças  
à procura de vivenda  
onde pudessem morar.*



*Mostrei-lhes esta que vês.  
E pagaram logo a renda:  
Trinta cantigas por mês.*

## A Rainha de Maio



De repente, sentiu-se transformada. Torceu-se e percebeu que lhe tinham crescido umas asas ... Umhas asas magníficas, azuis e verdes.

— Como é possível isto? — perguntava ela a si própria.

Mas não teve muito tempo para pensar no caso, porque foi interrompida por vozes e risos. Cati viu-se rodeada por uma multidão de insectos que gritavam:

— Viva a mais bonita de todas! Vamos nomeá-la Rainha de Maio!

Puseram-lhe uma coroa de pétalas, e levaram-na em triunfo. Então Cati levantou voo, sob uma chuva de flores que lhe lançavam os seus novos vassalos. Foi o dia mais lindo da sua vida!

Nessa noite, feliz e cansada, Cati lembrou-se do que a mãe lhe tinha dito: que um dia se havia de transformar numa linda borboleta.

— Portanto — disse baixinho —, há insectos que não nascem bonitos, mas que depois se fazem bonitos!

E adormeceu.

### 1 DE MAIO

— No primeiro dia de Maio — declarou uma velha aranha dos campos cheia de sabedoria — é o dia em que nós, os insectos, elegemos a Rainha de Maio.

— Acha que não me vão escolher a mim? Não escolhem, pois não? — perguntou Cati.

Era uma lagartinha verde que nem sequer tinha uma risca de outra cor a embelezá-la.

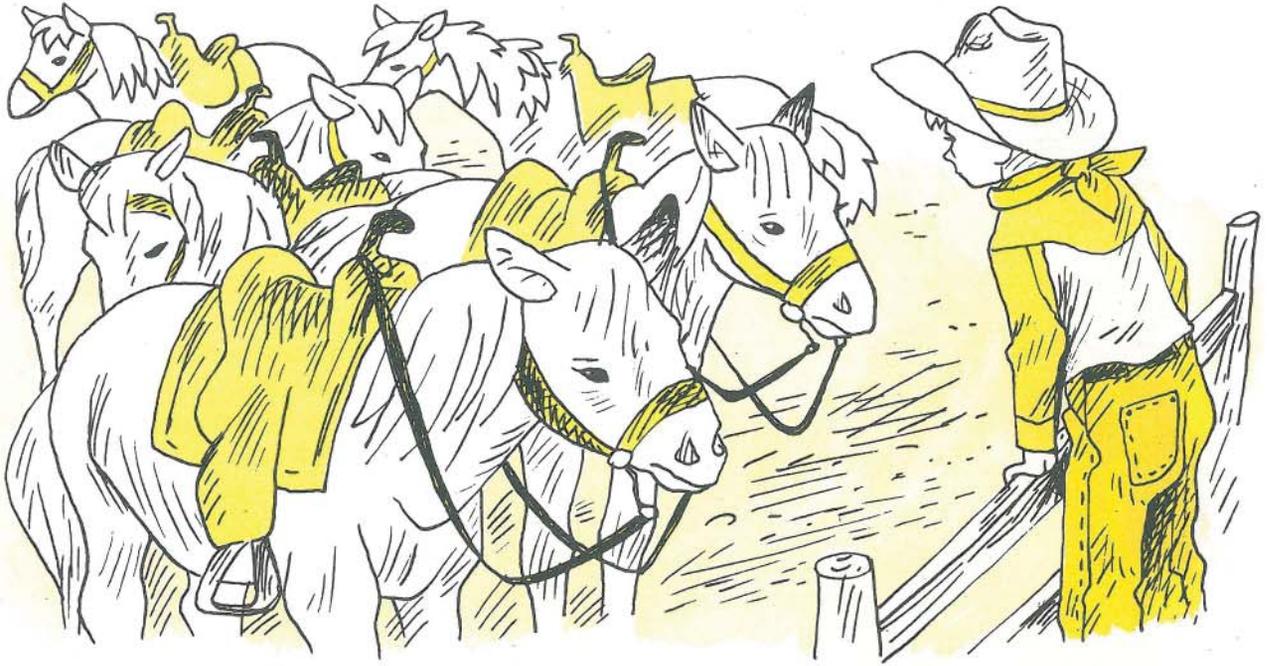
— Não me parece — respondeu a aranha velha, delicadamente. — Mas podes assistir à coroação da Rainha de Maio. Todas lançaremos flores à sua passagem.

Nessa noite, quando se deitou, Cati estava muito triste.

— Que inveja tenho daqueles que nasceram bonitos — pensou, enrolando-se dentro do seu confortável casulo.

Cati dormiu durante muito tempo. Quando acordou, sentiu-se aquecida pelos raios de sol. Então deslizou para fora do casulo, trepou para cima de uma flor e sentou-se nela.





## O pônei dos sábados

### 2 DE MAIO

Era uma vez um rapazinho que se chamava Dinis e queria ter um pônei.

Por isso, pediu que lhe dessem um, no dia dos anos.

Mas o pai e a mãe abanaram a cabeça, e declararam:

— Quem vive no campo pode ter pôneis; mas na cidade é impossível.

E perguntaram ao Dinis o que queria ele em vez do pônei. Dinis respondeu que gostava de ter umas botas de montar, um chapéu de *cow-boy*, um livro que tivesse histórias de cavalos e a fotografia de um pônei para pendurar na parede do seu quarto.

Mas, já se sabe, um pônei continuava a ser a coisa que ele mais desejava.

Coitado do Dinis!

No dia dos anos, calçou as botas e pôs o chapéu de *cow-boy*. Pendurou na parede do quarto, em frente da cama, o quadro que representava um pônei. E depois pediu ao pai que lhe lesse o livro que tinha uma história de cavalos.

— Mais logo, Dinis—respondeu o pai, sorrindo.— Primeiro vamos tomar o pequeno almoço. Depois, iremos dar um passeio.

Dinis ficou muito contente. Gostava imenso de passear com o pai. Tiraram o carro da garagem, e o pai do Dinis meteu por uma estrada que o Dinis não conhecia. Saíram da cidade, penetraram na floresta e pararam diante de um prado onde saltavam seis pôneis completamente arreados!

Na vedação, um grande letreiro dizia:

«Lições de equitação. Passeios.»

Dinis não tinha ainda voltado a si da surpresa, quando o pai lhe disse todo sorridente:

— Descobri esta semana a existência desta escola. Por isso pensei que aos sábados podias vir aqui aprender a montar. Isto se ainda tiveres vontade de aprender.

— Oh, pai! — exclamou Dinis. — Pois claro que tenho!

Mas, coisa curiosa, não correu logo direito ao prado para montar um pônei qualquer. Não. Como Dinis era um rapaz prudente, trepou à vedação, e examinou demoradamente, um por um, os seus seis novos amigos para escolher aquele que seria o seu pônei dos sábados.

## O ursinho pequenino



### 3 DE MAIO

Aquele ursinho era o mais pequeno da família. Mais pequeno que a irmã, muito mais pequeno que o irmão, muitíssimo mais pequeno que a mãe, e muitíssimo mais pequeno que o grandalhão do pai.

E muitas vezes o ursinho ficava sozinho a um canto, por causa do seu pequeno tamanho. Um dia, convenceu-se de que ninguém queria saber dele.

A irmã ia apanhar alfaces. Quando ele lhe pediu que o deixasse ir com ela, respondeu:

— Oh, não, ursinho. Eu tenho muitas alfaces para apanhar e tu és tão pequeno que podes perder-te.

O irmão ia à pesca. O ursinho pediu-lhe que o levasse com ele, mas o irmão exclamou:

— Oh, não, ursinho. Tenho muito que pescar, e tu és tão pequeno que podias cair à água.

A mãe do ursinho ia amassar pão.

— Posso ajudá-la? — perguntou o ursinho.

— Oh, não, ursinho — disse-lhe a mãe. — Tenho muito que fazer, e tu és tão pequeno que podes queimar o nariz e as patas.

— Oh! — gemeu o ursinho, deixando-se cair nos degraus da porta. — Sou pequeno demais para tudo.

Mas, exactamente nesse instante, o grandalhão do pai saiu de casa e disse:

— Não, ursinho. Vou às compras e tu tens mesmo o tamanho que é preciso para me acompanhares, indo às minhas cavalitas.

Então o ursinho enxugou as lágrimas e foi com o grandalhão do pai.

Compraram manteiga para o pão, limão para o peixe, molho de maionese para a alface, e o melhor de tudo: um gigantesco boião de mel.

— Ora bem! — disse o pai do ursinho ao chegarem a casa. — Nunca teria podido trazer tudo isto se o meu filho ursinho não me tivesse ajudado.

Ouvindo isto, o ursinho sentiu-se muito feliz; era suficientemente crescido para aquilo que era preciso, e suficientemente crescido para comer uma porção tão grande do succulento jantar como qualquer outro membro da família dos ursos.

### Ao cinema



### 4 DE MAIO

Uma vez  
por mês,  
muito penteado,  
cheirando a alfazema,  
eu vou ao cinema  
ver um divertido  
desenho animado.

## Cinco reis

### 5 DE MAIO

*Eram cinco reis  
que iam de viagem,  
mas nenhum levava  
escudeiro nem pajem.*



*Resultado: a cauda  
do manto arrastavam,  
todos um por um  
nela tropeçavam.*



*Até que o segundo,  
que era inteligente,  
segurou a cauda  
do que ia na frente.*

### 6 DE MAIO

## Não é esquisito?

1 — Não é esquisito o tempo que um bolo leva a cozer no forno?

2 — Não é curioso que haja tanta coisa a fazer depois de o bolo estar cozido? .



3 — E antes que a mãe nos dê a tigela e a colher a lamber?

4 — E não é esquisito a rapidez com que depois o bolo desaparece?



## A casinha



### 7 DE MAIO

Perto das raízes do carvalho grande, há uma casinha que eu próprio fiz com tronquinhos entrelaçados, e pedacinhos de vidro no lugar das janelas.

A minha casinha tem um telhado de musgo. Tem uma porta e uma vedação. Tem até um jardim, porque na frente plantei violetas que daqui a pouco, parece-me, darão flor.

E parece-me ...

Sim, realmente parece-me que há alguém que já lá mora. Um dia vi uma sombra a deslizar tão rapidamente que não pude distinguir o que fosse, e dois olhos brilhantes espreitando-me através das vidraças da janela!

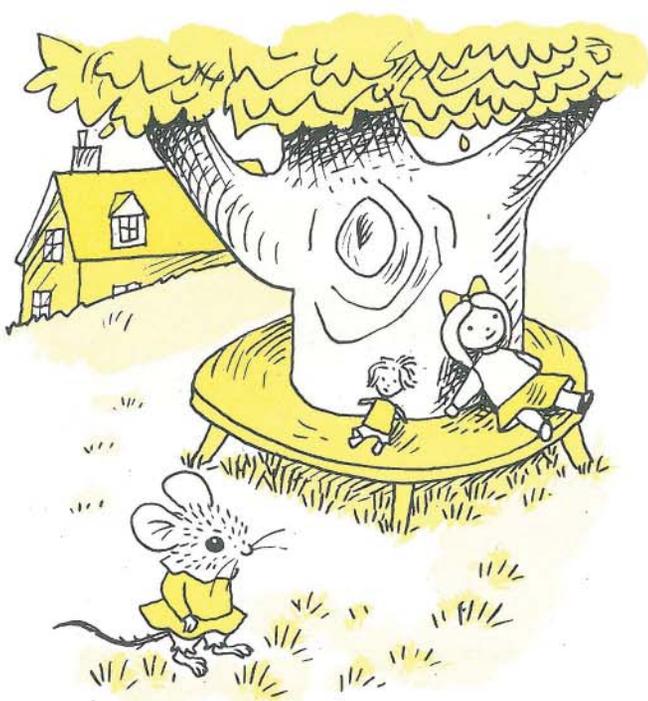
Quem me dera saber quem é que mora na minha casinha de tronquinhos que eu próprio construí, ao pé das raízes do carvalho grande!

## Na mata

8 DE MAIO

Quando vou à mata  
nunca falo alto  
mas sempre baixinho:  
sei lá se por trás,  
dando um grande salto  
vem um tigre, e zás!  
me engole inteirinho?  
Se vem um leão?  
E um lobo também?

Que susto apanhava  
ali sem ninguém!  
Porém, afinal  
só um animal  
vi ali assim:  
era um coelhinho  
com medo de  
mim!



## A surpresa da Menina Ratinha

9 DE MAIO

— A minha peliça velha toda remendada não é própria para a Primavera! — declarou certo dia a Menina Ratinha. — Preciso de me vestir dos pés à cabeça.

E correu todas as lojas da aldeia, uma por uma. Mas em parte alguma, nem sequer no armazém de brinquedos, encontrou vestuário que lhe servisse.

Coitada da Menina Ratinha! A sua desilusão foi tão grande que voltou para casa de lágrimas nos olhos. Mas, exactamente quando a primeira lágrima lhe ia a escorrer pelo focinho abaixo, avistou uma menina a soluçar, sentadinha debaixo de uma grande árvore.

— Ai, ai! — gemia a menina. — Fiz estes vestidinhos de Primavera para a minha boneca, e ficaram pequenos de mais!

Pé ante pé, a Menina Ratinha aproximou-se. Os vestidos eram muito bonitos, e até havia saiotos de renda que lhe serviam como se tivessem sido feitos de propósito para ela.

A Menina Ratinha vestiu-os, e disse:

— Olhe para mim! Sou a Menina Ratinha e venho lanchar consigo.

A menina levantou a cabeça. Ao ver a Menina Ratinha tão elegante, de vestido novo, enxugou os olhos, sorriu e disse:

— Bom dia. Tenho muito prazer em conhecê-la. O lanche está pronto dentro de cinco minutos.

E foi buscar o serviçozinho de chá para que a Menina Ratinha pudesse lanchar com ela, debaixo do carvalho grande, naquele lindo dia de Primavera.

## Os anos da mamã esquilo

### 10 DE MAIO

Certa manhã a mamã esquilo foi acordar os filhos.

Que espanto! Os cinco esquilinhos já estavam levantados e tinham feito as camas!

A seguir, entrou na casa de banho para ver se os esquilinhos tinham lavado bem a cara e as patas.

Mas as cinco luvas de turco já estavam a enxugar.

— Esta agora! Esta agora! — exclamou a mamã esquilo muito admirada.

Desceu a escada, muito depressa, para ir arranjar o pequeno almoço. Mas a mesa já estava posta, o leite a ferver ao lume, e em cada prato havia uma arrufada quente, além de que, no seu lugar, estava um ramo de flores.

A mamã esquilo ainda não estava refeita da surpresa quando, vindos da cozinha, apareceram cinco esquilinhos risonhos que lhe estendiam as

patas para a abraçar. Deu um grande beijo a cada um, e perguntou-lhes se tinham feito aquilo tudo sòzinhos.

— Tudo, menos o almoço — responderam os cinco esquilinhos muito orgulhosos. — Do almoço encarregou-se o papá porque teve medo que nos queimássemos.

— Realmente — acrescentou o papá, que entrara atrás deles —, seria uma pena se se queimassem no dia dos teus anos!

— Ah, com certeza. Seria uma pena! — exclamou a mamã esquilo.

— Uma pena! — repetiram em coro os cinco filhos.

Mas não lhe falaram na grande queimadura que o papá tinha feito na pata. Como já a tinham tratado e lhe haviam posto um penso, a mamã escusava de saber, não é verdade?





Hop! hop! hop!

## 11 DE MAIO

Hop! hop! hop!, um gafanhoto muito novinho foi à procura de coisas boas para o seu pequeno-almoço.

— Que hei-de escolher? — perguntava a si mesmo. — Uma folhinha de erva tenra ou um pé de malmequer?

Mas atrás dele pulava uma rã verde que também estava com muita fome.

— Aquele gafanhoto é que me convinha — murmurou a rã, pronta a saltar-lhe em cima. Não sabia que atrás de si um pato branco esfomeado, tinha os olhos nela e preparava-se para a engolir.

O pato já abria o seu grande bico achatado quando apareceu uma raposa magra e esfomeada que trazia um saco às costas.

— Ah! ah! — murmurou a raposa. — Não há coisa mais deliciosa ao pequeno-almoço que pato corado.

Mal tinha pronunciado estas palavras... Tau! Tau! Tau! uma explosão terrível fez estremecer o bosque. Era um caçador que acabava de disparar três tiros. Felizmente para a raposa, o caçador errou a pontaria.

Então, a raposa desapareceu por entre as árvores. O pato atirou-se ao charco.

E a velha rã pulou para cima de um grande tronco de árvore e depois escondeu-se debaixo dele.

Quanto ao gafanhotozinho, esse lá seguiu o seu caminho tão preocupado com o que acabava de ouvir, que, sem dar por isso, trincou ao mesmo tempo uma folhinha de erva tenra e um pé de malmequer.

Depois voltou para casa, com a barriguinha cheia, sem saber que aquele medonho «Tau!» lhe tinha salvado a vida.

## Ao trabalho!



## 12 DE MAIO

O padeiro amassa o pão,  
o hortelão cuida da horta,

O pescador pesca peixe  
e no seu barco o transporta.

A vaca pasta no prado  
e o seu leite nos dá.

O pasteleiro faz bolos  
que nós comemos ao chá.



## O maquinista Filipe

13 DE MAIO

O Filipe tinha um comboio eléctrico que rodava nos carris reluzentes. E outro comboio, esse de madeira, que passava debaixo de túneis, e debaixo de pontes ... por toda a parte aonde o Filipe queria que ele fosse. Tinha até um macaco de ganga e um boné que usava sempre que o pai o levava à estação para ver passar os comboios grandes.

O Filipe via passar as grandes máquinas a vapor, e as locomotivas eléctricas que deslizavam silenciosamente, puxando uma longa fila de carruagens. Às vezes uma enorme automotora fazia estremecer as colunas da estação com o seu apito estridente.

Os maquinistas diziam sempre adeus ao Filipe.

Mas certo dia o pai do Filipe arrumou o carro perto da linha. O rapazinho deitou a cabeça de fora da janela e uma grande automotora veio parar ali mesmo ao lado.

Desta vez o Filipe não precisou de acenar com a mão, limitou-se a dizer «bom dia».

O maquinista respondeu-lhe. Depois, dirigindo-se ao pai do Filipe, acrescentou:

— Esse menino quando crescer há-de vir a ser maquinista, com certeza.

Depois, fazendo funcionar o apito que lembrava tantas coisas maravilhosas e distantes, partiu.

— Ora esta! Ora esta! — disse o pai do Filipe. — Como é que ele adivinha?

Filipe não respondeu. Estava muito entretido a ver o enorme comboio que desaparecia ao longe. E também a pensar que um homem com tanta experiência que até lhe entregavam uma locomotiva tão grande e tão rápida como aquela, era por força capaz de reconhecer outro maquinista quando o encontrava.



*A mãe cozinha o jantar  
e nem se esquece do gato.*

*Todos fazem tantas coisas  
que eu também levo o meu prato.*

*Pus a toalha e as chávenas  
e a cafeteira na mesa.*

*Quando a mãe aparecer  
há-de gostar da surpresa.*

## O cantoneiro amável

15 DE MAIO

Certa manhã, Cristiano, sentado sobre o talude, via um cantoneiro a consertar a estrada, tapando os buracos com alcatrão e brita que espalhava cuidadosamente.

— Tanto buraco que tem esta estrada! — suspirou o cantoneiro. — Já me doem as costas. Que fará logo à noite?



## A Menina Sabe-Tudo

14 DE MAIO

A Menina Sabe-Tudo era uma gatinha amarela que julgava conhecer tudo e já não ter nada que aprender com ninguém.

Certo dia, a mãe propôs-lhe ensiná-la a trepar às árvores como deve ser.

A gatinha levantou a cabeça, olhou para os ramos delgados que baloiçavam ao vento e miou:

— E quando estivermos lá em cima, que fazemos?

— Ora essa! — respondeu a mãe, sorrindo. — Descemos.

— Trepar ao alto de uma árvore para descer logo a seguir não serve para nada! — retorquiu a Menina Sabe-Tudo.

E deixou-se ficar com as quatro patas no chão ... até que um grande cão preto correu direito a ela a ladrar furiosamente. Então, sem perder tempo a pensar, subiu pela árvore acima a toda a velocidade e teve a sorte de alcançar um ramo alto, apesar da falta de experiência das suas garrazinhas que escorregavam no tronco.

A Menina Sabe-Tudo ficou bem contente quando a mãe foi ter com ela e lhe ensinou a descer do ramo. Engoliu humildemente o jantar e foi deitar-se sem dizer palavra, pensando consigo mesma que no fundo tinha sido uma pateta, que não sabia muita coisa útil na vida, mas que era divertido aprender.

E depois, como aquele susto a tinha fatigado, enroscou-se ao pé da mãe, fechou os seus olhos amarelos e adormeceu.



Pronunciou esta frase em voz alta. Não a destinava em especial a Cristiano, mas se alguém faz uma pergunta, em geral é porque deseja uma resposta.

Pelo menos foi o que pensou Cristiano.

— Irá ficar com mais dores nas costas, se tapar todos esses buracos — disse-lhe ele. — Mas eu tenho uma pá nova, e talvez possa dar-lhe uma ajuda.

— Que bela ideia! — exclamou o cantoneiro. — Vai então buscar a tua pá!

— Sim, senhor! — disse Cristiano. — Vou já.

Dois minutos depois, Cristiano mergulhava a pá na barrica de alcatrão, e, ensinado pelo cantoneiro, ia tapando os buracos mais pequenos. Os dois camaradas trabalhavam tão depressa que o trabalho estava quase pronto quando o apito soou.

— São horas do almoço — disse o cantoneiro, indo buscar a sua marmita à camioneta. — Volta para casa, pequeno.

— Eu já não sou pequeno — disse Cristiano — e acho que se pedir à minha mãe uma marmita ela dá-ma também.

— Está bem, Cristiano — disse o cantoneiro. — Eu cá chamo-me Roberto. Fico à tua espera para almoçarmos juntos.

A mãe do Cristiano arranjou-lhe uma marmita. O rapazinho veio ter com o seu amigo e almoçaram sossegadamente, conversando sobre estradas e buracos, automóveis e camionetas.

Acabado o almoço, voltaram ao trabalho.

Depois, no fim de tapados os buracos, lavaram as ferramentas num balde cheio de dissolvente. Cristiano aproveitou para lavar também os sapatos sujos de alcatrão.

— É formidável, este dissolvente! — disse ele a Roberto.

— É, não é? — exclamou o cantoneiro.

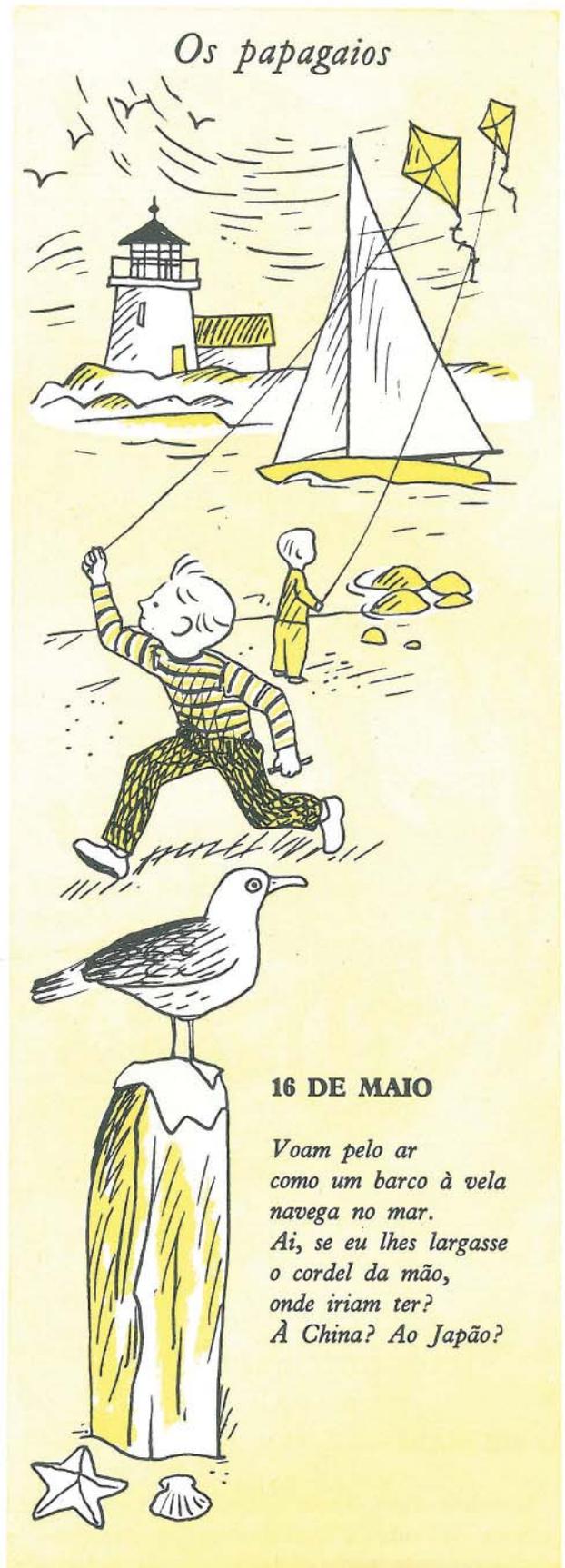
Atirou a pá e os baldes para dentro da camioneta, saltou para o volante e ligou o motor.

Cristiano afastou-se para deixar o cantoneiro dar a volta.

— Adeus, Cristiano — gritou-lhe o amigo, afastando-se. — Havemos de nos tornar a ver quando a estrada precisar outra vez de conserto.

— Adeus, Roberto — disse Cristiano.

O rapazinho agarrou na pá muito limpa, na marmita vazia, e começou a andar pela estrada nova, pensando no seu amigo cantoneiro que nessa noite, graças à sua ajuda, não teria tantas dores nas costas.

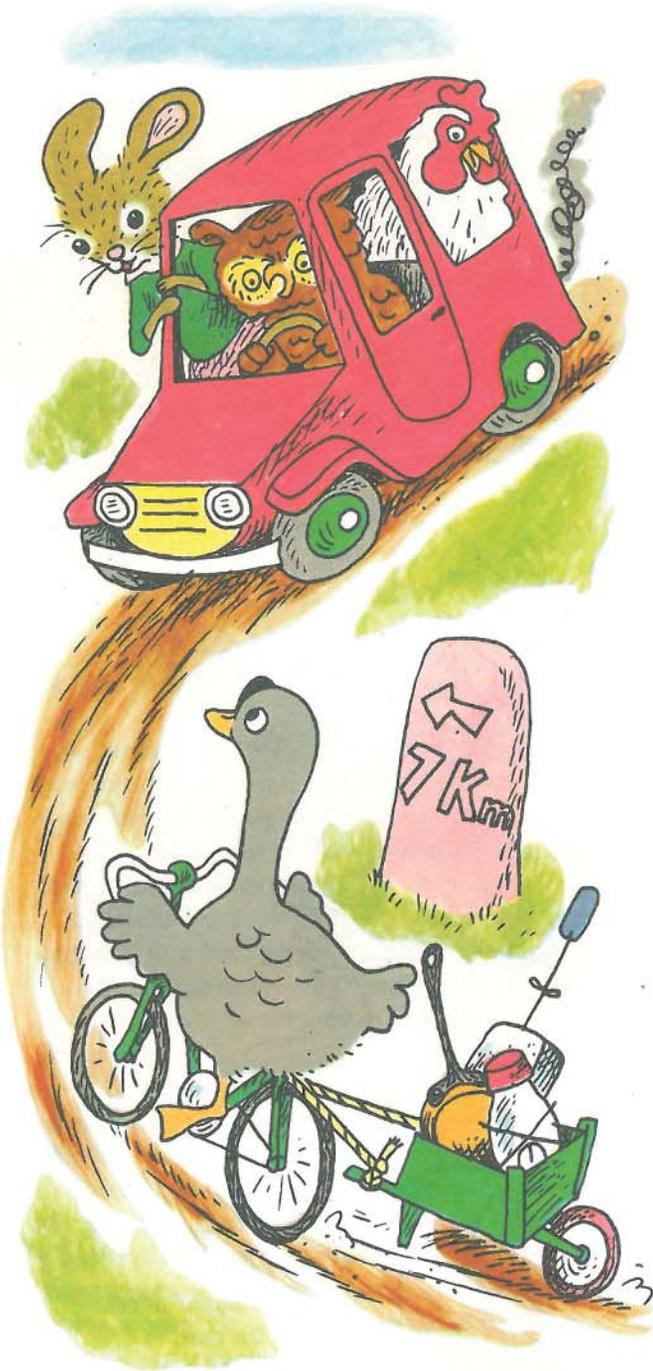


## 16 DE MAIO

*Voam pelo ar  
como um barco à vela  
navega no mar.*

*Ai, se eu lhes largasse  
o cordel da mão,  
onde iriam ter?*

*À China? Ao Japão?*



## Jerónimo Pato Ganso

17 DE MAIO

Jerónimo Pato Ganso tinha um grande defeito: passava a vida a pedir coisas emprestadas e não as restituía nunca. Tinha em casa dele a fri-

gideira da senhora Galinha, o candeeiro de petróleo do senhor Mocho, e uma forma do Joãozinho Coelho.

— Temos de fazer qualquer coisa — declarou um dia o senhor Mocho.

— Sim, mas o quê? — perguntaram os outros.

— Peçamos-lhe que nos empreste uma coisa e atrasemo-nos a entregar-lha — propôs o senhor Mocho.

Todos aplaudiram. E os quatro amigos foram pedir emprestada ao Pato Ganso a sua camioneta nova, da qual ele gostava muito.

— Empréstoa — disse o Pato Ganso que tinha muito bom coração. — Mas, cuidado, não ma escangalhem.

— Com certeza que não! — responderam os outros.

O Pato Ganso esperou todo o dia pela sua linda camioneta. Quando chegou a noite, estava numa aflição terrível.

— No fim de contas — exclamou ele, indignado — a camioneta pertence-me. E é uma grande má educação pedir coisas emprestadas e não as restituir! O melhor é ir ver o que sucedeu.

Correu à garagem para ir buscar a sua velha bicicleta.

Mas, quando ia tirá-la do seu canto, viu a frigideira da senhora Galinha, o candeeiro de petróleo do senhor Mocho, e a forma do Joãozinho Coelho, de que se tinha esquecido completamente.

Corou de vergonha. «Já é tempo de ir entregar tudo isto!», disse para consigo. Empilhou tudo no carrinho de mão, prendeu este à bicicleta e pôs-se a pedalar com toda a força.

— Lá vem ele! — gritou o senhor Mocho.

Então ele e os amigos meteram-se na camioneta, e foram ao encontro do Pato Ganso.

— Chegámos agora — disseram eles quando se juntaram. — Não estavas em cuidado, pois não?

— Isso sim! — gaguejou o Pato Ganso, apressando-se a restituir as coisas aos donos.

— Pronto! — declarou o senhor Mocho, depois da partida do Pato Ganso, apertando contra o peito o seu candeeiro de petróleo. — O nosso plano deu excelente resultado.

Realmente, como o Pato Ganso nunca mais pediu coisa alguma emprestada, nem que fosse um prego, sem o restituir logo, o senhor Mocho não se enganava.

## Os gatinhos

18 DE MAIO

Cinco gatinhos num cesto  
nesta página estou a ver.  
Um deles é para mim.  
Não sei qual hei-de escolher ...



Escolho o cinzento? Ou o preto?  
O ruivo? O branco? O tigrado?  
Cá por mim levava-os todos  
e estava o caso arrumado.

## Um chapéu para a Cristina

19 DE MAIO

De Verão e de Inverno, na Primavera ou no Outono, Cristina usava sempre a mesma boina azul-escura, enfeitada com duas fitas que flutuavam sobre a nuca. Punha-a tanto para as aulas, como à quinta-feira e ao domingo, quando tinha um convite para almoçar ou para jantar.

Era o único chapéu da Cristina.

A menina gostaria muito de lhe pôr um enfeite qualquer: uma flor ou uma pena, como tinham os chapéus da mãe. Mas estar espondia-lhe sempre: «Tens tempo», e todos os anos lhe comprava uma boina igual à do ano anterior.

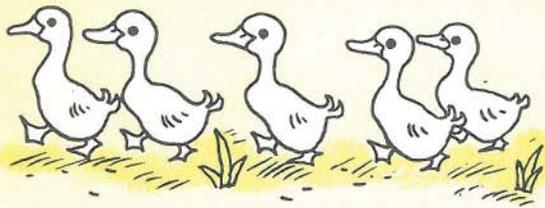
Um dia, porém, uma prima da Cristina resolveu casar. Escolheu a menina para dama de honor e encomendou um lindo vestido. Era um vestido muito bonito, mas o chapéu, todo enfeitado de rendas e flores, era realmente a coisa mais linda que a Cristina tinha visto na sua vida.

— Fica-lhe muito bem, não fica? — observou a prima.

— Sim — respondeu a mãe. — Depois do casamento ela pode usá-lo em ocasiões de cerimónia ou quando for fazer alguma visita.

A Cristina, ao mirar-se ao espelho, perguntou a si própria porque é que a mãe lhe repetia sempre «tens tempo» ... porque lhe parecia que todas as ocasiões eram boas para usar aquele magnífico chapéu!





## Os patos brancos

### 20 DE MAIO

*Quando vamos ao lago ver os patos  
deitamos-lhe pedacinhos de pão.  
Eles comem e grasnam: «Obrigado»,  
mostrando que têm boa educação.*

*Depois, sempre gentis, dizem ainda  
para os acompanharmos ao seu ninho.  
Respondemos também: «Muito obrigado»,  
porém, seguimos o nosso caminho.*

## É Primavera!

### 21 DE MAIO

— Avô, se faz favor, toque uma música no seu violino — pediu o Francisco.

— Agora não, Francisco — respondeu o avô, que dormitava ao sol, na varanda da entrada. — Estou cheio de sono. É Primavera! Vai dar um passeio, entretanto.

Francisco quis saber porque era que a Primavera fazia aquele efeito sobre o avô, mas este já tinha adormecido. Então o rapazinho foi passear. Deu primeiro a volta à quinta, pensando na Primavera. E reparou numa coisa muito esquisita.

Todos os animais velhos, a gata e a marrã, a cabra, a ovelha, a vaca e a égua dormitavam sossegadamente.

Mas os filhos delas, esses, não tinham sono nenhum. Saltavam e pulavam ao sol, como se estivessem atacados de loucura.

Francisco observou-os. Cheirou o estranho perfume das flores, da erva nova e do sol. E de repente, qualquer coisa se passou dentro de si.

Correu pelo pátio aos ziguezagues como um cavalo bravo. Correu direito a casa, soltando gritos à indio.

— Avô — exclamou ele, galgando a três e três os degraus da entrada. — Avô, agora já sei o que é a Primavera! É uma coisa invisível que anda no ar, que dá aos meninos vontade de fazer maluquices e às pessoas velhas sono. É isto, não é?

— Não sei bem! — disse o avô, abrindo os olhos e agarrando no violino. — Não sei bem, não!

De um salto, pôs-se em pé. O arco do violino principiou a correr sobre as cordas com tal agilidade, executando passos de dança tão complicados, que Francisco tinha dificuldade em não perder o compasso.

— Afinal, talvez me tivesse enganado — acabou ele por declarar, já sem fôlego.

— Talvez — disse o avô, acelerando o ritmo da música. — Mas quem é que sabe o que é a Primavera? ...

E Francisco, rodopiando no ar perfumado, disse para consigo que no fim de contas não tinha importância ... contanto que o avô e ele continuassem a divertir-se tanto como naquele momento.





## Os três raposinhos

**22 DE MAIO**

Era uma vez três raposinhos que nunca se separavam.

— Tudo o que temos dividimos uns com os outros — murmuravam eles, aconchegando-se uns aos outros dentro do mesmo ramo oco. — Um um por todos e todos por um — repetiam, metendo a mesma colher dentro da mesma caçarola cheia de guisado fumegante.

Quanto aos cães ... se havia algum que se atrevesse a atacar qualquer dos três raposinhos, os outros dois atiravam-se a ele e obrigavam-no a fugir.

Um dia foram sentar-se à borda do rio com três canas de pesca, três linhas, três anzóis e três minhocazinhas muito gordas ... pensando no peixe apetitoso que iriam dentro em breve fritar na frigideira.

Dali a pouco, um dos raposinhos apanhou uma truta. Uma truta minúscula. Depois, o segundo raposinho apanhou um solho. Um lindo solho que chegava para satisfazer o seu apetite.

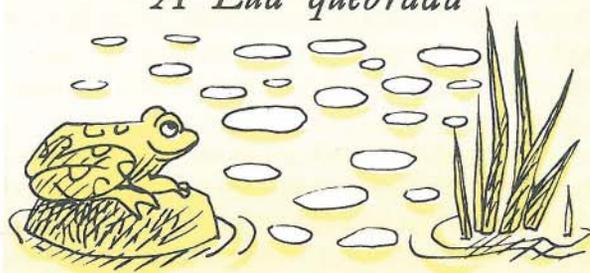
— Ai, meu Deus! — exclamou ele, metendo-o sorrateiramente debaixo do braço. — Já me ia esquecendo ... hoje faz anos a minha tia, e prometi lá ir ajudá-la a soprar as velas do bolo.

Ia já a afastar-se a trote, quando o terceiro raposinho apanhou um magnífico salmão, um salmão lindo, que chegava bem para satisfazer três grandes apetites.

— Ah! ... — disse o segundo raposinho. — Tenho a impressão de que me enganei, afinal. Talvez não seja hoje o dia dos anos da minha tia. E mesmo que seja, ela é suficientemente crescida para soprar as as velas sòzinha.

E, gritando «um por todos e todos por um», apressou-se a juntar cavacas e tronquinhos, depois a acender o lume, enquanto os amigos — sabendo perfeitamente que o raposinho não tinha nenhuma tia — riam à socapa e olhavam para ele, sem fazerem sequer menção de o ajudar.

## A Lua quebrada



**23 DE MAIO**

*Ontem eu vi (que coisa tão esquisita!)  
a Lua cheia branca tão bonita  
que boiava no lago  
(muito embora girasse nos espaços)  
quebrar-se em mil pedaços!  
Que foi? Que não seria?  
Era uma rã que mergulhava na água!  
Que mágoa,  
se a Lua se perdia! ...  
Felizmente a água serenou  
e a Lua toda inteirinha brilhou  
tal como dantes  
com brilho de diamantes!*

## Pobre senhor Pintarroxo!

24 DE MAIO

O pobre do senhor Pintarroxo ficou muito desapontado quando a esposa lhe mostrou os filhos minúsculos, magrinhos, e a piar, saídos dos seus lindos ovos azuis.

— Porque é que eles abrem tanto o bico? — gaguejou ele.

— Ora ... é porque têm fome! — respondeu a esposa. — Vai buscar-lhes de comer!

O pobre do senhor Pintarroxo obedeceu e dirigiu-se a um lugar pouco frequentado à procura de insectos ou bichinhos gordos. Apesar disso, encontrou uns amigos que lhe perguntaram se os pintarroxinhos já tinham saído da casca.

— Ainda não — declarou ele, apressadamente. — Completamente, não!

Aquilo continuou durante dias e dias. Por fim, o senhor Esquilo, o senhor Coelho, a senhora Pega anunciaram que os respectivos filhinhos tinham nascido e convidaram o senhor Pintarroxo a ir visitá-los.

Ao ver os esquilinos minúsculos, os coelhinhos magrizelas, as pegazinhas barulhentas, o senhor Pintarroxo mudou de opinião a propósito dos seus próprios filhos.

— Os meus filhos já saíram da casca! — disse ele, espetando o peitilho vermelho — Venham vê-los.

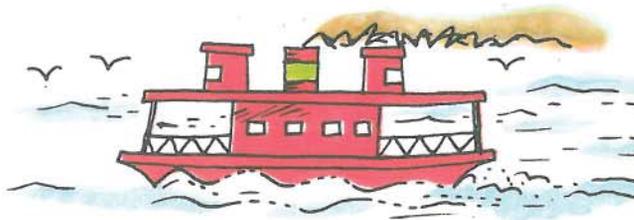
Como já tinham passado vários dias, os pintarroxinhos estavam gordos e redondinhos, com penas, e olhinhos vivos e espertos. Todos declararam que eram os «meninos» mais bonitos da vizinhança.

O pai encheu-se de vaidade.

Tinha um ar tão feliz que a esposa esqueceu a zanga e foi ela própria buscar o jantar.



## Os barcos



25 DE MAIO

*De todos os barcos  
que andam no mar,  
velozes, serenos,  
grandes ou pequenos,  
qual é o mais lindo?  
O rebocador?  
O navio de guerra?*



## A natação

26 DE MAIO

— Quero aprender a nadar! — gritava a Guilhermina. — Oh, que vontade eu tenho de aprender a nadar!

— Bom — disse a mãe. — Assenta as mãos na areia do fundo, e mexe os pés como se fosses uma rã.

Guilhermina não achou aquilo difícil. Os pés, faziam-na avançar e apoiava-se nas mãos ... o que se parecia bastante com nadar. Treinou-se durante muito tempo.

— Que faço depois? — perguntou no dia seguinte.

— Mexer os pés e as mãos como se fosses uma rã — disse-lhe o pai

Guilhermina experimentou. Mas aquilo era muito mais complicado. Por mais que repetisse o exercício várias vezes não conseguia mexer ao mesmo tempo os pés e as mãos.

— Vai um bocadinho para longe, Guilhermina — aconselhou a mãe. — E depois experimenta mexer as mãos como se fosses um cachorrinho a correr.

## Có-có-ró-có preguiçoso

27 DE MAIO

— Có-có-ró-có! — gritava um galinho muito alegre, saudando o nascer do sol.

— Tanto barulho para nada — cacarejaram as galinhas, atarefadas a pôr ovos nos seus ninheiros cheios de palha. — Olhem para aquele preguiçoso que nunca pôs um ovo na sua vida!

— Ah, não? — replicou o galinho. — Pois então fiquem sabendo que era capaz de pôr ovos se me apetecesse. E, se os pusesse, não haviam de ser ovos todos brancos, vulgares como os vossos. Seriam ovos do tamanho do sol e de todas as cores ... encarnados, verdes, amarelos, como as penas da minha cauda.

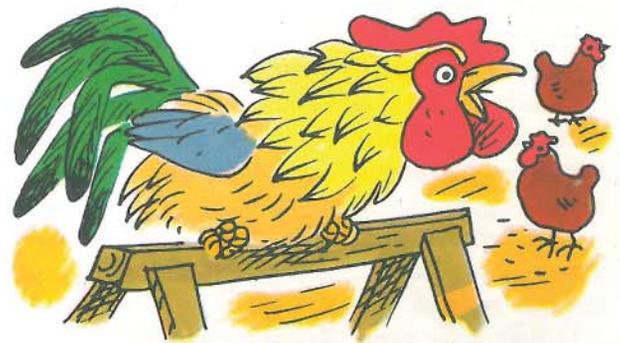
Respirou fundo para continuar a gabar-se, mas sem lhe dar tempo a abrir o bico uma galinha cacarejou:

— Então porque não os pões? Porquê? Porquê? Porquê?

— Porquê? — repetiu o galo. — Ora ... porque não me apetece, pronto. Os meus ovos haviam de ser de tal modo mais bonitos, que vocês até adoeciam de vergonha. Ora o meu papel é torná-las alegres e contentes.

As galinhas olharam umas para as outras sem saber muito bem se o que ele dizia era verdade ou não. Mas como nenhuma queria correr o risco de ficar vencida continuaram a pôr ovos com o mais humilde dos «cá-rá-cá-cá».

E o galinho, muito alegre, soltou um magnífico «có-có-ró-có» saudando o sol que, empoleirado no alto da montanha, parecia o ovo mais bonito que se possa imaginar.



*O grande vapor  
que de terra em terra  
leva passageiros?  
Os belos veleiros?  
Ou talvez aquele  
que te leve um dia  
pelo mar de prata  
para a Fantasia? ...*



Guilhermina foi então um bocadinho mais para longe.

Cem vezes experimentou mexer as mãos como se fosse um cachorrinho. Impossível!

Até que um belo dia, quando treinava, uma grande onda veio por cima dela. A água de repente ficou tão funda que as mãos de Guilhermina já não puderam tocar no chão. Era preciso fazer qualquer coisa. Sem saber bem como, mexeu as mãos e os pés ao mesmo tempo. Pronto! Nadava!

— Bravo, Guilhermina! — disse a mãe.

— Bravo, Guilhermina! — disse o pai, tirando-a de dentro de água e abraçando-a. — Já sabes nadar!

— Sim, já sei nadar! — exclamou Guilhermina. — Mas não fiz como as rãs nem como os cachorrinhos. Inventei uma maneira de nadar só minha. Não se parece com a de ninguém.

E deixando o pai, voltou para a água onde se pôs a nadar à sua maneira ... que não era a de mais ninguém.

## Coitadinha da aranha!

29 DE MAIO

Coitadinha da aranha! Teceu a teia na cozinha, e a cozinheira deitou-lha abaixo com um esfregão.

Teceu outra num cantinho da sala de visitas e a criada de fora escangalhou-a com o espador.

Dáí passou ao quarto dos meninos, ao quarto dos pais, ao quarto dos hóspedes. Os meninos e depois os pais reduziram-lha a pó. Quanto ao quarto dos hóspedes, a senhora de idade que lá dormia deu tais gritos ao vê-la que um criado veio a correr e furou a teia com a vassoura.



— Oh! — suspirou a pobrezinha da aranha. — Não me querem em parte nenhuma!

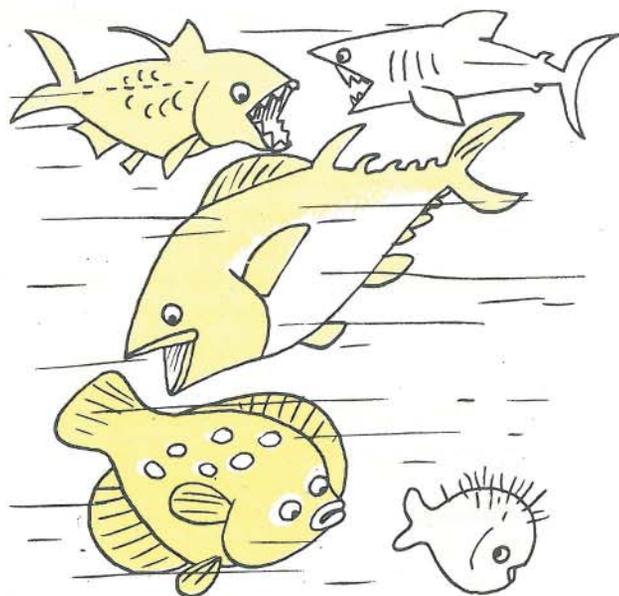
Muito triste, foi atrás do criado na esperança de poder apanhar ainda uma mosca muito gorda pegada nos fios da teia que tinham ficado agarrados à vassoura. E atrás dele foi ter ao pátio e depois à cavalaria.

Ali havia moscas por todo o lado. Os cavalos faziam o que podiam para as sacudir, agitando a cauda e batendo no chão com os cascos, porque as moscas incomodavam-nos muito.

Em dois minutos, a aranha teceu uma teia nova onde vieram cair duas moscas das mais atrevidas.

— Que maravilha! — exclamaram, encantados, os cavalos. — Esteja à sua vontade, minha senhora. Faça as teias que quiser.

— Combinado — respondeu a aranha, muito contente, sem saber bem o que lhe dava maior alegria: se a abundância de moscas se o amável convite dos cavalos. E ficou na cavalaria, onde ainda hoje mora.



## Cada vez maior!

28 DE MAIO

— Ah! Ah! peixinho-bóia — disse um esturjão. — Sou maior que tu e ainda ficarei maior quando te engolir!

E assim fez. Mas apareceu um atum que disse:

— Sou maior que tu. Sou mais comprido, mais forte e tenho excelente apetite ...

Dizendo isto, o atum engoliu o esturjão.

Apareceu um tarpão que deu uma reviravolta e declarou:

— Sou suficientemente grande para te comer, atunzinho, e ainda me sobre lugar para outro pateta da tua espécie ...

Hop! Hop! Hop! O atum desapareceu.

Surgiu então um tubarão que exclamou:

— Sou suficientemente grande para devorar dois tarpões. — E engoliu-o.

O tubarão afastou-se a rir, dando piruetas de satisfação. «Por maior que se seja — disse para consigo — parece-me que há sempre outro ainda maior.»

Não pensava dizer uma coisa tão certa. Aproximou-se um barco ... e um, dois, três ... era uma vez um tubarão.

O mar ficou vazio. Restava apenas um peixinho minúsculo, pouco maior do que uma vírgula.

## Na praia

30 DE MAIO

*Ontem fui à praia.  
Só lá estava o mar  
e conchas e búzios  
metidos na areia.  
Ah! mas hoje a praia  
como estava cheia!  
Tanta, tanta gente  
a torrar ao sol  
amarelo e quente!*



## Três índiozinhos

31 DE MAIO

Um índiozinho,  
dois índiozinhos,  
três índiozinhos passeavam na grande planície  
do Oeste, de penas na cabeça, fatos de pele de gamo  
e colares ao pescoço.

Tinham flechas aguçadas, arcos flexíveis e sólidos.

Iam à caça no bosque sempre que lhes apetecia.

Tinham pirogas em que remavam no rio com  
três pagaias (que são os remos), montavam pôneis  
em pêlo e gostavam imenso de dançar.

Iupi!

Iupi!

Iupi! Os três índiozinhos dançavam a bom dançar

ao som do tambor, e os seus pés eram tão leves que  
mal tocavam no chão.

Depois, fumavam o cachimbo da paz com os  
outros índios, à roda da fogueira. E iam deitar-se  
(à hora que queriam) numa tenda que se chamava  
*tipi*.

Bem quentinhos, embrulhados nos seus cober-  
tores de pele de urso, cantavam cantigas que sa-  
biam ... sobre a Lua e as estrelas ... o vento que  
sopra de noite até que ...

Um índiozinho,

dois índiozinhos,

três índiozinhos adormeciam aconchegados e  
deixavam de cantar as suas cantigas.





## O carteiro que tinha saudades

1 DE JUNHO

Era uma vez um carteiro que todos os dias metia cartas em trezentas caixas de correio. O que dava realmente muito trabalho! Mas as férias chegaram.

O carteiro pegou na mochila, saltou para a sua motoreta e partiu em viagem.

— Juro que não hei-de colar um único selo num único sobrescrito! — declarou ele, ao passar diante de todos os marcos de correio da aldeia.

Ao princípio tudo correu bem.

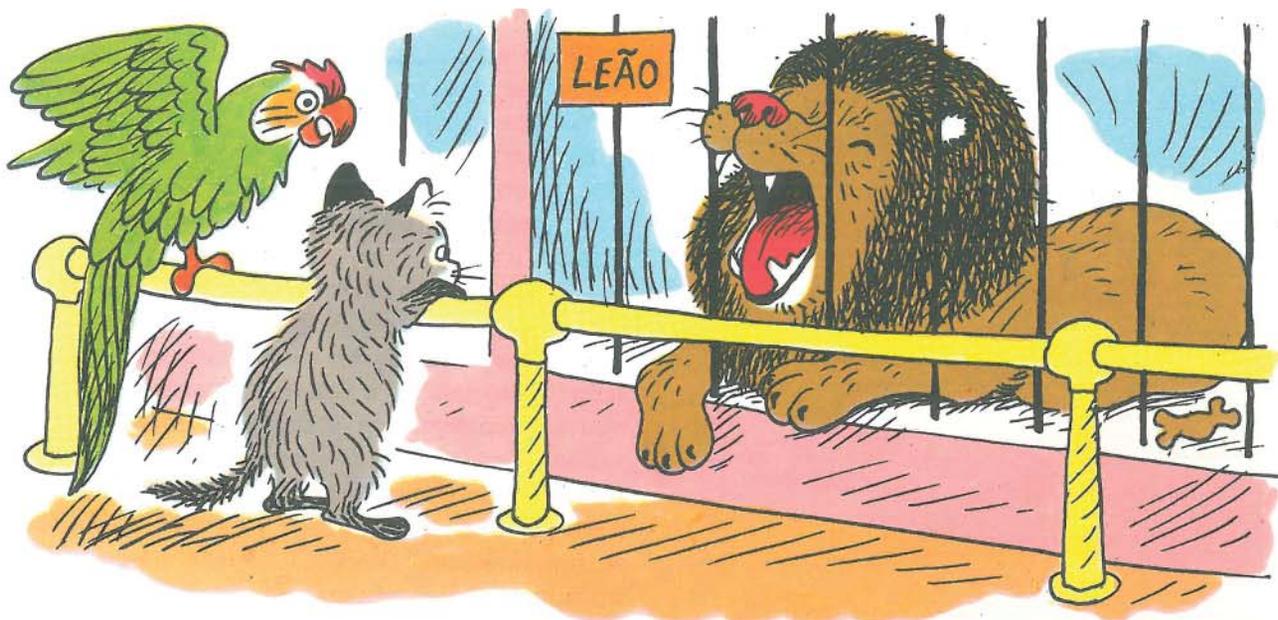
Depois, o carteiro começou a sentir saudades. Quanto mais marcos de correio via mais o coração se lhe apertava.

E, ao passar diante de uma estação de correios tão parecida com a sua como se fossem gêmeas, sentiu-se tão triste, tão isolado que esteve quase a arrear caminho e a desistir das férias.

Mas começou por entrar na estação para a visitar. Mal lhe chegou ao nariz aquele cheiro especial tão seu conhecido, rasgou-se-lhe a boca num largo sorriso. Dirigiu-se ao postigo mais próximo e comprou trezentos selos que colou em trezentos postais ilustrados. Em cada postal escreveu: «Viagem esplêndida. Seu amigo, o carteiro em férias.»

Depois disto, o carteiro que tinha saudades sentiu-se muito melhor. E logo que todos os postais foram enviados sentiu-se mesmo muito bem.

— Vão ficar admirados quando receberem notícias minhas! — disse ele, a pensar em todas as pessoas que no dia seguinte encontrariam na caixa de correio o postal do seu carteiro. E esta ideia causou-lhe tanta alegria que não hesitou um instante em montar outra vez na motoreta e seguir viagem.



## As desgraças de Ninete

2 DE JUNHO

— Anda! — disse a gata Ninete, abrindo a gaiola do papagaio Celestino. — Vai vuscar as tuas coisas. Vamos ao jardim zoológico.

— O que é o jardim zoológico? — perguntou Celestino.

Mas Ninete, em resposta, limitou-se a sorrir, e a acrescentar:

— Despacha-te.

Celestino despachou-se, Ninete também, e ambos partiram em direcção ao jardim zoológico.

Viram leões, tigres, girafas, um elefante quase do tamanho de uma casa, ursos, e uma foca que ladrava como um cão. Viram uma pantera negra, outra malhada, e grande quantidade de macacos. Depois, encontraram um corvo que deu os bons dias a Celestino e o convidou para almoçar.

Celestino interrogou Ninete com o olhar.

— Não te prendas por minha causa — disse esta; e voltou para casa sòzinha para comer qualquer coisa.

Mas não teve direito nem à mais pequena migalha.

— Acho que já tens a barriga cheia! — disse-lhe a dona, olhando de modo especial para a gaiola vazia de Celestino.

— Eu não o comi! — exclamou indignada, Ninete.

Mas não lhe serviu de nada. Ficou sem almoço, e à noite julgou que ia ficar também sem jantar. De repente, ouviu-se arranhar na porta. Era Celestino que queria entrar.

— Oh! Ninete! — suspirou a dona. — Enganei-me. Desculpa!

E deu-lhe os petiscos de que ela mais gostava.

Quando Celestino lhe confessou que apreciava muito mais a sua companhia do que a do corvo, Ninete sentiu-se completamente feliz.

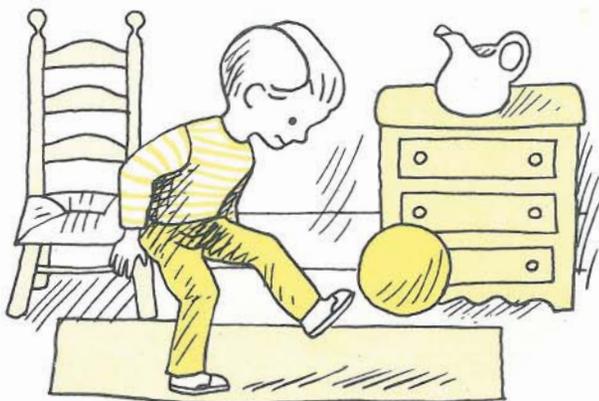


### As borboletas.

3 DE JUNHO

*Como é que a gente sabe  
se as borboletas belas,  
vermelhas, amarelas,  
não são flores a voar?*

*E as flores serão, talvez,  
borboletas cansadas  
que no jardim pousadas  
param a descansar ...*



## As formigas

### 4 DE JUNHO

De manhã, o Marcos ficava sempre sozinho.

Os irmãos todos estavam na escola. E os seus amigos crescidos tinham muito que fazer. Ao encontrarem o Marcos, davam-lhe os bons dias e deixavam-no logo.

— Para o ano, já vou para a escola também — dizia o Marcos.

Mas «para o ano» era dali a muito tempo, ainda.

Às quatro horas, era a altura em que os outros meninos voltavam para casa também. Por isso, o Marcos foi para a entrada da casa à procura de

qualquer coisa com que brincar. Só encontrou ali aquilo que era costume ver: a lenha para a lareira, folhas secas, um balde de ferro.

Nisto, reparou que uma das cavacas estava rachada. No interior dessa fenda, que fazia uma espécie de vale, caminhava um exército de formigas pretas luzidias.

— Bom dia. Fico muito satisfeito por as ver — disse o Marcos, pondo-se de gatas no chão.

As formigas acenaram com as cabeças, como a fazer compreender a Marcos que também elas estavam contentes por o conhecer. Marcos observou-as. Uma a uma desapareciam por debaixo da cavaca donde traziam pesados fardos. Ajudavam-se umas às outras. Afastavam-se para o lado, para não se incomodarem. Desciam, subiam, desciam, subiam, mas não se iam embora nunca.

O Marcos também não. O espectáculo daquelas formiguinhas prendia-lhe de tal maneira a atenção que, quando a mãe o chamou para almoçar, ficou pasmado.

A manhã já tinha passado! Depois do almoço era a hora da sesta. Depois, os seus amigos vinham brincar com ele.

— Adeus, formigas — disse, levantando-se de um salto. — Até amanhã.

As amigas formigas acenaram com a cabeça sem interromperem o seu constante cortejo. Mas tinham-no percebido muito bem porque no dia seguinte não faltaram ao encontro.



## O pintor

5 DE JUNHO

*Estou no jardim infantil  
e pinto quadros a cores  
com lápis e com pincéis,  
como fazem os pintores.*



*E com os dedos das mãos  
então que bem que se pinta!  
Fico todo besuntado.  
Até o nariz tem tinta.*



*Ora, não tem importância!  
Para que é que a água se fez?  
Lavo a cara, lavo as mãos  
e fico limpo outra vez.*

## Seis tamborzinhos

6 DE JUNHO

*Seis soldadinhos  
logo de manhã  
tocavam tambor.  
Rataplan-plan-plan.*

*Um bateu com força:  
furou o tambor!  
Um magoou o dedo  
e foi ao doutor.*

*Outro atrapalhou-se,  
perdeu o compasso.  
Outro demaiou  
com tanto cansaço.*

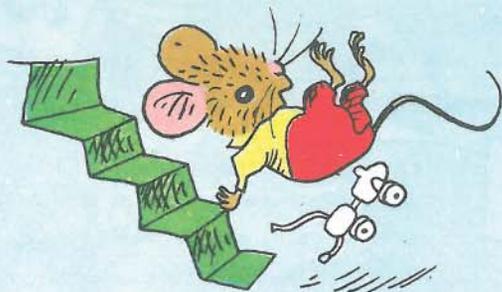
*O quinto caiu  
de nariz no chão.  
E só escapou um  
deste batalhão.*



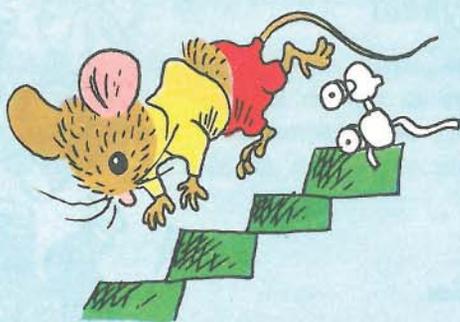
## Ratinho Tonto

7 DE JUNHO

O Ratinho Tonto  
nunca olha p'ró chão  
e a toda a hora  
dá um trambolhão.



No degrau da escada  
deixou um patim;  
pôs-lhe um pé em cima ...  
Pim, pim, catrapim!



Não será tolice  
i-lo colocar  
outra vez ali  
no mesmo lugar?



## A casa nova

8 DE JUNHO

O Pedro gostava da sua casa nova. O quarto dele, maior e mais bonito que o antigo, agradava-lhe muito. Sentia-se satisfeito por poder dispor de uma mata onde podia brincar, e de uma garagem. Também gostava muito dos vizinhos novos. Infelizmente, entre estes não havia um único menino da sua idade ... e isso é que o Pedro não apreciava nada.

Certo dia, estava ele a pensar no caso, quando apareceu no alto da colina um tractor puxando uma grande escavadora. A máquina ficou instalada nuns terrenos do outro lado da rua e principiou a abrir um grande buraco. O Pedro estava tão entretido a olhar que esqueceu tudo o mais. Nem sequer deu pela chegada de um automóvel, e menos ainda pela presença de alguém atrás de si.

De repente, essa pessoa perguntou:

— Vês aquela grande escavadora? Está a cavar os alicerces da minha casa!

Desta feita, o Pedro ouviu. Voltou-se para ver quem falava: era um rapazinho exactamente da sua altura!

— Que sorte — exclamou ele — a tua casa ficar mesmo em frente da minha! ... Podemos brincar juntos todos os dias.

— Sim — respondeu o rapazinho. — Estou muito contente com isso.

E os dois novos amigos, lado a lado, ficaram a ver a grande escavadora a fazer o buraco, pensando que, nestas condições, uma mudança era a coisa mais divertida do mundo.

# Perdido e achado

## 9 DE JUNHO

O velho cavalo da quinta estava todo vaidoso com o seu lindo chapéu de palha. Além de o abrigar da chuva e do sol dava-lhe também um ar extremamente elegante.

Mas, ai! Certo dia, o vento arrancou-lhe da cabeça o lindo chapéu de palha e levou-lho para longe. O cavalo velho andou quilômetros à procura dele.

Andou dias e dias. Por fim, de cabeça baixa, abandonou as buscas e retomou o caminho da cavalariça.

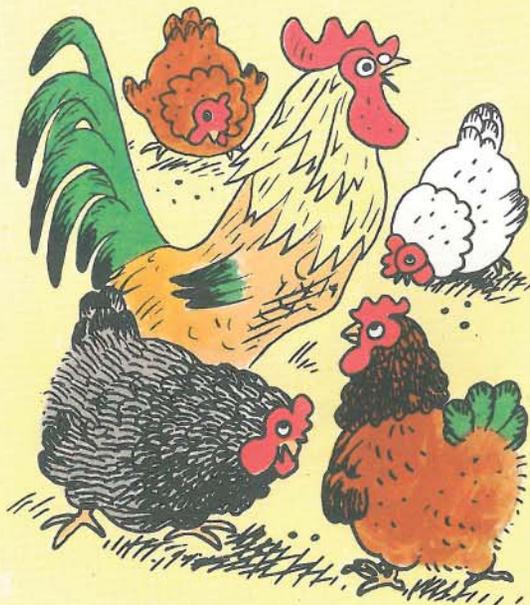
No momento em que entrava no pátio, a galinha pedrês saltava do ninheiro. Os seus pintainhos acabavam de nascer e ela ensinava-os a esgravatar no chão à procura de comida. Os recém-nascidos pareciam tão esfomeados que, súbitamente, o velho cavalo da quinta sentiu também a barriga vazia.

— Posso comer um bocadinho da sua palha? — perguntou ele timidamente.

— Sirva-se à sua vontade — respondeu a galinha. — Já não preciso do ninheiro porque os meus pintainhos já saíram da casca.

Então, o velho cavalo da quinta pôs-se a mordiscar a palha, e depois de mastigar os restos descobriu que a galinha tinha feito o ninheiro dentro do seu lindo chapéu!

Com um relincho de alegria, atirou-o ao ar, aparou-o com a cabeça e pôs-se a caracolar no pátio ... com um ar ao mesmo tempo muito feliz e extremamente elegante.



## O galo

### 10 DE JUNHO

*Eis Sua Excelência  
o senhor D. Galo!  
E as galinhas todas  
vão cumprimentá-lo.*

*Revirando o olho,  
sacudindo a crista,  
o galo vaidoso  
só quer meter vista.*

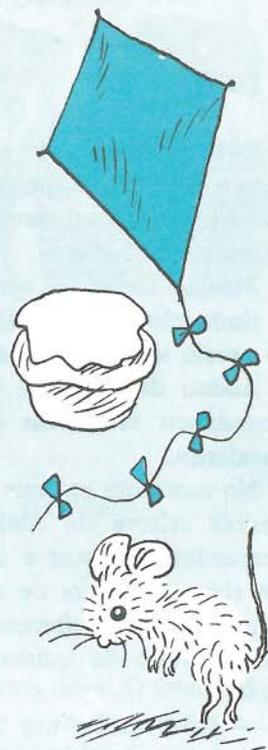
*Mas os franganotes  
fazem ar de gozo:  
não ligam nenhuma  
ao pretensioso.*

## Um tostão... Dois tostões...



### 11 DE JUNHO

- Se tivesses um tostão, que é que tu ias comprar?
- Como não tenho nenhum, vale a pena perguntar?
- Se tivesses dois tostões, ficarias satisfeito?
- Com certeza que ficava. Mas não tenho ... Nada feito.
- Se tivesses três? Ou dez? Ou vinte e cinco tostões?
- Olhe, dê-me cinco escudos, e eu vou comprar balões.



## A pequenina sombra cinzenta

### 12 DE JUNHO

Uma pequenina sombra cinzenta pulava por entre as fileiras de couves com tal agilidade que era realmente difícil reconhecê-la.

— Hum! — disse consigo o caseiro. — Talvez seja apenas uma nuvem a passar diante da Lua.

E foi deitar-se.

— Hum! — disse consigo uma raposinha magrizona. — Talvez seja apenas a sombra de um sonho!

E meteu-se na cama, também.

Mas, no dia seguinte pela manhã, quando a sombra do caseiro tapou o sol que batia nas fileiras de couves ... nas folhas maiores havia sinais de dentadas.

E quando a sombra da raposinha magrizona se desenhava no carreiro, viu sinais de patas pequeninas que iam sabe-se até lá onde.

Nessa noite o caseiro ficou sentado na horta, de espingarda entre os joelhos.

E a raposinha magrizona pôs-se também à espreita de saco às costas.

Mas nenhuma sombra pequenina e cinzenta passou aos pulinhos por entre as fileiras de couves. Talvez porque não houvesse lua. Talvez também por que lá no fundo da toca, um coelhinho rechonchudo sorria a sonhar com as lindas sombras redondas das couves em noite de lua cheia.



## A raposa esfomeada

### 13 DE JUNHO

— Oh, que fome eu tenho! — exclamou uma raposeca esfomeada, lambendo os beiços. — Nunca na minha vida senti um apetite assim!

E correu em direcção ao pátio da quinta, onde esperava ter um jantar preparado. Não tardou a descobrir um ninheiro cheio de ovos que dariam estupenda omeleta.

Mas a raposeca fez um ar desdenhoso.

— Uma omeleta não chega — declarou. — Tenho muita fome!

E continuou o seu caminho até que encontrou uma bela galinha gorda, que ficaria muito bem no meio de uma pratada de arroz.

Mas a galinha gorda não satisfazia a raposa esfomeada.

«Comia-a em duas dentadas», disse consigo; e dirigiu-se ao lago, onde dois cisnes deslizavam, aproximando-se da margem.

«Isto já é coisa melhor! — murmurou ela. — Dois cisnes assados com molho é exactamente o que preciso para o meu jantar.»

De mansinho, muito de mansinho, esgueirou-se por entre o canal à espera do instante em que os dois cisnes chegassem à margem. Então, saltou, ferozmente, pronta a deitar a unha a um e a outro.

Mas uma única raposeca, feroz ou mansa, não leva a melhor sobre dois grandes cisnes brancos! De pescoço esticado, batendo as asas, os cisnes perseguiram-na de bico aberto até ao alto da colina e até à entrada da mata.

A raposeca ficou tão satisfeita por se ver ao pé de casa que se enfiou pela cama abaixo sem perder tempo a lamentar o jantar.

«Já não tenho fome nenhuma — disse para consigo. — E quando me voltar o apetite, quer dizer, amanhã, contentar-me-ei com uma boa omeleta, porque os ovos, esses, ao menos, não correm atrás de mim.»



## O piquenique

14 DE JUNHO

Cláudio e Nina sentiam-se desapontados. Estava calor naquele dia e o pai tinha-lhes prometido levá-los a fazer um piquenique. Mas não podia cumprir a promessa porque tinha tido uma chamada.

— Que pena o pai ser médico! — exclamou Cláudio. — É sempre quando combinamos qualquer divertimento que o obrigam a sair.

— Não pensem mais nisso — aconselhou a mãe. — Talvez ele queira jogar com vocês quando voltar.

— Pois sim — disse Nina —, mas nessa altura são horas de nos irmos deitar.

Cláudio e Nina faziam sempre a sesta depois do almoço. Naquele dia a temperatura era tão elevada que ambos adormeceram profundamente. Quando acordaram a mãe disse-lhes:

— Vocês dormiram tanto que logo à noite podem ficar a pé até mais tarde que de costume.

— Viva! — gritaram os pequenos.

Ao voltar para casa, às oito horas, o pai admirou-se:

— Não estão ainda na cama, seus marotos?

— A mãe disse que tínhamos dormido muito de tarde e que podíamos jantar com as pessoas crescidas — gritaram Cláudio e Nina.

— Ah! — exclamou o pai. — Pois então, tenho uma ideia! Se fôssemos fazer um piquenique?

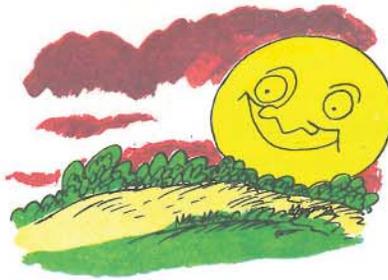
Os pequenos soltaram gritos de alegria. Pegaram no cesto e partiram ao escurecer. Era muito mais divertido que um passeio em pleno dia.

O pai fez uma fogueira, e cada qual assou batatas na cinza.

Noite fechada, as fagulhas do lume subiam a caminho das estrelas. Cláudio e Nina divertiram-se muito a trepar às árvores e a apanhar malmequeres às escuras.

— Não achas estupendo fazer um piquenique enquanto os outros meninos estão na cama? — perguntou Nina ao irmão.

— Acho! — respondeu Cláudio. — E afinal de contas estou contente por' o pai ser médico.



## O palhaço mais engraçado do Mundo

15 DE JUNHO

Era uma vez um circo tão engraçado e alegre que lhe tinham posto o nome de «O Melhor Espectáculo do Ano». O dono ficou tão vaidoso que quis imediatamente mandar imprimir cartazes novos onde este título figurasse em grandes letras vermelhas.

— Excelente ideia! — declarou o tipógrafo. — E se o senhor acrescentasse no cartaz o retrato do seu palhaço mais engraçado, com estas palavras «O Palhaço mais Engraçado do Mundo»?

— Seria maravilhoso! — exclamou o dono do circo, esfregando as mãos. — Infelizmente, não sei qual dos meus palhaços é o mais engraçado ...

E decidiu imediatamente resolver a questão.

Para isso, reuniu todos os palhaços e disse-lhes:

— Daqui por uma semana, resolverei qual é o mais engraçado, conforme o número de gargalhadas que cada qual conseguir arrancar ao público.



Assim que ele disse aquilo, cada um dos palhaços desejou sinceramente ser considerado «O Palhaço mais Engraçado do Mundo». E em vez de trabalharem juntos como dantes, foram trabalhar cada qual para seu lado.

Ao fim de uma semana, já nem se falavam... e, coisa curiosa, o público já não ria ao vê-los.

Os pobres palhaços estavam tristíssimos.

E o dono do circo, esse, arrancava os cabelos.

— Anulo o concurso! — anunciou ele, finalmente. — Não haverá nenhum retrato de palhaço no cartaz.

No entanto, antes mesmo de ter tempo de telefonar para o tipógrafo, a situação mudou de novo. Os palhaços voltaram a ser amigos. Recomeçaram a ajudar-se uns aos outros, a procurarem juntos anedotas novas, a divertirem-se uns com os outros.

Nessa noite os palhaços mostraram-se mais engraçados do que nunca. O público gostou tanto que o tipógrafo, quando o dono do circo lhe telefonou da estação dos correios, ouviu do outro lado do fio as gargalhadas.

— Pois muito bem! Muito bem! — disse ele. — Calculo que o senhor descobriu finalmente qual dos seus palhaços é o mais engraçado!

— Pelo contrário! — respondeu o dono do circo. — Eles nunca são tão engraçados como quando estão juntos. Portanto, aqui está o que você vai fazer: desenhará no cartaz o retrato de todos os meus palhacinhos e escreve por baixo: «Os Palhaços mais Engraçados do Mundo».

E apressou-se a regressar ao circo para anunciar aos seus palhacinhos tão engraçados que tinha resolvido finalmente o caso.

## A Lua é curiosa

## O relógio

16 DE JUNHO

Penso muita vez  
que a Lua é curiosa:  
acorda de noite  
para nos espreitar.  
Mas não ganha nada  
porque a essa hora  
está tudo a dormir  
e a risonar.  
E será talvez  
por essa razão  
que às vezes de dia  
ela nos espia,  
desbotada e fria?



17 DE JUNHO

Se o tic-tac escutava  
dantes, em pequenininho,  
batia palmas e ria  
porque eu imaginava  
que esse relógio que eu via  
tinha lá dentro um bichinho.  
Agora sei que não tem.  
O tic-tac é «bom-dia»  
ou «boa-noite» também.  
E quer dizer: «Vai-te embora»  
ou «Anda cá sem demora».  
Isto diz-me ele ao ouvido  
agora que sou crescido.



## O desfile do circo

18 DE JUNHO

Aí vêm os leões,  
camelos e o elefante,  
mais os ursos resmungões,  
o anão e o gigante!  
Vêm os malabaristas  
lançando bolas ao ar,  
e vêm os trapezistas  
que até parecem voar!  
O domador com o chicote  
e um grande chapéu alto;  
e os palhaços num virote,  
um deles a dar um salto!

Têm o nariz postiço,  
têm a cara pintalgada  
e fazem um reboliço  
seguidos pela petizada.  
— É o Melhor Circo do Mundo!  
Às crianças e aos soldados  
fazemos grande desconto!  
O espectáculo principia  
às nove horas em ponto!



## Miranda recorda-se

19 DE JUNHO

Quando o circo vinha instalar-se na cidade, o Rui estava sempre lá metido, porque lhe tinham confiado a tarefa de dar de beber aos elefantes. Não era coisa fácil para um rapaz da sua idade, mas gostava muito do trabalho. Entendia-se muito bem com os animais, principalmente com Miranda, a rainha dos elefantes, que se tornara muito sua amiga.

E, para mais, no momento em que o Rui se preparava para ir embora, o domador dos elefantes vinha sempre dizer-lhe: «Até para o ano, Rui», e pagava-lhe o ordenado: um bilhete para o Grande Espectáculo.

Mas um ano, quando o Rui se apresentou ao serviço, descobriu que o domador dos elefantes se tinha ido embora.

— Tenho muita pena, rapaz — disse-lhe o novo domador. — Eu não estava ao corrente, e já tinha contratado dois rapazes para trazer água aos animais.

Que desilusão para o Rui! Precisamente nessa altura, os seus sucessores chegavam, com os baldes vazios na mão. Eram muito mais altos que o Rui e não muito simpáticos.

— Arreda lá, miúdo — disse um deles, dando-lhe um encontrão.

Rui estava furioso. Mas a Miranda ficou duplamente furiosa. Gostava muito do pequeno e detes-

tava as pessoas más. Por isso, recusou-se a beber a água que lhe traziam os dois novos ajudantes. E até se pôs a bramir furiosamente.

Ora tudo quanto a Miranda fazia os outros elefantes faziam logo também. Soltaram bramidos medonhos e negaram-se a beber.

O domador apareceu a correr.

— Que aconteceu? O que é que não está bem, Miranda? — perguntou.

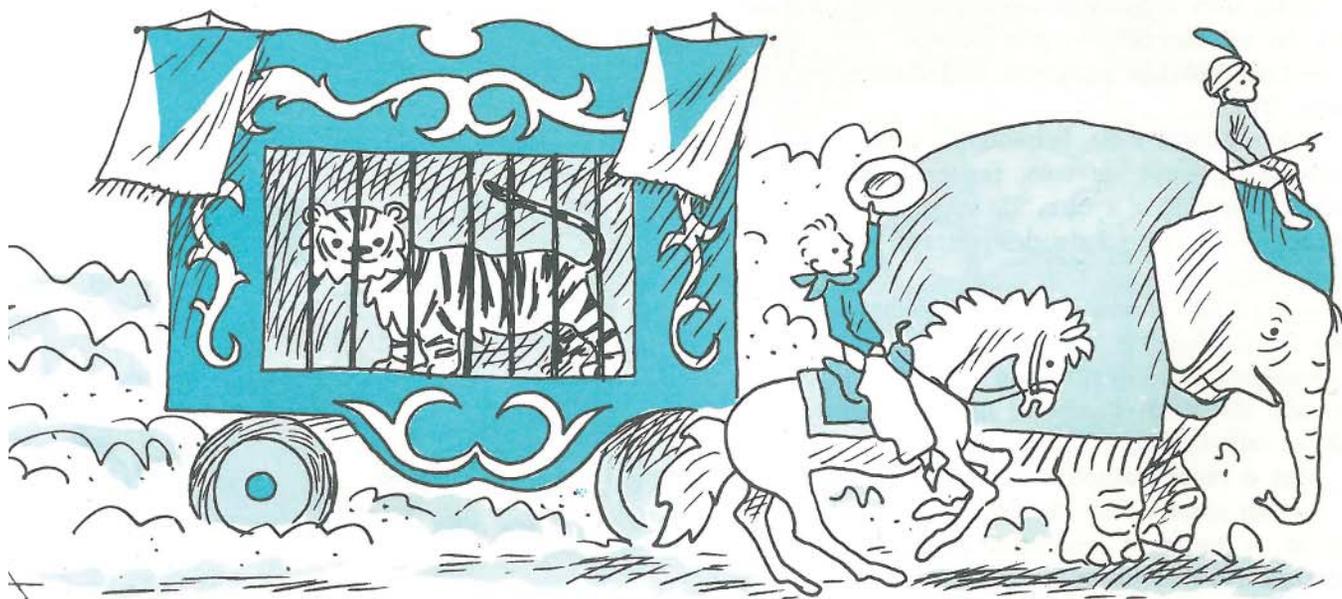
Miranda calou-se. Com a ponta da tromba indicou os dois novos ajudantes, depois soltou um ronco de desprezo. Em seguida virou-se para o Rui e puxou-o devagarinho para si.

— Compreendo! — exclamou o domador. — Pois bem, vocês dois podem procurar outro emprego. Dantes era o Rui quem trazia água para os elefantes ... e ao que parece a Miranda lembrou-se ...

Os dois rapazes altos não tinham vontade de discutir diante da Miranda.

Foram-se embora sem dizer palavra. Quanto ao Rui, apressou-se a ir buscar os baldes. Tinha de ir ainda a casa almoçar, e não queria faltar ao espectáculo da tarde!

Mas arranjou tempo para esfregar amigavelmente a cabeçorra de Miranda, como ela gostava que lhe fizessem, antes de ir buscar o ordenado: um bilhete para o espectáculo.





## Yuki II

20 DE JUNHO

Yuki perdera-se havia uma semana. A família do Jerónimo acabou por desistir das buscas.

Mas o Jerónimo, esse, não perdera a esperança.

«Tenho de o encontrar por força — disse de si para si, metendo-se pela mata dentro. — Talvez o Yuki se perdesse quando ia atrás de qualquer coelho. Talvez até tivesse caído nalguma armadilha.»

— Aqui, Yuki! — gritava ele com a voz a tremer. — Anda, Yuki! Anda!

Nisto, uma bolinha castanha com patas brancas e a dar ao rabo rebolou pelo carreiro.

— Oh, Yuki! — guinchou o Jerónimo. — Voltaste, Yuki!

Yuki atirou-se a ele, ladrando de contentamento. Jerónimo pegou-o ao colo, fez-lhe festas, e até o deixou lambe-lhe a cara. De repente, levantou a cabeça. De pé, ao lado dele, estava outro rapaz que disse:

— Bom dia. Estou a ver que conheces o meu cão Patorrinhas.

— Patorrinhas! — exclamou Jerónimo. — Este é o meu cão Yuki. Perdeu-se há uma semana e... ah, se calhar tu encontraste-o e tomaste conta dele.

Mas o rapaz abanou a cabeça, dizendo:

— Não senhor. Este cão deu-mo o meu tio João. E só o tornei a encontrar no princípio desta semana. Há dois meses que andava perdido.

— Aqui, Patorrinhas! — gritou ele. E Yuki correu na sua direcção.

— Aqui, Yuki! — gritou Jerónimo. E Yuki voltou para trás.

— Esta agora! — disse o outro rapaz. — Tenho a impressão de que ele é Yuki e Patorrinhas ao mesmo tempo. Já não sei o que hei-de fazer!

— Eu também não — disse Jerónimo. — Vamos perguntar ao meu pai.

O pai de Jerónimo ouviu a história do rapazinho. Viu o cão obedecer quando este gritou:

— Aqui, Patorrinhas!

— Tenho muita pena, Jerónimo — disse por fim —, mas a verdade é que o Yuki andava perdido quando veio ter a nossa casa. Pertence a este menino. Tens de lho entregar.

Os olhos de Jerónimo encheram-se de lágrimas. Mas fez que sim com a cabeça e disse:

— Acho que tem razão.

O outro rapazinho também não estava alegre.

— Agora vou-me embora. — disse ele. — Chamo-me Pedro. Havemos de nos tornar a ver, talvez.

Realmente alguns dias depois o Pedro veio visitar o Jerónimo.

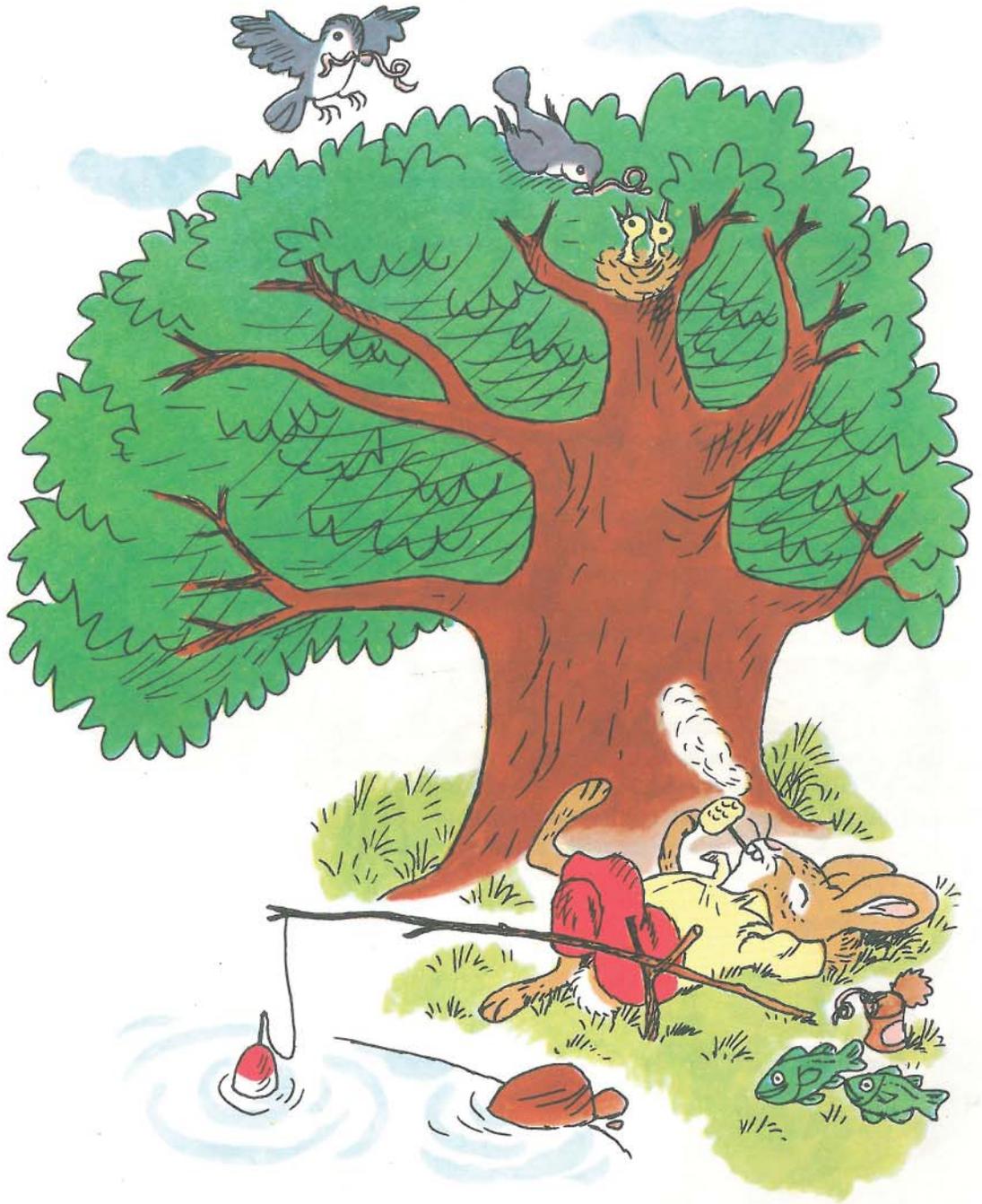
Trazia consigo um cão que não era Yuki, mas que se parecia extraordinariamente com ele, por causa do pêlo castanho, das patinhas brancas e do rabinho a dar a dar.

— É para ti, Jerónimo — disse o Pedro. — É o meu tio João quem to manda.

Jerónimo não foi capaz de pronunciar uma palavra. Sentou-se no chão e abraçou muito, muito, o cãozinho, ao qual pôs logo o nome de Yuki II.



# VERÃO





## O dia mais comprido



### 21 DE JUNHO

Tenho tempo de ir passear  
e de lanchar no pinhal  
pão com manteiga e cerejas  
que apanhei no meu quintal;

tenho tempo de ir à praia,  
de tomar banho e nadar,  
tempo para brincar na areia,  
pôr um barco a navegar ...

tempo para ler histórias  
neste livro divertido,  
porque hoje começa o Verão  
e é o dia mais comprido.

## A marmotazinha ajuizada



### 22 DE JUNHO

No fundo da sua casinha de pedra, uma marmota esfomeada tocava piano. À entrada da porta, um furão magro e manhoso esperava por ela, pronto a devorá-la assim que saísse.

A marmotazinha sabia isso muito bem, e para o arreliar pôs-se a tocar e a cantar: «Tens fome, furão!»

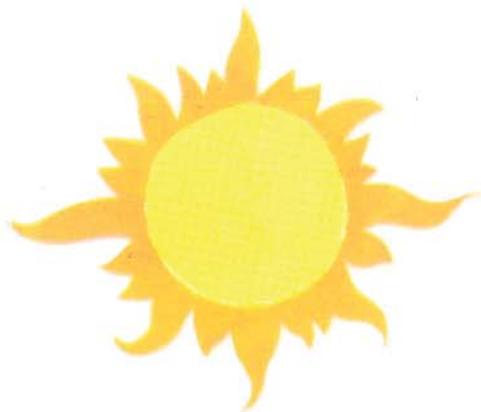
O furão fez de conta que estava muito satisfeito, e gritou:

— Que linda canção! Vem cantá-la comigo!

— Depois do almoço — respondeu a marmota. — Agora estou a preparar-te uma surpresa.



## Do outro lado



### 23 DE JUNHO

*Quando à noite estou deitado  
penso no que não sabia:  
que há terras do outro lado  
onde àquela hora é dia.*

*E enquanto eu adormeço  
debaixo do meu lençol,  
outros meninos como eu  
andam a brincar ao sol.*



## São João



### 24 DE JUNHO

*É noite de São João!  
Vou ver as marchas passar,  
e deito fogo de vistas,  
e hei-de a fogueira saltar.*

*Cheira a rua a manjerico,  
cantam grilos nas gaiolas,  
pus um balão na varanda  
e mais de dez bandeirolas.*

## Os cardos

### 25 DE JUNHO

A Ovelha Velha e a família eram muito cuidadosas com a sua pastagem. Aparavam a relva tão rente que parecia musgo, e apenas algumas pedras e alguns tufos de cardos quebravam aquela monotonia.

Lá por dentro, a Ovelha Velha gostaria bem de se ver também livre dos cardos. Mas estes picavam demasiadamente o céu da boca.

«No fim de contas, sempre são bonitos — pensou ela. — Muito bonitos. Deixo-os ficar.»

E como toda a família estava de acordo, orgulhava-se de que a sua pastagem tivesse tão bom aspecto.

Mas um belo dia, um burrinho que passava por ali reparou nos cardos. Tinha muita fome, e pensou que já se contentaria se os carneiros lhe dessem licença para os comer.

Portanto, afirmou que, segundo a sua opinião, a pastagem não estava nada bonita.

— Aqueles cardos dão-lhe um ar de desmazelo — acrescentou. — Se este prado fosse meu, deitava-os fora.

## O guarda-chuva mágico

26 DE JUNHO

Começava a chover. O senhor Pancrácio (que tinha sempre muito dinheiro na algibeira) correu à loja mais próxima para comprar um guarda-chuva.

— Que deseja? — perguntou-lhe o caixeiro. — Um guarda-chuva simples que o abrigue da chuva, ou um mais aperfeiçoado, com poderes mágicos?

Intrigado, o senhor Pancrácio escolheu este último.

Ao princípio, teve dificuldade em abrir o guarda-chuva.

Mas assim que o conseguiu abrir, o guarda-chuva começou a inchar como um balão e foi pelos ares, levando o senhor Pancrácio agarrado ao cabo.

— É maravilhoso — murmurou o senhor Pancrácio, passando diante das janelas dos escritórios, onde os empregados vestiam à pressa os impermeáveis e calçavam as galochás. — Nunca mais preciso de usar nem uma coisa nem outra.

Encantado, afagou o cabo do seu guarda-chuva, que imediatamente principiou a descer. Mas o Sr. Pancrácio não tocou no passeio molhado. Voou por cima dele à distância de alguns centímetros sem o mais pequeno esforço da sua parte. E deixou-se levar, pensando no espanto da senhora Pancrácia quando lhe ralhasse, como era costume, por ter os pés molhados, e ao olhar para eles os visse completamente enxutos.

— Pois então, deite-os! — respondeu furiosa a Ovelha Velha, abrindo a cancela da vedação.

— É para já! — gritou o burrinho. Correu direito a eles e deu-lhes uma grande dentada. Foi uma dentada grande de mais!

— Ui! Ui — resmungou ele, cuspendo. — Picam! Não prestam!

Quis ir-se embora, mas a Ovelha Velha não consentiu.

— Vamos, vamos, continue! Deite fora os cardos! — disse ela.

— Não, não — disse o burrinho, recuando. — Mudei de opinião. Estes cardos ficam muito bem na sua pastagem. É uma pena comê-los.

— É exactamente o que eu acho — declarou a Ovelha Velha, já mais branda.

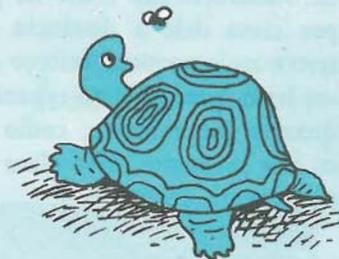
O burrinho nunca mais se esqueceu daquela dentada nos cardos. Daí em diante não deixou escapar uma ocasião de lhes gabar a beleza. E a Ovelha Velha, muito contente, impava de orgulho.



## O viajante

27 DE JUNHO

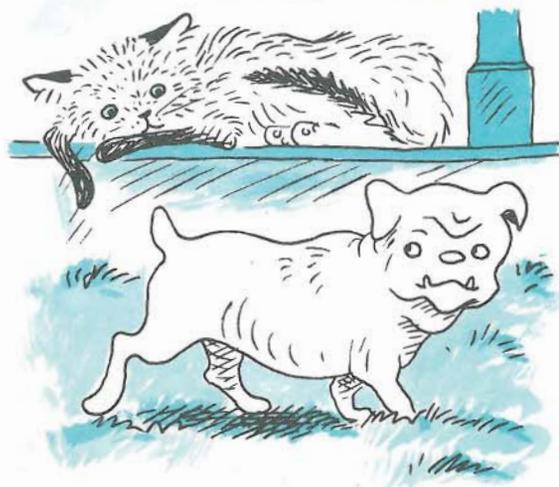
Uma tartaruga  
muito vagarosa  
anda de viagem.  
Sempre cautelosa  
segue pela margem  
avançando um passo  
lá de espaço a espaço.  
Papa moscas tontas,  
um mosquito fino,  
e no fim de contas  
chega ao seu destino.



## No jardim

28 DE JUNHO

Leva uma hora a formiga  
a subir pela roseira;  
a abelha sente fadiga  
a voar à sua beira;  
até mesmo o gafanhoto  
leva seu tempo a trepar,  
ainda que não pareça.  
Mas para eu cheirar a rosa  
basta inclinar a cabeça.



## O velho Tareco

29 DE JUNHO

Em novo, o velho Tareco tinha por várias vezes ajustado contas com os cães. Quantos não havia ele obrigado a fugir, bastando-lhe apenas arquear o dorso, com os olhos a chispar lume, e bufando? E quantos deles se tinham esfaldado, aos pulos diante de uma árvore, do cimo da qual o velho Tareco os fitava desdenhosamente?

Antigamente, nunca um cão se teria atrevido a aproximar-se do velho Tareco, que, quando se zangava, mais parecia um tigre que um gato.

Agora, o Tareco estava velho. Estava demasiadamente cansado para arranhar, para arquear o lombo, para cuspir para cima dos cães, e demasiado velho e vagaroso para trepar a uma árvore, de um pulo, sob os olhares despeitados de um cachorrinho ágil.

Mas o velho Tareco não sabia. Ficava sentado ao sol nos degraus da entrada, resmungando com voz grossa:

— Desgraçado do cão que se atreva a aproximar-se de mim! Hei-de mostrar-lhe que é preciso cautela com o velho Tareco.

A cauda agitava-se furiosamente, os olhos diminuíam, reduziam-se a duas luzes verdes, e rosnava como um autêntico tigre.

Então os cães, novos e velhos, passavam em bicos de pés diante dos degraus.

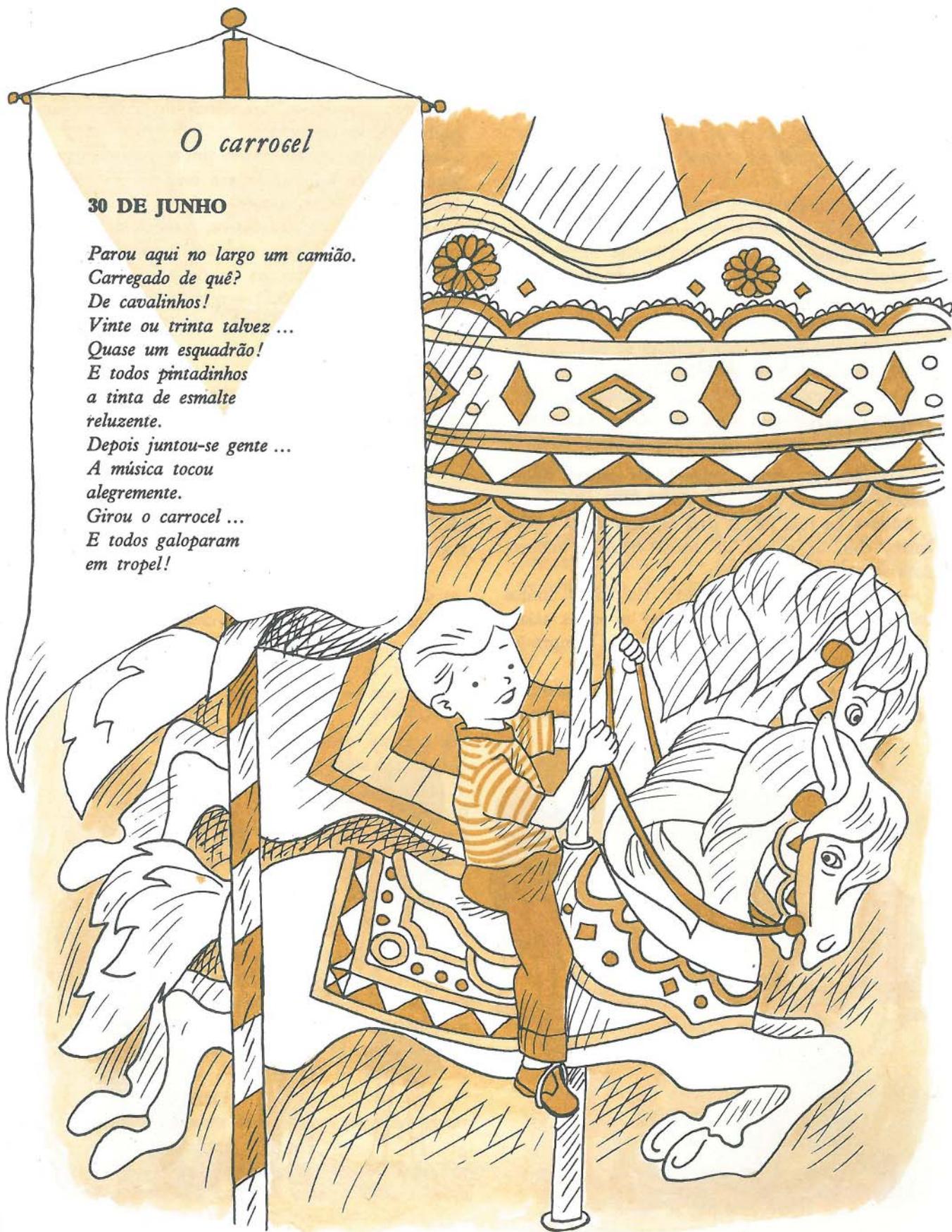
Os velhos lembravam-se muito bem desses tempos heróicos, e os novos, ouvindo os seus roncoss ferozes, diziam:

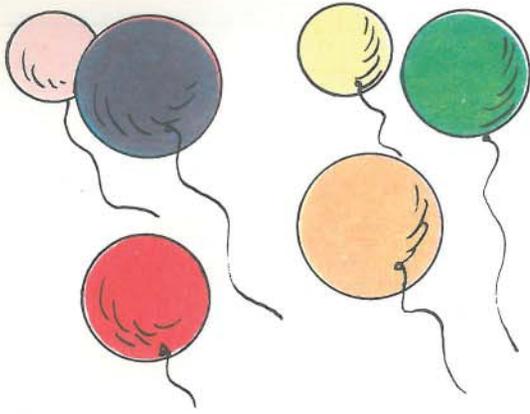
— Cautela com o velho Tareco!

## O carrossel

30 DE JUNHO

*Parou aqui no largo um camião.  
Carregado de quê?  
De cavalinhos!  
Vinte ou trinta talvez ...  
Quase um esquadrão!  
E todos pintadinhos  
a tinta de esmalte  
reluzente.  
Depois juntou-se gente ...  
A música tocou  
alegremente.  
Girou o carrossel ...  
E todos galoparam  
em tropel!*





## Os balões

### 1 DE JULHO

— Vejam os meus balões! Os meus lindos balões! — gritava o homem dos balões.

Andava na rua, de cá para lá, para cima e para baixo, com os balões de cores vivas ao ombro, uma sacola no outro braço.

— Vejam os meus balões! Os meus lindos balões! — gritava ele, e de todas as casas saíam meninos e meninas que corriam a comprá-los conforme as suas cores preferidas.

Então, os balões encarnados, azuis, amarelos, verdes ou roxos deixavam o ombro do vendedor

e vinham flutuar por cima da cabeça daqueles que os tinham comprado.

Alguns deles rebentavam, pum!, ao fim de um ou dois minutos; outros duravam a tarde inteira. Uns iam prender-se nos ramos de uma aveleira, outros caíam no regato.

Mas à noite já não restava um só balão em parte alguma. Excepto, é claro, em casa do homem dos balões, que tinha montes deles.

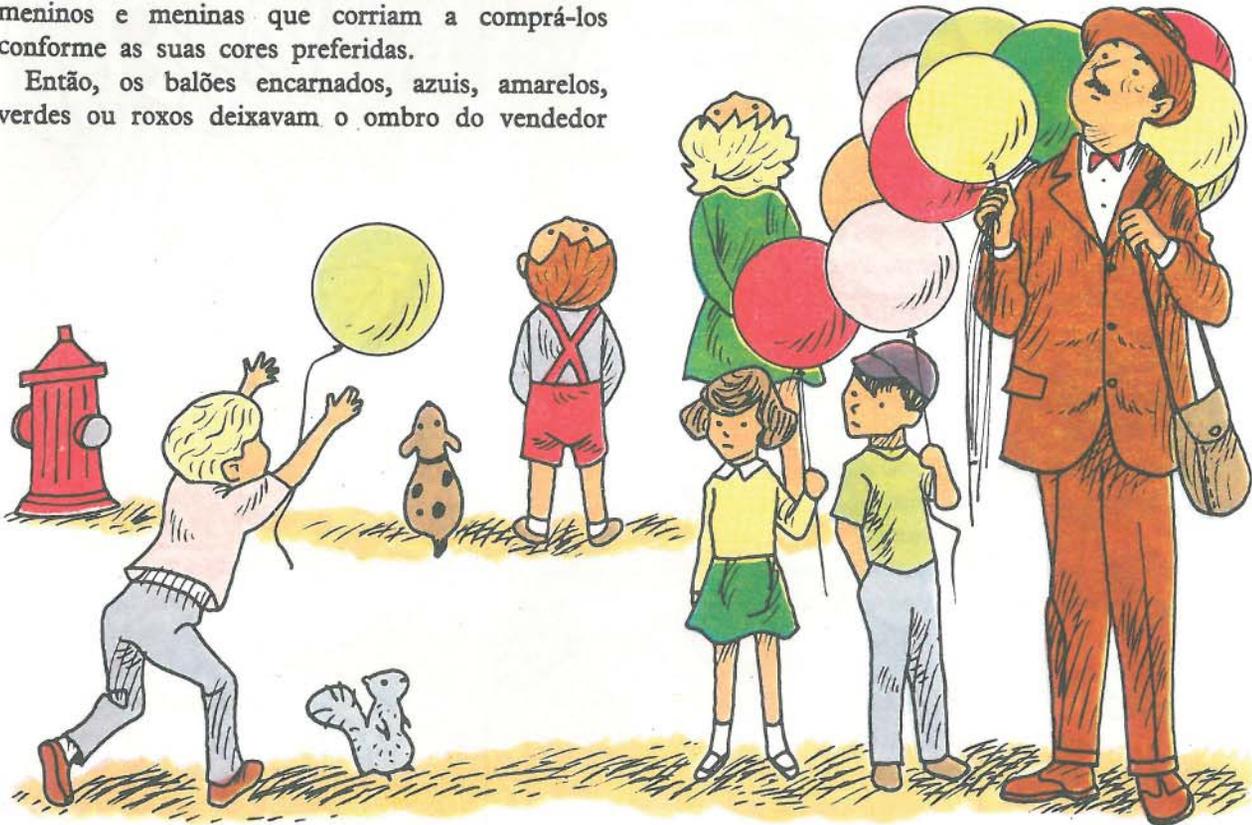
Depois do jantar, enchia-os, prendia-os na ponta de um cordel, ligava-os uns aos outros e atava-os a uma cadeira antes de se deitar.

«Que lindos balões! — pensava ele enquanto não adormecia. — Amanhã, vou vender mais do que nunca...»

Não se enganava.

Porque, nas suas caminhas, todos os meninos e meninas sonhavam também com balões: balões encarnados, azuis, amarelos, verdes e roxos.

E todos pensavam que os balões que iam comprar no dia seguinte haviam de durar muito mais tempo que os da véspera.





## O segredo da raposa

2 DE JULHO

Desde o princípio da semana antes do dia dos anos do urso que a raposa ruiva se comportava de um modo estranho.

Negava-se a ir à pesca com o seu amigo rato-lavadeiro. Não queria ir chapinhar na água com o urso. Nem sequer lhes abriu a porta quando vieram lembrar-lhe a festa que se realizaria no dia dos anos do urso. Entreabriu-a apenas, gritando:

Vão-se embora os dois! Vão-se embora já!

— Parece-me que a raposa já não gosta de nós ... — suspirou o urso na manhã do dia dos seus anos.

— Eu cá penso que ela está doente — disse o rato-lavadeiro. — Talvez tenha dores de cabeça ou dores de dentes que a ponham de mau humor.

— Oh! — exclamou o urso. — Pois então nesse caso vamos arranjar qualquer coisa que lhe dê gosto.

Correu a casa e trouxe um boião de doce de groselha, que é delicioso com pão. E o rato-lavadeiro, esse, apanhou um raminho de flores campestres que alegam tanto o quarto de um doente. Em seguida, apresentaram-se à porta da raposa e perguntaram:

— Podemos entrar?

Ninguém respondeu. Nem sequer para lhes gritar que se fossem embora.

Mas bruscamente a porta abriu-se, mostrando a senhora raposa em carne e osso ... com aspecto de quem vendia saúde.

— Entrem! — disse ela. — Entrem depressa! Estou ansiosa por lhes mostrar ...

Assim que os dois amigos entraram viram mesmo ao meio da sala uma esplêndida cana de pesca da ponta da qual pendia uma lindíssima linha amarela e encarnada; ao lado havia uma caixa de moscas fingidas e em cima desta um bilhete: «Muitos parabéns.»

— Oh! — exclamaram ao mesmo tempo o urso e o rato-lavadeiro. — Era então por isso que tu não tinhas tempo para andar connosco!

— Pois era — respondeu a raposa. — Tudo isto leva tempo a fazer, sabem. E eu não podia deixá-los entrar porque senão vocês percebiam tudo. Havia bocadinhos de madeira e de cordel por todo o lado. E agora — acrescentou ela, pegando na sua própria cana de pesca, e depois noutra, destinada ao rato-lavadeiro — se fôssemos pescar uma ou duas trutas? Parece que temos tempo até à hora do lanche.

— Que bela ideia! — exclamou o urso, ansioso por estrear a cana de pesca nova.

E os três amigos lá foram, de braço dado ... tão contentes como antes de a raposa se comportar de um modo tão estranho.





## O detective Daniel

### 3 DE JULHO

— Oh, Daniel — gemeu a Anita —, perdi a minha boneca! Tinha-a deixado no parque e esqueci-me dela. Estava no carrinho. Agora, desapareceu ...

Daniel ia quase a dizer: «Foste uma palerma!», mas a irmã parecia tão aflita que se conteve.

— Anda! — disse ele. — Mostra-me o sítio onde a deixaste. Vou fazer um inquérito.

Depois de Anita lhe ter mostrado o sítio exacto onde deixara o carrinho, observou o terreno com muita atenção à procura de uma pista. Felizmente, depois de uma chuvada o chão estava húmido, e o rasto via-se nitidamente.

Atravessava o parque, seguia pelo passeio e continuava até ao jardim da casa nova, à esquina da rua.

«É esquisito — pensou o Daniel. — Julgava que ninguém morasse aqui...»

Enganava-se. Desde essa manhã, havia gente naquela casa. As janelas estavam abertas, na garagem via-se um carro, e ouviam-se vozes lá dentro.

Daniel e Anita aproximaram-se da vedação: no jardim uma menina pouco mais ou menos da idade da Anita embalava uma boneca num carrinho.

Não! Duas bonecas em dois carrinhos!

— A da direita é a minha! — exclamou Anita. — Oh, Daniel, és um detective formidável! Encontraste-a!

Dois minutos depois, Anita, dentro do jardim, pegava na sua boneca ao colo, com ar de quem nunca mais se esqueceria dela. E a outra menina parecia tão satisfeita, ao mesmo tempo por se ver livre de uma das suas filhas e por ter encontrado uma companheira para brincar, que Daniel voltou para casa.

«Já não precisam de detective», pensou ele, sorrindo.

Mas felicitou-se por estar livre na altura em que a sua presença e as suas qualidades de detective tinham sido necessárias.

# A parada dos bombeiros

## 4 DE JULHO

O António morava numa cidade onde todos os anos havia uma parada de bombeiros. A parada só começava às duas horas da tarde, mas o movimento principiava muito antes.

Motociclistas atravessavam a cidade a regular o trânsito e a receber as delegações visitantes. Por toda a parte se viam enormes carros escarlates. E era uma verdadeira vaga de camionetas que transportavam bombeiros ou músicos.

Ao levantar-se pela manhã, o António tinha sempre a impressão de que as duas horas nunca mais chegavam.

Mas ainda a tarde mal principiava e já a mãe e ele desciam ao largo e esperavam impacientemente a famosa parada.

— Façam favor de recuar! Façam favor de recuar! — gritavam os polícias, apitando e agitando os *casse-têtes* brancos.

— Balões! Capacetes de bombeiro! Emblemas para recordações! — berravam os vendedores ambulantes.

E as buzinas roncavam, a multidão conversava e ria, as bandeiras agitavam-se ao vento, os balões fugiam pelo ar leve.

O António, esse, nunca largava o seu balão. Segurava-o firmemente na mão.

E, precisamente no instante em que começava a dizer lá consigo que naquele ano qualquer coisa não corria tão bem, que se tinham enganado no sítio ou que a parada virara à direita em vez de virar à esquerda, ouvia as buzinas e os tambores e via a primeira bandeira desembocar no largo.

A parada chegava finalmente ...

E que parada!

Tambores-mores que, com as suas maças, faziam uma série de habilidades complicadas, músicos de farda rutilante, batalhões de bombeiros de luva branca, carros, viaturas de toda a espécie, não faltando as grandes escadas, etc.

Havia até um palhaço mascarado de bombeiro que se berrava com a mangueira, e que era de morrer a rir.

Quanto aos bombeiros verdadeiros, quando o António e os outros meninos lhes gritavam: «Toquem as sereias!», eles não se faziam rogados.

«Piiiiii!», guinchavam as sereias; instrumentos de cobre e tambores rivalizavam em brilho, os cães ladravam freneticamente e a multidão aplaudia com tal entusiasmo que a cidade inteira parecia afogada em barulho. Por fim, instrumentos de cobre e tambores calavam-se no momento em que a última fila de bombeiros dobrava a esquina. Em seguida, os músicos voltavam a tocar e a música ia perdendo a força à medida que se fastava.

— Acabou a parada, António — disse a mãe, apertando-lhe suavemente a mão para o despertar. — São horas de jantar.

— Sim — murmurou o António, muito contente, a pensar no belo jantar que o esperava e mais contente ainda ao pensar que para o ano haveria parada outra vez.





## A família dos ursos faz um piquenique

5 DE JULHO

— Está um tempo ideal para um piquenique — disse o senhor Urso à mulher. — Se nos arranjasses um cesto com o almoço!...

— Excelente ideia! — respondeu a senhora Ursa rebuscando na despensa à procura de qualquer coisa com que pudesse fazer um almoço apetitoso. — Desta vez espero que não sejam tão complicado quando se tratar de escolher o sítio onde nos havemos de instalar, e que não acabemos por nos contentar, à falta de melhor, com o primeiro campo que nos aparecer ...

— Pois então — disse o senhor Urso — desta vez serás tu quem escolhe o sítio para o piquenique; está combinado?

— Está combinado — disse a senhora Ursa, sorrindo.

Tudo parecia correr o melhor possível. Mas quando o senhor Urso, a senhora Ursa e os dois

ursinhos chegaram ao bosque, cada qual compreendeu bem depressa que estavam longe de se poder instalar. Aqui, a senhora Ursa achava que havia sombra demais; ali, muito sol. Neste campo faltavam flores campestres. E quando descobriram uma clareira que parecia absolutamente ideal, a senhora Ursa exclamou:

— Oh! Mas não há regato! Podemos com certeza descobrir um sítio melhor!

Eram horas de almoço e todos tinham fome. A senhora Ursa nunca mais se decidia.

— Estamos cheios de fome! — lamuriavam os dois ursinhos. — Mãe, despache-se, faça favor.

— Sim — apoiava o senhor Urso —, despacha-te. Este cesto cada vez pesa mais.

— Bem — disse a senhora Ursa com um sorriso meigo — viremos no próximo carreiro. Aí é que nos vamos instalar.



Meteram pelo caminho indicado e, oh que surpresa!..., acharam-se dentro do seu próprio jardim!

Os dois ursinhos estavam de tal maneira espantados que não conseguiram pronunciar uma palavra, mas o senhor Urso apressou-se a pousar o cesto no chão.

— Nunca vi um sítio tão agradável para fazer um piquenique! — declarou logo. — Há cadeiras, uma mesa, um regato, uma quantidade de lindas flores para admirar ... Realmente, acho que devíamos almoçar aqui todos os dias durante o Verão.

— Também somos da mesma opinião — acrescentaram os ursinhos cheios de fome. — E se principiássemos já?

— Concordo — disse a senhora Ursa, que continuava a sorrir; e abriu o cesto, donde saía um cheirinho delicioso.

## O escorrega

6 DE JULHO

*Tic-tic-tic,  
trepo até ao topo,  
zzzzzi, a escorregar,  
os calções não poupo.*

*Lá torno a subir.  
De novo escorrego ...  
Ai, se no caminho  
encontro algum prego!*



## Sete marujinhos

7 DE JULHO

*Sete marujinhos  
do País dos Ratos  
buscam uma ilha  
que não tenha gatos.*

*— Terra! Terra à vista! —  
gritou o arrais;  
e o navio navega  
direitinho ao cais.*

*Mas que vêem eles?  
Um gato maltês  
que engolia os sete  
todos de uma vez!*

*Fogem os ratinhos  
para o alto mar.  
Onde é que afinal  
vão desembarcar?*



## A horta desarrumada



### A menina do meio

#### 8 DE JULHO

A Cristina era a menina do meio.

Não era a mais velha como a Domingas, que ia à escola, que atravessava a rua sòzinha para ir brincar com as amigas, que sabia ler e que era a última a deitar-se.

Também não era a mais nova como a Aninhas. Quando a Aninhas queria uma coisa punha-se a chorar e davam-lha. Quando se portava mal à mesa, a mãe pegava-lhe ao colo muitíssimas vezes e o pai brincava com ela às cavalitas.

Não. A Cristina era a menina do meio. Crescida de mais para se portar como a Aninhas ... pequena de mais para ter o direito de fazer tudo quanto a Domingas fazia.

Mas a Cristina fazia outras coisas. Era ela quem empurrava o carrinho quando a mãe levava a Aninhas a passear. Era ela quem brincava com a areia e quem preparava o almoço do cão quando a mãe tinha muito que fazer.

Era ela ainda quem merecia os parabéns quando se vestia sòzinha, ela a quem a mãe contava histórias, ela com quem o pai brincava à noite, enquanto a Domingas fazia os trabalhos da escola e a Aninhas dormia.

Tudo aquilo era só para a Cristina.

Não era para a Aninhas, que era muito pequenina.

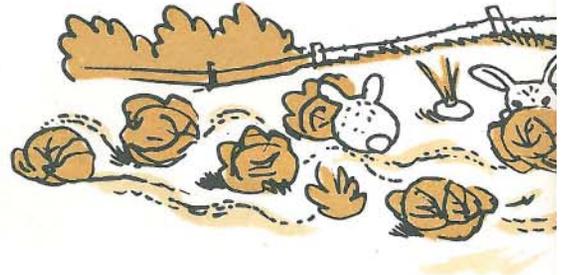
Não era para a Domingas, que era muito crescida.

Não; tudo aquilo era só para a Cristina, a menina do meio.

#### 9 DE JULHO

Quando plantara legumes na horta, no mês de Abril, o pai tinha-os disposto em filas direitinhas, separadas por intervalos iguais. No fim de cada fila, tinha espetado um pauzinho com um letreiro no qual estava escrito o nome de cada planta.

O Jerónimo observara com muita atenção tudo quanto o pai fizera e procurara imitá-lo. Mas, coitado!, apesar dos seus esforços não conseguira alinhar perfeitamente as filas.



Além disso, o vento tinha espalhado as sementes. Agora, portanto, encontravam-se rabanetes no meio do feijão, e cenouras onde devia haver cebolas. E as sementes dos amores-perfeitos e das violetas, que deviam formar uma bordadura, estavam espalhadas por todo o lado.

Que horta tão desarrumada! Mesmo que quisesse, o Jerónimo não sabia onde pôr os letreiros.

Mas, durante a Primavera e o Verão, as sementes das duas hortas cresceram sob os cuidados atentos do Jerónimo e do pai. Quando chegou o mês de Julho, os legumes semeados pelo pai estavam fortes e crescidos e cada qual no respectivo lugar.

Quanto aos do Jerónimo, estavam também fortes. E que coisa extraordinária, mesmo sem letreiro tinham nascido todos como era de esperar!

## O tempo das cerejas

10 DE JULHO

*Nos ramos da cerejeira  
há mil cerejas vermelhas.  
Com elas posso fazer  
brincos para as minhas orelhas.*

*As orelhas são só duas  
e as cerejas muito mais ...  
Inda sobejam p'ra mim,  
para ti e para os pardais!*



Jerónimo achou aquilo tão extraordinário que trepou a uma árvore para melhor admirar a sua hortazinha desarrumada. E as visitas, essas, não lhe regatearam elogios.



## Luzes na escuridão

11 DE JULHO

Certa noite, um gatinho preto foi passear sozinho pela primeira vez. Cheirou o perfume daquela noite de Verão. Escutou os ruídos da noite. Foi mirar-se num pequeno charco negro e viu duas luzes redondas e brilhantes a fitarem-no.

— Que é aquilo? — exclamou, dando um salto para trás.

Depois, voltou a olhar, e reparou que as duas luzes eram os seus olhos redondos a cintilar na escuridão.

— Era eu, afinal! — exclamou, rindo. E lançou um olhar de desafio à noite cerrada.

Nesse momento, viu à sua volta, na relva, por entre as moitas, dezenas e dezenas de luzinhas que brilhavam e piscavam no escuro.

Que seria? Pirlampos pequeninos ... mas o gatinho preto não sabia.

Porém, não fazia tenção de se deixar assustar outra vez. Ah, não!

Portanto, disse para consigo: «É simplesmente uma data de gatinhos pretos com olhos brilhantes, como os meus.»

E o gatinho preto sentiu-se tão valente, tão importante, que trepou à árvore mais próxima para ver o que havia no meio da escuridão da noite. Lá de cima, avistou uma luz redonda, muito grande, que brilhava por cima do monte.

Era a Lua ... mas o gatinho não sabia.

E não perdeu tempo a fazer perguntas.

— É um grande gato preto — disse ele. — Um gato preto muito grande..., mas não gosto nada do modo como ele olha para mim com aquele grande olho a luzir.

Então, saltou da árvore, deitou a correr pela relva escura e galopou pelo carreiro fora.

Meio minuto depois, arranhava à porta de casa!

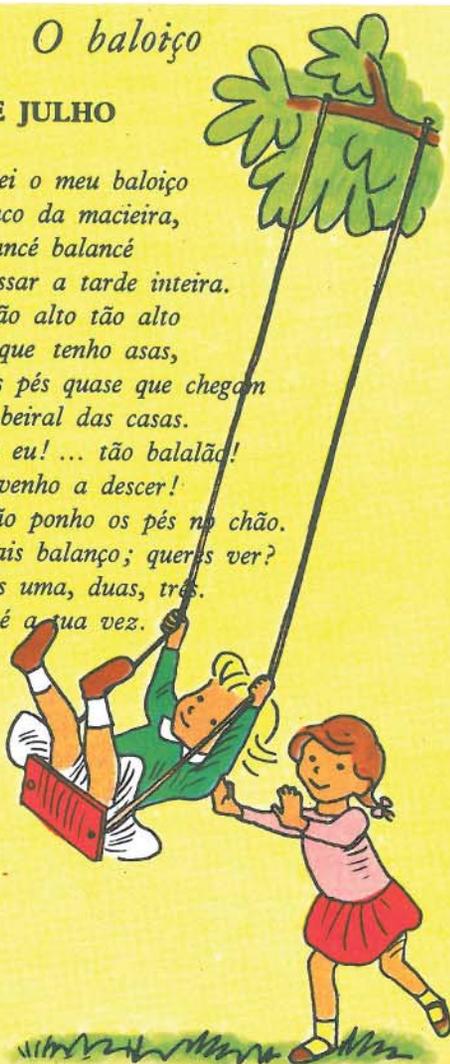
E assim que lhe abriram a porta, o gatinho preto esgueirou-se lá para dentro, com o rabo no ar, o pêlo em pé. E pensou que só daí a muito tempo é que tornaria a ir passear de noite, pois a noite era escura demais para um gato pequeno sozinho.



## O balanço

12 DE JULHO

Pendurei o meu balanço  
no tronco da macieira,  
no balancé balancé  
vou passar a tarde inteira.  
Subo tão alto tão alto  
parece que tenho asas,  
os meus pés quase que chegam  
até ao beiral das casas.  
Lá vou eu! ... tão balalã!  
Agora venho a descer!  
Mas não ponho os pés no chão.  
Dou mais balanço; queres ver?  
Só mais uma, duas, três.  
Depois é a tua vez.



## Gosto da água

13 DE JULHO

Gosto da água dentro da banheira  
e em cima dos mosaicos a escorrer;

gosto da água quando vou à praia  
e vejo as ondas verdes a mexer;

gosto da água quando cai do céu  
e depois quando faz poças no chão;

gosto da água com que rego as flores;

e gosto de a beber de Inverno ou Verão,  
pois gosto do seu gosto e da frescura;

e gosto também dela quando gela  
e brilha como vidro, lisa e dura.

## A lição de música

14 DE JULHO

— Desculpe ... empresta-me os instrumentos que  
não vai tocar agora?

— Não. São meus.



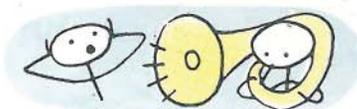
— Oh, que pena! Vi-o tocar e pensei que pudésse-  
mos fazer um dueto.

— Não sou da mesma opinião.



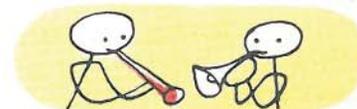
— Paciência. Só me resta arranjar outros.

— Bom proveito!



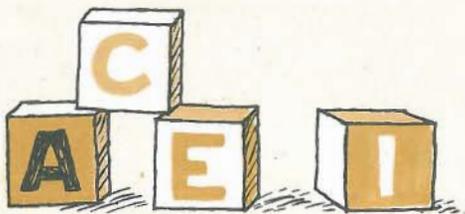
— Pronto, meu caro amigo. Que tal acha estes?

— Ai, os meus ouvidos! Pare lá com isso imediata-  
mente! Pegue lá estes!



— Bem, já que tanto insiste ... Comece, e eu  
continuo.

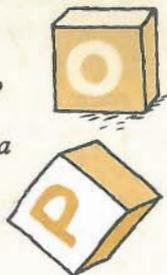
— Que dueto delicioso! Ainda bem que convenci  
este rapaz a tocar comigo!



## Porquê?

### 15 DE JULHO

*Quando construo uma torre, uma ponte ou coisa assim, dizem-me: «Está muito linda mas é preciso arrumar todos os cubos no fim.»*



*E ninguém diz ao meu pai para arrumar a papelada que ele deixa no escritório a toda a hora espalhada!*



## O Manelinho miúdo

### 16 DE JULHO

De manhã, quando ia brincar com os meninos e as meninas da vizinhança, o Manelinho seguia todo contente.

Mas quando voltava para casa (o que não tardava muito) vinha a chorar tanto que cortava o coração.

— Oh mãe! Não querem que eu brinque com eles! — queixava-se. — Dizem que sou um miúdo. Mas não é verdade ...

— Realmente, Manelinho, é esquisito — respondia a mãe. — Tu és da idade do Filipe e do Carlos, que entram sempre em todas as brincadeiras.

— Eu sei — dizia o Manelinho. — E não percebo... mas bem gostava de ter com quem brincar!

— Pois claro — disse a mãe.

Alguns dias depois, a mãe propôs-lhe:

— E se fosses brincar com o Nuno? Ele hoje está sozinho.

O Manelinho achou ótima a ideia. E foi a correr brincar na areia com o vizinho. Mas, como de costume, estava de volta dali a meia hora.

— Ó mãe, não posso brincar com o Nuno — explicou ele. — Pôs-se a chorar quando o túnel desabou, voltou a chorar quando lhe tirei os carros para lhe ensinar como é que se guiam. Chora sempre. É uma maçada brincar com ele. É ainda miúdo...

Assim que pronunciou aquelas palavras, o Manelinho abriu muito os olhos. Hesitou uns momentos, correu para a porta, e foi direito ao parque brincar com os amigos. Desta vez, só voltou para casa no fim da manhã.

— Divertimo-nos imenso sabe, mãe? — declarou ele ao almoço. — Brincámos aos *cay-boys* e aos polícias e ladrões, como os grandes. E não chorei nem uma vez, nem quando caí. Por isso, ninguém disse que eu era um miúdo ...

— Ainda bem, Manelinho — disse a mãe. — Fico muito contente.

— E eu também — voltou o Manelinho. E comeu o almoço a toda a pressa para tornar a ir brincar a tarde inteira com os amigos.



## Que maçada ser coelho!

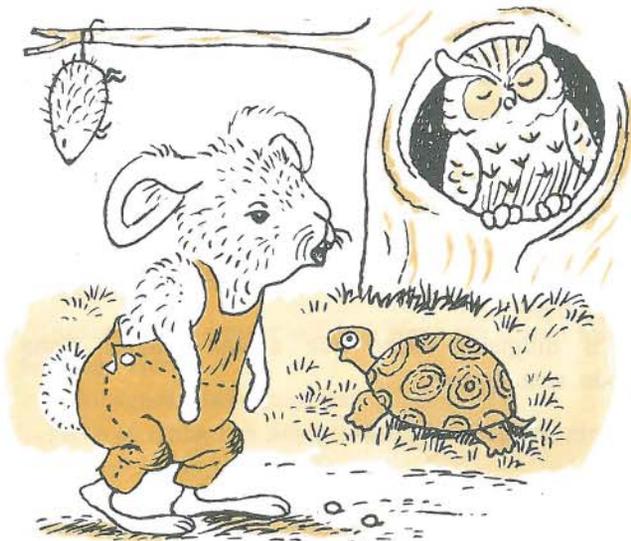
17 DE JULHO

— Oh! — gemeu um coelhinho, saindo da toca. — Faz muito calor dentro de casa num dia como o de hoje!

No campo cheio de sol fazia igualmente muito calor. E ao chegar ao pé do regato, o coelhinho teve vontade de dar um mergulho.

«Mas os coelhos não sabem nadar como as rãs e como os peixes», disse consigo, continuando o seu caminho em direcção à mata cheia de sombra onde nem uma folha bulia.

Aí, os pássaros chilreavam como no princípio da Primavera. Um mocho velho cabeceava dentro do seu ninho muito fresco. Um esquilinheiro (de pêlo



macio) abanava-se, baloiçando-se no alto de um ramo onde se tinha pendurado pelo rabo. Até o cágado parecia bem disposto debaixo da carapaça molhada.

— Sou eu o único que tem calor! — ofegava o coelhinho. — Que maçada ser coelho num dia destes!

Estava sentado no chão, muito ocupado a lamentar não ser outra coisa qualquer — até uma aranha preta com muitas patas — quando de repente o céu se tornou escuro como tinta.

Um vento gelado revirou as folhas e o coelhinho desatou a tremer.

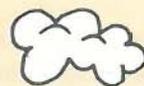
Grossos pingos de chuva caíram, cada vez mais depressa. Um relâmpago riscou o céu.

Ao primeiro ribombo do trovão, o coelhinho pôs-se em pé. Zttt!, enfiou pelo primeiro buraco que encontrou, e não perdeu tempo a desejar fosse o que fosse ou a pronunciar qualquer palavra, até se encontrar ao abrigo da sua toca.

— Ah — disse então —, que sorte ser coelho, ter uma casinha debaixo do chão e poder abrigar-me dentro dela enquanto os outros animais ficam lá fora à chuva!



O pastor



18 DE JULHO

No alto da colina  
há um pastor atento  
que guarda as nuvens brancas  
dos rebanhos do Vento.  
Está escondido no azul  
do céu. Nunca aparece.  
Mas o que eu sei dizer  
é que o rebanho  
das nuvens  
lhe obedece.





## O crocodilo rabujento

19 DE JULHO

Um belo dia, em certo país tropical, um crocodilo veio instalar-se no rio. Já isso não era muito agradável para os outros animais, mas o crocodilo era tão rabujento que a situação tornou-se insuportável.

Engolia moscas e libelinhas como se fossem amendoins e, se alguém se atrevia a tomar banho perto dele, precipitava-se sobre o imprudente, de bocarra aberta. Já ninguém podia nadar no rio.

Fazia tanto calor naquele Verão que o mau humor dos outros animais acabou por se ressentir. Não se passava um só dia que não houvesse qualquer briga. Por fim o velho rato-lavadeiro decidiu que aquilo já durava tempo demais e que era preciso tomar medidas.

— Já estou tão rabujento como o crocodilo velho — declarou ele, pegando na bengala.

E, diante de todos os amigos reunidos, desceu até à margem, muito senhor de si.

— Bom dia, crocodilo rabujento — disse ele. — Eu sou o rato-lavadeiro rabujento ... e faço tenção de ir tomar banho.

Imediatamente, o crocodilo fendeu a água em sua direcção, com um ar tão ameaçador, de bocarra escancarada que o pobre rato lavadeiro recuou. Tropeçou numa raiz, caiu ao rio, e largou a bengala que executou no ar um magnífico voo planado.

— Pobre rato-lavadeiro! — suspirou a assistência. — Está perdido, com certeza.

Enganavam-se. Sob os seus olhares admirados, a bengala foi entalar-se entre os queixos do crocodilo. E ali ficou tão bem espetada ... que foi impossível fechá-los.

O velho crocodilo rabujento ia-se quase engasgando de raiva, mas ficou tão atrapalhado que fugiu e nunca mais foi visto.

O velho rato-lavadeiro ria perdidamente.

— Venham! — gritou aos amigos. — O caminho está livre.

E ninguém soube que a sua proeza tinha sido sem querer.



20 DE JULHO

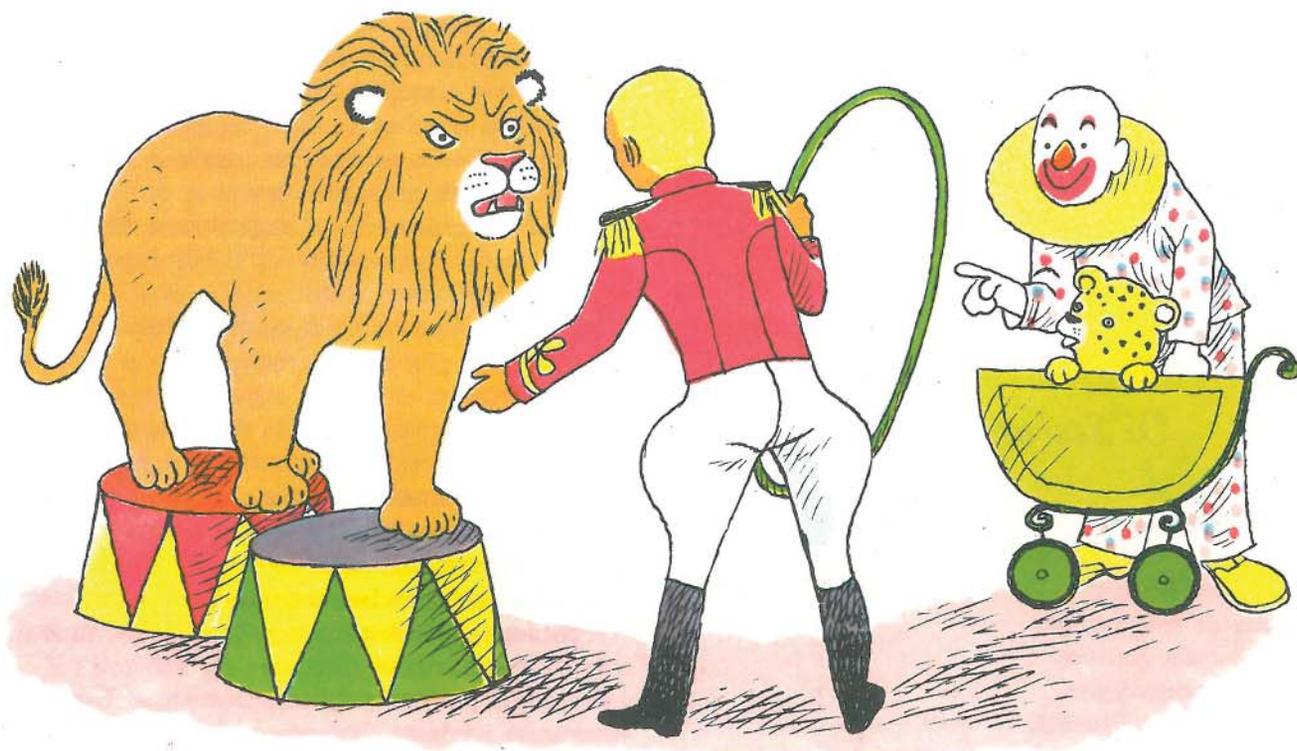
*Quando vou à praia  
levo o balde e a pá  
e apanho conchinhas  
que há muitas por lá.*

*A praia*



*Rebolo na areia,  
vou molhar os pés,  
e ando pelas rochas  
a apanhar burriés.*

*Fico tão vermelha  
(pareço um tomate!)  
e depois castanha,  
cor de chocolate.*



## O regresso de Nero

### 21 DE JULHO

Antes de lhe nascer o filho, Nero era o leão mais feroz do circo.

Mas agora tudo mudara.

Nero só tinha um desejo: divertir o seu «menino», fazer-lhe festas, mostrá-lo.

— E durante o espectáculo — queixava-se o domador — já não põe toda a gana no combate mortal entre o homem e a fera.

— O rugido do Nero já não é o que era — declarava por sua vez o dono do circo. — Até parece uma canção de embalar.

E a empregada da bilheteira, essa, verificava que o público já não comprava bilhetes para ver um domador meter a cabeça na bocarra de um leão que rosnava como um gato.

De repente o palhaço teve uma ideia. Foi procurar o Nero, e perguntou-lhe:

— Que queres tu fazer do teu leãozinho quando ele for crescido? Um leão de jardim zoológico?

— De maneira nenhuma! — respondeu Nero. — Há-de ser um leão de circo. O maior de todos, como eu!

— E como há-de ele aprender o seu ofício?

— Ora ... olhando para mim!

— Quando fazes tenção de principiar as lições? Bem sabes que nunca é cedo demais para se aprender bem.

— Já — respondeu Nero.

E nessa tarde, o palhaço apresentou-se na pista a empurrar o carrinho do leão pequenino, que sorria e dizia adeus ao público.

Mas quando o Nero entrou, todas as atenções foram para ele. Que arrepios durante a luta feroz entre o homem e a fera! Que espanto quando ecoou pela sala o famoso rugido! Que medo quando o valente domador meteu a cabeça na enorme bocarra escancarada do Nero!

— Bravo! — gritavam os espectadores. — Bravo!

O domador, a empregada da bilheteira e o dono do circo não queriam crer na mudança de Nero.

O palhaço, esse, não se admirou.

Afastou-se vagarosamente, com o seu sorriso, perguntando a si mesmo o que lhe dariam nesse dia à sobremesa.



## O Senhor Pelicano

22 DE JULHO

*O Senhor Pelicano  
chegou de uma viagem,  
e à ilha das gaivotas  
foi pedir hospedagem.  
E as gaivotas disseram:  
— Esteja à sua vontade.  
Coma quanto quiser  
e do que mais lhe agrade.  
O Senhor Pelicano,  
cheinho de apetite,  
não fez cerimónia, e logo  
aceitou o convite.  
Abriu o bico ... clac!  
Num segundo o fechou,  
E p'ra as pobres gaivotas  
nem um peixe ficou!  
Ralharam as gaivotas,  
puxando-lhe uma asa:  
— Quem tem um bico destes  
almoça em sua casa!*

## A baleia que falava

23 DE JULHO

O comandante Estibordo era um homem tão alegre que no seu navio a toda a hora se ouviam gargalhadas e canções. Os marinheiros cantavam enquanto trabalhavam. O cozinheiro assobiava enquanto descascava as batatas. E o comandante, com o papagaio empoleirado no ombro, gracejava e ria com a tripulação.

Mas um dia em que o vento soprava tempestuosamente, Coco, o papagaio, foi pela borda fora. De repente o comandante tornou-se outro.

Principiou a deixar de fazer as suas obrigações. Passava os dias a navegar por mares e oceanos à procura do seu papagaio desaparecido. E tinha uma cara tão triste, tão abatida, que a tripulação inteira, desde o grumete ao timoneiro, mal podia conter as lágrimas.

«O pobre Coco afogou-se com certeza no dia do temporal — pensavam os marinheiros. — O nosso comandante está doido se julga que o encontra. Que havemos de fazer para lhe dar coragem?»

As coisas que eles inventaram! Apanharam gaivotas e procuraram ensiná-las a falar... Contaram ao comandante as histórias mais fantásticas que se podia imaginar ...

— Ah, realmente! — suspirava o comandante Estibordo. — No nosso tempo acontecem muitas vezes coisas curiosas.

Mas nem por isso perdia a sua tristeza. Um dia, finalmente, ao largo da costa do Labrador, o vigia assinalou uma baleia.

Deitaram uma baleeira ao mar.

Mas exactamente no instante em que se aproximavam da baleia — o arpoador já pronto a atirar o arpão, e toda a gente em silêncio — ouviu-se uma voz vinda do meio do mar:

— Eh, seus marinheiros de água doce! Deixem-me em paz!



— A baleia fala! — berrou o arpoador.

— Uma baleia que fala! — gritaram os marinheiros. — Voltemos depressa para o navio. Não se deve navegar nestes mares infernais!

— Um momento! — disse o comandante Estibordo, que bruscamente recuperara o seu ar calmo e feliz. Com um gancho puxou uma velha barrica que flutuava nas ondas perto dali.

Meteu a mão dentro dela e tirou um papagaio verde, magro, com as penas encharcadas.

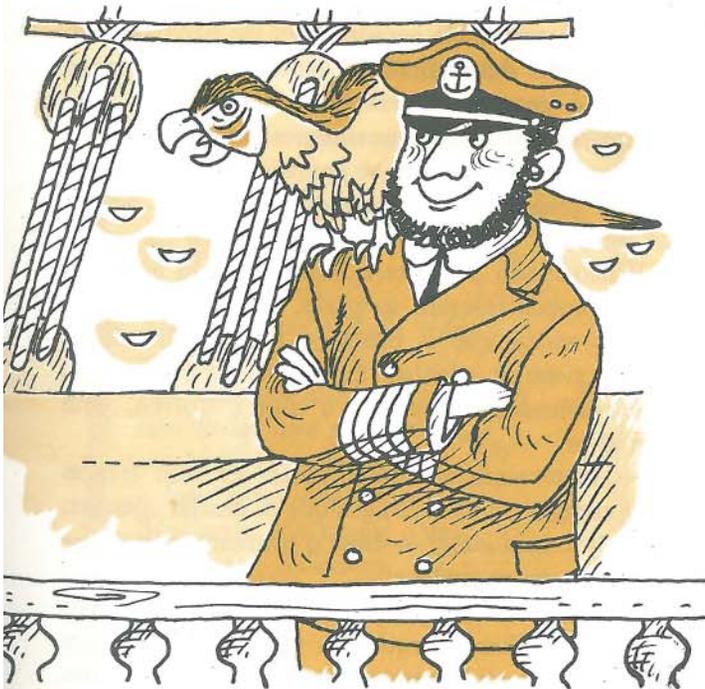
— É o Coco! — exclamou a tripulação. — O nosso Coco bem vivo! Afinal o comandante não estava doido!

— Louco de desgosto, sim! — respondeu o comandante sorrindo. — Mas não tão louco que acreditasse que uma baleia falava. Agora, Coco, pede desculpa aos marinheiros por os teres assustado.

— Estou desolado, camaradas — disse Coco —, mas um pobre náufrago tem o direito de se divertir.

E a voz dele era exactamente igual àquela de que os marinheiros tinham tido tanto medo, embora um pouco menos forte, pois já não fazia eco dentro da barrica.

A tripulação ficou muito aliviada ao saber que a baleia não falava, e mais ainda ao ver o seu comandante recuperar a boa disposição habitual. Quanto ao Coco, esse, desatou a devorar bolachas com uma velocidade extraordinária, agarrando-se com tanta força ao ombro do comandante que seria preciso um verdadeiro ciclone para o arrancar dali.



## 24 DE JULHO

— Bom dia — disse o Joãozinho Coelho ao primo. — Que estás aí a fazer?

— Estou a construir uma casa. Vês o projecto?

— É um lindo projecto — murmurou o Joãozinho. — Eu cá também tenho vontade de construir uma casa.

E principiou a serrar madeira, a pregar pregos ... tudo sem qualquer projecto.

— A minha casa há-de ter dois andares — declarou ele. — E chaminé, e persianas — ai, os meus dedos! —, e uma varandinha à entrada, e escadas ... Vai ficar muito bonita, não vai, primo?

— Não sei — retorquiu o primo. — Não vi o projecto.

Catrapum! Naquele mesmo instante a casa do Joãozinho desabou, pois as diferentes partes não encaixavam umas nas outras.

— Ai, a minha casa! — lamentou-se ele. — Toda em ruínas!

— Não chores, Joãozinho — disse-lhe o primo. — Se me ajudares a pintar a minha casa ela será também para ti. E aperfeiçoando o projecto, podemos fazê-la ainda melhor.

— Combinado! — exclamou o Joãozinho, pegando num pincel. — De que cor vamos pintá-la? Cor-de-rosa com borboletas? Verde com malmequeres?

— Não — disse o primo. — Branca com o telhado azul, como está no projecto.

E Joãozinho, deitando uma olhadela à sua casa em ruínas, baixou a cabeça.



## Os dois macacos

25 DE JULHO

Era uma vez dois macacos tão parecidos como duas gotas de água, e que faziam as mesmas coisas e tinham pensamentos iguais.

Quando ao primeiro macaco lhe apetecia trepar a uma bananeira e apanhar uma banana madurinha, ao segundo macaco apetecia a mesma coisa. E, zás!, os dois ao mesmo tempo trepavam pela árvore acima.

Um dia aconteceu o que era de esperar. Os dois macacos atiraram-se à mesma banana. Esta escorregou-lhes das mãos e caiu em cheio dentro da boca da zebra, que estava a olhar para eles.

A zebra deitou a fugir e os dois macacos correram atrás dela, mas a zebra corria mais e desapareceu no mato, escondendo-se entre as folhas raiadas como o seu pêlo.

— Uff! — exclamou o primeiro macaco sem quase poder respirar. — Estou morto de sede.

— Uff! — exclamou o segundo macaco. — Também eu!

De mão dada, correram para o rio. Mas a margem estava tão lamacenta que o primeiro macaco escorregou. Chap! E, arrastando o companheiro, caiu à água... mesmo ao pé de um grande crocodilo que tinha a boca aberta.

A toda a pressa, os dois macacos saíram da água... mas o que tinha arrastado o amigo só conseguiu

escapar deixando um bocado do rabo na bocarra do crocodilo.

Ficou tão furioso que, quando o outro macaco declarou: «Não acho lá muito agradável apanhar uma dentada de crocodilo», não respondeu como de costume: «Também não acho.»

Pelo contrário, exclamou:

— Não acho nada agradável ser tão parecido com outro como duas gotas de água, fazermos ambos sempre o mesmo... e, principalmente, termos pensamentos iguais, pois isso traz-nos sempre arrelias.

Dizendo isto, afastou-se amuado e foi para detrás de um grande penedo. Mas quando o rabo deixou de lhe doer, principiou a sentir-se muito só.

E ficou todo contente quando o amigo apareceu e lhe propôs fazerem as pazes.

Mas assim que o primeiro macaco lhe disse: «Apetece-me ir apanhar morangos para o jantar», não respondeu: «Também a mim.» Volveu, pelo contrário:

— Apetece-me ir buscar açúcar e natas frescas para comer com os morangos que tu desejas apanhar.

— Que bela ideia! — disse o primeiro macaco. — Assim é muito melhor!

E, dali em diante, os dois macacos nunca mais tiveram arrelias, porque os pensamentos de um completavam, felizmente, os pensamentos do outro.

## O desconhecido

26 DE JULHO

Apareceu na aldeia  
(donde é que viria?)  
um desconhecido  
que disse «Bom dia».  
Tinha tão bons modos,  
era tão amável,  
que para toda a gente  
se tornou prestável.

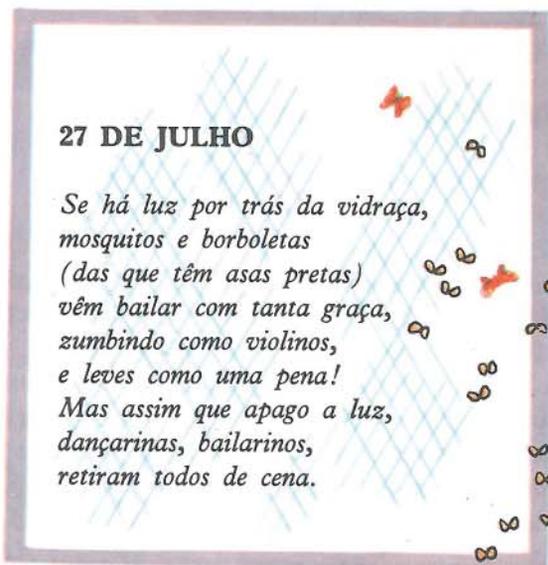
A um rachou lenha;  
fez festas a um cão;  
consertou de graça  
uma vedação.  
Um deu-lhe chouriço,  
outro deu-lhe figos.  
E hoje em toda a aldeia  
tem grandes amigos.



## Bailado nocturno

27 DE JULHO

Se há luz por trás da vidraça,  
mosquitos e borboletas  
(das que têm asas pretas)  
vêm bailar com tanta graça,  
zumbindo como violinos,  
e leves como uma pena!  
Mas assim que apago a luz,  
dançarinas, bailarinos,  
retiram todos de cena.



## O guarda-chuva do esquilo

28 DE JULHO

Vocês sabiam que o esquilo  
traz guarda-chuva consigo?  
Mas não precisa de abri-lo  
para servir-lhe de abrigo.  
Basta levantar a cauda,  
meter-se debaixo dela,  
e fica salvo e seguro  
livre de uma molhadela.



## O cogumelo

29 DE JULHO

Gafanhoto saltarelo  
fez hoje uma descoberta:  
um pequeno cogumelo  
serve de sombrinha aberta.





## Silêncio

### 30 DE JULHO

— Calem-se, por favor! — gritou a Dona Pata. — Quero dormir a sesta e este barulho não me deixa!

Os pássaros fizeram o possível por ficar silenciosos, mas a todo o momento se esqueciam. As rãs também.

E depois, a cada passo havia sempre um peixinho que não se continha que não desse um salto sobre uma mosca, imprudente, fazendo grande estardalhaço na água.

A Dona Pata acabou por se zangar, e gritou:

— Já lhes disse que se calassem! Calem-se, pássaros! Calem-se, rãs! E vocês também, seus peixes malcriados!

Estava tão mal disposta que todos se calaram; parecia que não havia ninguém no mundo... excepto a Dona Pata.

— Ah! Assim, sim! — murmurou ela, instalando-se comodamente entre o canal e escondendo a cabeça debaixo da asa. Mas, coisa esquisita, não conseguia adormecer. Aquele sossego pouco habitual dava-lhe uma sensação de vazio! A Dona Pata sentiu-se, de repente, muito só.

E então, exactamente quando principiava a pensar que não podia já aguentar nem mais um minuto aquele silêncio... cuá, cuá, cuá... seis patinhos recém-nascidos apareceram em bicha, fazendo mais barulho que um regimento.

— Chiu! — segredaram os pardais.

— Calem-se! — segredaram as rãs.

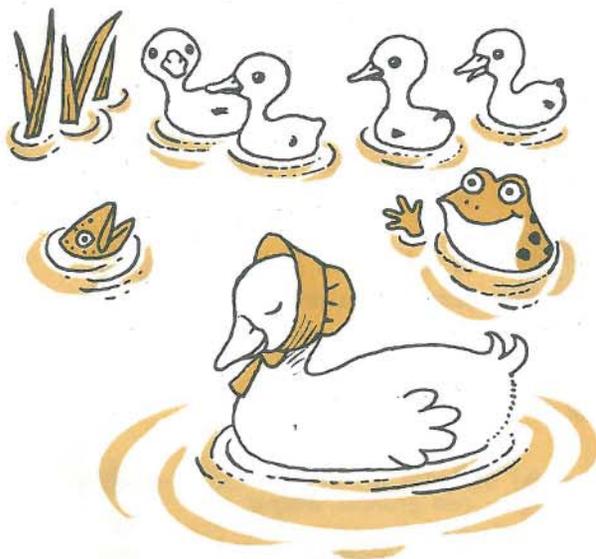
— Silêncio! — lamuriou um peixinho. — A Dona Pata vai zangar-se outra vez!

Mas a Dona Pata limitou-se a sorrir e a admirar os seus netos mais novinhos.

— Não — disse ela com voz ensonada. — Já não me zango mais. É o barulho mais agradável que ouvi em toda a minha vida.

Então os patinhos grasnaram à sua vontade.

Os pássaros voltaram a cantar, as rãs a coaxar, os peixinhos a espadanar água, e a Dona Pata, adormecida, sorria.

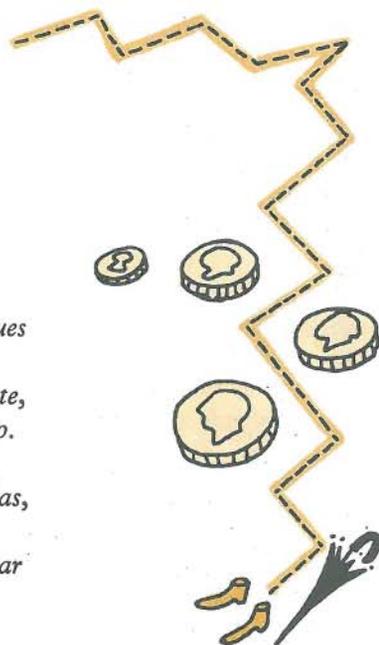


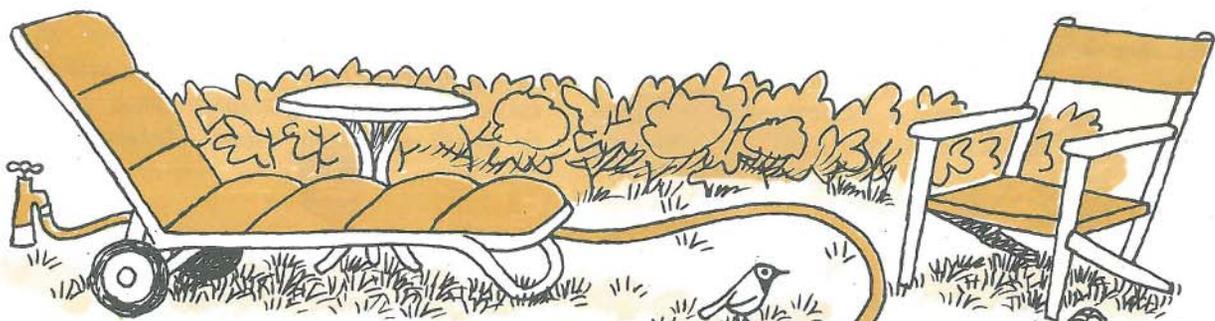
## O senhor Beltrão

### 31 DE JULHO

*Anda aos ziguezagues  
o senhor Beltrão,  
nunca olha em frente,  
só olha para o chão.*

*E em becos, travessas,  
ruas e avenidas,  
passa a vida a achar  
moedas perdidas.*





## O gaio

### 1 DE AGOSTO

Certa manhã, o Filipe e a Ninita, quando estavam a limpar a loiça, viram um gaio no jardim. Frtt! Frtt! Frtt! ... o gaio batia freneticamente as asas mas não conseguia voar.

Era um gaiozinho muito novo!

— Acabou-se a loiça, Ninita! — gritou o Filipe. — Vou ver se o apanho.

Saiu porta fora, e a correr deu a volta ao canteiro das flores onde o gaiozinho se tinha refugiado. Ninita esperou pacientemente o seu regresso. Mas não demorou muito!

Realmente, ouviu-se tal barulho no jardim que o pai e a mãe saíram de casa para saber o que se passava.

Vindo de encontro a eles, Filipe fugia perseguido por dois gaios furiosos.

— Que aconteceu? — perguntou Ninita, esgazada.

O pai respondeu pelo filho:

— É muito simples. O Filipe pode dar graças a Deus por ter ainda os dois olhos! Vocês deviam ter calculado que os pais do gaiozinho não deixariam apanhar o filho. Agora acabem de limpar a loiça, depressa — continuou ele. — Depois, vamos espalhar migalhinhas de pão no parapeito da janela e verão como os pássaros vêm debicar nelas.

Encantados, o Filipe e a Ninita limparam a loiça mais depressa que nunca.





## O engano da avó

### 2 DE AGOSTO

De dois em dois anos, depois da festa de distribuição dos prémios na escola, os meninos Oliveiras e os pais empilhavam-se no carro e dirigiam-se para a quinta da avó. Nos outros anos, era a avó quem vinha passar as férias com eles.

Os meninos Oliveiras gostavam tanto das suas férias no campo como das suas férias na cidade.

Mas, certa vez, a avó enganou-se.

— Este ano vou para casa dos meus netos — disse ela, fazendo as malas.

Entretanto, a Sr.<sup>a</sup> Oliveira fazia também as malas da família. E pensava, entretanto, que ao menos uma vez na vida gostaria de ir para a praia.

— Nós também! — gritaram os meninos Oliveiras. — Podíamos nadar, fazer castelos de areia e ... ó pai, se fôssemos para a praia este ano? ...

— Não pensem nisso — respondeu o pai. — É o ano em que vamos visitar a avó e não devemos causar-lhe uma desilusão.

Um bocadinho tristes, os meninos Oliveiras entraram no carro e meteram pela estrada que ia dar à linda aldeia onde vivia a avó.

Ao fim de duas horas, os meninos Oliveiras — que continuavam com pena de não ir para a praia — gritaram que tinham muita sede. E o pai parou o carro diante de um café.

— Olhem! — exclamou a Sr.<sup>a</sup> Oliveira. — Aquele carro parece o da avó.

— É verdade — apoiou o Sr. Oliveira.

— É o dela, é! — gritaram os meninos Oliveiras. — Vejam ... lá está ela a beber uma limonada.

Dois minutos depois, os seis Oliveiras entravam pelo café dentro. Abraçaram a avó e perguntaram-lhe o que fazia ali.

— Vou para vossa casa, evidentemente — disse a avó. — Mas se vocês têm outros projectos, não façam cerimónia comigo. Olhem, a noite passada ... disse de mim para mim que este ano gostava de ir para a praia, para variar.

— Sério? — exclamou a Sr.<sup>a</sup> Oliveira.

— Nós também! — exclamaram os meninos Oliveiras.

E o Sr. Oliveira, que consultava o mapa, declarou:

— Estamos neste momento a dez quilómetros do mar ... Proponho irmos passar as férias na praia.

Toda a gente aplaudiu a ideia. O senhor e a senhora Oliveira bem se esforçaram por fazer compreender à avó que se tinha enganado, mas sem resultado. Quanto aos meninos Oliveiras, esses estavam tão entretidos a lamber os beiços à espera de descobrir neles o gosto a sal que nem entraram na discussão.

## O jardim encantado

### 3 DE AGOSTO

*Os meninos cá da rua,  
em dias de sol a pino,  
gostam de ir bater à porta  
do bom senhor Celestino,  
que mora mesmo no fim  
de uma travessa deserta.  
A casa parece morta  
(não se ouvem passos nem vozes)  
mas depois de aberta a porta  
principia a maravilha:  
o gato e a cotovia  
são como um pai e uma filha!*





## A cantiga da mãe corvo

### 4 DE AGOSTO

— Cante-me uma cantiga, se faz favor — pediu o corvozinho à mãe. — Todas as mães cantam cantigas para adormecer os filhos. Porque é que a mãe não canta?

Coitada da mãe corvo! Tinha uma voz rouca, muito feia, mas não queria que o filho o soubesse.

— Está bem — disse ela. — Queres a cantiga da amora da mata?

— Quero — respondeu o corvozinho, instalando-se comodamente na cama.

— Espera! — exclamou a mãe. — Não gostavas mais da cantiga da raposa manhosa que roubou um grande queijo ao corvo vaidoso?

— Gostava! — respondeu o corvozinho.

A mãe apurou o pigarro, fazendo um barulho parecido com o de uma cancela velha e enferrujada a girar nos gonzos.

— Ai meu Deus! — suspirou ela. — Parece que me esqueci da letra. E se eu te cantasse a cantiga da nuvenzinha escura que flutua pelo céu? Por cima das montanhas e dos vales, por cima da China e do Tibete, da América e do Balochistão? Por cima

das savanas ondulantes e dos grandes oceanos sulcados pelos navios?...

— Hum ... boa ideia! — disse o corvozinho, abrindo a boca.

— Uma nuvenzinha escura que corre por toda a parte em busca da chuva. Uma nuvenzinha muito cansada que atravessa o mundo claro do dia e o mundo escuro da noite, que flutua, flutua no céu escuro como uma pluma levezinha, e que se enovela por cima do musgo da montanha como se fosse um passarinho dentro do seu ninho fofo ... Queres que te cante esta cantiga, meu filhinho?

Mas o corvozinho não respondeu. Nem que sim, nem que não.

Porque o corvozinho dormia profundamente, como a nuvem por cima da montanha, como o passarinho dentro do ninho.

— Ainda bem — murmurou a mãe. — Por hoje o caso ficou resolvido. E se ele amanhã me torna a pedir uma cantiga, quem sabe? Talvez eu esteja capaz de cantar.

Em seguida, entufou as penas pretas, fechou os olhos e adormeceu no escuro ... como tu adormeces na tua caminha.



## A escada

### 5 DE AGOSTO

*Debaixo da escada,  
se está a chover,  
é um bom abrigo  
para me esconder.  
Com caixas, pedrinhas,  
brinquedos pequenos,  
lá fico a brincar.  
Até ao jantar?  
Ah, sim! Pelo menos.*



## O pequeno hipopótamo

6 DE AGOSTO

O pequeno hipopótamo era muitíssimo mais gordo que todos os outros animais.

Quando queria brincar com os tigres pequeninos, que faziam um jogo de pista através da floresta, estes replicavam:

— És gordo de mais para jogar a isto. A tua pista era tão larga que deixava de ser secreta.

E as girafas pequeninas, que brincavam às escondidas por detrás das árvores, diziam-lhe:

— Não podes brincar connosco. Descobríamos-te logo.

E os macaquinhos, que se divertiam a andar de baloiço nas lianas dobradas, esses gritavam:

— És gordíssimo para andar de baloiço connosco! As lianas quebravam-se com o teu peso.

O pequeno hipopótamo ficava desolado, e queixava-se:

— Não há nenhuma brincadeira boa para mim. Muito triste, voltava para o rio onde morava. Mas certo dia de muito calor, encontrou-se com os outros animais que ali vinham tomar banho.

— Não podemos nadar! — queixaram-se eles. — Como não chove há muito tempo, a água está pouco funda.

Ouvindo estas palavras, o pequeno hipopótamo deixou de estar triste e sorriu.

Devagar, entrou pelo rio dentro, num sítio onde a água fazia uma espécie de concha.

E o seu corpo era tão gordo, ocupava tanto espaço, que a água principiou a subir.

— Pronto! — declarou ele. — Agora já podem nadar.

— Que sorte! — gritaram os outros, saltando para a água.

Todo o dia se divertiram a salpicar-se uns aos outros, a trepar para as costas do pequeno hipopótamo e a dar mergulhos no rio.

E na verdade divertiram-se tanto que, no dia seguinte, quando o pequeno hipopótamo lhes veio pedir licença para brincar com eles, em vez de lhe virarem as costas, inventaram logo um jogo que fosse bom para ele.

## O pirilampo



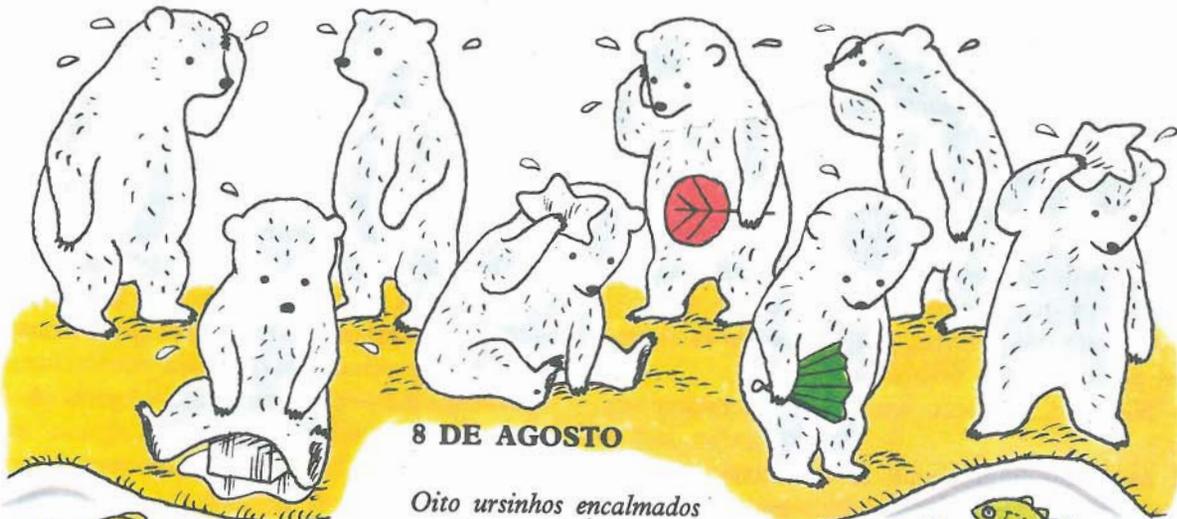
**7 DE AGOSTO**

Ontem por trás da janela  
via brilhar um farol.  
Pensei: «Que luz é aquela  
que não é lua nem sol?»



Luzia no parapeito  
a pequenina faísca.  
Vi então um pirilampo  
a acender o pisca-pisca.

## Oito ursinhos



**8 DE AGOSTO**

Oito ursinhos encalmados  
gemiam: «Ai que calor!»  
Oito peixinhos disseram:  
«Não está nada, não senhor!»

Oito ursinhos furiosos  
deram um grande mergulho  
e fugiram os peixinhos  
assustados com o barulho.

Oito ursinhos exclamaram:  
«Refrescámo-nos sem custo!»  
Ficaram oito peixinhos  
a transpirar com o susto.



# O ursinho molhado

9 DE AGOSTO

Chovia, chovia, chovia, e a chuva esmagava-se em pingos grossos no guarda-chuva do Sebastião. Mesmo a meio do passeio, encharcado, caído numa poça, estava um ursinho de felpa de patas ao ar.

Um ursinho de felpa, um ursinho castanho e muito triste debaixo daquele dilúvio.

«Podia levá-lo para casa e enxugá-lo — pensou o Sebastião. — Havia de sentir-se logo melhor.»

Mas lembrou-se então de que o ursinho não era dele. Por isso, apanhou-o, todo encharcado, e foi de porta em porta.

Tocou todas as campainhas da rua, uma por uma. Mas toda a gente lhe respondia:

— Não, esse urso não me pertence. O meu está lá dentro, em cima da minha cama.

Menos numa casa. Nessa, ouvia-se gemer e soluçar, como se algum menino estivesse a chorar por lhe ter desaparecido o seu ursinho. E na verdade, quando o Sebastião tocou a campainha, responderam-lhe logo que o urso morava realmente ali.

O rapazinho foi-se embora debaixo da chuva que fazia ping, ping, ping em cima do guarda-chuva. O passeio ainda estava encharcado, mas na poça já não havia coisa alguma.

Não, já não havia coisa alguma porque o ursinho molhado, o ursinho castanho, o ursinho triste perdido num dia de chuva, estava agora em casa, quentinho, embrulhado numa toalha turca, a enxugar, até que fossem horas de ir para a cama.



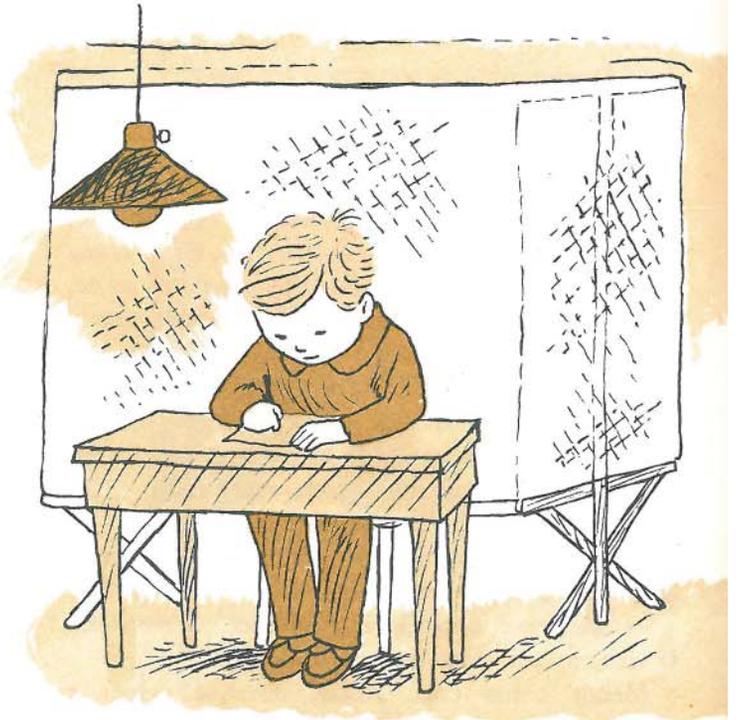
## As amoras

### 10 DE AGOSTO

*As amoras encarnadas  
não estavam inda maduras  
e arrepiavam os dentes.*

*Depois fizeram-se escuras,  
muito pretas, reluzentes.*

*Voltámos lá com um cesto  
para o encher à vontade  
e os marotos dos pardais  
tinham comido metade!*



## A colónia de férias

### 11 DE AGOSTO

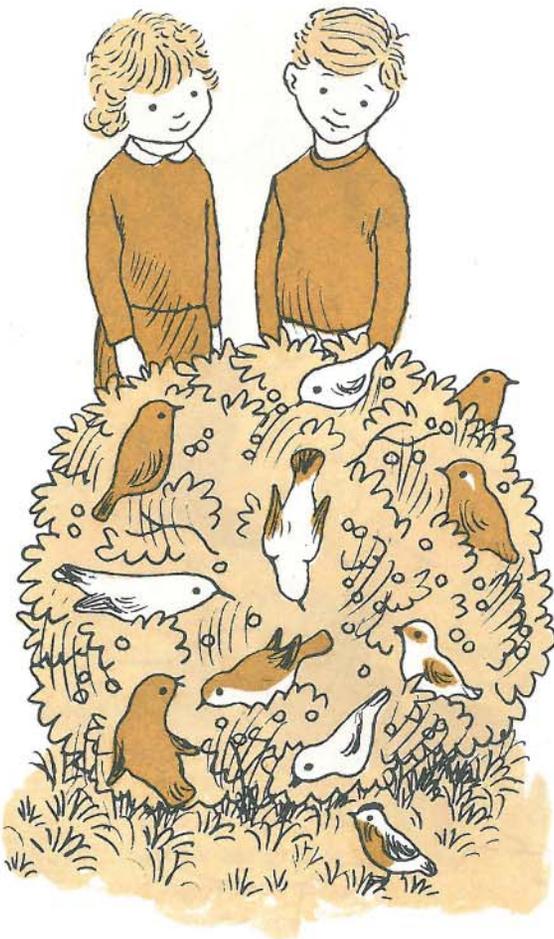
Naquele ano, o António ia pela primeira vez para a colónia de férias, onde devia passar duas semanas. Mas ainda não havia dois dias que ali estava e já escrevia assim aos pais:

«A colónia é muito boa. Nadamos, jogamos à bola, fazemos uma data de coisas interessantes. Mas a comida não é tão boa como lá em casa. E, além disso, à noite está tudo sossegado de mais, menos a coruja, que não me deixa dormir. Gostava de voltar para casa ao fim de uma semana em vez de ser ao fim de duas. Acham que pode ser?»

O António deitou a carta no correio e ficou à espera do domingo, dia em que a família o viria visitar. O domingo parecia tão distante...

Mas, logo no outro dia, principiou a divertir-se.

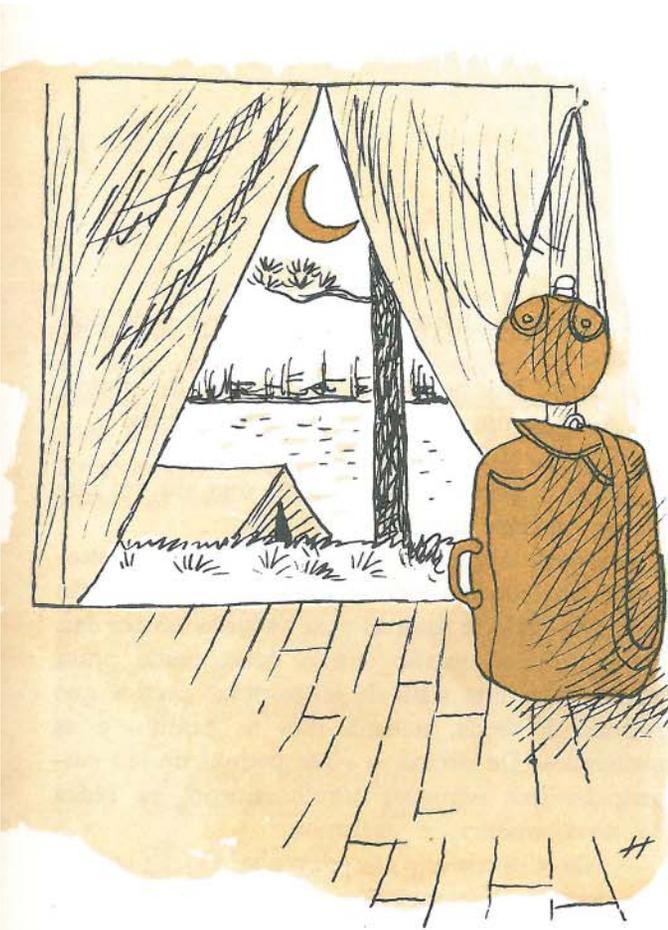
Depois de um desafio de futebol no qual triunfou metendo dois golos um seguir ao outro, o monitor escolheu-o para ajudar os mais novos a armarem as tendas à beira do lago.



## A trovoada

12 DE AGOSTO

*Fez-se o céu cinzento,  
levantou-se vento  
e as folhas secas  
voaram pelo chão.  
Dois riscos de luz  
saltaram das nuvens  
e dali a nada  
estalou um trovão.  
Mas a trovoada  
passou num instante  
e o sol apareceu  
risonho e brilhante.*



O António aprendeu também a atirar ao alvo, e mostrou-se tão bom atirador que ambas as equipas rivais o queriam.

De repente, chegou o domingo. A mãe causou-lhe admiração por não lhe ter dado um beijo diante dos outros rapazes. E ficou espantado quando o pai lhe perguntou:

— Então, António, já fizeste a mala?

— A mala? Para quê?

— Para voltares para casa! Disseste que uma semana já te chegava bem.

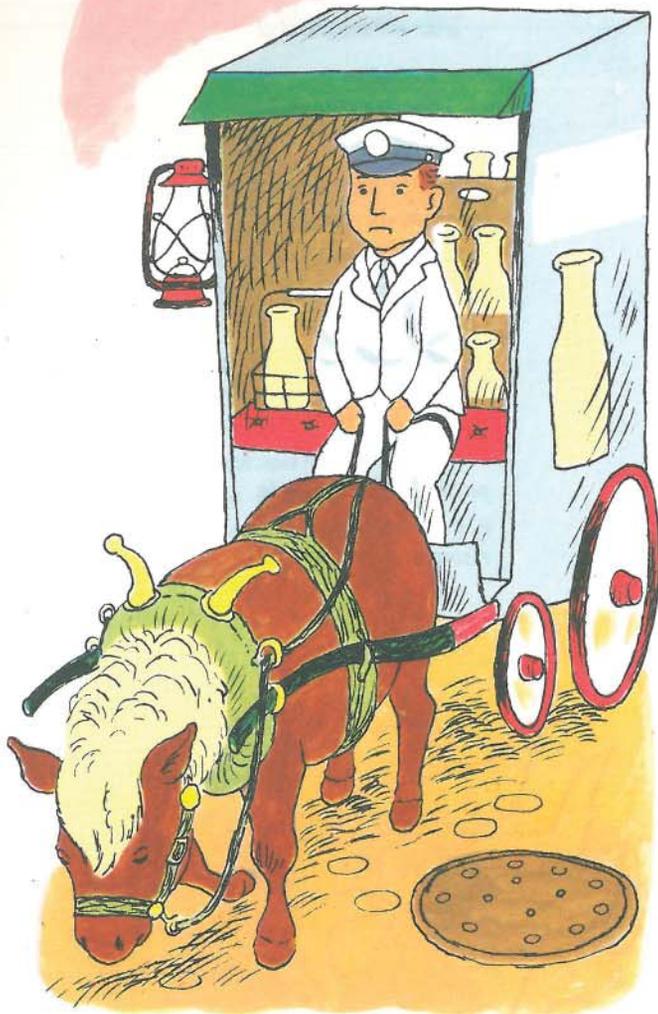
Então o António lembrou-se da carta.

— É verdade! — disse ele. — Mas agora mudei de opinião. Acham que eu podia ficar ainda mais duas semanas?

— Se quiseres — respondeu o pai, satisfeito por ver que o filho gostava de estar na colónia.

E, já se sabe, quinze dias depois o António teve muita pena de se ir embora.





## O leiteiro infeliz

13 DE AGOSTO

Era uma vez um leiteiro muito infeliz porque gostava loucamente de velocidades e a sua velha égua puxava a carroça a passo de enterro.

— Realmente — disse ele um dia —, já é tempo de reformar a égua!

E parecia tão triste que o patrão teve pena dele e disse:

— Ouve! Nos bombeiros há um leilão de cavalos. Vai comprar um para substituir a égua velha.

O leiteiro lá foi com dinheiro no bolso.

Todos os cavalos eram bonitos, mas viu um que era na verdade magnífico.

— Aquele é que me convém — exclamou, entregando ao leiloeiro todo o dinheiro que o patrão lhe havia dado, e mais as suas próprias economias.

Por sorte o patrão entrou exactamente nessa altura. Deu uma vista de olhos pelos cavalos que estavam à venda, notando-lhes os defeitos e as qualidades. De súbito, o olhar pousou no seu empregado, que segurava orgulhosamente na rédea da nova compra, e exclamou:

— Não é cavalo que nos convenha! O leite talhava e as garrafas quebravam-se se ele puxasse a nossa carrocinha a galope!

Desolado, o leiteiro infeliz sentiu que as lágrimas lhe vinham aos olhos.

No mesmo instante o comandante dos bombeiros apareceu a correr e exclamou, apontando para o cavalo que o leiteiro acabava de comprar:

— O meu cavalo! Quem foi que o pôs à venda?

— Fui eu — respondeu um bombeiro, um bombeiro tristonho que detestava velocidades. — Peço a demissão. De mais a mais sempre me apeteceu ser leiteiro.

Ouvindo estas palavras, o leiteiro atirou o boné ao ar e perguntou:

— Quer o senhor ir para o meu lugar? Eu cá sempre desejei ser bombeiro!

Deste modo tudo se arranjou.

O patrão do leiteiro recuperou o seu dinheiro e contratou logo o bombeiro tristonho, que passou a ser um leiteiro alegre. O comandante dos bombeiros recuperou o seu cavalo e ficou tão satisfeito que deu uma palmada no ombro do ex-leiteiro, dizendo:

— Se você quer realmente ser bombeiro, venha daí comigo.

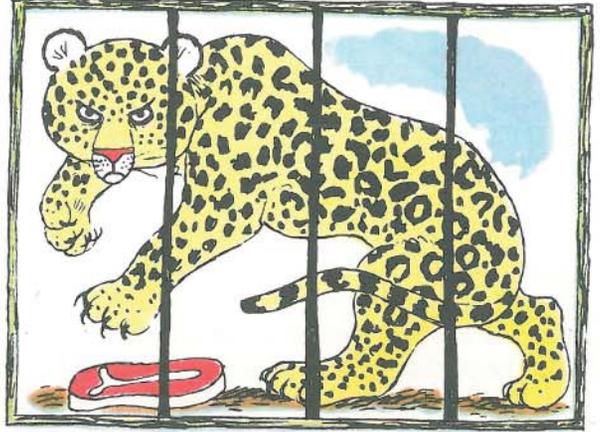
O ex-leiteiro apertou a mão ao seu novo patrão e foi atrás dele mais veloz que um relâmpago.

## Esperteza

14 DE AGOSTO

*Se eu fosse um leopardo,  
na jaula atrás da grade,  
mostrava-me feroz,  
cheio de crueldade.  
Arreganhava o dente,  
olhava de revés*

*e logo toda a gente  
fugia a sete pés.  
Como eu era ruim,  
mandavam-me outra vez  
para a selva, decerto.  
E eu ria só para mim  
por ter sido tão esperto.*

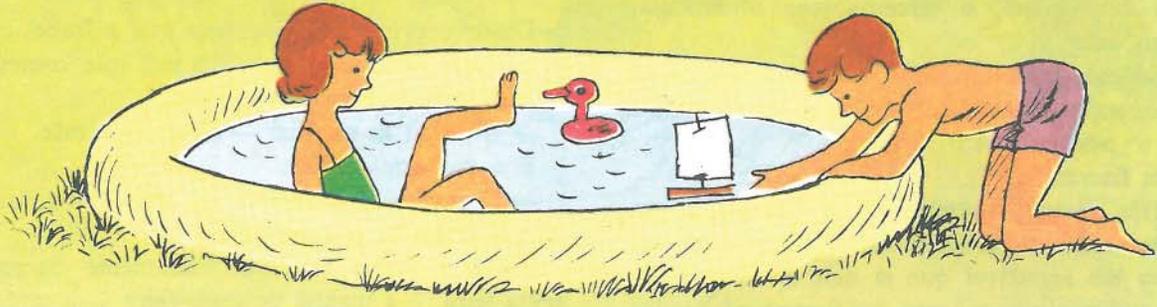


## Na piscina

15 DE AGOSTO

*Na piscina nós nadamos  
como os peixes e os patos,  
todos em fato de banho  
sem meias e sem sapatos.*

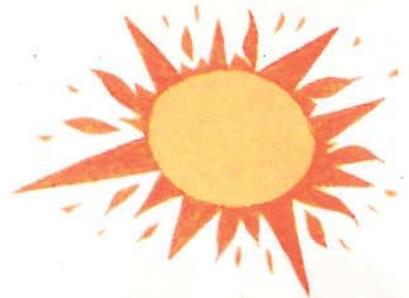
*Tenho um barco de cortiça  
com uma vela de pano.  
Inda hei-de ser marinheiro  
para navegar todo o ano.*



## O meu Totó

16 DE AGOSTO

*Tenho um cãozinho Totó  
de rabinho a dar a dar  
que só pára de correr,  
que só pára de brincar,  
quando o sol o faz suar.  
Olhem para ele agora:  
estendido à sombra, cansado,  
e com a língua de fora!*



## Uma brincadeira nova

### 17 DE AGOSTO

Fazia tanto calor que os ursinhos queriam brincar a qualquer coisa diferente mas não sabiam a quê.

— Se tivéssemos um tronco de árvore e uma tábua comprida podíamos fazer um balancé e andar nele todo o dia — disse o primeiro.

— E se tivéssemos um cavalo podíamos ir a galope até à praia, onde corre fresco — disse o segundo.

Por sua vez, o terceiro urso declarou:

— Não temos cavalo, nem tronco de árvore, nem tábua comprida. Tudo quanto temos é uma tabuinha pequena muito curta e um bocado de corda grossa de mais para servir de laço de *coy-boy*. Que havemos de fazer com isto?

— Não sei — disse o primeiro ursinho.

— Não sei — disse o segundo.

Mas, de repente, o terceiro teve uma ideia. Deu um salto.

— Podemos fazer um baloiço. Cortamos a corda ao meio, atamo-la à tábua que serve de assento, e temos o nosso baloiço pronto.

Assim fizeram.

Os três ursinhos prenderam o baloiço a um ramo de árvore e baloiçaram-se à vez. Corria um ventinho tão agradável que já nem acharam o dia quente, e divertiram-se tanto que ficaram admirados quando a mãe os chamou para jantar.



## A feira

### 18 DE AGOSTO

Desde o princípio da semana que a Isabel esperava impacientemente pelo dia em que começaria a feira e perguntava como seria.

— É difícil de explicar — disse-lhe a mãe.

E o pai acrescentou:

— O melhor é esperares até sexta-feira, Isabel. Nessa altura tu própria verás.

Então a Isabel esperou. Finalmente chegou a sexta-feira ... a manhã de sexta-feira ... a tarde de sexta-feira.

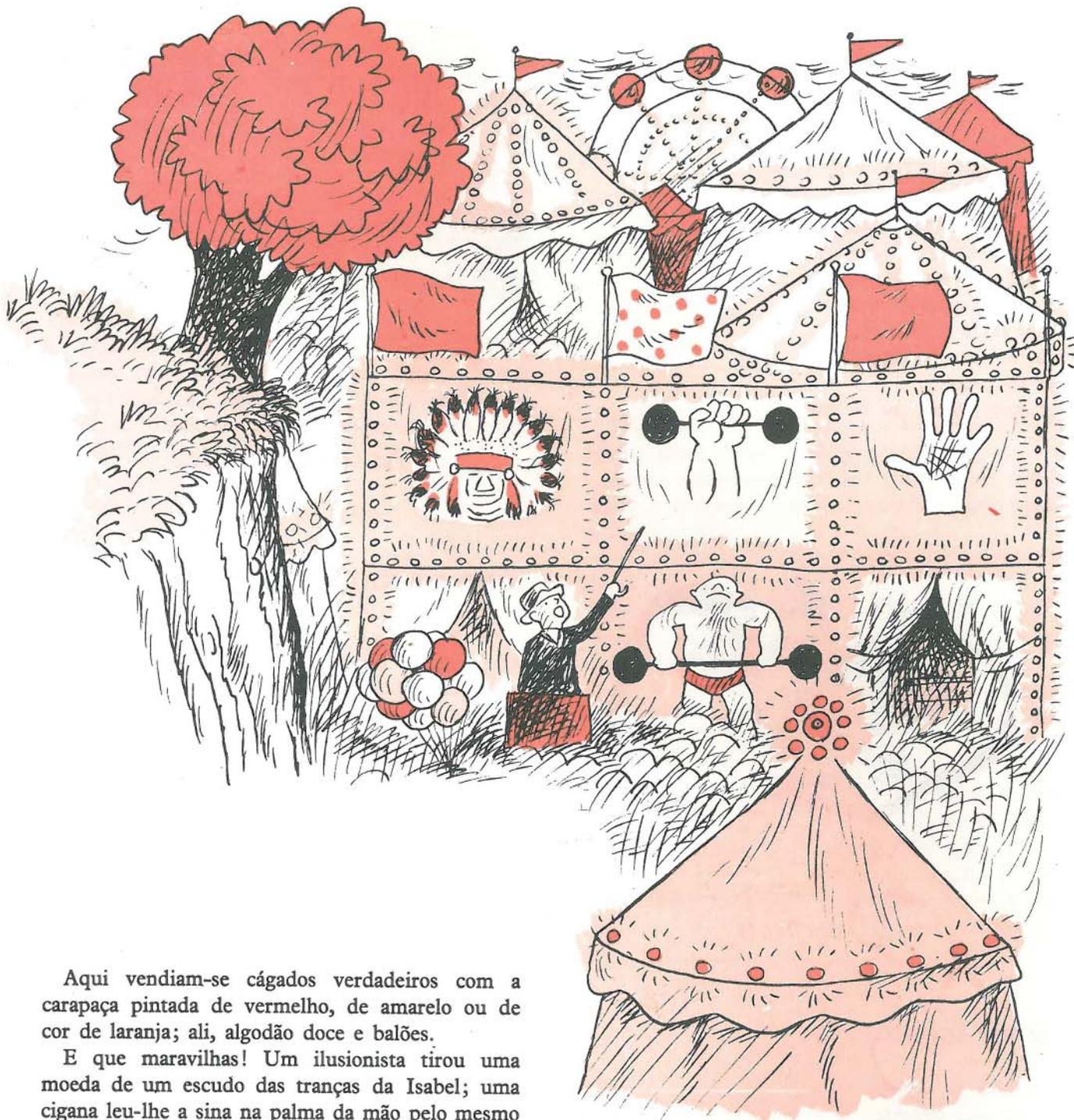
Ao anoitecer, a Isabel, o pai e a mãe foram para a feira. No alto da encosta pararam para admirar o largo da aldeia a rebrilhar de luzes.

Havia lanternas penduradas nos ramos das árvores, luzes que giravam, outras que subiam e desciam. E música, vozes e gargalhadas.

As luzes que giravam eram as do carrocel, e a Isabelinha teve licença para andar duas vezes num esplêndido avião. As que subiam e desciam eram as da montanha russa. A Isabel também andou nela, ao colo do pai.

Toda a gente dançava ao compasso da música alegre, e à luz das lanternas que baloiçavam.

As vozes vinham das numerosas barracas onde se podia ganhar prémios nas tómbolas ou enfiando uma argola no gargalo de uma garrafa.



Aqui vendiam-se cágados verdadeiros com a carapaça pintada de vermelho, de amarelo ou de cor de laranja; ali, algodão doce e balões.

E que maravilhas! Um ilusionista tirou uma moeda de um escudo das tranças da Isabel; uma cigana leu-lhe a sina na palma da mão pelo mesmo preço.

Havia também palhaços, acrobatas, gigantes e lutadores. Desde que entrara, a Isabel abria tanto os olhos que estes acabaram por se fechar sòzinhos.

O pai pegou na filha ao colo, no balão, no passarinho, no cágado, em todos os prémios ganhos por ela, e disse-lhe baixinho:

— O fogo-de-artifício vai principiar. Não queres ver?

A Isabel tentou abrir os olhos, mas tinha muito sono. Encostou a cabeça ao casaco do pai e adormeceu. Para o ano, já mais crescida, seria com certeza capaz de ficar acordada para ver o fogo-de-artifício!

## *À pesca*

### 19 DE AGOSTO

*Eu acho muito esquisito  
que este lago tão bonito  
tenha sempre tanto peixe,  
e quando a tarde refresca  
e eu trago a cana de pesca,  
ele, de repente, deixa  
de ter peixe!*

*A quem acham que me queixe?*



## *As uvas verdes*

### 21 DE AGOSTO

Nas belas tardes de Verão, os raposinhos gostavam de dormir a sesta na vinha. Era tão agradável as folhas verdes a abrigarem-nos do sol e as uvas pendentes em cachos tão apetitosos!

— Não as comam! — recomendava-lhes sempre a mãe antes de adormecer. — As uvas verdes são horrivelmente amargas.

— Não comemos — respondiam os raposinhos.

Mas de dia para dia as uvas verdes pareciam mais atraentes!

E certo dia em que a mãe adormecera sem lhes recomendar «não as comam», os raposinhos estenderam a pata sorrateiramente, apanharam um cacho e deram-lhe uma dentada.

— Ui! — gemeram eles, fazendo uma careta medonha. — Que amargas!

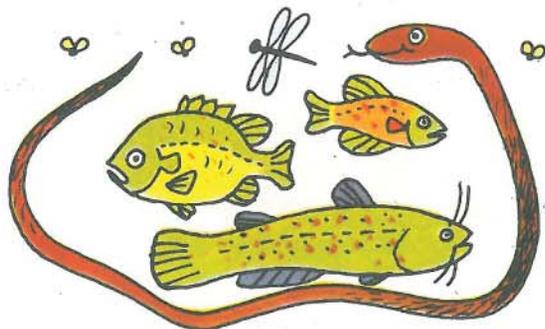
E resolveram nunca mais as provar.

Por isso, quando as uvas amadureceram e a mãe dos raposinhos lhes disse: «Agora já podem comê-las», eles limitaram-se a fazer uma careta e responderam:

— Não, muito obrigado.

A mãe percebeu logo a razão da resposta.

Rapidamente enfiou-lhes dois bagos de uva nas boquitas abertas. Os raposinhos olharam um para o outro admirados, a careta transformou-se em sorriso e estenderam a pata a pedir mais.



## *A serpente*

### 20 DE AGOSTO

*A beira da corrente  
mora uma serpente.*

*É feia, muito má.  
Eu sei que ela está lá.*

*Não tem dentes nem pêlo  
e é fria como gelo.*

*E à noite antes da ceia  
vem passear na areia!*

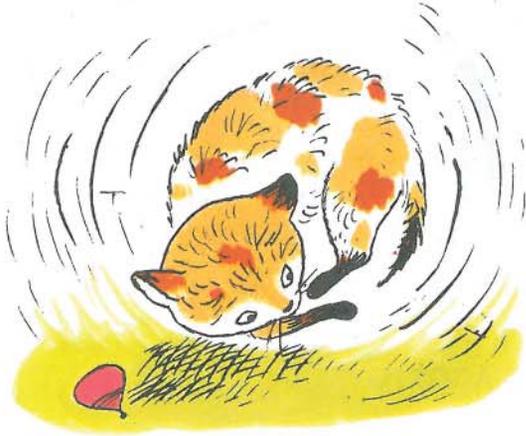
# Pião

22 DE AGOSTO

Pião era um gatinho maroto que gostava muito de correr atrás de coelhos e esquilos, toupeiras e ratos, borboletas e besouros, e até de correr atrás do seu rabinho. Andava, à roda, à roda, sem parar, como se fosse um pião e por causa disso é que lhe tinham posto aquele nome.

Mas um dia o Pião viu um passarinho no relvado; tê-lo-ia apanhado se a dona não viesse a correr.

— Piãozinho! Seu mauzão! — exclamou, zangada. — Nunca mais tornes a correr atrás dos passarinhos!



Para falar verdade, aquilo não significava nada para o gatinho mau, que, estrebuchando, continuava a olhar para o passarinho.

— Tenho de pôr-te um guizo — disse a dona. E colocou uma enfiada de guizos prateados na coleira encarnada do gato. Eram muito bonitos e tinham um lindo som, mas não deixavam o Pião divertir-se.

Toupeiras, esquilos, coelhos e, principalmente, os passarinhos fugiam logo, assim que o ouviam aproximar-se. E o pior foi que nessa noite os ratos correram à sua vontade por toda a casa.

Fizeram tanto barulho a arranhar e a roer que a dona do Pião não conseguiu pregar olho.

— Oh, Pião, que havemos de fazer? — lamentou-se ela.



Pião miou, o que queria dizer: «Tire-me os guizos que eu dou conta dos ratos!»

Mas a dona percebeu o que queria dizer aquele miau, e quebrou a cabeça a pensar durante noites e noites a fio.

— Já descobri! — exclamou por fim, saltando da cama.

Os ratos são bichinhos que vivem de noite, à hora em que pássaros pequenos e grandes estão em segurança nos ramos altos das árvores.

Tirou os guizos da coleira do Pião, que pôde assim dar caça aos ratos todos da casa e até dos vizinhos.

Que vaidoso ficou o Pião!

E a dona também, satisfeita por poder dormir em paz e sossego. Pela manhã, quando os passarinhos saltavam no relvado, punha outra vez os guizos na coleira do Pião. E, à noite, o Pião tinha liberdade de correr, de vadiar, de ir à caça para que nenhum rato se atrevesse a entrar em casa.



## A mangueira

23 DE AGOSTO

Amanhã  
pela manhã  
salto da cama,  
troco o pijama  
pelo calção  
de tomar banho,  
ligo a mangueira  
que é do tamanho  
de légua e meia,  
abro a torneira,  
rego o jardim,  
e sempre quero  
ver se no fim  
de estar molhado  
desta maneira  
sou obrigado  
a ir para banheira!

## A pêra doirada

24 DE AGOSTO

Era uma pêra doirada  
a que estava pendurada  
no ramo daquela pereira  
mesmo ao alcance da mão ...

Trinquei-a. Desfez-se em sumo.  
Em resumo,  
não foi melhor  
que apodrecer no chão?



## Uma folha de couve para cada um

25 DE AGOSTO

Que calor fazia no couval onde os coelhinhos andavam a ajudar o pai!

Passavam por entre os canteiros, apanhando os bichinhos que queriam comer as grandes couves redondas, e paravam de minuto a minuto para enxugar o suor da testa e abanar-se.

— Ó pai — repetiam eles — não podemos ficar com uma folhinha de couve para cada um de nós, uma só?

— Antes de terminarem o trabalho, não senhor; depois terão todas quantas quiserem.

Por isso, os coelhinhos trabalhavam, paravam, abanavam-se, enxugavam a testa, continuando a reclamar a sua folhinha de couve até que por fim o pai, que também estava cheio de calor, perdeu a paciência e gritou:

— Não comem folhas de couve, nem uma pontinha sequer, enquanto não acabarem o trabalho!

## Toda a espécie de insectos



— Uma pontinha? — repetiam os coelhinhos. — Não era para comer que nós queríamos as folhas de couve. Era para meter dentro do chapéu e refrescar a cabeça como faz o avô.

— Ah, sim! É verdade, ele costuma fazer isso — disse o pai.

Deu a cada um dos coelhinhos uma grande folha para meterem dentro do chapéu e ele próprio meteu uma ainda maior dentro do seu. E os coelhinhos deixaram de sentir tanto calor. Trabalharam tão depressa, sem parar, que, num instante, enxotaram os bichos todos.

— O avô sabe muita coisa! — declarou o pai coelho, cortando uma bela folha de couve, especialmente grande, para a ceia, e outra maior ainda para o avô, que gostava tanto de couves que já tinha comido todas as do seu couval.

26 DE AGOSTO

Era uma vez um ratinho muito engraçado, e extraordinariamente sossegado para um rato.

No Inverno ficava horas e horas a ver cair os flocos de neve.

Na Primavera ficava tempo infinito parado à espera de ver crescer a erva e ouvir os botões a abrir.

E, no Verão, ainda ficava mais quieto, pois nessa altura havia um mundo de coisas novas para ver: o mundo dos insectos, grandes e pequenos, uns que voavam, outros que andavam.

— É preciso cuidado com os que picam — pensava o ratinho —, os mosquitos, as abelhas, as vespas e as nojentas moscas varejeiras.

E ficava a observá-los, fazendo o possível por não os incomodar, afastando-se até do seu caminho. Via as lagartas verdes a rastejar, e os gafanhotos a saltar.

Reparava nos seus costumes e nos das borboletas. E à noite admirava-se ao ver os pirilampos.

Do que o ratinho gostava mais era dos escaravelhos. Havia uma tão grande variedade, e de tantas cores! Às riscas. Às pintas. E principalmente gostava de ajudar os besouros zumbidores a voltarem-se quando caíam de costas e não se podiam mexer.

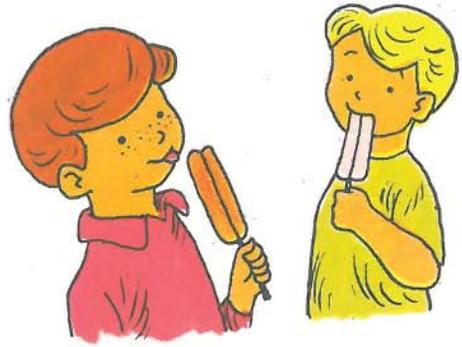
— Ora aí está! — dizia ele, depois de ter ajudado algum. — Se eu não conhecesse os insectos tão bem como conheço, não me atrevia a fazer isto. Que me sucederia se em vez de um besouro fosse um abelhão? Ferrava-me uma picadela em vez de me agradecer, era o que era!

E o ratinho sossegado pensava que, apesar de tudo quanto já sabia, ainda tinha muito que aprender sobre o maravilhoso mundo dos insectos.

## O pequeno capitão

27 DE AGOSTO

*Era uma vez um capitão  
que navegava pelos mares do sul.  
O céu não estava azul,  
mas preto de azeviche.  
Em lugar de velas  
havia cortinas nas janelas;  
o quarto era a cabina,  
a cama o seu beliche,  
e enquanto a mãe o julgava a dormir  
o nosso capitão navegava  
... a fingir!*



## O vendedor de gelados

28 DE AGOSTO

*Ó vendedor de gelados!  
Qual vou comer?  
Hesitei ...  
Não sei ... não sei  
como há-de ser  
o desempate:  
Baunilha?  
ou chocolate?*

## Uma boa solução



- Emprestas-me o remo?
- Emprestas-me o barco?
- Dá cá.
- Toma lá.
- Eu remo.
- Eu embarco.

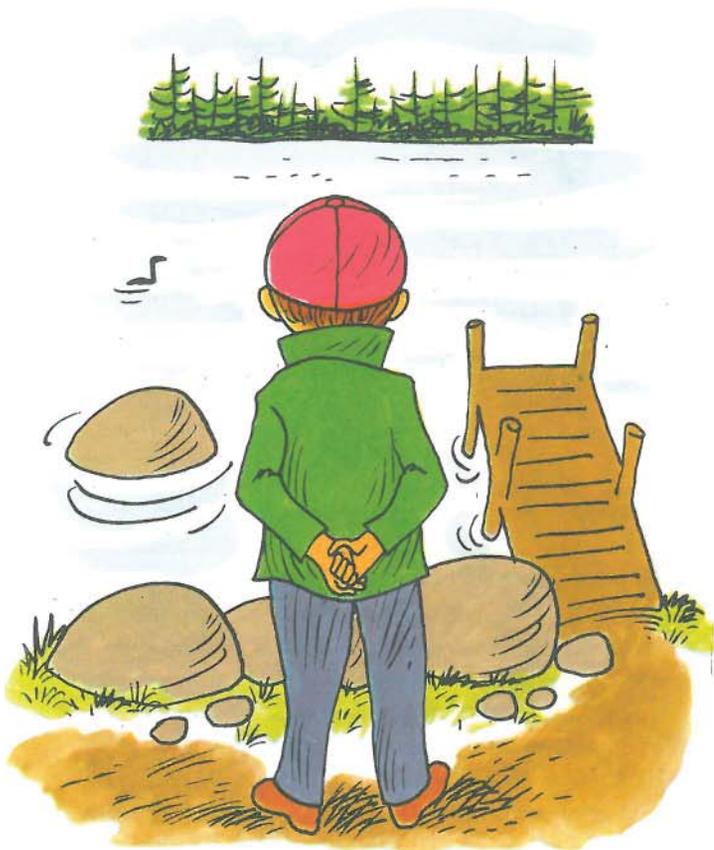


29 DE AGOSTO

*O cão tinha remo  
e não tinha barco;  
O gato no barco  
(pirraças do demo!)  
sem poder remar  
na água do charco.*



*Com boa amizade  
entre gato e cão  
sempre há solução.*



## No mês de Agosto

### 30 DE AGOSTO

Num dia muito bonito de Agosto, o Bernardo desejou que o tempo fosse sempre assim.

Exactamente como hoje. Com o céu azul-claro, e nuvens brancas muito altas.

Queria que o lago estivesse sempre calmo e azul-ferrete, com barcos à vela deslizando empurrados pela aragem levezinha, que nem encrespava a água; e esta era tão clara que podia ver os peixes pequeninos a quererem morder os dedos dos pés.

Desejava que os campos continuassem cobertos de papoilas e malmequeres, e as moitas carregadas de amoras grossas para fazer doce para a sobremesa.

E que o tordo continuasse a vir empoleirar-se na cerejeira para cantar a canção maravilhosa do Verão, radioso de luz.

E tudo continuava como ele queria.

Mas chegou a hora de fechar a cabanazinha à beira do lago e voltar para casa.

«Que pena irmo-nos embora com um tempo tão lindo!», pensava o Bernardo, acabando de comer as sanduíches. Deu um suspiro e parecia muito triste.

Mas durante a noite, já ele estava deitado, o tempo mudou. Soprou um vento frio e o Bernardo tremia arrepiado debaixo dos cobertores. Pela manhã, o tempo bonito havia desaparecido. O sol escondera-se por detrás das nuvens cinzentas e baixas, e o lago estava frio e triste. E quando fecharam a cabana do lago e o Bernardo regressou à casa da cidade com a família, tinha esquecido o maravilhoso mês de Agosto para pensar apenas que era muito mais agradável dormir numa cama quente e fofa.



## O búzio mágico

### 31 DE AGOSTO

*Eu trouxe da praia  
um búzio bonito  
que tem um segredo  
em que eu acredito.*

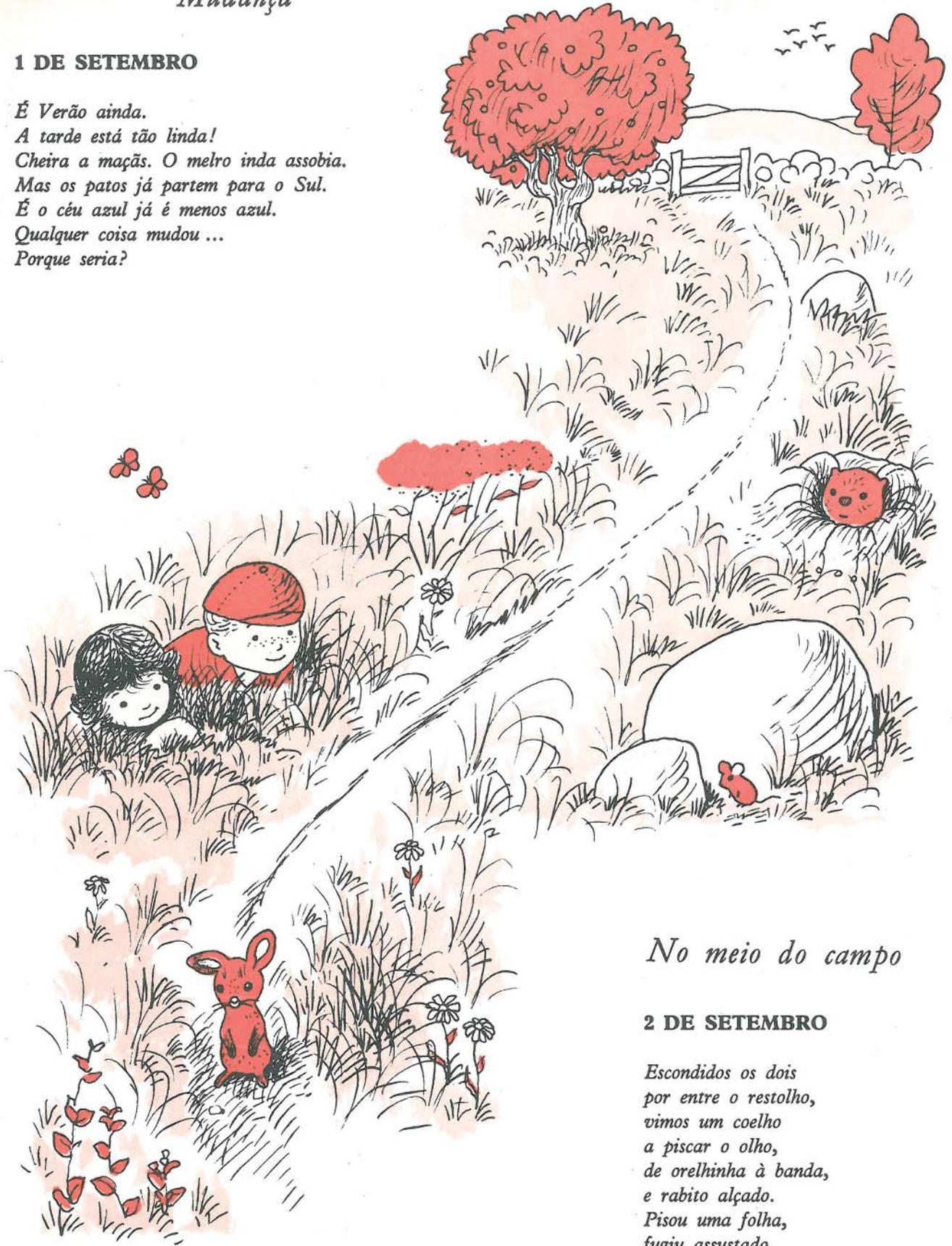
*Lá dentro escondido  
alguém a chamar ...  
Ponho-o ao ouvido:  
escuto a voz do mar.*

*O mar e o sol  
e a praia inteira  
guardados num búzio  
na minha algibeira.*

## Mudança

### 1 DE SETEMBRO

É Verão ainda.  
A tarde está tão linda!  
Cheira a maçãs. O melro inda assobia.  
Mas os patos já partem para o Sul.  
É o céu azul já é menos azul.  
Qualquer coisa mudou ...  
Porque seria?



### No meio do campo

### 2 DE SETEMBRO

Escondidos os dois  
por entre o restolho,  
vimos um coelho  
a piscar o olho,  
de orelhinha à banda,  
e rabito alçado.  
Pisou uma folha,  
fugiu assustado.

# Tónio! Tónio!

## 3 DE SETEMBRO

— Tónio! Tónio! — chamava o pai. — Vem ajudar-me a trazer o milho do campo!

E o Tónio obedecia, correndo tão depressa quanto as suas pernas curtas deixavam.

— Tónio! Tónio! — chamava logo a seguir a mãe. — Vai depressa buscar-me lã para tecer.

E quando o Tónio havia trazido a lã, uma das suas três irmãs pedia-lhe para ir apanhar vime para fazer os cestos, ou palha para as sandálias, ou então barro para as tigelas que uma delas modelava.

Às vezes parecia-lhe que toda a gente o chamava sem descanso: «Tónio! Tónio! Tónio!»

Trabalhava a toda a hora, mas na véspera do mercado, quando a família se pôs a empacotar as coisas que ia vender, o Tónio não tinha nada para levar.

«Nem nada para vender. Não posso arranjar dinheiro para comprar o que me apetece», pensava ele, muito triste.

E lembrando-se dos brinquedos e dos rebuçados que se vendiam no mercado, foi deitar-se. O pobre Tónio chegou mesmo a pensar, cheio de pena, em não ir sequer ao mercado.

Mas no dia seguinte pela manhã, assim que a mãe o chamou: «Tónio! Tónio! São horas de levantar», saltou da cama para fora, com curiosidade de ver ao menos o aspecto do mercado.

Viu a mãe enrolar os tapetes, o pai encher de milho os cestos grandes, e as irmãs arrumarem os objectos que tinham feito. Quando já todas tinham a carga às costas, reparou que no chão ficava um cesto.

Nele havia um pouco de milho, um tapete pequeno e, cuidadosamente embrulhada, uma linda tigela.

«Não vão deixar ficar aqui este cesto, com certeza», pensou ele.



Nesse instante a família inteira chamou-o:

— Tónio! Tónio! Traz o teu cesto. É a parte que te cabe por tudo quanto fizeste. E agora despacha-te, Tónio! O sol já rompeu!

Então o Tónio pegou no cesto todo ufano e foi a correr ter com eles. E embora o cesto fosse pesado e o largo do mercado ainda longe, tinha a certeza de que as suas perninhas curtas não se cansariam a andar nem a ajudar outra vez o trabalho da família.



## Os ursos travessos

### 4 DE SETEMBRO

Era uma vez dois ursinhos.

Certo dia, um deles pegou na espingarda do pai, sem pedir licença. E o outro, sem pedir licença, pegou no arco e nas flechas do pai. E saíram de casa um para a direita, outro para a esquerda. Até que chegaram ambos junto de um grande penedo e ouviram passos do outro lado.

— É algum bicho. Vou matá-lo com um tiro — disse o que levava a espingarda, espreitando por detrás do penedo.

— É algum bicho. Vou matá-lo com uma flecha — disse o outro, indo nos bicos dos pés espreitar.

Aí estavam ambos os ursinhos frente a frente, prontos a disparar.

— Ai! Não dispare! — gritou um.

— E tu também não! — gritou o outro.

E, cada qual por seu caminho, regressaram a casa. Puseram no seu lugar a espingarda, o arco e as flechas, e voltaram às brincadeiras do costume, muito melhores do que andar à caça.

## O vestuário novo do pobre Joanico

### 5 DE SETEMBRO

— Não posso ir jogar à bola esta tarde — disse o Joanico ao Marcos. — Depois do almoço tenho de ir à baixa comprar fato para a escola.

— Ora, cebolório! — disse o Marcos. — Hoje, eras tu o guarda-redes. Assim perdes a vez.

— Pois é — respondeu o Joanico, sem querer mostrar o seu desapontamento.

Mas, durante o almoço e no caminho até à baixa, esteve sempre calado, a pensar no desafio e desejando estar àquela hora a correr no campo.

Pensava também que, se se despachassem depressa, à volta ainda podia chegar a tempo de disputar um ou dois jogos. Mas a mãe não tinha pressa. Levou tempo a resolver-se antes de lhe comprar as calças,

as camisas, os sapatos e as peúgas! E quando tudo aquilo estava embrulhado, foi ver os sobretudos.

— Se voltássemos cá amanhã ou noutra dia? — pediu o Joanico.

— Não senhor — respondeu a mãe. — Os sobretudos estão hoje em saldo. Experimenta este, Joanico.

E o Joanico, desanimado, teve de provar vários sobretudos quantíssimos e pesados. Por fim, lá escolheram um. As compras haviam terminado.

Mas eram quatro e meia.

«O desafio também já acabou», pensava o Joanico, carregado de embrulhos. Mas exactamente no momento em que o Joanico e a mãe saíam da loja, o Marcos e a mãe, tão carregados como eles, iam-se embora!

— Marcos! — chamou o Joanico. — Também faltaste ao desafio?



— Não — respondeu o Marcos. — Quase todos os nossos colegas tiveram de ir fazer compras hoje. Jogamos amanhã em vez de hoje.

— Amanhã! — exclamou o Joanico, mudando os embrulhos para o lado esquerdo para poder estender a mão direita ao amigo. — Ainda bem que as compras acabaram por hoje!

Sorriu alegremente e, quando a mãe lhe propôs irem comer um gelado de chocolate, não conseguiu, ainda que quisesse, ficar mais contente do que estava!

## O gatinho

6 DE SETEMBRO

— És muito pequeno ainda para andar à beira do rio! — disse a mãe gata ao gatinho.

— O chão é escorregadio!

Mas o gatinho travesso não fez caso do que ouvia.

Catrapus! Caiu à água.

— Miau! Miau! Ai, tão fria!



Bom dia, gémeos!

7 DE SETEMBRO

Do Pedro e do Paulo sou um grande amigo; distinguir os dois é que não consigo.

Têm olhos iguais, sorriso feliz, ambos sem um dente, sardas no nariz.

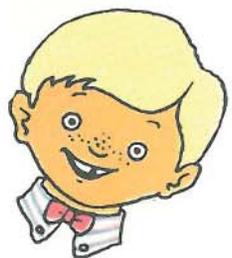
Digo: «Olá, ó Pedro!»

Não é ele. É o mano.

«Ó Paulo, anda cá!»

E outra vez me engano porque era o irmão.

Isto de ser gémeos é uma confusão!





## A semanada

### 8 DE SETEMBRO

Quando o Cristiano entrou para a escola, o pai resolveu dar-lhe 60\$00 por semana.

— Sessenta escudos! — exclamou o Cristiano. — Que vou fazer com tanto dinheiro?

— Isso é lá contigo — respondeu o pai. — Mas não te esqueças de que com esse dinheiro tens de pagar aquilo que comprares na cantina, e os transportes. Na cantina poderás gastar 7\$50 por dia. Quanto é ao fim da semana?

O Cristiano teve de arranjar papel e lápis para fazer a conta.

— Trinta e sete e quinhentos — disse finalmente. — Porque são cinco dias de escola.

— Bom. Acrescenta-lhe agora quinze escudos para o autocarro. Quanto te sobeja?

Desta vez o Cristiano levou muito mais tempo a dar a resposta.

— Sobejam-me sete e quinhentos.

— Estás um grande matemático! — retorquiu o pai, de brincadeira.

O Cristiano ficou encantado. Fazia projectos de poupar dinheiro para comprar acessórios para a bicicleta.

No dia seguinte comprou sete e quinhentos de rebuçados e pastilhas elásticas. Depois, chocalhando o troco na algibeira, foi ver a montra da loja de bicicletas.

Saltou-lhe logo à vista um magnífico galhardete com as cores do Benfica. Entrou.

— Pode mostrar-me aquele galhardete? — pediu ele.

O caixeiro foi buscar-lho.

— Quanto custa?

— Dez escudos.

Era muito mais caro do que o Cristiano esperava. Mas o galhardete era tão bonito que não hesitou.

De regresso a casa fez as contas. Tinha gastado naquele dia 17\$50. Só lhe sobejava muito pouco para a cantina e para o autocarro. E não podia ficar sem almoço! Só lhe restava uma solução: levantar-se meia hora mais cedo e ir a pé para a escola.

No fim da semana, o Cristiano já não achava tão bonito o seu galhardete. Achava também que a caminhada a pé era um desporto que não lhe agradava lá muito às sete horas da manhã!

Por isso, na segunda-feira seguinte, quando à saída da escola o seu amigo Filipe o queria levar com ele à loja das bicicletas, respondeu:

— Obrigado, não vou.

— Porquê? Não tens dinheiro? — perguntou o Filipe.

— Tenho — respondeu o Cristiano, apalpando as moedas que trazia na algibeira. — Mas não quero gastá-lo já. Antes quero poupá-lo até poder comprar o que quiser sem me ver obrigado a privar-me de outras coisas.

E foi o que passou a fazer.

## Nove estudantes

### 9 DE SETEMBRO

Nove estudantes iam para a escola, cheios de saudades de jogar à bola.

Um deles, porém, mostra o calendário: — Vejam todos bem! Não é necessário ir com tanta pressa. Não é nesta data que a escola começa!

E os nove estudantes, pardais sem gaiola, deitando a correr vão jogar à bola.



### Os sapatos novos

### 10 DE SETEMBRO

Esta manhã fui comprar sapatos novos, sabiam?

Pois nos do ano passado os meus pés já não cabiam.

Mas aquilo que tem graça é ver que todas as mães tiveram a mesma ideia:

em rua, avenida ou praça cada menino passeia de sapatos pretos, brancos

ou castanhos, ou vermelhos, reluzentes como espelhos.





## A girafa preguiçosa

### 11 DE SETEMBRO

A girafa tinha uma maneira de comer muito esquisita! Antes de morder qualquer folha, examinava-a primeiro cuidadosamente e ao fim de cada dentada parava a olhar em volta, para ver o que faziam os amigos, de modo que quando acabava de comer o pequeno almoço já os outros estavam capazes de almoçar. O almoço da girafa durava até à hora do jantar. E quando acabava de jantar, os outros estavam prontos para se deitar, e diziam:

— Estamos cansados e cheios de sono para brincar mais. Boa noite!

Então a girafa ia deitar-se também. Que havia ela de fazer, sòzinha? Mas, muitas vezes, não se deitava logo. Fidava a pensar como havia de arranjar tempo para brincar de dia, visto que as refeições lhe tomavam tantas horas. E, uma noite, achou que descobrira.

— Deixo de comer! Assim já tenho todo o tempo livre para brincar.

E no dia seguinte pela manhã não comeu nada ao pequeno almoço. Toda a manhã brincou com os amigos e divertiu-se muito. À hora do almoço estava cheia de fome.

— Oh! — disse ela. — Vou comer agora.

Tinha tanto apetite que não perdeu tempo a molengar. Almoçou num instante e estava pronta para brincar ainda antes dos amigos.

— Não te vás embora. Espera por nós! — disseram-lhe estes.

— Espero — respondeu a girafa, toda risonha.

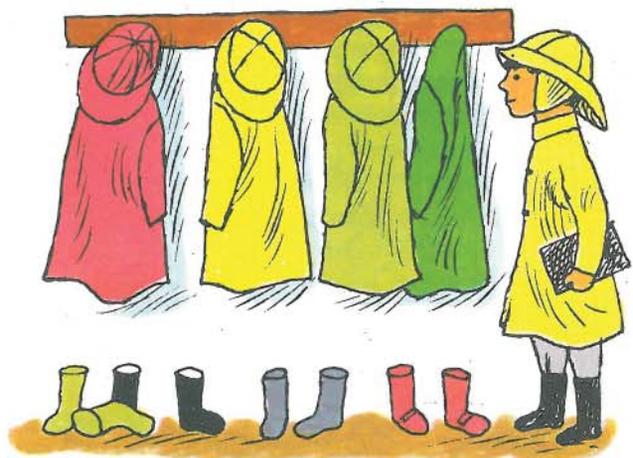
Sentia-se muito contente por ter sido naquele dia a primeira a acabar de almoçar.

## O impermeável e as botas

### 12 DE SETEMBRO

— Oh, mãe! Vou ser o único a usar impermeável e botas! — disse o Joanico.

Mas quando chegou à escola, viu que se enganara redondamente!





## O gato que foi à escola

### 13 DE SETEMBRO

O Félix era um gatarrão cinzento. Gostava de brincar com o Dinis e, quando este ia para a escola, o gato tinha vontade de ir também. Todos os dias pensava o mesmo. Até que certo dia foi atrás do Dinis, sorrateiramente.

Era tão grande que imaginava que podia ir para a 3.<sup>a</sup> classe, pelo menos; se não fosse para a 4.<sup>a</sup>. Por isso, subiu as escadas que iam dar às aulas dos meninos mais adiantados.

O professor da 3.<sup>a</sup> classe fechou-lhe a porta no focinho, antes que ele tivesse tempo de espreitar para dentro da sala. O da 4.<sup>a</sup> disse:

— Um gato na escola! O porteiro que venha enxotá-lo!

E fechou também a porta.

O Félix ficou muito zangado. Desceu as escadas outra vez e dirigiu-se para a classe infantil, cuja porta tinha ficado aberta.

O Félix entrou, de rabo alçado.

— De quem é este gato? — perguntou a educadora, sorrindo.

— É meu — respondeu o Dinis, timidamente. — Estou farto de lhe dizer que os gatos não podem vir para a escola!

— Mesmo assim ele veio — disse a educadora. — E nós ficamos satisfeitos de o ver cá ... mas só por esta vez.

O Dinis estava encantado, e os outros meninos também. No recreio deram leite ao Félix. E o Félix olhava para tudo: os desenhos, os jogos, especialmente os jogos de construções. Quando eles aprenderam as letras da palavra GATO, pôs-se a ouvir com muita atenção, como se quisesse aprender também.

Nisto o sino tocou. Os meninos todos vestiram-se para sair.

O Félix não precisava, porque já tinha o pêlo vestido. Lá se foi, de rabo alçado, ao lado de Dinis, todo satisfeito porque realmente tinha ido à escola, exactamente como o dono.

## O índiozinho

14 DE SETEMBRO

Um índiozinho americano foi à escola pela primeira vez. Todo vaidoso, vestido com o seu fato de pele de gamo, calçado com *mocassins*, e na cabeça uma fita com uma pena espetada.

Com o almoço no saco a tiracolo, lá foi convencido de que nenhum menino ia tão bem vestido como ele.

Mas quando chegou à escola não se sentiu à vontade. Porque nenhum dos outros meninos usava fato de pele de gamo, nem *mocassins*, nem pena na cabeça. Nem sequer os outros índiozinhos. Tinham calças de ganga, camisas de flanela e sapatos com atacadores. Durante toda a manhã, o índiozinho olhou para eles, desejando andar vestido como eles andavam. À hora do almoço, sentou-se lá ao fundo da sala a comer, sozinho. Mas dali a pouco tempo outro menino veio sentar-se ao seu lado.

Pôs-se a olhar o fato de pele de gamo do índiozinho e soltou um suspiro. Olhou para os lindos *mocassins* e suspirou novamente.



Depois olhou para a pena e disse:  
— Gostava tanto de andar vestido como tu!  
— Sério? — perguntou o índiozinho.  
— Sério, pois — disse o menino. — E todos os meus colegas também.

— Todos! — pensou o índiozinho, sentindo-se novamente orgulhoso. Mas não queria que se percebesse. Limitou-se a abrir a sacola e a perguntar ao seu novo amigo se gostava também de comer um almoço à moda dos índios.



## As duas lagartas

15 DE SETEMBRO

— Tiago — disse a mãe —, não quero essas lagartas cá em casa. Deita-as fora imediatamente!

— Está bem — respondeu o Tiago.

Pegou na lagarta branca com toda a facilidade e colocou-a nos degraus da entrada. A lagarta desceu a escada e chegou ao jardim, onde se encontram todas as lagartas. Mas a lagarta preta foi mais difícil de agarrar. Tinha saído da caixa e subido até quase ao tecto. O Tiago ao fim de várias tentativas lá conseguiu apanhá-la.

Finalmente colocou-a na entrada da casa e disse-lhe adeus.

Mas em lugar de seguir o mesmo caminho da lagarta branca, a lagarta preta trepou pela parede até encontrar um sítio cómodo para fazer o casulo.

Assim que se instalou, começou a trabalhar. E o Tiago, que sabia que ela ia dormir dentro do casulo durante todo o Inverno, transformando-se, na Primavera, numa linda borboleta, tirou a erva da caixa onde guardara as lagartas e deitou-a fora sem pena nenhuma.



## A mudança

### 16 DE SETEMBRO

Era o dia da mudança; o Bruno estava tão triste que o carregador deu por isso e perguntou-lhe o que tinha.

— Gosto desta casa — respondeu o Bruno. — E a casa nova há-de ser muito diferente.

— Claro. Há-de ser diferente — disse o carregador. — Um dia fiz a mudança de uma família para uma casa que tinha uma toca de esquilos em frente da janela, e vi outra casa onde um rapazinho tinha construído uma cabana nos ramos de uma árvore.

— E que mais? — perguntou o Bruno.

— Já não me lembro — disse o carregador, pegando numa grande poltrona. — Mas há sempre coisas novas a descobrir, e maneiras diferentes de arrumar as casas.

O Bruno ficou a pensar naquilo. Disse lá consigo que gostaria de arrumar as suas coisas exactamente como lhe apetecesse. Mas, depois, pensou noutra coisa.

— Na casa nova já não tenho os meus amigos — disse ele, muito triste.

— Quantos amigos tem o menino? — perguntou-lhe o carregador.

— Nove — respondeu o Bruno. — Nove, que moram aqui pertinho.

— São muitos — respondeu o carregador. — Mas há uma coisa que eu sei: quando um menino tem amigos numa terra, também é capaz de os arranjar noutra. Não sei porquê, mas é sempre assim.

A seguir, pôs o cobertor do Bruno ao ombro e a sala ficou vazia. Toda a casa estava vazia, e o camião das mudanças pronto a partir. O pai, a mãe e a irmã do Bruno, dentro do carro, estavam também prontos a partir.

E todos os amigos do Bruno, sentados em cima da vedação, viam-no ir embora.

— Adeus! — disseram eles ao Bruno, quando este se meteu no carro, ao lado da irmã, no banco de trás.

O Bruno quis dizer-lhes adeus, mas sentia um nó na garganta. A mãe debruçou-se à janela e disse-lhes:

— Havemos de nos tornar a ver.

Durante uns momentos, o Bruno pôde só agarrar-se ao braço da irmã. Depois viu o carregador a sorrir-lhe. Sorriu também.

E pôde dizer aos amigos:

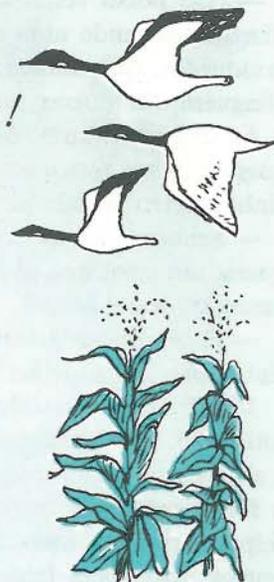
— Até breve!

Em seguida, o camião, o carro do pai e o Bruno partiram a caminho de uma vida nova, com novos amigos, enquanto os amigos velhos lhes diziam adeus, acenando com a mão.

## Inverno à porta!

### 17 DE SETEMBRO

*Quando os patos bravos  
e as andorinhas  
partem para longe,  
e a uva nas vinhas  
já foi vindimada,  
e apanhado o milho  
que nasceu na horta,  
guarda o teu baloiço.  
Está o Inverno à porta!  
Está, que bem o oiço.*



## O ursinho torto

18 DE SETEMBRO

A senhora Maria Martins, uma velhota que fazia ursos de felpa, teve um dia sérias dificuldades com um dos seus bonecos. O urso torcia-se todo enquanto



ela o enchia, enquanto o cosia e tentava pôr-lhe o focinho, a boca, e os olhos, no seu lugar. Que ar tão cómico o dele com os olhos à banda!

— Não posso vendê-lo — disse a senhora Maria Martins, metendo num grande saco todos os outros brinquedos, que tinham ficado muito bem feitos. — Ninguém vai querer comprá-lo!

A senhora Maria Martins, desgostosa, estava quase a deitar fora o urso aleijado quando um rapazinho meteu a cabeça pela porta.

— Senhora Maria Martins — disse ele —, eu queria um urso, mas só tenho dez escudos. Não tem nenhum desse preço?

— Então não havia de ter! — respondeu a velhota. — Então não havia de ter!

Mostrou-lhe o ursinho aleijado, que se torcia de satisfação. E o rapazito, todo contente, agarrou nele e abraçou-o. Depois pagou à senhora Maria Martins e foi-se embora a correr com o seu novo urso de felpa. Achava-o mais a seu gosto que todos os outros ursos bem feitinhos que vira na loja da senhora Maria Martins.

## A Lua vai passear

19 DE SETEMBRO



*A Lua vai passear,  
porque quando à noite vou  
dar um giro com o avô  
até à beira do mar,  
já a Lua lá chegou.*



## O passeio

20 DE SETEMBRO

*Vou passear a boneca.  
Passa por mim muita gente.  
Dou os bons dias a todos  
que vejo na minha frente.  
Ensinou-me a minha mãe  
que era boa educação.  
Mas sorrir e dar bom dia  
não custa nada, pois não?*

# OUTONO





## O vento zangou-se...

### 21 DE SETEMBRO

O vento zangou-se.  
Oh, que fúria aquela!  
Levou uma telha,  
partiu a cancela.  
— Acordar quem dorme  
não é muito justo!  
Que barulho enorme!  
Apanhei um susto!  
Que bicho ruim  
é que te mordeu?  
Zangaste-te? Agora,  
quem ralha sou eu!



### Em cima de uma árvore

### 22 DE SETEMBRO

Um rapazinho gordo andava a brincar com um papagaio de papel que se foi enrodilhar nos ramos de uma árvore.

— Atiras-me cá abaixo o meu papagaio? — pediu ele a um ursinho gorducho que estava empoleirado num dos ramos. Mas o ursinho não percebeu. Não sabia a língua das pessoas. E limitou-se a balançar a cabeça.

— Bem — disse o rapazinho. — Vou trepar à árvore para trazer o meu papagaio de papel.

O ursinho também não percebeu nada. E não achou graça nenhuma a ver o rapazinho gordo trepar à árvore.

— É capaz de me apanhar com um cordel — resmungou o urso, olhando para o rapazinho. E, à medida que o menino trepava, trepava ele também. E o ursinho gorducho foi subindo, subindo até lá ao topo! E quando o rapazinho chegou ao pé do papagaio de papel, a árvore dobrou-se toda até ao chão. Porque o ursinho gorducho e o rapazinho eram ambos muito pesados!

Que grande trambolhão, o do rapazinho, do urso e do papagaio! Ficaram contentes quando se viram no chão.

O ursinho deitou a fugir com quantas pernas tinha, direito a casa da mãe!

— Credo! — exclamou a mãe, na língua dos ursos, quando ele lhe contou tudo. — Inventas cada história!

Foi exactamente o que disse a mãe do rapazinho; mas o rapazinho gordo e o ursinho sabiam muito bem que não se tratava de uma história, mas que o que tinham contado era verdade.





## Um dia de chuva

### 23 DE SETEMBRO

Chovia ainda quando a Beatriz voltou da escola. Mas não tinha importância. Era o dia em que a mãe e ela iam fazer bolos, porque tinha convidado uns amigos para lanche.

«E os dias de chuva são tão agradáveis quando se faz bolos», pensava a Beatriz, tirando o impermeável.

Mas foi encontrar a mãe, deitada no divã, a espirrar e com os olhos a chorar

A cara da Beatriz entristeceu.

— Ah! está outra vez constipada? — perguntou ela.

— Receio bem que sim — respondeu a mãe. — E tenho muita pena, mas não podemos fazer os bolos como tínhamos combinado. Podes ir à pastelaria e comprar quatro dúzias de bolos. Também é divertido, não é?

— É — disse Beatriz, hesitando. — Mas estou desolada por a mãe estar doente.

A mãe ia agradecer, mas, em vez disso, espirrou e foi tão cómico que ambas desataram a rir.

E enquanto riam a Beatriz teve uma ideia maravilhosa.

— Ó mãe — disse ela —, eu costumo ajudá-la sempre a fazer bolos, e vejo como a mãe faz. Parece-me que sou capaz de fazê-los sozinha desta vez.

A mãe pensou um minuto e espirrou duas vezes. Depois disse:

— E porque não, Beatriz? Se tiveres cautela com o forno ... tenho a certeza de que és muito capaz.

A Beatriz deu muita atenção a tudo. Pesou, misturou, bateu. E foi especialmente muito cautelosa quando meteu os bolos no forno.

E como os tinha feito exactamente da mesma maneira que a mãe, os bolos ficaram iguaizinhos quando os tirou do forno.

— Estão deliciosos — disse a mãe, depois de os provar.

— Estão — disse a Beatriz, voltando depressa para a cozinha a arrumar tudo.

— Sabe, mãe — disse ela quando voltou —, agora que já sei cozinhar, a mãe pode adoecer quando lhe apetecer!

E a mãe de Beatriz desatou outra vez a rir e a espirrar.

— Oh, Beatriz, eu não quero adoecer. Mas é consolador pensar que, se isso me acontecer, já tenho uma filha crescida capaz de fazer as coisas em meu lugar.

A Beatriz pensava o mesmo. Antes de pôr a mesa, parou alguns instantes a ouvir chover e a apreciar o delicioso cheirinho dos bolos que ela própria tinha feito para os seus amigos.





## A corrida do coelho

24 DE SETEMBRO

A Tia Tartaruga era muito sábia, e gostava principalmente que os outros a achassem sábia. Por isso, estava sempre a dar conselhos que ninguém escutava. Até que um dia encontrou um coelhinho veloz que andava a fazer treinos para uma corrida.

— Anda cá — disse a Tia Tartaruga. — A maneira disparatada como tu corres faz-me crer que nunca ouviste dizer que é com calma e persistência que se ganha uma corrida.

— Com calma e persistência? — exclamou o coelho muito admirado. — Nesse caso nunca virei a ser campeão, a menos que descubra a maneira de reduzir a velocidade das minhas patas traseiras.

Ao dizer isto, o coelhinho não tirava os olhos da pesada carapaça que a Tia Tartaruga trazia. De repente exclamou:

— Tia Tartaruga! A senhora que é tão sábia empreste-me a sua carapaça! É a melhor maneira de me obrigar a andar mais devagar.

A Tia Tartaruga esteve quase a dizer que não, mas lembrou-se de que o coelhinho lhe tinha chamado sábia. E ficou tão desvanecida que tirou a

carapaça. E o coelhinho pô-la às costas. Que par tão cómico faziam ambos agora! O coelhinho tinha uma carga tão grande em cima que mal podia andar. E a velha Tia Tartaruga parecia tão ridícula assim despida que todos quantos olhavam para ela ficavam mortos de riso. Mas se a Tia Tartaruga se sentia vexada, não o mostrava.

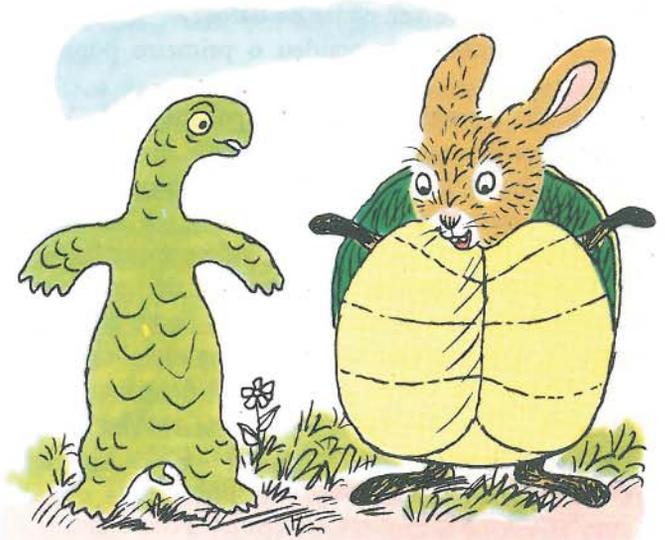
— Agora que já aprendeste, coelhinho — disse ela solenemente —, dá cá outra vez a minha carapaça.

O coelhinho restituiu-lha com todo o gosto, e a Tia Tartaruga ainda com maior prazer voltou a pôr a carapaça. Estava desvanecida por ter feito uma grande coisa. E o coelhinho, sentindo-se leve, deitou a correr mais depressa que nunca. Foi tão rápido que ganhou a corrida e tornou-se campeão.

— Sim, senhor — pensavam os outros bichos —, a Tia Tartaruga deve ter-lhe dado uma excelente lição!

E depois de darem «vivas» ao novo campeão, desataram a dar «vivas» à Tia Tartaruga.

Isto causou-lhe tanto prazer que nunca mais deu conselhos. Limitava-se a sorrir, com ar de sábia, e tudo passou a correr muito melhor do que antes.



## A retirada do Almirante Rã

26 DE SETEMBRO

Uma tarde, um bando de gansos bravos invadiu o charco do Almirante Rã. Que espalhafato de água! Que algazarra! E mergulhavam à procura de rãzinhas pequenas para as comer!

— Temos de lhes declarar guerra! — gritaram as rãs novas. — Vamos morder-lhes as patas, arrancar-lhes as penas e expulsá-los, coaxando com toda a força!

— Alto! — gritou o Almirante Rã. — Se empregarmos essa tática, eles devorar-nos-ão logo! Sugiro que nos enterremos no lodo até amanhã!

— O Almirante Rã tem medo! — murmuraram as rãs novas. — Temos de lhe tirar o boné e escolher um comandante mais valente!

Mas como era tarde e os gansos eram muitos grandes, obedeceram e foram-se deitar antes de fazer o que haviam resolvido. Pela manhã, o charco estava deserto. Ao longe, no céu rosado, um bando de gansos bravos voava em direcção ao sul.

— O inimigo foi-se embora! — exclamaram as rãs novas.

— Vitória! — gritou o Almirante. — Sempre assim fizeram desde que eu era girino! O que é preciso é a gente esconder-se até eles descansarem uma noite.

E mostrava-se tão enérgico que, em vez de escolherem outro comandante, as rãs novas reuniram-se para ensaiar o grito de «vitória!» com tanta prudência e dignidade como ele.



Aonde vão vocês,  
porquinhos?

25 DE SETEMBRO

Três porquinhos saíram da pocilga.

— Aonde vão vocês, porquinhos? Ao tanque, rebolar no lodo e ver nadar os patos?

— Não, senhor — respondeu o primeiro porquinho. — Aí não!

— Então aonde vão vocês, porquinhos? Vão coçar o lombo numa tábua rugosa? É aí que vão? Ou vão à horta buscar cenouras para trincar e comer com as vossas trombinhas?

— Não, senhor — disse o segundo porquinho. — Já coçámos o lombo esta manhã de encontro a um banco, e comemos raízes na horta até nos apetecer. Não queremos nada disso, muito obrigado!

— Aonde vão vocês, porquinhos? Ao pomar das macieiras onde as maçãs maduras, tocadas pela aragem, caem dos ramos para o chão, ácidas e saborosas; é aí que vocês vão, porquinhos?

— Sim, senhor — disse o terceiro porquinho. — É aí mesmo! Aí mesmo, e já estamos quase a lá chegar!



## Uma casa para a Dona Ratinha do Campo

27 DE SETEMBRO

— Acho que devemos procurar uma casa para passar o Inverno — declarou a Dona Ratinha do Campo, pousando o *tricot*.

— Uma casa? Mas, então, não temos uma? — perguntou o marido.

— De certo modo, temos — disse a Dona Ratinha do Campo —, mas não é uma verdadeira casa. Não é como a da Prima Teresa. A dela é uma bela cave quente, perto do fogão. Acho que precisamos de uma casa assim.

O senhor Ratinho do Campo suspirou. Desagrada-lhe a ideia de deixar a casa que tinham arranjado com tanto mimo!

— Não podíamos ir passar primeiro uns dias a casa da tua prima? — perguntou por fim.

— Com certeza! — respondeu a esposa, certa de que ele havia de gostar do sítio, depois de lá ter morado. E tratou de fazer as malas.

O senhor Ratinho do Campo, esse, tinha a certeza de que não iria gostar. Mas ajudou a fazer os preparativos e lá foram.

Quando chegaram ao extremo do campo encontraram a Prima Teresa lavada em lágrimas, com a família toda, carregada de trouxas.

— Aquela gente, em casa de quem nós morávamos, sabem? Pois lembraram-se de recolher um gato e de o tratar como se fosse da família!

— Que crueldade! — exclamou a Dona Ratinha do Campo.

— Por isso aqui estamos nós, depois de tantos anos, sem um abrigo! — suspirou a Prima Teresa.

E os meninos ratinhos desataram a chorar, o que comoveu o senhor Ratinho do Campo.

— Oçam — disse ele. — Se quiserem vir instalar-se ao nosso lado, eu cavo-lhes um buracinho antes do anoitecer!

Assim se fez, com grande alegria da Prima Teresa e orgulho da Dona Ratinha do Campo.

— Vai ficar um encanto! — disse a Prima Teresa quando acabaram de comer a ceia preparada pela Dona Ratinha do Campo.

— Com certeza, logo que pusermos as cortinas e fizermos alguns arranjos — respondeu esta.

E o senhor Ratinho do Campo, aliviado com a ideia de que a esposa ficaria muito entretida para pensar em mudanças — pelo menos até ao Inverno —, acendeu o cachimbo, com satisfação.

## Os cães

28 DE SETEMBRO

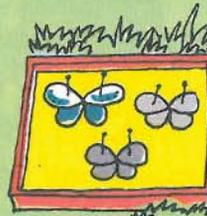
De todos os cães  
desta exposição  
qual preferes tu?  
O pêlo-de-aramé?  
O boxer trombudo?  
O caniche tolo  
muito guedelhudo?  
O pincher anão  
que é de mini-raça?  
O cão dos rebanhos?  
Ou o cão de caça?



## O colecionador

29 DE SETEMBRO

O meu irmão  
faz colecção  
de borboletas.  
Espeta-as, coitadas,  
sobre pranchetas!  
Eu cá por mim  
não sou capaz  
de lhes fazer  
o que ele faz.  
Gosto de as ver  
voar no ar,  
como se fossem  
flores a dançar.



## Dia de feira

30 DE SETEMBRO

O João foi para a feira  
a trotar no seu cavalo,  
com dinheiro na algibeira  
e disposto a ir gastá-lo.

Vai andar no carrocel,  
vai comprar amendoim,  
encontra o Zé e o Manel,  
e não quer saber de mim!

— Olha! Voltou para trás!  
— Vim buscar-te. Anda comigo.  
Tens um lugar na garupa.  
Como é bom ter um amigo!





## Os escaravelhos

### 1 DE OUTUBRO

Certo dia, o gatinho cinzento andava lá por fora, entretido a arrelhar os escaravelhos.

Perseguia um pobre escaravelho preto e dava-lhe sapatadas. O infeliz bicharoco, muito atordoado, acabou por fugir e o gatinho vingou-se num grande besoiro que deitou de patas ao ar.

— És um bandido! — gritava o besoiro, agitando as patas e a querer virar-se. — Nós somos pequenos e tu és grande, não devias arrelhar-nos.

— Pois não devia — troçou o gato ruim —, mas gosto de arrelhar os bicharocos e hei-de continuar a fazê-lo.

Ia a virar novamente o besoiro de patas ao ar, quando apareceu outro escaravelho. Mas este era enorme, com olhos pretos a brilhar, e estranhas garras que se moviam à medida que ele caminhava.

O gatinho esqueceu-se completamente do besoiro. De focinho rente ao chão, avançou para o grande escaravelho. Mas antes que tivesse tempo de lhe dar uma sapatada, o escaravelho agarrou-lhe o focinho com as pinças.

— Larga-me! — gemia o gatinho.

— Só largo quando me apetecer! — respondeu o grande escaravelho.

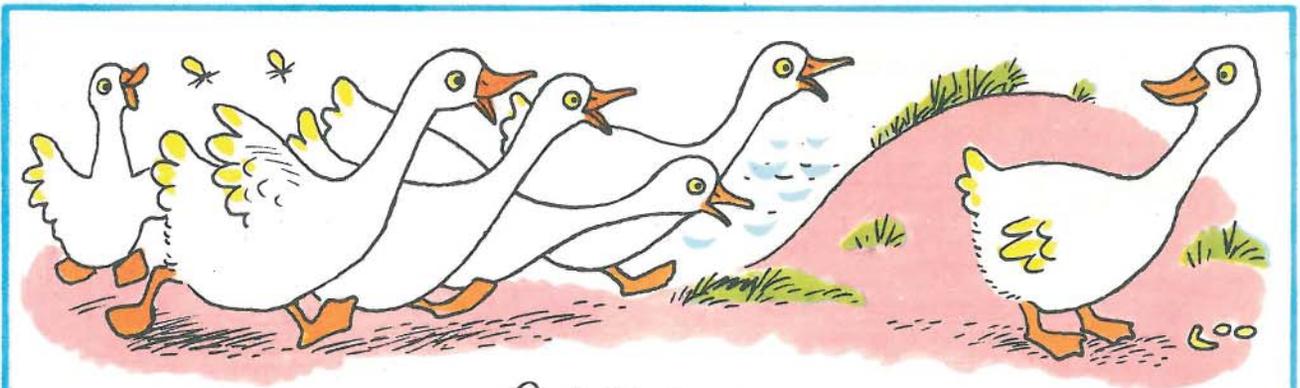
E só quando o escaravelho se resolveu a largá-lo é que o gatinho fugiu o mais depressa que podia.

— Torna a arrelhar-me! — disse-lhe o escaravelho, trocista. — Dizes que gostas de arrelhar os escaravelhos!



— Já não acho divertido — respondeu o gatinho cinzento. — Principalmente quando os escaravelhos me fazem mal!

Esfregou o focinho, virou-lhe as costas, e foi brincar com as folhas secas.



## O pato ganso

### 2 DE OUTUBRO

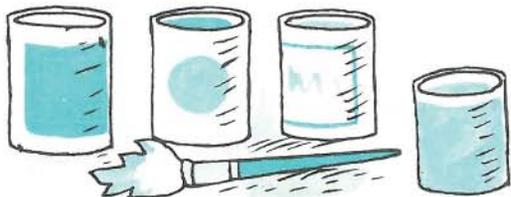
*Os patos riem do ganso,  
do seu andar pachorrento  
que parece dar balanço  
como empurrado pelo vento.*

*Mas quem ri melhor no fim  
é o ganso que não é tanso  
quando come antes dos outros  
o pão todo que eu lhe lanço.*

## O artista

### 3 DE OUTUBRO

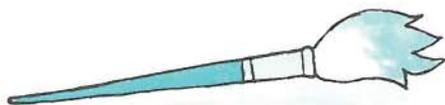
1 — Agora tenho tudo o que é preciso para pintar, sirvo-me das coisas como me apetecer ...



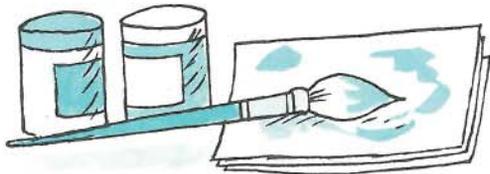
2 — não como na escola, onde não podemos entornar um pingo de tinta ...



3 — não como na escola, onde é preciso lavar o pincel sempre que se muda de tinta ...



4 — não como na escola, onde temos de ter tanto cuidado com o papel.



5 — Como na escola, não! Oh! As minhas tintas novas ficaram todas misturadas e já não me resta uma única folha de papel!



## A minha camisola

### 4 DE OUTUBRO

Refrescou o tempo.  
Logo de manhã  
visto a camisola  
de malha de lã  
que a mãe, este ano,  
me deu de presente.  
Nem bicho de pêlo  
se sente mais quente!



## A amiga nova

### 5 DE OUTUBRO

Todos os dias, depois das aulas, a Sofia e a Beatriz brincavam juntas. Andavam de bicicleta, desenhavam, brincavam com as bonecas e faziam-lhes vestidinhos. Um dia, as duas meninas fizeram



até uma casa na capoeira velha que havia no quintal da Beatriz. Depois, todos os sábados, almoçavam aí ambas.

E divertiam-se tanto que muitas vezes a Sofia ficava todo o dia em casa da Beatriz e só voltava para casa dos pais já muito tarde, mesmo à hora do jantar.

Mas um dia, quando a Sofia apareceu para brincar, já havia outra menina em casa da Beatriz. Chamava-se Joaquina e morava na casa do lado, havia pouco tempo.

E naquele dia tudo foi diferente.

A Joaquina pediu à Sofia que lhe emprestasse a bicicleta; e foi passear com a Beatriz enquanto a Sofia ficava à espera.

Quando brincavam com as bonecas, a Beatriz era a mãe e a Joaquina a criada. A Sofia era o pai, e só tinha que dizer: «Adeus, vou para o escritório»; e depois: «Bom dia, já cá estou.» À hora do almoço, a Sofia estava farta.

— Vou almoçar a minha casa — disse ela. — A mãe disse-me para voltar.

E voltou para casa, arrastando tristemente os pés entre as folhas secas.

Depois do almoço, tocou o telefone.

Era a Beatriz.

— Não vens, Sofia? — perguntou ela. — Queremos brincar às escondidas, e mandar as bonecas para a escola. Mas não temos professora. E além disso, Sofia, quisemos desenhar; mas sem ti, para nos contares a história dos desenhos que fazemos, não nos divertimos nada. Não vens?



— Está bem — respondeu a Sofia. — Vou já! E correu a casa da Beatriz tão depressa quanto lhe permitiam as suas pernas.

Brincaram tanto, a toda a espécie de brincadeiras para três, que a hora do jantar chegou sem a Sofia dar por isso. Não querendo chegar atrasada, voltou para casa a correr. Antes de sair, disse-lhes:

— Até amanhã! Encontramo-nos todas três, está bem?



## O meu pomar

### 6 DE OUTUBRO

*Meu pomar de macieiras  
carregadas de maçãs,  
cheirinho da fruta nova  
a perfumar as manhãs.*

*Por coisa alguma trocava  
aquilo que ele me dá:  
nem palácios, nem castelos  
ou minas de Ali Babá.*

*Numa maçã camoesa  
enterrar o nosso dente  
torna mais são quem é são,  
torna são quem for doente.*





## Os fugitivos

### 7 DE OUTUBRO

Apareceu na estrada um belo cavalo castanho, a galope, montado por um cavaleiro.

A Jóia correu atrás dele a ladrar. O Tareco correu para debaixo da escada e escondeu-se. E todas as crianças deitaram a correr atrás do cavalo de pêlo lustroso.

Foram a correr até ao alto da colina, mas quando lá chegaram o cavalo já se não via.

Para onde teria ido?

A Graça disse:

— Talvez esteja no parque. Naturalmente há uma corrida.

E todos se puseram à escuta. Realmente, ouviam-se gritos e exclamações vindas do lado do parque, para as bandas do lago dos patos.

— Vamos lá ver — disse a Graça.

— Sim, vamos lá — repetiu a Catarina, pegando na mão da Anita, que só tinha quatro anos. E todos os meninos deram a mão uns aos outros, e deitaram a correr cada vez mais depressa para chegar à rua principal. Aí diminuíram o andamento cautelosamente e alcançaram o parque.

Mas não só o cavalo não estava lá como não havia corrida nenhuma. Apenas alguns garotos a jogar o futebol e a gritar.

Havia pessoas a passear, baloiços, a velha fonte de pedra e os lagos onde nadavam os patos. Os pequenos puseram-se a chapinhar no lago porque aquela tarde de Outono estava bonita e quente. Só o Cláudio não foi para o lago. Não se sentia à vontade.

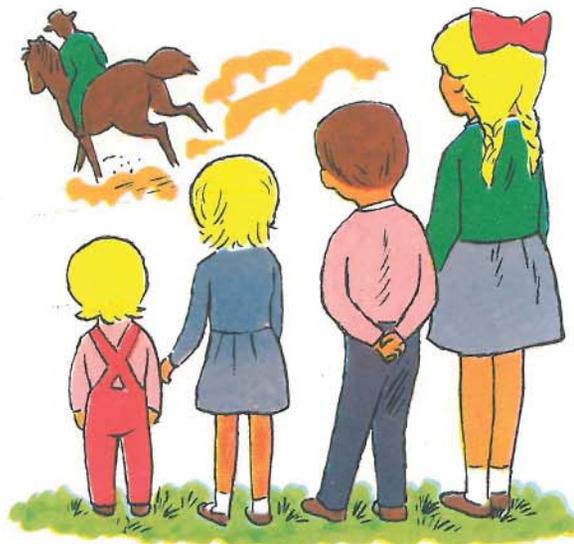
— Temos de voltar para casa — disse ele. — Pode anoitecer daqui a pouco, sabem. Não devíamos ter vindo para tão longe.

As meninas, e até a Jóia, olharam para o céu. Calçaram-se à pressa. A casa parecia-lhes tão distante que ficaram todos contentíssimos quando viram aparecer o pai da Catarina, que, no entanto, mostrava uma cara zangada.

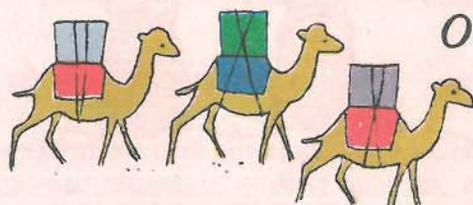
Sem dizerem palavra, subiram todos para o carro.

E, sem dizer palavra, o pai da Catarina levou-os para casa.

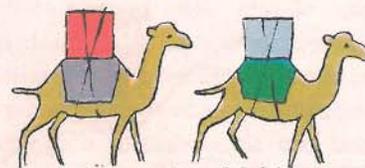
Na ocasião em que lhes ralhava por terem fugido e os proibia de sair do jardim durante a semana inteira, o belo cavalo desceu da colina, a trote.



Que lindo e altivo! A Jóia deitou a correr atrás dele, o Tareco escondeu-se debaixo da escada. Mas a Graça, o Cláudio, a Catarina e a Anita ficaram no jardim e contentaram-se com ver o cavalo descer a colina para ir ceiar.

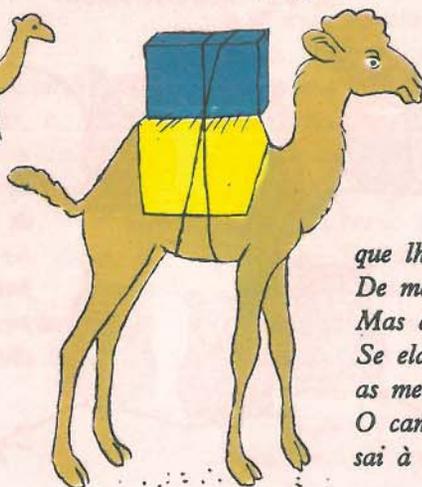


## O camelo rezingão

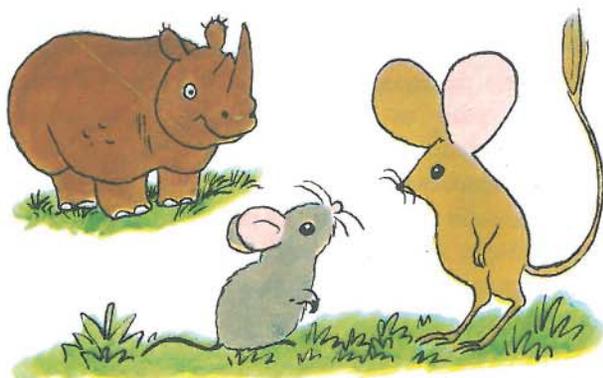


### 8 DE OUTUBRO

*Um camelo rezingão  
resmungou toda a viagem:  
que levava muito peso,  
que não soprando uma aragem  
devia ser permitido  
eles usarem bonês,  
que o deserto era comprido,*



*que lhe doíam os pés...  
De mais coisas se queixou.  
Mas a mãe não lhe ralhou.  
Se ela própria resmungara  
as mesmas coisas tal qual ...  
O camelo pequenino  
sai à mãe. É natural.*



## Medo de quê?

### 9 DE OUTUBRO

— Anda passear — dizia o rinoceronte a um ratinho tímido que deitava a medo a cabeça de fora do seu buraquinho.

— Não — respondeu o rato. — Tenho medo!  
Isto fez rir o rinoceronte.

— Medo de quê? — perguntou. — Não vejo nada que possa meter-te medo!

— Também era da sua opinião se tivesse uma pele assim grossa e esse chifre — respondeu o rato. — Mas não tenho nada disso.

E não saiu do buraco.

O leão declarou que era a coisa mais estúpida que ouvira.

— Ora! Eu cá dou um passeio todos os dias e nunca tenho medo! — disse ele, rindo.

— Se eu tivesse os seus dentes e o seu rugido feroz, também não tinha medo — disse o ratinho. — Mas não tenho, e portanto sou medroso e fico aqui.

E não se mexeu até ao dia em que outro ratinho minúsculo apareceu diante do seu buraquinho.

— Oh! — gritou o ratinho medroso, recuando. — Assustaste-me!

— O quê? — admirou-se o recém-chegado. — Anda passear comigo!

O medroso observou, pensativo, aquele primo valente. Não tinha nem a pele grossa nem o chifre do rinoceronte; também não tinha os dentes nem o rugido do leão.

E era na verdade minúsculo.

E, no entanto, ali estava à espera, sorridente, e não tinha medo de ir passear!

«Pois bem! Também já não tenho medo!», pensou o medroso, e disse:

— Vou já.

Saiu do seu buraquinho.

E os dois novos amigos lá foram, corajosamente, à procura de aventuras.



## 10 DE OUTUBRO

*Dez mochinhos tiritavam batendo o bico com frio, e tossiam e espirravam sem poder soltar um pio. Calçaram meias e luvas, vestiram gorros de lã,*

*sofreram ventos e chuvas de noite até de manhã. Só então é que puderam, finalmente agasalhados, piar como é o dever dos mochos bem educados.*



## Um jardim para o Filipe

### 11 DE OUTUBRO

— Não posso brincar em nenhum lado do jardim! — disse o Filipe, num sábado de manhã.

— Que queres tu dizer com isso? — perguntou o pai.

— Que quando descubro um sítio bom para cavar — explicou o Filipe — é sempre ocupado por outra coisa qualquer. Tinha-me instalado a um lado da casa, puseram-lhe relva. Diante da garagem, fizeram uma rua. Ao pé da entrada, plantaram roseiras.

Depois, desabafou:

— Tinha descoberto um sítio atrás da varanda, e a mãe semeou plantas com nomes escritos em tabuinhas.

— «Malva-rosa», «delfínios» — leu o pai. — Não gostas de ver a nossa nova casa bonita, Filipe?

— Gosto sim, pai! Mas gostava muito de ter um bocado de espaço para construir túneis e montanhas e para os meus carros poderem andar.

— É verdade! — disse o pai.

Então ambos descobriram um sítio um pouco afastado, atrás da garagem. O pai do Filipe levantou uma vedação à roda, e disse:

— Vamos pintá-la esta tarde. E na Primavera plantamos flores em volta, mas só do lado de fora. Do lado de dentro, nada. Aí podes fazer o que quiseres.

E o Filipe teve finalmente um lugar só para ele, onde podia fazer tudo o que quisesse.



# A descoberta do Vasco

12 DE OUTUBRO

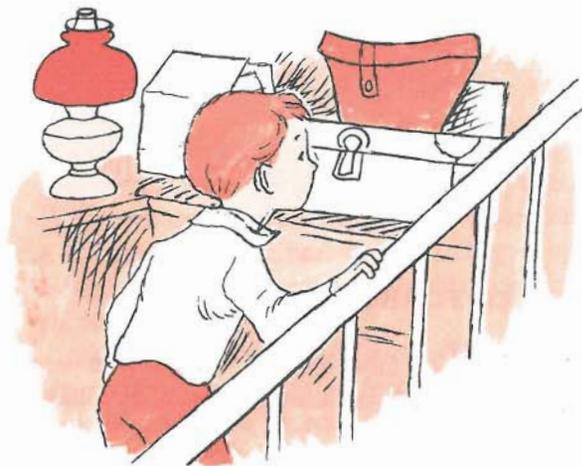
— Quem me dera que ainda houvesse no Mundo terras por descobrir! — disse um dia o Vasco.

— Há o espaço, bem sabes — respondeu-lhe a mãe.

E como ele resolvera que mais tarde seria cosmonauta, a mãe acrescentou:

— Vou hoje principiar a arrumar o sótão. É uma espécie de exploração. Queres vir?

— Quero — respondeu o Vasco, pegando na vassoura e nos panos de pó que a mãe tirava do armário.



Que misterioso era aquele sótão cheio de poeira e teias de aranha por todo o lado! O Vasco e a mãe começaram a abrir caixas e arcas.

Ao pegarem nas roupas de Inverno, compreenderam que o Vasco tinha crescido tanto que era preciso comprar-lhe outras. O Vasco ficou muito contente por ver que tinha crescido. Também gostou muito quando a mãe abriu uma arca antiga e lhe mostrou retratos dos avós e dos bisavós. Sentiu-se uma pessoa muito importante. Como se viesse de muito longe, do passado.

«Quase do tempo do Vasco da Gama, que descobriu o caminho marítimo para a Índia», pensou para consigo.

E logo a seguir fez uma descoberta maravilhosa. Sobre uma prateleira havia uma grande caixa embrulhada em jornais. Perguntava a si mesmo o que teria aquela caixa. Desembrulhou-a com cuidado, levantou a tampa e espreitou. Embrulhada em pano, encontrava-se a miniatura de um barco tão bonito como ele nunca vira. Pintado de vermelho e doirado. Tinha muitas velas pequenas e na proa lia-se *S. Gabriel*.

— É o barco do Vasco da Gama! — exclamou o Vasco. — Onde é que ele veio?

— Oh — respondeu a mãe, voltando-se. — Devia pertencer à trisavó Ana Emília. O pai dela era oficial da marinha.

E continuou:

— É tão bonito que havemos de levá-lo para baixo para o mostrar a toda a gente.

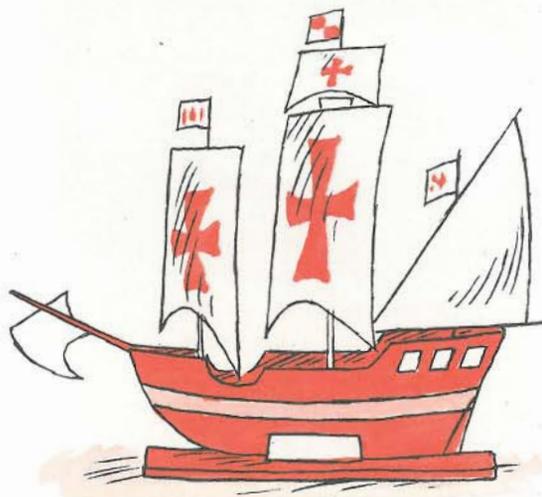
— Não podia ficar no meu quarto? — pediu o Vasco.

— E porque não? — respondeu a mãe. — No fim de contas, a descoberta foi tua!

E o Vasco desceu a escada com o *S. Gabriel* e foi pô-lo no quarto, em cima da cómoda.

Daí em diante, uma vez por ano, colocavam-no em exposição no meio da mesa da sala de jantar, em cima de um espelho que lembrava o mar calmo; isto, em honra de Vasco da Gama e da sua descoberta.

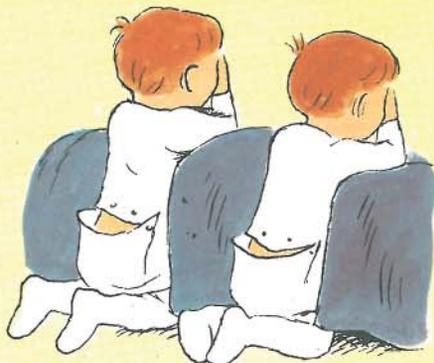
E em honra do Vasco e da sua descoberta também!



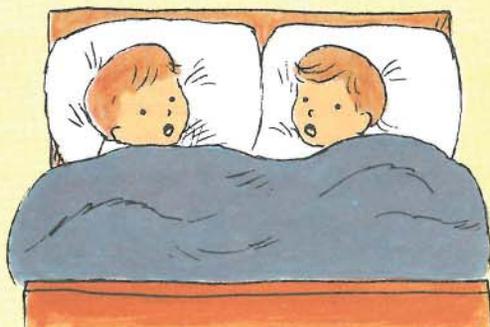
## Os gémeos

13 DE OUTUBRO

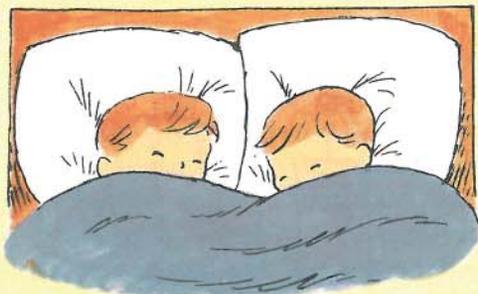
*Os dois subimos a escada;  
rezamos «Pai Nosso ...» os dois.*



*Os dois vamos para a cama  
e conversamos depois.*



*«Meninos, pouco barulho»!,  
ralha o pai ou ralha a mãe.*



*Os dois fechamos os olhos  
para ver se o sono vem.  
Como os gatos enroscados  
fazemos os dois ronrom.  
Os que não são irmãos gémeos  
não sabem como isso é bom!*



## O ursinho apressado

14 DE OUTUBRO

— Ursinho — disse-lhe um dia a mãe —, vai depressa apanhar um lindo ramalhete de folhagem, se fazes favor.

— Vou já — respondeu o ursinho apressado. E safu tão depressa que nem ouviu a mãe acrescentar:

— Mas não tragas daquela folhagem vermelha e brilhante que tem três folhas em cada pé, e umas bagazinhas muito bonitas ...

Por isso, enquanto a mãe explicava: « ... porque são plantas venenosas e fazem comichão no corpo todo ... » já ele estava no meio da mata à procura da folhagem mais bonita que por lá houvesse.

As folhas de plátano tinham uma cor amarela deslumbrante. O ursinho apressado achou-as magníficas, até que viu as folhas vermelhas luzidias do bordo ...

«Vou apanhar um grande ramo», pensou ele. Mas foi nessa altura que viu outras folhas ainda mais vermelhas e mais luzidias, três em cada pé, e com bagazinhas muito bonitas.

Apanhou tantas, tantas, que daí a pouco tinha um ramo enorme. Voltou então para casa.



Vinha o ursinho apressado a meio do caminho, quando coçou o focinho. E começou a coçar-se. Sentia comichão nas patas. E nos dedos dos pés, e na ponta das orelhas. Quando chegou a casa, e estendeu à mãe o ramo, já sentia comichão pelo corpo todo.

Mas, o que foi pior, é que a mãe assim que o viu recuou, levantando os braços ao céu.

— Ai, ursinho apressado! — exclamou ela. — Depois de tudo quanto te recomendei ... apanhaste folhas venenosas.

— Sério? — exclamou o ursinho apressado. — Mas o que foi que a mãe disse?

— Disse: «Principalmente, não tragas daquela folhagem vermelha e brilhante que tem três folhas em cada pé e umas bagazinhas muito bonitas, porque são plantas venenosas e fazem comichão no corpo todo.» E agora despe-te para eu te esfregar com álcool.

Dali a bocado o ursinho apressado já se sentia muito melhor, com outra roupa limpa.

— Vou apanhar folhas de bordo — disse ele.

— Está bem — respondeu a mãe, ocupada a varrer as folhas venenosas. — A folhagem do bordo é muito bonita.

Mas desta vez, antes de sair a correr, o ursinho contou até cem para ter a certeza de que a mãe não tinha mais nada a dizer-lhe.

## O almoço

15 DE OUTUBRO

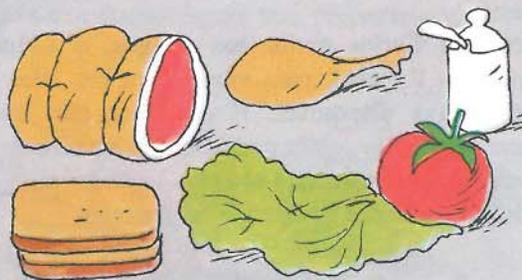
— Ó Rodrigo, toda esta semana levaste para o colégio pão com queijo. Não gostavas de levar outra coisa, para variar?



— Gostava sim, mãezinha. Mas o quê?

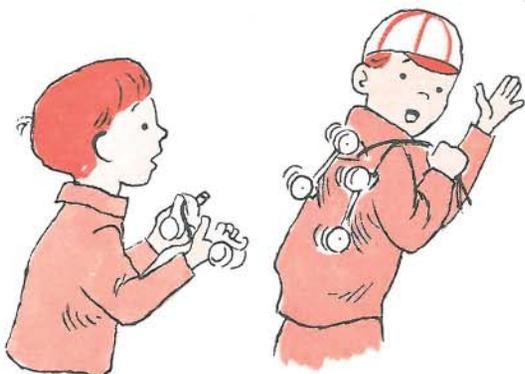


— Chouriço ou rojões, pasta de fígado ou fiambre, ovos cozidos ou carne fria ... Carne assada, bife, frango, tomate e alface. Escolhe ...



— Ah! É muito difícil escolher. Parece-me que levo outra vez pão com queijo.





## O Carlos vai patinar

16 DE OUTUBRO

— Ó Guilherme — disse o Carlos certa manhã — ensinas-me a patinar com os meus patins novos?

— Agora não — respondeu o irmão mais velho. — Tenho de me encontrar com um colega. Talvez amanhã.

Então o Carlos pediu aos amigos, o Cláudio, o João e o Roberto, para virem com ele. Mas nenhum estava disponível. E o Carlos não queria esperar pelo dia seguinte para começar a exercitar-se.

— Vou experimentar sozinho — disse ele, calçando os patins e apertando as correias.



Depois, muito cautelosamente, o Carlos levantou-se. Mas, quando quis avançar um pé para deslizar, caiu. Magoado e desanimado, ia desistir quando

reparou que havia um gradeamento ao longo da rua. Foi até lá, tem-te-não-caias. Depois, agarrou-se ao gradeamento, conseguiu deslizar, ora com um pé ora com o outro, sem cair. Com o pé esquerdo, com o pé direito, treinou-se durante muito tempo.

Por fim, o corajoso rapazinho largou o gradeamento.



Já se aguentava em cima dos patins e era capaz de deslizar com o pé esquerdo e com o pé direito sem cair. Que sensação maravilhosa!

O Carlos imaginava que nunca mais caía. Mas ao fim de uns instantes sentiu-se cansado. Sentou-se nos degraus. E enquanto ele descansava, passaram os colegas.

Ficaram cheios de pena ao ver o Carlos sentado, de patins novinhos calçados!

— Anda, Carlos — disse um deles. — Vou ensinar-te a patinar. És capaz de te pões de pé sozinho?

O Carlos ria lá por dentro.

— Sou — respondeu ele. Levantou-se e começou a patinar sozinho, com grande admiração dos colegas, que não acreditavam no que viam.

— Mas tu sabes patinar, Carlos — exclamaram. — Já podes vir connosco para o rink de patinagem. Agora vamos almoçar, e depois cá estamos!



## O Compadre Leão faz doces

17 DE OUTUBRO

O Compadre Leão esperara a semana inteira que a Comadre Leoa tivesse tempo para ir passear com ele de carro. Mas toda a semana a Comadre Leoa tinha estado a fazer doce — uma qualidade de doce cada dia — e, à quinta-feira, continuava.

— Quantas qualidades? — perguntou o compadre Leão.

— Quatro — respondeu a Comadre Leoa, escrevendo cuidadosamente nos letreiros as palavras «marmelo», «groselha», «morango» e «ameixa». — No sábado à hora do jantar está tudo pronto.

— Sábado? — exclamou o Compadre Leão. — Escuta: sai da cozinha! Quem acaba os doces sou eu, para podermos ir dar um passeio antes do sol-posto.

A Comadre Leoa saiu da cozinha, perguntando a si como é que o marido se ia entender com aquilo. Assim que ela se foi embora, o Compadre Leão pegou num grande tacho, meteu-lhe dentro marmelos, morangos, ameixas e algumas maçãs. Deitou-lhes muito açúcar, e pôs tudo ao lume a ferver. Enquanto o doce fervia, instalou-se numa poltrona a consultar o mapa das estradas. Quando a fruta estava cozida, deitou o doce nos boiões.

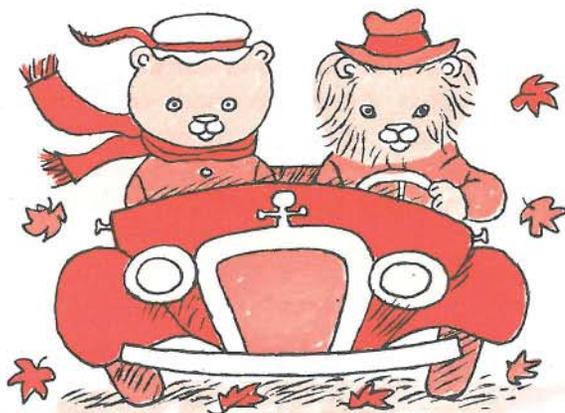
«Agora põe-se parafina na tampa — murmurou. — E os letreiros ...»

Em seguida lavou a loiça, pôs o chapéu na cabeça e foi tirar o carro da garagem.

Chamou a Comadre Leoa, que não queria acreditar que já estivesse tudo feito. O carro seguiu

devagar. O campo estava uma beleza, com cores maravilhosas, e o céu limpo. E ao pôr do Sol o Compadre Leão estava de volta a casa.

— Foi um passeio delicioso — disse a Comadre Leoa, sorrindo. — Agora vou preparar o chá.



O chá veio acompanhado de torradas e de um boião de doce feito pelo Compadre Leão, um boião que dizia: «marmelo». Provou-o e achou-o delicioso.

— Nunca comi um doce que soubesse tanto a marmelo — disse ela.

«Bom! — pensou o Compadre Leão. — Ainda bem».

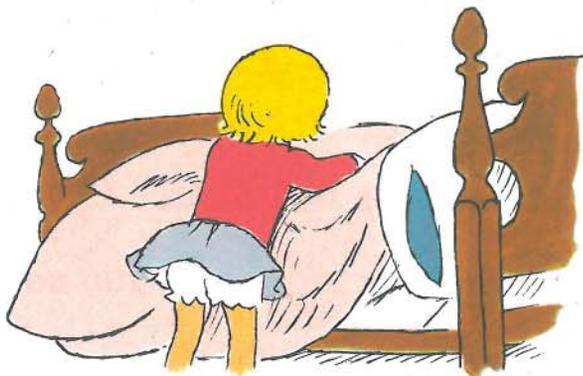
E desejou que os boiões que diziam «groselha», «morango» e «ameixa» obtivessem tanto êxito como aquele.

# Um dia diferente dos outros

18 DE OUTUBRO

A Ana estava convencida de que a mãe já se tinha esquecido do que é ser uma menina pequena.

Era um dia de trovoadas e dera-se uma avaria na electricidade. Não havia portanto televisão nem telefonia, e, quando a Ana perguntou à mãe o que podia fazer, esta respondeu:



— Porque não hás-de fazer as camas?

A Ana começou a fazer as camas, o melhor que sabia.

— Agora, Ana — disse a mãe —, podes descascar as ervilhas.

— Descascar as ervilhas? — perguntou a Ana. — Não sabia que as ervilhas se descascavam.

— As ervilhas frescas descascam-se — explicou a mãe, mostrando à Ana como devia fazer. Isto divertiu muito a pequena, que deixava cair as ervilhas numa tigela enquanto a mãe fazia um pão doce.



— Já são horas de almoço? — perguntou a Ana.  
— Ainda não — respondeu a mãe. — Temos tempo de jogar as cartas.

Instalaram-se na cozinha e jogaram quatro jogos diferentes. A Ana ganhou os dois últimos. Durante esse tempo, a trovoadas trouxera uma escuridão quase completa. Foi preciso acender velas para almoçar. Ana e a mãe tiveram de lavar a loiça também à luz de velas.

— Agora — disse a mãe da Ana —, queres ler-me uma história enquanto eu preparo o molho e ponho a carne a assar?

Ana escolheu a história do Joãozinho Coelho, porque era engraçada. O que elas riram! A menina teve de interromper tantas vezes a leitura que quando o pai voltou só tinha lido três páginas.

— Venho mais cedo — disse ele — por causa do temporal. Que dia! Mas que agradável é entrar aqui e que bem que cheira! Que fizeram vocês hoje?



— Uma quantidade de coisas — respondeu a Ana. — Fizemos realmente muitas coisas, não fizemos, mãe? Como foi possível?

— Não sei — disse a mãe, rindo. — Mas o que sei é que hoje pareceu-me ter voltado a ser pequena. Talvez passássemos mais tempo juntas por nos faltarem comodidades.

A Ana julgou perceber o que a mãe queria dizer com aquelas palavras.

Sem televisão, sem telefonia, sem electricidade, tinham feito tudo juntas. Era isso com certeza o que a mãe queria dizer.

E a Ana já não estava tão convencida de que a mãe se tivesse esquecido do que era ser uma menina pequena.

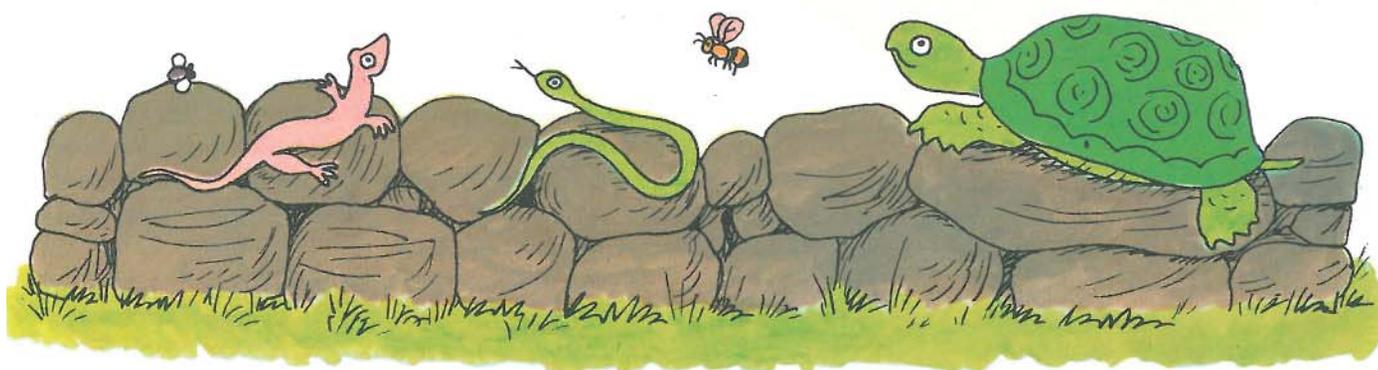


## As folhas do Outono

**19 DE OUTUBRO**

*As folhas secas do Outono  
ao cair eram douradas,  
mas desfizeram-se em pó,  
no chão, ao serem pisadas.*

*Mas se acaso ardem no lume  
acordam do triste sono.  
São de ouro e cobre polido  
as folhas secas do Outono.*



## O velho muro de pedra

**20 DE OUTUBRO**

Estava-se já a meio do Outono. O vento era frio, a água do lago também. Estava frio em toda a parte, excepto em cima do velho muro de pedra quando o sol brilhava. Em cima desse muro soalheiro encontravam-se uma mosca e uma abelha.

Uma lagartixa castanha também ali estava, assim como uma cobrazinha verde que deitava de fora a linguinha bifurcada. Um cágado trepava pelo muro para se aquecer ao sol. Ninguém falava, ninguém se mexia. Mas surgiu uma nuvem deslocando-se lentamente, até esconder o sol. Ficou aí, e na sombra o velho muro de pedra arrefeceu. A mosca descobriu uma fenda minúscula, onde

se refugiou; a abelha levantou voo até ao cortiço adormecido. A lagartixa deslizou por entre as pedras do muro. A cobra desceu e meteu-se no seu abrigo de Inverno. O cágado, que levava mais tempo a compreender, e que se deslocava mais devagar, tornou a descer sem pressa. Escondeu-se debaixo de um monte de folhas. Agora, todos os bichos de Verão tinham desaparecido.

Em cima do muro velho estavam empoleirados dois esquilos. Quentinhos dentro dos seus abafos de pele, rabujavam com o vento que não soprava com força suficiente para fazer cair as bolotas de que precisavam para a ceia.



## As bolotas

21 DE OUTUBRO

*Os esquilos da floresta  
têm jantar de festa.  
Guinchinhos e risota  
atrás de uma bolota.*

*— São minhas ou são tuas?*

*Cheguei primeiro aqui.*

*— Não gosto delas cruas,  
deixo-as todas para ti.*

## A época das colheitas

22 DE OUTUBRO

Habitualmente, quando iam visitar os avós, o Pedro e o João passavam o tempo a brincar e a divertir-se. Mas desta vez tinham vindo para tra-

balhar. Era a época das colheitas e toda a gente da quinta trabalhava para apanhar o que tinha crescido durante o Verão.

«Também é divertido», pensaram o Pedro e o João, ao princípio. As maçãs e as pêras eram tão agradáveis de tocar e tão bonitas de ver! A fruta madura enchia os cestos num instante. Era tanta nas árvores!

Dava gosto arrancar cenouras e beterrabas, e apanhar feijões.

Mas do que eles gostavam mais era de encher grandes cestos com cachos de uvas.

Porém, algum tempo depois, parecia-lhes que quantas mais apanhavam mais lhes faltava apanhar.

E o sol, que se movia lentamente, era, a certas horas do dia, cada vez mais quente! Os braços do João começavam a doer-lhe à força de apanhar uvas. E as costas do Pedro doíam-lhe à força de carregar com cestos. O Pedro e o João disseram ao avô que cultivava coisas a mais. O avô riu-se e disse que eram horas do jantar.

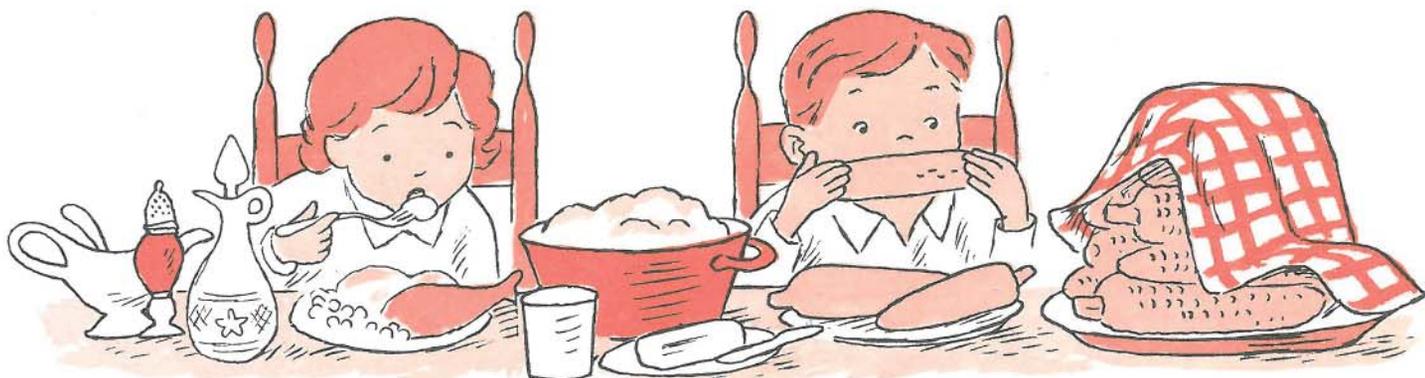
Realmente, nessa altura, a sineta da avó tocou anunciando que o jantar estava pronto. Dirigiram-se, portanto, para casa, acompanhados pelos rapazes e raparigas da vizinhança que tinham vindo ajudá-los também. A mesa grande parecia posta para uma festa. E que festa!

— Há de tudo quanto apanhámos — declarou a avó. — E, além disso, um bolo de chocolate.

A meio da refeição, que estava deliciosa, o avô virou-se para o Pedro e perguntou-lhe:

— Ainda achas que eu cultivo coisas a mais?





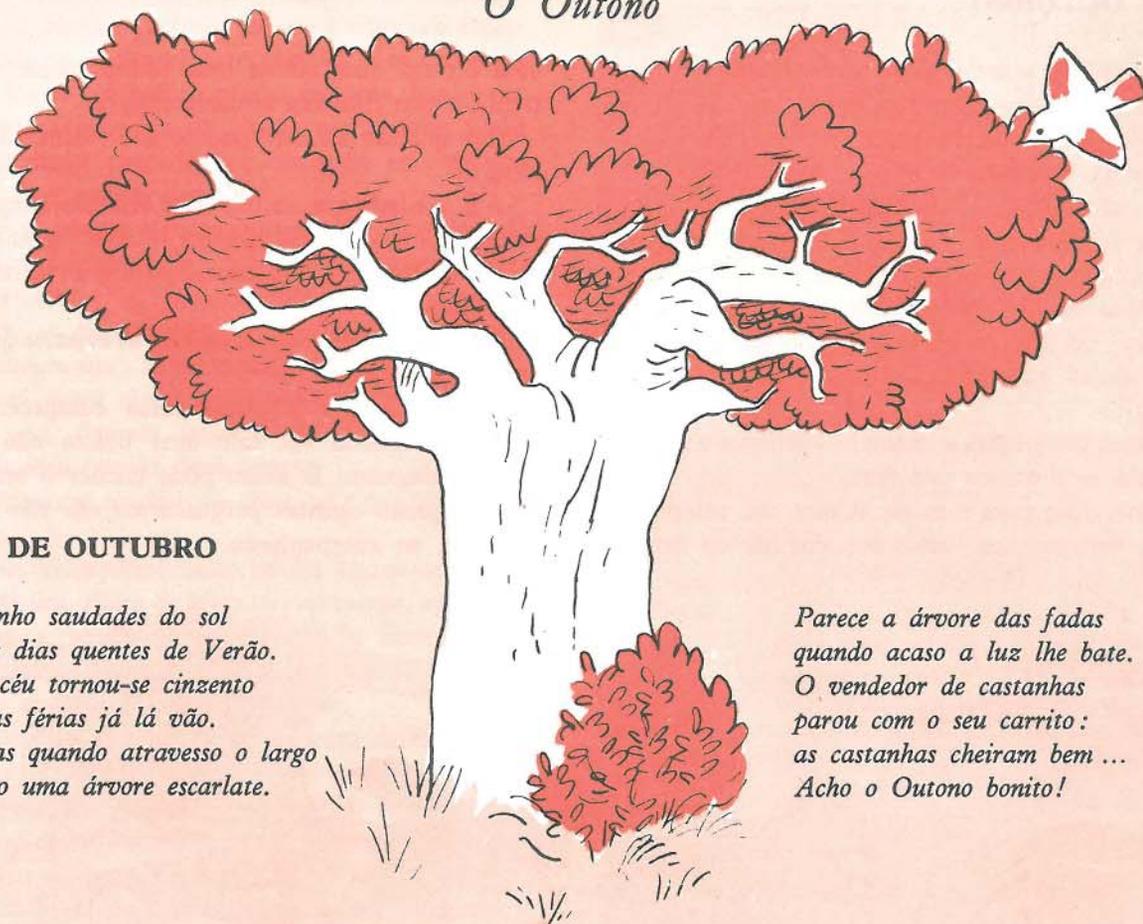
— Não — respondeu o Pedro. — Exactamente as que são precisas.

E ninguém necessitou de perguntar ao João se ele ainda pensava o que havia dito ao avô pouco

antes. Por que ele olhava para o resto das cenouras que tinham ficado na travessa e disse:

— Amanhã podemos comer mais. Há tantas à espera de serem apanhadas, cozidas e comidas!

## O Outono



### 23 DE OUTUBRO

*Tenho saudades do sol  
dos dias quentes de Verão.  
O céu tornou-se cinzento  
e as férias já lá vão.  
Mas quando atravesso o largo  
vejo uma árvore escarlate.*

*Parece a árvore das fadas  
quando acaso a luz lhe bate.  
O vendedor de castanhas  
parou com o seu carrito:  
as castanhas cheiram bem ...  
Acho o Outono bonito!*

## O jardim de Outono

24 DE OUTUBRO

No meu jardim, agora  
que o sol se foi embora,

já pouca flor existe.  
Uma ou outra resiste.

Petúlias desbotadas,  
maravilhas dobradas ...

E as abelhas murmuram:  
— Como nós, pouco duram.

25 DE OUTUBRO

O esquilo Tagarela tinha a vista apurada. Era sempre o primeiro a ver cair as bolotas.

— Bolotas! Bolotas! — dizia ele.

E corria a apanhá-las.

Mas não tinha pernas muito velozes!

Não, realmente não tinha. Os esquilos grandes corriam com tal rapidez que eram os primeiros a apanhar as bolotas que ele vira cair. Depois, com as bochechas cheias, passavam pela sua frente muito importantes, e iam esconder as provisões.

«Devem ter armários cheios! — pensava o esquilo Tagarela. — E o meu está vazio!»

Depois disse para consigo: «Como sou sempre eu que as vejo cair, os outros esquilos hão-de dar-me

com certeza uma bolota cada um. E deste modo, também fico com um armário cheio!»

Mas quando fez este pedido aos outros, eles recusaram.

— É verdade que és um companheiro simpático, de olhar vivo! — declararam. — Mas quando se trata de bolotas que juntamos para o Inverno cada qual pensa em si!

E esperaram que o companheiro os avisasse quando caía uma bolota.

Mas o esquilo Tagarela tinha compreendido!

Agora, quando via cair uma bolota não dizia nada a ninguém. E assim pôde encher o armário. E os esquilos egoístas perguntaram em vão o que sucedera ao companheiro.





Viva o rei!

## 26 DE OUTUBRO

Certo dia em que os chimpanzés novos discutiam qual deles havia de ser rei, chegou à selva um explorador. Vinha elegantemente vestido, com um magnífico chapéu de palha, calções brancos de montar, uma camisa escocesa da última moda. Mas vinha também muito cansado por causa do enorme embrulho que transportava.

— Se ao menos alguém quisesse fazer o favor de me ajudar a levar o meu material! — gemeu, enxugando a testa.

Todos os chimpanzés ouviram aquelas palavras (todos menos um). E pensaram: «Se me vou embora, o rei será agora eleito na minha ausência!»

Por isso, ficaram impassíveis. Mas um deles avançou sem pensar duas vezes.

— Deixe-me ajudá-lo — disse ao explorador, encantado.

Aquele chimpanzé novo soube tornar-se extremamente útil. Além de levar os embrulhos, aprendeu a armar a tenda do explorador, a fazer crepes excelentes e a tocar bandolim, melodiosamente, durante as calmas noites africanas.

Melhor ainda, fazia sentinela para defender dos selvagens e das feras o seu novo amigo, caso uns e outros se atrevessem a aproximar-se.

O explorador achava-o muito valente.

— Meu amigo — disse por fim quando chegaram ao porto —, tenho muita pena de ser obrigado a deixar-te.

— Eu também — confessou o chimpanzé —, mas, infelizmente, as coisas por melhores que sejam, têm fim ...

— Realmente — retorquiu o explorador. — Porém, quero oferecer-te um presente, para te agradecer a tua ajuda e ao mesmo tempo para te lembrares de mim.

Dizendo isto, deu ao chimpanzé o seu magnífico chapéu de palha, os seus calções brancos de montar, sem esquecer a camisa escocesa da última moda.

Que belo aspecto tinha o chimpanzé ao voltar à selva, onde os amigos hesitavam ainda em eleger o novo rei!

Assim que o viram tão bem vestido, gritaram: «Viva o rei!» e conduziram-no ao trono.

Ainda hoje lá está, e reina com sabedoria, tendo o cuidado de nunca entornar na sua camisa escocesa da última moda a mais pequena gota de leite de coco.



*A caraça*

## 27 DE OUTUBRO

*Com uma cabaça  
faço uma caraça.  
Nariz de cenoura,  
cabelos de salsa,  
e uma luz lá dentro  
os olhos realça.*

## A caminho das terras quentes

28 DE OUTUBRO

Desde o começo da semana, Coco olhava apreensivo os pássaros que passavam diante da sua janela.

— Vão-se embora para as terras mais quentes — explicou ele à sua amiga Ninete. — É por isso que repetem: «Depressa, depressa, vai fazer frio aqui.»

— Oh, Coco — respondeu Ninete —, se estivesse no teu lugar não me ralava.

— Ai com certeza que te ralavas — retorquiu Coco. — Se estivesse no meu lugar não tinhas o teu pêlo quentinho, mas apenas uma mancha de penas que não chegavam para te aquecer.

Ao pensar nisso, Ninete estremeceu.

— Faz muito frio aqui — tornou Coco. — Por favor, Ninete, abre-me a gaiola, para que eu possa também voar para as terras quentes.

Mas Ninete recusou.

— Ao fim de um quilómetro, caías de cansaço. E que diria a nossa dona?

— Não te importas que eu morra de frio! — berrou Coco, furioso. — E não tarda muito!

Dizendo isto, foi estender-se ao fundo da gaiola, de patas para o ar, aparentemente tão doente que Ninete deu um grito de aflição.

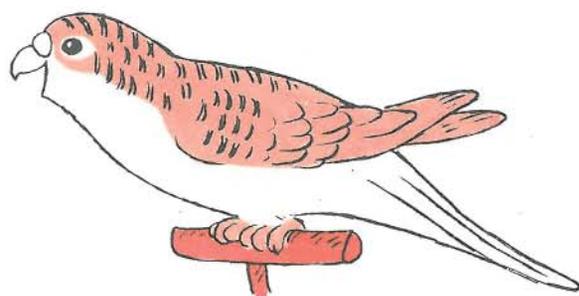
— Que aconteceu, Ninete? — perguntou a dona, entrando a correr na sala.

Ao ver Coco, também ela deu um grito de pavor.



— Pobre Coco! — disse. — Parece-me que faz aqui muito frio para ti.

E foi pôr a gaiola do Coco no parapeito da janela batida pelo sol. Além disso, acendeu o aquecimento.



Ao fim de três segundos, Coco estava quentinho como uma codorniz.

— Que maravilha! — exclamou ele. — Já não preciso de voar para as terras quentes! As terras quentes vieram ter comigo!

## Com seis grandes almofadas

29 DE OUTUBRO

*Com seis grandes almofadas  
fiz uma serra tão alta!  
Ai! Ai! Devia ter posto  
outra almofada no chão,  
porque me fez muita falta  
quando dei o trambolhão!*





## O baile do celeiro

### 30 DE OUTUBRO

— Já sabem a novidade? — gritou o Gato, acenando com o chapéu. — Vai haver um baile.

— Sério? — disse o Urso. — E onde é?

— No celeiro, julgo eu — cacarejou a Galinha. — Mas o que eu gostava de saber era a data.

— Esse baile não se realizará com certeza já — retorquiu a Vaca, com o seu sorriso vagaroso.

— Precisávamos de música — disse o Cavalo.

— E lanternas, acho eu — observou o Mocho, correndo à procura delas.

— Sem esquecer os bolos e a cidra — reforçaram dois Ratinhos sempre cheios de fome.

— Fazíamos melhor em nos aviarmos — zumbiu a Abelha atarefada. — Vou arranjar cera para o chão.

— Quem fornece a cidra sou eu — gritou o Porco. — Tenho um jarro cheio!

— E eu os bolos! — declarou a Galinha. — Vou depressa metê-los no forno ...

Cada qual foi para seu lado. Ao fim de uma hora, se tanto, estava tudo pronto. O Gato trouxe o violino e afinou-o cuidadosamente. O Coelho, o acordeão. O Urso, o tambor. Assim que principiaram a tocar, o Galo colocou-se diante da porta e gritou:

— Há baile no celeiro! Venham, venham todos! É claro, todos vieram a correr.

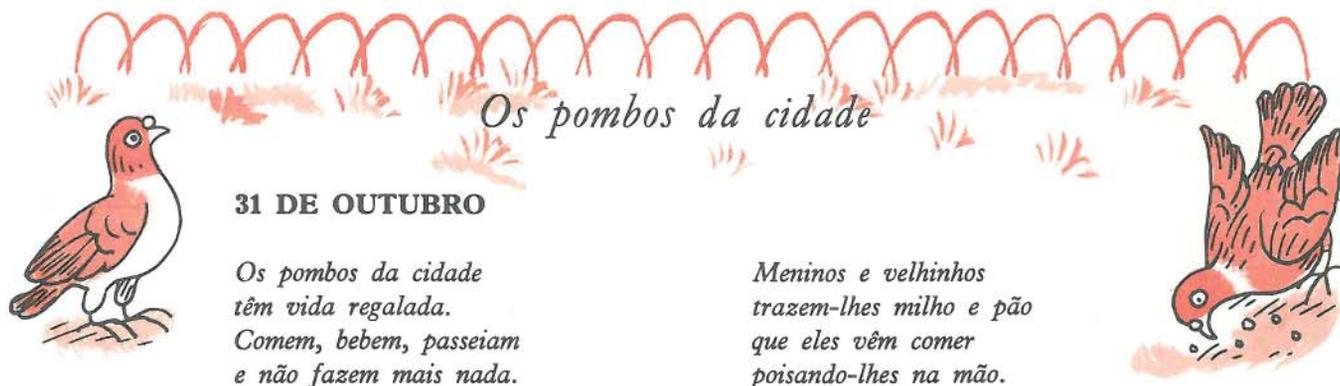
— Que festa maravilhosa! — exclamou o Cavalo. — Faço um brinde em honra de quem nos convidou. Quem foi afinal?

Mas ninguém respondeu «Fui eu».

— Ah! Ah! — disse o Mocho. — Já percebo. Este baile é oferecido por nós. Mas quem teve a ideia?

O Gato confessou que a ideia fora dele. E, enquanto todos batiam palmas e o felicitavam, fez um ar modesto.

A sua manha dera bom resultado, não é verdade?

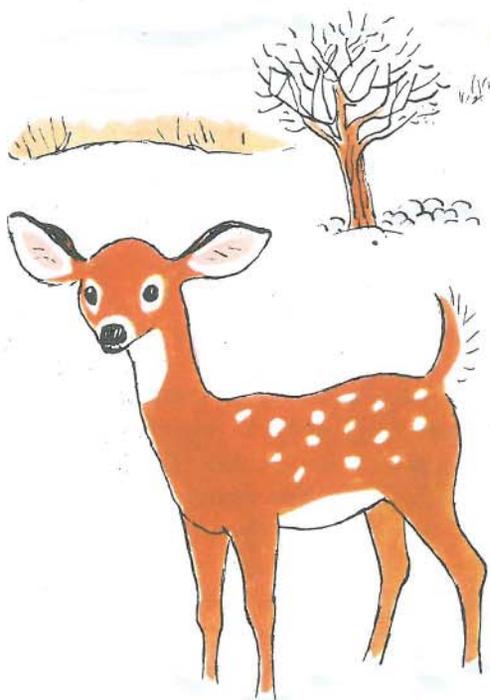


## Os pombos da cidade

### 31 DE OUTUBRO

*Os pombos da cidade têm vida regalada. Comem, bebem, passeiam e não fazem mais nada.*

*Meninos e velinhos trazem-lhes milho e pão que eles vêm comer poisando-lhes na mão.*

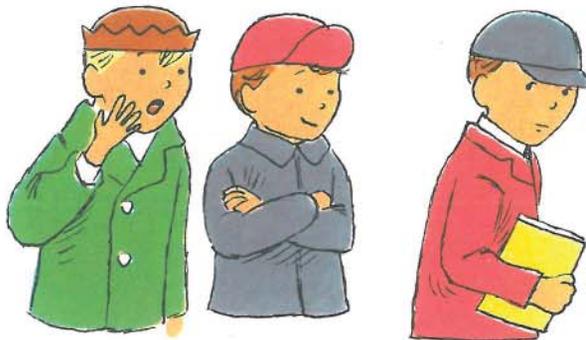
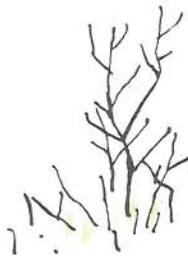


### O veadinho

#### 1 DE NOVEMBRO

*Se foi sonho ou não  
ainda não sei,  
mas um veadinho  
há pouco avistei.  
Corri ao jardim  
para o ver de perto  
e encontrei lá fora  
o jardim deserto!  
Foi sonho.  
Seria?*

*E o sinal tão leve  
de passos que havia  
marcados na neve?*



### As primeiras noções

#### 2 DE NOVEMBRO

Todos os dias, ao regressar da escola, o Nuno encontrava dois rapazes que o esperavam ao fim da calçada.

— Ó miúdo, queres jogar à pancada? — perguntavam-lhe.

— Não — respondia o Nuno. E um dia confessou até que gostaria muito mais que fossem bons amigos.

Os dois rapazes desataram a rir.

— Amigos! — exclamaram. — O que tu tens é medo!

E dali em diante, além de continuarem a esperá-lo todas as tardes, fazendo todo o possível para o levarem a brigar com eles, começaram a chamar-lhe «medricas» todas as vezes que o viam. Aquilo tornou-se de tal maneira inquietante que um dia o Nuno não teve remédio senão falar do caso ao pai e à mãe.

— Não gosto de meninos que andam à bulha — disse a mãe.

— Eu também não — retorquiu o pai. — Mas há ocasiões em que um homem deve saber impor-se. Anda cá, vou ensinar-te as regras do boxe.

O Nuno passou o fim-de-semana a aprender as primeiras noções do boxe. Era bom aluno. No domingo à noite, o pai não acertou em todos os golpes e o Nuno, esse, acertou em alguns. De repente, na segunda-feira, deu por si a desejar que os dois rapazes o esperassem como de costume.

Lá estavam eles, mas desta vez, em lugar de se furtar, o Nuno aceitou a luta. O mais velho dos dois rapazes principiou. Atirou um bom soco ao nariz do Nuno, mas este levantou o braço e o outro ficou tão espantado que se esqueceu de se defender. Pim! O Nuno mandou-lhe um directo ao estômago.

— Ai! — gritou ele, curvando-se.

Depois fitou o Nuno, de olhos esbugalhados, e perguntou:

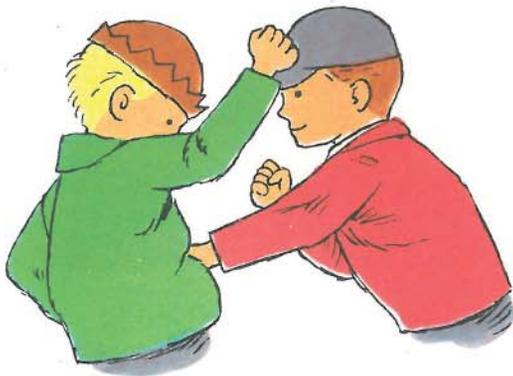
— Onde foi que tu aprendeste a lutar?

— Foi o meu pai quem me ensinou as regras do boxe — respondeu o Nuno.

— O teu pai deve ser um autêntico campeão! — exclamou o seu adversário. — Gostava bem que ele me ensinasse.

— Talvez ele não se importe — disse o Nuno.

Os dois rapazes apertaram-lhe a mão e separaram-se como bons amigos.



## O cachorrinho que procurava uma casa

### 3 DE NOVEMBRO

Era uma vez um cachorrinho perdido que andava à procura de casa. Visitou sucessivamente uma casota muito grande, uma casota de tamanho médio e uma casota pequenina.

A casota grande era espaçosa e magnífica. Lá dentro havia uma cama fofa, um osso de excelente aspecto e uma grande tigela cheia de leite espumoso.

Mas lá dentro havia também um canzarrão. Quando viu o cachorrinho perdido meter a cabeça pela porta da casota o canzarrão rosnou ferozmente para o obrigar a fugir.

«No fim de contas — disse para consigo o cachorrinho, a modo de consolação — esta casa não me convinha. Era grande de mais!»



E passou à casota de tamanho médio. Esta era espaçosa e confortável também, mas abrigava uma cadela com cinco cachorrinhos que lambiam a tigela do leite com apetite devorador.

«Ali também não há lugar para — mim pensou o cachorrinho. — Cinco «meninos» são de mais!» E foi ver a casota pequenina.

Era nova, tão nova, que, farejando, cheirou-lhe a tintas. Era pequenina, mas agradável, e lá dentro tinham posto uma almofada macia. À parte a almofada, estava vazia.

«Esta casa parece feita de propósito para mim!», tornou a pensar o cachorrinho, dando ao rabo como se este fosse uma bandeira. E o menino que acabara de pintar a casota viu aqueles sinais lá de cima da sua janela.

— Oh, mãe! Olhe! — exclamou ele. — Um cachorrinho instalou-se na minha casota! Um cachorrinho verdadeiro!

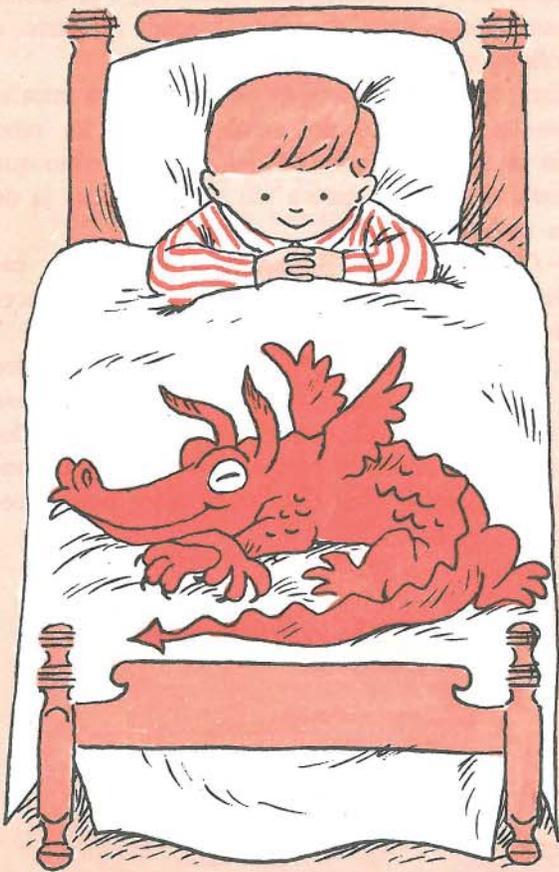
E correu ao jardim, levando numa das mãos um ossinho suculento e na outra uma tigela cheia de leite quente. O cachorrinho, por seu lado, correu-lhe ao encontro com a certeza de ter encontrado finalmente uma casa onde seria bem recebido.



## Um dragão pequenino

### 4 DE NOVEMBRO

Perguntei à tia Olinda  
se havia dragões ainda.  
Respondeu: — Não há, nem houve;  
são histórias que a gente ouve.  
Mas que pena — disse eu. —  
Assim não posso fingir  
que tenho um dragão só meu  
que se deita aos pés da cama  
a servir-me de botija  
embora tenha a pele rija!



## Foguetes

### 5 DE NOVEMBRO

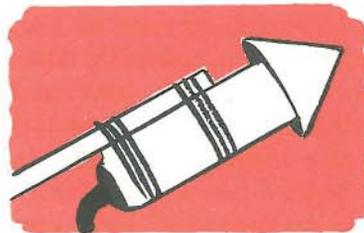
Diz que foram os Chineses  
quem inventou os foguetes,  
balões e fogo de vista  
para festas e banquetes.

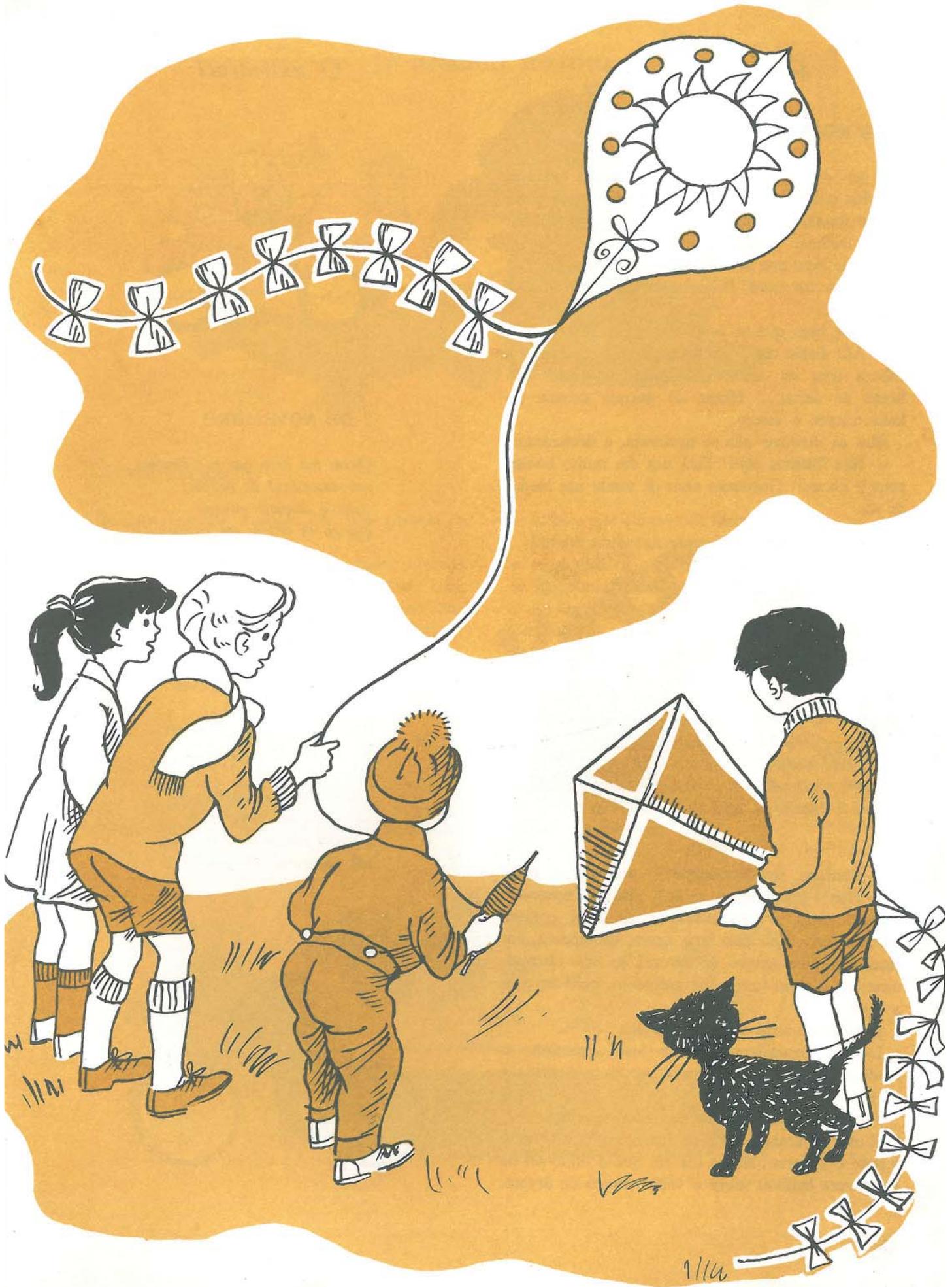


E inventaram também  
papagaios de papel,  
desses que sobem ao ar  
seguros por um cordel.



Eu cá tenho um, mas trocava-o  
com gosto por um foguetão  
que me transportasse à Lua  
em viagem de exploração.





## Horas de deitar

### 6 DE NOVEMBRO

O sol de Novembro estava tão quente que seis rãzinhas saltaram do charco, como de uma caixa de surpresas, e foram instalar-se em cima de um tronco velho e apodrecido.

— Que bem que se está aqui! — exclamaram elas com a sua voz nova, muito mais grossa do que na Primavera.

— Que bem que se está! Que bem que se está!

— Ah! Estão aí? — exclamou a mãe, deitando a cabeça fora de água. — Venham depressa! São horas de deitar ... Horas de dormir debaixo do lodo quente e macio.

Mas as rãzinhas não se mexeram, e declararam:

— Nós ficamos aqui! Está um dia muito bonito para ir dormir. Gostamos mais de tomar um banho de sol.



— Venham imediatamente! — ordenou a mãe.

— Não! — replicaram as seis rãzinhas teimosas.

Mas, nisto, o céu cobriu-se de uma espessa nuvem negra. Que frio fazia agora, de repente, em cima do velho tronco de árvore! As seis rãzinhas tremiam, e todas juntas mergulharam, indo ter com a mãe.

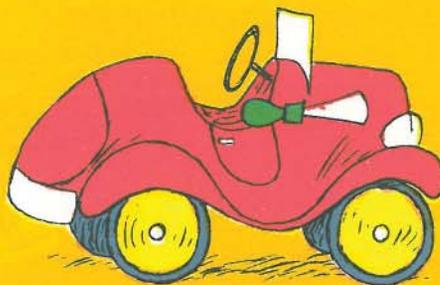
Deslizaram através da água gelada.

Depois, foram procurar o lodo quentinho e confortável, onde tudo estava escuro e convidava ao sono.

Por fim, muito obedientes, adormeceram.

E não voltaram a ouvir-se durante todo o Outono e todo o Inverno, até ao dia em que o lindo sol da Primavera brilhou sobre o velho tronco de árvore.

## O automóvel



### 7 DE NOVEMBRO

*Quem me dera que me dessem  
um automóvel de pedais,  
como o daquele menino  
que eu vi ontem em Cascais.*

*Pedi aos avós, aos tios,  
aos padrinhos e aos pais.  
Respondem todos o mesmo:  
Que sou crescido demais.*

*Vão dar-me uma bicicleta  
reluzente de metais,  
mas em vez dela eu queria  
um automóvel de pedais.*

*Cada vez faço mais anos,  
cada vez eu cresço mais,  
e assim nunca mais me dão  
um automóvel de pedais!*



## O ursinho maroto



### 8 DE NOVEMBRO

Era uma vez um ursinho que não gostava de tomar banho.

Ao sábado, quando a mãe lhe dizia: «Vamos, ursinho, são horas do banho», ele fazia assim: abria a torneira e tirava os calções; sentava-se no chão e metia a pata dentro de água, chape-chape, chape-chape... o barulho de um ursinho a lavar-se; depois, enxugava a pata, vestia uns calções lavados, e saía.

Julgava-se muito espertalhão, o ursinho! Mas, um dia, a mãe revistou-o dos pés à cabeça. Pôs os óculos para lhe ver bem as orelhas e disse:

— Ursinho, para quem toma banho todos os sábados parece-me que estás muito sujo. Creio que seria melhor tomares banho todos os dias da semana.

E foi o que ele teve de fazer.

Porque a mãe ficava em frente da banheira, a bater o pé, e com os olhos postos no sabonete para ver se ele punha bastante na luva turca.

Ao fim de uma semana, o ursinho estava limpinho, penteadinho e luzidio.

E, coisa curiosa, aquilo não lhe desagradava.

A mãe reparou nisso e disse-lhe:

— Desta vez, ursinho, tens as orelhas limpas. E como um banho por dia é demais na tua idade, passas a tomá-lo apenas ao sábado.

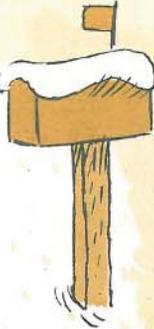
Assim, o ursinho maroto só tomava banho uma vez por semana. E quando a mãe lhe dizia: «Ursinho, são horas do banho», ia logo direitinho à casa de banho sem rabujar.



## A surpresa

### 9 DE NOVEMBRO

*Passou por mim tão leve  
que quase a não senti.  
Seria ... Mas em breve  
deixou de haver engano.  
Era a primeira neve  
que caía este ano!*



A maior parte das pessoas não conseguiu descobrir se era um ou outro destes animais, mas o Fernando sabia.

Com a cauda muito curta e felpuda, o Fernando era um coelhinho. Mas do que ele gostava principalmente era de um rabo muito comprido, muito comprido, que lhe permitia mascarar-se de rato.

Cautelosamente, esgueirava-se até à cozinha, à procura de alguma coisa boa para trincar.

Certo dia de chuva, foi brincar para o jardim com o seu rabo comprido de rato.

Quando voltou para casa trazia-o todo molhado e sujo.

— Quem me dera que tirasses o teu rabo de rato antes de entrar, Fernando — disse a mãe.

E o Fernando obedeceu.

Tirou o rabo molhado e sujo e deixou-o no jardim, dizendo lá consigo que tinha muita sorte em ser um menino, porque, ao contrário dos ratos, podia transformar-se em qualquer animal ... e deixar o rabo lá fora a enxugar enquanto lançava.

## Os disfarces do Fernando

### 10 DE NOVEMBRO

Muitas vezes o Fernando tinha vontade de ser qualquer outra coisa, em vez de ser simplesmente um menino. E isso para ele era fácil: bastavam alguns bocados de cordel.

Quando atava um bocado de cordel muito curto à parte de trás do cinto, queria dizer que era um cãozinho, e o cordel representava o rabo.

Com um bocado de cordel mais comprido, o Fernando era um gato. Se a ponta do cordel estava desfiada era um camelo ... ou um leão.



## Onze abóboras

### 11 DE NOVEMBRO

*Onze abóboras no telhado  
à espera de amadurecer.*

*Veio a dona e apanhou-as,  
pô-las ao lume a cozer  
com açúcar e canela ...*

*Não queiram vocês saber!*



## A fogueira do coelhinho roliço

12 DE NOVEMBRO

Num dia de muito frio, um coelhinho roliço sentia-se enregelado.

— Vou cortar lenha para fazer uma fogueira — disse ele pegando no machado e no carrinho de mão.

Mas era um trabalho pesado para um coelhinho roliço. Tinha cortado com muito custo alguns tronquinhos quando apareceu o Compadre Urso, com o nariz roxo de frio.

— Ó coelhinho, empresta-me o teu machado, se fazes favor, para eu cortar lenha para o meu fogão — pediu ele.

O coelhinho não tinha vontade nenhuma de emprestar o machado. Sem ele, nunca acenderia a sua rica fogueira.

Mas o pobre do Compadre Urso prometeu restituir-lhe logo o machado. E além disso parecia enregelado até aos ossos e tremia tanto que o coelhinho roliço respondeu:

— Pronto, leve-o.

Trás! Trás! O enorme braço do Compadre Urso fazia bom trabalho. Dava-lhe com força.

Daí a pouco tinha uma grande pilha de lenha, e levou logo o machado ao coelhinho.

— Trabalhou depressa! — comentou este. — quando penso no tempo que preciso para arranjar um montinho pequeno de lenha!

E já se ia embora com o machado e o carrinho de mão; mas o Compadre Urso fê-lo parar.

— Para que queres tu cortar lenha, coelhinho? Sem o teu machado, eu também não a tinha. Toma, leva quanta precisares.

E ele próprio colocou as cavacas mais pequenas dentro do carrinho verde do coelhinho roliço. Depois, todo risonho, o compadre Urso apanhou o seu molho de lenha grossa e foi a toda a pressa para casa acender o lume.

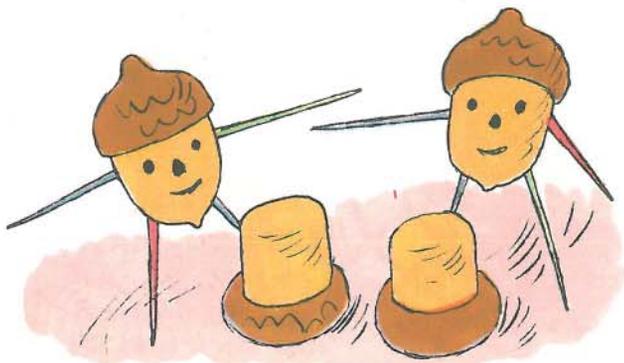
O coelhinho roliço nem queria crer. Muito admirado, murmurou:

— Que amável é o Compadre Urso!

Dali a dois minutos, também ele se estava a aquecer à sua bela fogueirinha.



*Depois cada uma delas  
deu para onze tigelas.  
E para rapar o tacho  
e p'ra lambar a colher  
já lá estão onze meninos ...  
e mais algum, se quiser.*



## Bolotas aos milhares!

### 13 DE NOVEMBRO

As bolotas caíam aos milhares.

Pim! no chão, e pim! em cima do telhado, e rebola, rebola, rebola, e pim!

Todos os meninos corriam a apanhá-las assim que elas caíam.

A Anica tinha uma caixa cheia, a Sofia um saco cheio, e a Maria um carrinho cheio.

A Anica escolheu uma de dentro da caixa, espetou-lhe quatro palitos, e arranjou uma bonequinha com braços e pernas.

Pintou-lhe uma cara, e da carapucinha da bolota fez uma linda boina.

A Sofia escolheu algumas carapucinhas e com elas fez pratos para a boneca. Fez também pires e chá-venas com as bolotas.

E a seguir fez uma boneca como a da Anica. As bonecas deram um chá, e as meninas foram convidadas.

Mas a Maria não veio. Estava muito ocupada a plantar bolotas para vir a ter um grande carvalho. Plantou três. Mas chamaram-na para almoçar. Voltou para casa. Chamaram a Anica, chamaram a Sofia.



Nessa altura, três esquilinhos saíram da toca a toda a velocidade.

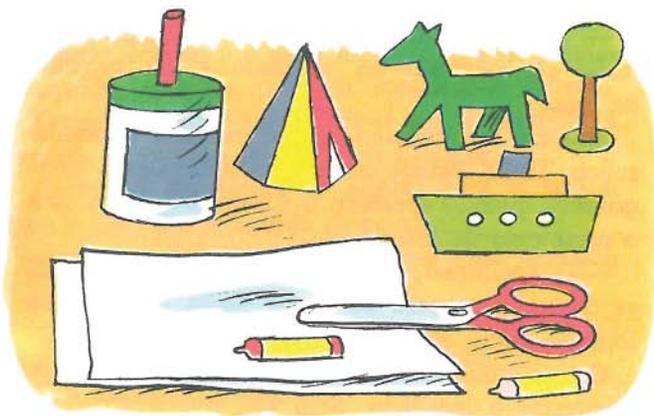
— Bolotas! Bolotas! Milhares de bolotas! — diziam eles, tagarelando tanto quanto podiam. Entraram na caixa da Anica, no saco da Sofia, no carrinho da Maria, e forneceram-se.

Corriam de um lado para o outro, fazendo grande provisão de bolotas para o Inverno.

A Anica viu-os. A Sofia e a Maria viram-nos também. Mas ninguém se ralou. Havia bolotas para todos, e as bonecas estavam muito sossegadinhas sentadas debaixo da árvore. Os esquilos não lhes tinham tocado.

Estavam sentadas a tomar chá.

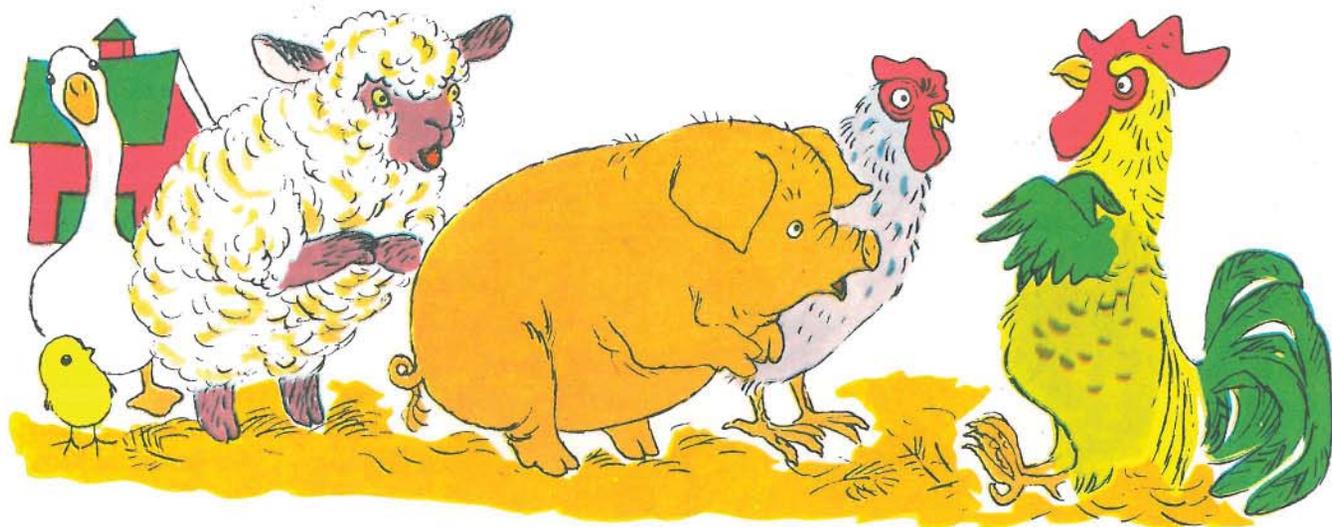
As bolotas caíam aos milhares. Pim!, no chão, e pim!, em cima do telhado, e rebola, rebola, rebola, e pim!



## Gosto da chuva

### 14 DE NOVEMBRO

*Está a chover? Não me importo.  
Mesmo em casa, sem sair  
há tanta coisa engraçada  
para a gente se divertir!  
Com uma tesoura recorto  
papéis brancos ou de cor:  
faço um cavalo e um vapor.  
Colo tiras de papel:  
armo uma tenda estupenda.  
Pinto quadros nunca vistos  
com tintas e um pincel  
que a minha tia me deu.  
Está a chover? Não te importes  
e faz assim como eu.*



## O senhor Bento

15 DE NOVEMBRO

O senhor Bento era um galo velho.

Todas as manhãs, muito cedo, pulava para cima da vedação e soltava um cocorocó estridente, até que toda a gente acordasse.

Mas, naquele Outono, as manhãs refrescavam, e na quinta ninguém queria levantar-se. Todos resmungavam:

— Cala-te! Deixa-nos sossegados!

E cada qual se virava para o outro lado, para dormir mais um bocadinho.

O caseiro era o mais preguiçoso de todos.

Certa manhã teve uma fúria.

— Estúpido galo velho! Que vá para o diabo! Quem me dera que ele fosse mudo!

O senhor Bento ouviu-o e não ficou nada satisfeito. Arrebitou a crista. Os seus olhos amarelos brilharam ferozmente, e pensou: «Pois muito bem. Vou deixá-los dormir!»

E, no dia seguinte, o senhor Bento não cantou.

Toda a gente dormia, dormia, e assim se passou a manhã.

Deste modo, que trabalhos!

As vacas mugiam: precisavam de quem as ordenhasse. Os carneiros baliavam: era preciso levá-los à pastagem. Os porcos grunhiam: queriam a lavadura. As galinhas tinham começado a chocar os ovos cacarejando como pegas, e a berraria de todos os bichos enfurecidos fazia um concerto muito desagradável.

O caseiro e a família correram às suas tarefas sem atenção, ordenhando as vacas para dentro do

cesto dos ovos, deixando cair os ovos assim que os agarravam, guardando os porcos na pastagem dos carneiros, e dando aos carneiros a lavadura dos porcos.

Quanto aos filhos do caseiro, esses estavam furiosos: tinham perdido a camioneta, vendo-se obrigados a seguir a pé para a escola; com certeza iam ser castigados por chegarem tarde.

Toda a gente andava atarantada.

Nesse dia, depois do jantar (não seria depois do almoço? — já ninguém sabia ao certo), toda a família foi procurar o senhor Bento e pediu:

— Quer fazer o favor de nos acordar?

Mas o senhor Bento estava amuado.

— Não senhor! Não quero que me chamem estúpido galo velho!

— Ninguém pensa uma coisa dessas! — respondeu a família.

— Quero lá saber! Não canto! — teimava o senhor Bento.

— Por favor, senhor Bento! — suplicavam todos.

— E se eu cantar, batem palmas? — perguntou o senhor Bento.

— Sim, sim, batemos palmas — prometeram eles. — E olhe, vamos dar imediatamente um viva ao senhor Bento.

E os caseiros bateram palmas e gritaram:

— Viva!

Na manhã seguinte, o senhor Bento pulou de novo para cima da vedação e cantou com toda a gana, mais alegremente que nunca.



## A menina que não gostava do seu nome

16 DE NOVEMBRO

Era uma vez uma menina que se chamava Sara mas que não gostava do seu nome. Gostaria de se chamar Sofia, ou Cristina, ou Ana, ou então Virgínia, um nome qualquer, menos Sara.

Um dia, perguntou à mãe:

— Porque foi que me chamaram Sara?

E a mãe, que arrumava a loiça no aparador, respondeu-lhe:

— Porque quisemos dar essa alegria à tia Sara, que nunca teve uma filha. Não achas que é uma boa razão?

— Acho, acho — disse a Sara, pensativa. — Claro que é uma boa razão.

Mas nem por esta boa razão a Sara achava o seu nome mais bonito. E noutro dia perguntou à tia:

— Porque foi que lhe chamaram Sara?

A pergunta fez sorrir a tia Sara, que disse:

— Era o nome da minha avó, que também se chamava Sara. E quando eu tinha a tua idade gostava que me tivessem posto outro nome. Achava que Sara era o nome mais feio que se podia pôr a uma menina.

— Sério? E agora, já gosta? — perguntou a Sarinha.

— Muito — respondeu a tia Sara, sorrindo. — Porque um dia perguntei à minha avó porque era que lhe tinham chamado Sara. E ela ensinou-me o que quer dizer Sara.

— Quer dizer o quê? — perguntou a menina.

— Quer dizer «princesa» — respondeu a tia Sara que, nessa altura, se empertigou e se tornou mais imponente que nunca.

— Quando soube isto, passei a gostar do meu nome. E desde então fiquei sempre satisfeita por usá-lo. Que pensas disto, Sara?

— Pois então, tia Sara — respondeu a menina que de repente se empertigou e se tornou mais majestosa que uma princesa —, pois então, tia Sara, acho que sou inteiramente da sua opinião.

## Um mocho com juízo

17 DE NOVEMBRO

— Mocho, vem morar comigo (dizia um urso velhaco), descobri hoje um buraco onde cabemos os dois.

O mocho piscou um olho e perguntou: — E depois? Antes que eu piasse uu dos dois só ficava um, e esse eras tu!





## O funileiro

18 DE NOVEMBRO

Há muitos anos, muitos anos, um funileiro bem disposto andava de terra em terra. Consertava panelas e caçarolas, contava histórias e vendia pequenos objectos.

Nesse tempo, havia poucas casas, as aldeias eram muito afastadas uma das outras e as pessoas aborreciam-se. Por isso, era um acontecimento quando um estranho, vindo de terras distantes, chegava a uma aldeia com notícias frescas.

Sempre que o funileiro aparecia ao longe, assobiando uma cantiga alegre, a aldeia inteira rejubilava.

Depois, convidavam-no, instalavam-no ao pé da lareira e preparavam-lhe um verdadeiro banquete.

Todos abriam os olhos deslumbrados enquanto o funileiro habilidosamente consertava as panelas e as caçarolas.

E quando ele contava histórias, escutavam-no sem dizer palavra. Em seguida, cada qual mexia com todo o cuidado nos objectos que ele trazia

para vender e, se mostrava vistas dessas terras distantes por onde passava, achavam que ainda eram poucas. Era verdade!, um grande viajante como ele devia ter centenas de vistas, milhares até.

Por fim, pediam-lhe uma cantiga. Toda a gente cantava com ele, e ficava a cantar. Então, o funileiro pegava na trouxa, e ia-se embora. Descia a encosta, assobiando uma música alegre; os aldeões seguiam-no com os olhos, desejando-lhe boa viagem e muitos fregueses, e diziam:

— Ai! Que feliz é este funileiro!

Mas, muita vez, logo ao dobrar a curva, o funileiro parava e olhava para trás, na direcção das casinhas fechadas e arranjadinhas e dizia para consigo que daria de boa vontade todas as suas viagens em troca de uma casinha tão arranjadinha como aquelas.

Depois, o alegre funileiro punha a trouxa às costas e retomava o seu caminho, assobiando uma cantiga nova que lhe ensinara a chaleira que cantava acolá numa daquelas casinhas.

## O leitãozinho gordo

19 DE NOVEMBRO

Era uma vez cinco leitõezinhos cor-de-rosa que brincavam o dia inteiro. No entanto, os quatro primeiros eram uns leitõezinhos muito niquentos que nunca comiam tudo até ao fim. Achavam que o milho estava muito duro, que a sopa estava aguada demais. E quando o caseiro lhes trazia hortalíça fresca para o jantar, faziam um ar enojado e debicavam nas suas gamelas como leitõezinhos mal educados.

Mas o quinto gostava de tudo quanto lhe serviam. Devorava a comida num abrir e fechar de olhos e quase metia as patas dentro da gamela para lamber a lavadura até à última gota.

— És um leitãozinho de juízo — dizia-lhe a mãe, sorrindo.

— Um guloso! — diziam os irmãos e as irmãs, fungando com desdém, e debicando na comida. Por isso, continuavam pequenos e magros, enquanto o quinto se fazia tão rosado e gorducho que o caseiro, certo dia, lavou-o, tratou dele com todos os cuidados e levou-o à feira.

— Aonde vão eles? — perguntavam os outros.

— Quando voltarem, já vocês ficarão a saber — respondeu a mãe, sorrindo.

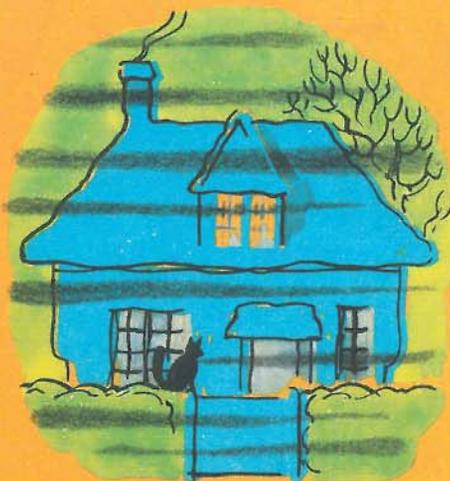
Esperaram. O leitãozinho gordo e o caseiro voltaram para casa. Vinham todos vaidosos, e agitavam uma linda fita azul, a fita que o leitãozinho tinha ganhado por ser o mais bonito do distrito.

Os quatro leitõezinhos magros ficaram cheios de inveja.

— Também queremos ir à feira! Também queremos ganhar uma fita azul!

— Um dia talvez lá vão — disse o leitãozinho gordo, que depois perguntou: — Já teria passado a hora do jantar?

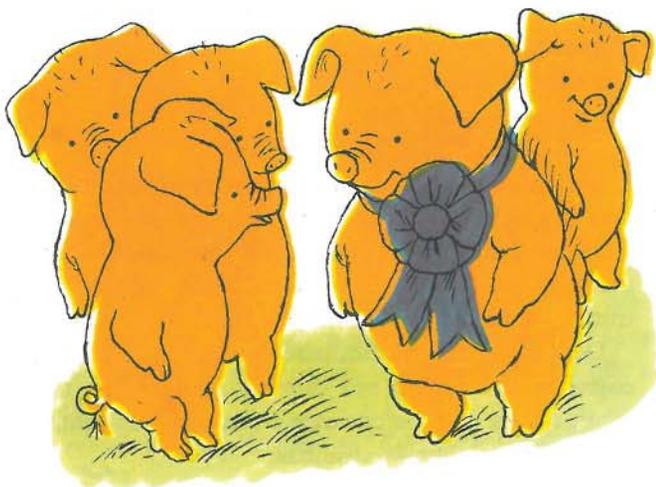
Tinha passado, realmente, porque o caseiro perdera muito tempo a mostrar a fita azul a todos os vizinhos. Mas quando por fim trouxe o milho, a lavadura e toda a espécie de hortalíças, os cinco leitõezinhos atiraram-se à gamela, grunhindo, empurrando-se, impacientes por irem para a mesa, esfomeados como é próprio de todo o leitãozinho.



## O nevoeiro

20 DE NOVEMBRO

*Bate a porta do quintal.  
Ouvem-se passos de alguém.  
Mas faz tanto nevoeiro  
que não percebo quem vem.  
Truz! Truz!, sinto na vidraça.  
Eu à porta logo chego,  
e só então vejo o pai  
que veio do seu emprego.  
O gato viu-o primeiro  
apesar do nevoeiro.*



## Um exércitozinho valente

21 DE NOVEMBRO

Certo dia, um exércitozinho valente partiu para a guerra. Vinham em primeiro lugar os cavaleiros nos seus garbosos corcéis. A seguir, os artilheiros com as peças de artilharia, de meter medo. Por fim, a infantaria, de espada afiada.

Encontraram um dragão e preparavam-se para o matar, mas o dragão desapareceu por detrás de um penedo, como fazem as lagartixas.

A seguir encontraram um gigante tão parecido com um esquilo como duas gotas de água. Correu para trás de um muro muito alto, assim que viu o exércitozinho.

Por fim cercaram um castelo, e gritaram:

— Saiam daí para fora, seus patifes! E preparem-se para morrer!

Ora o castelo era de areia, estava cheio de areia, e, como não tinha ninguém lá dentro, ninguém saía. Mas o exércitozinho valente teria posto em debandada todos os habitantes, se lá houvesse alguns.

— Vitória! — gritaram os soldadinhos.

E voltaram para o acampamento, a tocar corneta, de bandeiras desfraldadas ao vento, mais orgulhosos e valentes que nunca. Ainda ficaram mais orgulhosos quando o rapazinho a quem pertenciam lhes disse:

— Serviram muito bem a vossa pátria.

Escovou a lama dos pés dos soldados, das patas dos cavalos e das rodas das peças de artilharia, e arrumou-os dentro da caixa para passarem a noite descansados.



## A moita de uva-espim

22 DE NOVEMBRO

Em volta de uma linda moita corriam três esquilinhos.

— Que lindas bagas! — diziam eles. — Vamos apanhar algumas para fazer coisas úteis!

Apanharam-nas e encheram os bolsos.

— Parece que são rebuçados — disse o primeiro; e meteu uma baga na boca.

Mas, pff!, aquela baga não era um rebuçado! Isso sim! Era tão amarga que o esquilhinho cuspiu-a logo.

— Com as minhas vou fazer geleia de groselha — disse o segundo. Mas apesar de cozidas com muito açúcar as bagas não podiam substituir as groselhas.

— É horrível! — lamentou-se ele, muito admirado e desconsolado.

O terceiro, que tinha observado os outros dois, perguntava a si mesmo para que serviriam aquelas bagas, porque de certeza haviam de prestar para alguma coisa.

E pôs-se a enfiar as suas, e fez um colar de bagas vermelhas. Garanto-lhes que os outros dois o acharam muito esperto, e disseram:

— Era isso exactamente o que devíamos fazer com estas lindas bagas vermelhas.

Os três esquilhinhos correram direitos ao arbusto. Corriam, corriam de roda dele, apanhando bagas para fazer colares de contas vermelhas e lindas pulseiras.

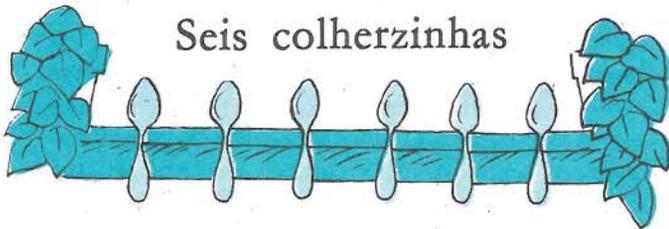


## *À noite na minha cama*

### 23 DE NOVEMBRO

*Na minha cama  
estou acordado  
escutando as vozes  
na sala ao lado.  
Conversam, riem  
não sei de quê,  
ouvindo rádio,  
vendo TV.*

*Ai quem me dera,  
sem mais demoras,  
ir para a cama  
só às dez horas!*



## Seis colherzinhas

### 24 DE NOVEMBRO

A Laurinha morava numa grande casa composta afinal por duas casas juntas. Ela vivia no rés-do-chão com os pais e o irmão pequenino, e no primeiro andar vivia a avó.

Um dia, a avó anunciou à Laurinha que ia viajar e pediu-lhe:

— Laurinha, serás tu capaz de tratar das minhas plantas enquanto eu cá não estou?

— Sou, sim, avó — respondeu a Laurinha. — Eu sei como é que se vê se têm sede, e sei como se devem regar sem entornar água no chão.

Depois, trepou a um banquinho e regou com todo o cuidado as plantas colocadas sobre uma prateleira onde estavam também seis colherzinhas de prata. A Laurinha gostava muito daquelas colheres. Sempre desejara que a avó a deixasse servir-se delas.

E quando se viu sòzinha em casa da avó para regar as plantas, teve grande vontade de pegar nas colheres só para brincar com elas um bocadinho. No fim de contas, ninguém sabia.

E estendeu a mão. Mas de repente lembrou-se do que a avó lhe dissera: que eram muito antigas aquelas colheres, muito delicadas e frágeis, e a avó tinha muita estimação nelas.

Então, suspirou e, deitando um olhar de despedida às colheres, limitou-se a regar as plantas.

Quando a avó regressou, encontrou as plantas muito viçosas e ficou muito contente.

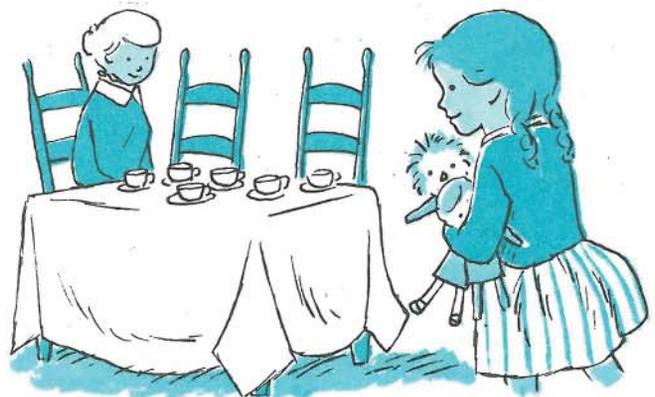
Areou as colherzinhas de prata. Depois tirou do armário seis chavenzinhas e um bule de loiça de tamanho suficiente para uma boa dose de chocolate quente. A seguir fez chocolate, torradas, e pôs uma mesinha com tudo o que seria preciso para um lanche delicioso.

— Laurinha! — chamou ela do alto da escada. — Laurinha, hoje dou um lanche. Queres vir cá acima com quatro das tuas bonecas!

— Quero, sim, avó! — respondeu a Laurinha.

No patamar, com duas bonecas em cada braço, parou a aspirar o cheiro delicioso que vinha de casa da avó.

Mas não lhe passava pela cabeça que tinha sido convidada como uma pessoa crescida, e que no seu pires iria encontrar uma encantadora colherzinha de prata.





## Uma história muito antiga

### 25 DE NOVEMBRO

Há muitos anos, muitos anos, um rapazinho chamado Jeremias fez uma grande viagem por mar com toda a sua família. Iam para o Canadá.

Quando lá chegaram, Jeremias ajudou os homens a abrir uma clareira no meio da enorme floresta, no sítio onde queriam construir uma casa e semear milho. Era uma grande aventura.

Jeremias ajudou a construir uma cabana de madeira e uma grande casa para toda a família. De boa vontade ajudou a lavrar o campo e a semear o milho.

E, como tinha trabalhado muito sem se queixar, tratavam-no como a uma pessoa crescida, o que o enchia de orgulho.

Havia, porém, uma coisa que desconsolava o Jeremias: estava sempre com fome. Uns índios simpáticos tinham mostrado aos recém-vindos as plantas da região que deviam cultivar, tinham-lhes indicado os melhores lugares para caçar e pescar, mas apesar disso não havia comida que chegasse para toda a gente.

E a pequena colónia preocupava-se tanto com a comida que era preciso guardar para o dia seguinte

que as refeições nunca eram abundantes para o pobre Jeremias, que havia trabalhado tanto.

Mas, agora, estava-se em Novembro e a colheita era abundante. À noite, à luz de uma fogueira, os homens resolveram dar uma festa, e disseram:

— Amanhã, vamos à caça dos perus bravos.

— Nós fazemos pão de milho, tortas e geleia de sabugueiro — disseram as mulheres.

À força de ouvir falar em tanta coisa boa — batatas assadas, feijão, bolachas — o Jeremias sentia crescer-lhe água na boca.

— Podemos comer de tudo? — perguntou (tinha tanta fome que pela primeira vez na vida se esqueceu de que era um rapazinho calado).

— De tudo! — respondeu o pai. — Tivemos uma boa colheita, e devemos fazer-lhe as devidas honras!

Naquela noite, antes de adormecer, o Jeremias esqueceu-se de que tinha sempre fome; imaginou uma grande mesa posta para o jantar da festa. E então sentiu que havia de ser feliz naquele grande país novo, que ficava tão longe, tão longe, da sua antiga casa.

## O urso que não queria dormir

26 DE NOVEMBRO

Durante o Inverno todos os ursinhos faziam uma sesta muito comprida. Mas um deles ficou acordado.

Experimentou ir fazer um campeonato de saltos com os alegres coelhinhos. Mas os saltos não são brincadeiras para ursos. Cansou-se e procurou outra coisa.

Encontrou os raposos, dois raposinhos ruivos que andavam a brincar às escondidas. O ursinho esteve a brincar com eles, atrás dos muros de pedra, atrás das medas de palha e no bosque. Mas os raposos esconderam-se atrás de uma moita e o ursinho não foi capaz de os encontrar. Os raposos saíram do seu esconderijo e fizeram troça dele.

Jogar às escondidas também não era brincadeira para ursos. Foi-se embora.

Dois esquilos trincavam bolotas. O ursinho aproximou-se.

— Queres bolotas? — perguntaram amavelmente os esquilos. — Toma! Serve-te à vontade.

Mas por mais que lhe oferecessem bolotas abertas, o miolo era rijo de mais e tinha um gosto demasiadamente amargo para um ursinho. Aquilo não era alimento para ele. Não gostava de bolotas.

Para mais, sentiu de repente tanto sono que começou a abrir a boca.

Então os esquilos abriram também a boca, e abriram igualmente a boca os coelhos e os raposos ruivos.

«Vamos dormir a sesta», disseram para consigo. E deitaram-se um bocadinho depois do almoço.

Mas o ursinho adormeceu tão profundamente que dormiu até à Primavera.

Quando acordou, já todos os outros ursinhos o chamavam para ir correr lá para fora, para as brincadeiras próprias dos ursos.



## Cãozinho maroto



## De noite

### 28 DE NOVEMBRO

O Zé não consegue adormecer. Quem lhe dera que a noite não fosse tão escura, quem lhe dera que os ruídos e as sombras não fossem tão assustadores quando está sozinho no seu quarto!

E, finalmente, quem lhe dera que as coisas não parecessem tão grandes e tão pretas!

Mas, de repente, lembra-se de outra noite, uma noite de Verão passada no bosque, onde tinha ido acampar com o pai.

A noite estava escura e cerrada como agora. E a cama de campanha do Zé era muito menos macia e cómoda que a do seu quarto. Havia no bosque

sombras estranhas, ruídos misteriosos e uma espécie de voz a chamar que devia ser a de um mocho: uu! uu! uu! uu!

Que medo teve o Zé nessa noite! Talvez tivesse até estremecido debaixo do cobertor.

Então o pai dissera-lhe baixinho:

— Zé, não parece mesmo que as árvores se inclinam para nos proteger?

O Zé levantara a cabeça. Lá em cima, lá muito em cima, vira as grandes árvores; no topo escuro brilhavam estrelas.

Sim, parecia realmente que as árvores protegiam o Zé e o pai. Uma aragem leve fazia mexer as folhas, entoava uma música muito suave, como se fosse uma canção de embalar.

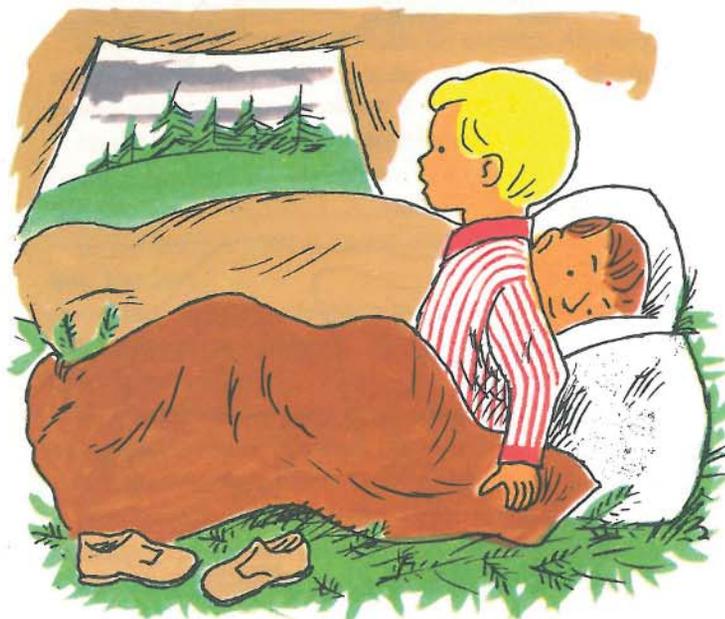
O Zé já não sentia medo.

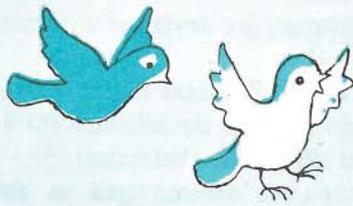
— Pai — disse ele —, está a ouvir o mocho? Parece que tem sono e quer dar-nos as boas-noites.

Depois adormecera logo, no meio do bosque, daquele bosque tão cerrado que o protegia.

E de repente o Zé pensou nas estrelas. Com certeza estão a brilhar por cima da casa. No jardim há árvores que se inclinam, e aragem a entoar uma canção suave, como uma canção de embalar.

E pondo-se à escuta, parece mesmo que se ouve a voz do mochozinho que tem sono: uu! uu! uu! Então o Zé dá-lhe as boas-noites, adormece e tem lindos sonhos.





## Amigos novos



**29 DE NOVEMBRO**



*Os passarinhos no Verão  
se nos sentem no jardim  
fogem todos assustados,  
como de coisa ruim.*



*Mas agora, que faz frio,  
mal ouvem a nossa voz,  
vêm buscar migalhinhas  
sem medo nenhum de nós.*



## No jardim zoológico

**30 DE NOVEMBRO**

*Fomos ver as focas,  
o urso, o camelo,  
mais o crocodilo  
e a cobra-capelo.*



*A girafa é muda,  
o tigre arrogante.  
O meu preferido  
é o elefante!*

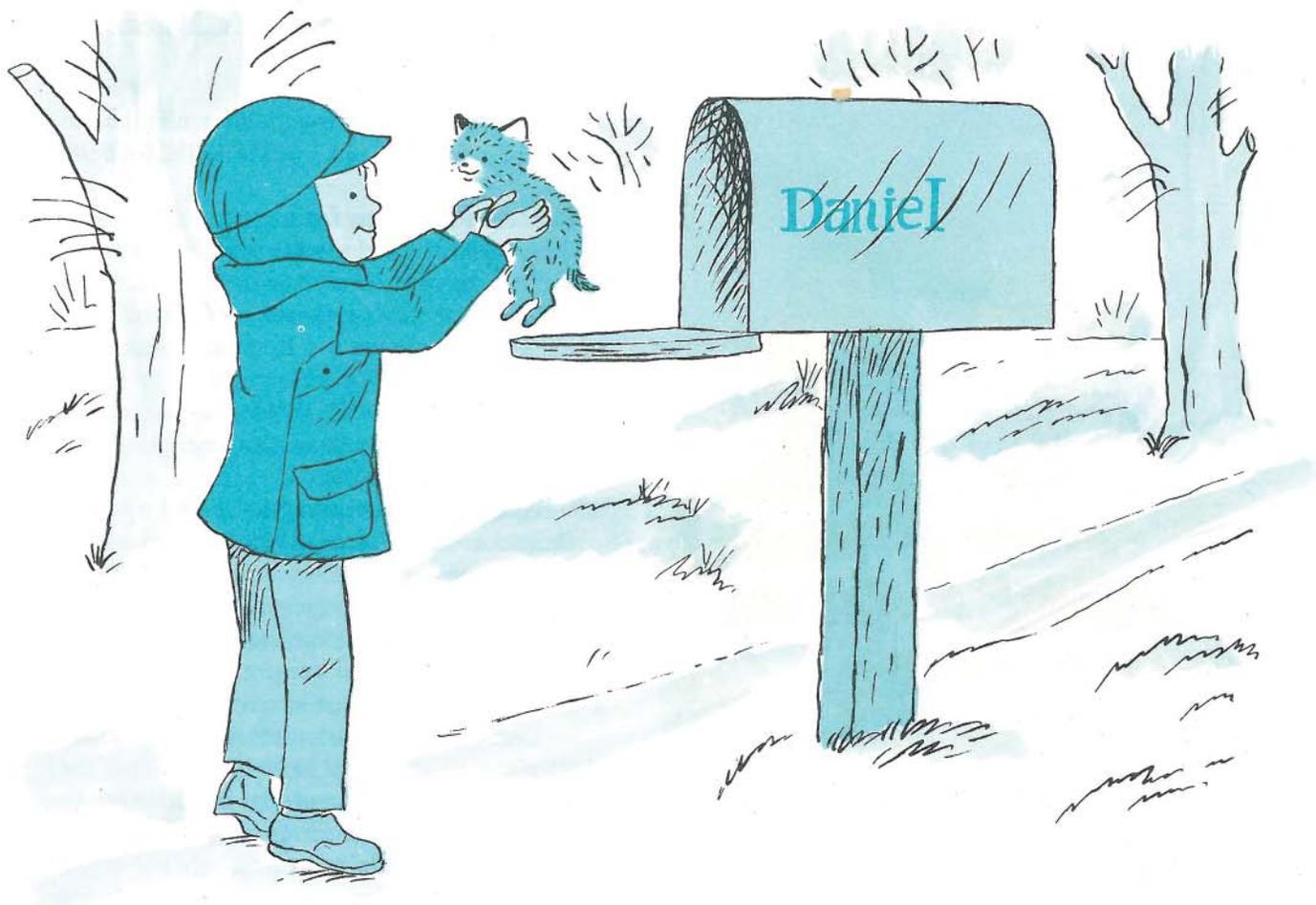


*O macaco tonto  
é um bom farsante.  
Gosto muito mais  
do gordo elefante!*



*Com medo ao leão  
passei adiante.  
O rei do jardim  
é o elefante!*





## Daniel estava aborrecido

### 1 DE DEZEMBRO

O Daniel estava muito aborrecido. Não sabia o que havia de fazer do gatinho perdido que recolhera e metera na algibeira.

«Não posso levá-lo para casa — pensava ele. — O Dick detesta gatos, vai correr atrás dele a ladrar o dia inteiro.»

Mas também não podia abandonar o pobre gatinho em cima da erva do talude. Por isso o Daniel parou e começou a pensar seriamente no caso.

Resolveu ir visitar uma das suas amigas, uma senhora de idade que morava na outra ponta da aldeia.

E metendo-se ao caminho andou, andou, andou.

— Bom dia, Daniel — disse a velhinha quando ele chegou. — Queres fazer-me o favor de ir à caixa do correio e ver se há alguma coisa para mim? Calculo que não haja nada. Nunca há nada. Vivo muito sòzinha, sabes? Sem filhos, sem pais, sem amigos, nem sequer um animalzinho a quem possa estimar e fazer festas.

Depois, sorriu pensativa e disse:

— Vai lá ver depressa, Daniel!

Então o Daniel correu à caixa do correio. Abriu-a, estava vazia. Mas quando a fechou, a caixa já não estava vazia.

Muito depressa, mas delicadamente, o Daniel tirara o gatinho da algibeira e metera-o dentro da caixa.

— Há correio para si, hoje! — gritou ele. — Quer que lho leve?

— Não, Daniel, obrigada — respondeu a velhinha, fazendo-se forte. — Posso muito bem ir eu própria buscá-lo.

O Daniel voltou para casa, com a algibeira vazia e o coração leve. Diante da caixa do correio, a velhinha sorria, cheia de esperança.

Mas valia a pena ter visto o seu sorriso, quando, levando o gatinho embrulhado no xaile macio, entrou em casa e fechou a porta.



## O homenzinho de pão doce

### 2 DE DEZEMBRO

Ainda não estava bem cozido e já aquele homenzinho de pão doce parecia mais vivo e alegre que os outros mais pequenos.

Fizeram-lhe botões de groselha, boca, nariz e olhos a brilharem de marotos.

«Ele podia muito bem fugir daqui», pensou a Catarina.

E quando a mãe, a Catarina e o Lourenço deitaram uma olhadela ao forno onde o homenzinho crescia e tufava o mais que podia, o Lourenço perguntou a si próprio se ele não seria capaz de fugir quando o pusessem a arrefecer.

Perguntou à mãe o que é que ela achava.

— Isso sim! Essas coisas só acontecem nas histórias — respondeu a mãe.

Em seguida tirou do forno o homenzinho de pão doce e pô-lo a arrefecer.

Ele ficou muito quieto.

A mãe fez-lhe um chapelinho muito bonito de açúcar cor-de-rosa, um casaco e sapatinhos lustrosos.

Ele continuava sem fugir.

Tinham-no colocado numa grande travessa, juntamente com os outros. Aqueles homenzinhos de pão doce eram tão apetitosos, cheiravam tão bem que a mãe, a Catarina e o Lourenço comeram logo os mais pequenos.

Mas não tocaram no grande.

— Deixemo-lo no meio da mesa! — disse a mãe. — Está tão bonito!

— Pois, pois — disseram a Catarina e o Lourenço.

Deixaram-no, portanto, no meio da mesa. Estava realmente muito bonito. Ficou aí três noites.

Na quarta noite desapareceu.

A mãe garantia que ele não tinha fugido. Achava que fora o pai quem o comera antes de se deitar. O pai não acreditava que ele tivesse fugido.

— Essas coisas só acontecem nas histórias! — dizia ele, a rir.

Mas a Catarina e o Lourenço acreditavam. Quase que o tinham visto a correr de sapatinhos calçados nos pés e ouvido gritar:

— Não me apanham! Eu sou o homenzinho de pão doce!

Quem podia dizer o contrário? No fim de contas aquele homenzinho de pão doce era muito capaz de fugir.

*Quando cai neve de noite...*

### 3 DE DEZEMBRO

*Quando cai neve de noite,  
mesmo sem ver, adivinho:  
deixam de se ouvir os passos  
de quem passa no caminho.*



*114*

# A loja da pouca sorte

## 4 DE DEZEMBRO

Era uma vez uma loja que pertencia a um homem que passava a vida a resmungar e de sobranceiras franzidas. Já se vê, era raro que um freguês ali fosse comprar um gelado, rebuçados ou jornais que ele tinha para vender.

— Não há crianças no bairro — dizia para consigo o homem carrancudo. — É um bairro sossegado demais. Ninguém passa nesta rua; por isso ninguém olha para a minha montra. De resto, as pessoas que passam nesta rua vão de preferência aos grandes armazéns da esquina. Mas eu acho que a causa principal é que a minha loja tem pouca sorte.

Pensando nisto, franzia as sobranceiras mais do que nunca, e fazia a carantonha mais feia do mundo.

— Santo Deus! — pensou um freguês. — Nunca mais volto a esta loja em dias da minha vida!

Deu meia volta e parou à entrada da porta. Mas o seu sobretudo preto encostado ao vidro fez uma espécie de espelho. O homem das sobranceiras franzidas viu de dentro da loja o reflexo da sua carantonha.

— É exactamente o que eu pensava — resmungou ele. — A minha loja tem pouca sorte. Quando aparece um freguês, é o mais feio, o mais mal encarado que pode haver!



Mas, nisto, o homem das sobranceiras franzidas compreendeu que era a sua própria cara que fazia aquelas caretas.

Que surpresa! E o homem desatou a rir.

— Agora já compreendo porque é que ninguém vem à minha loja! Quem lhe apetece comprar seja o que for na loja de um homem tão carrancudo?

Desatou a rir tanto que o freguês do sobretudo preto ouviu-o, tornou a entrar na loja e comprou três gelados.

E os garotos do bairro ouviram-no e compraram-lhe rebuçados e cromos.

Era um rio de fregueses. Durou toda a tarde, e nos dias seguintes, enquanto o dono da loja foi vivo. Porque, tão ocupado estava, que já não franzia as sobranceiras, mas recebia toda a gente sempre com um alegre sorriso e uma palavra amável.

— Que faz o senhor para estar sempre risonho? — perguntou-lhe um freguês.

— É porque a minha loja tem muita sorte. Há uma multidão de garotos no bairro, e uma quantidade de pessoas que passam diante da minha montra.

E nunca nenhum daqueles que passavam pela sua loja parecia querer ir aos grandes armazéns da esquina.



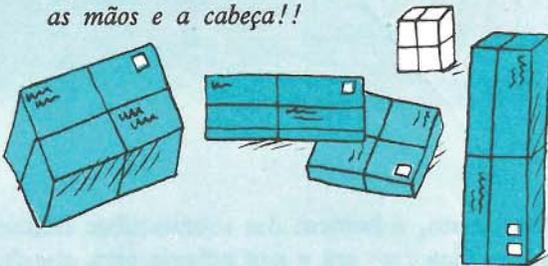
*E no silêncio profundo  
da terra inteira calada  
cai neve devagarinho  
como uma flor desfolhada.*



*Conheço um senhor...*

## 5 DE DEZEMBRO

*Conheço um senhor  
que nunca se arrisca  
a apanhar um pingo  
se acaso chuveira.  
Abre o guarda-chuva,  
calça umas galochas,  
enfia uma luva  
grossa em cada mão,  
veste o impermeável,  
sai de casa, então.  
Eu não compreendo  
que não lhe apeteça  
refrescar a cara,  
as mãos e a cabeça!!*



## *As encomendas*

## 6 DE DEZEMBRO

*O leiteiro traz o leite,  
traz o pão mole o padeiro,  
assim que batem à porta  
sou eu quem lá vai primeiro.*

*Mas neste mês de Natal,  
se acaso o carteiro vem  
carregado de encomendas  
quem vai à porta é a mãe.*

*Porquê? Não entendo bem.  
Pode ser que tu entendas.*

## A estrela de Natal



## 7 DE DEZEMBRO

— Este ano — disse o senhor Bontempo no fim do pequeno-almoço — havemos de fazer uma árvore de Natal enorme, magnífica.

— Pois claro — respondeu a senhora Bontempo, toda risonha, olhando para o tecto da sua grande casa nova. — Pois claro, podemos arranjar uma muito grande.

Os cinco meninos Bontempo fecharam os olhos para poderem imaginá-la à sua vontade. E à noite, quando o senhor Bontempo trouxe para casa caixas e caixas cheias de enfeites novos para a árvore, toda a família o rodeou imediatamente.

Deve dizer-se que eram enfeites magníficos! Grandes bolas prateadas capazes de fazer inveja a todas as árvores da terra, frutos de vidro, sininhos brilhantes que tocavam a valer, e pássaros cor do arco-íris, de asas abertas. E, por fim, o mais belo, o mais cintilante dos anjos.

— O anjo irá para o cimo da árvore — disse o senhor Bontempo com orgulho. — A estrela que costumávamos lá pôr serviu durante muito tempo; agora quero uma coisa diferente.

A senhora Bontempo já não sorria, e os cinco meninos Bontempo também não.

— O quê! — pensava ela com tristeza. — Aquela estrela que sempre vi no cimo de todas as árvores de Natal da minha infância!

«Aquela estrela é a primeira coisa em que nós pensamos quando falamos em Natal», disseram consigo os dois mais velhos.



## *Os presentes*

## 8 DE DEZEMBRO

*Fiz tanto presente  
para tanta gente  
sem esquecer ninguém!  
Já tudo embrulhei.*



A Maria e o Miguel, os mais novinhos, também pensavam que ficariam muito tristes se a estrela não estivesse no seu lugar no cimo da árvore.

E Marta, a mais pequenina, exclamou:

— Ó pai, eu quero a estrela!

Então o senhor Bontempo teve uma ideia luminosa. Com muito cuidado, pousou o anjo em cima da chaminé e disse:

— O lugar dele é aqui. Não fica bem? Afinal, parece-me que se a árvore de Natal for muito rica deixará de ser a *nossa* árvore.

E toda a família Bontempo soltou um suspiro de alívio. Sentaram-se à mesa com os olhos a brilhar, como se a velha estrela tão querida de todos se reflectisse em cada olhar.



*Mas tenho a certeza que vai ser surpresa para mim também ao ver o que dei.*

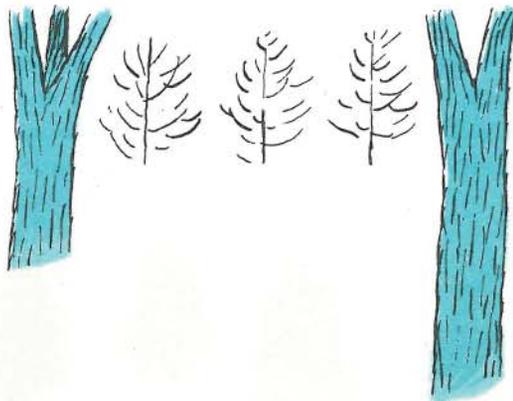


## Pedidos

### 9 DE DEZEMBRO

*Eu queria um comboio  
e uma pistola,  
um carro e um jogo  
e uma grande bola,  
um ratinho branco  
e uma canoa ...*

*Não será de mais  
só para uma pessoa?*



## As sentinelas

### 10 DE DEZEMBRO

*Castanheiros, carvalhos, faias, choupos,  
perfilados em frente das janelas,  
guardam a nossa casa dia e noite  
como bravos soldados sentinelas,  
enquanto no jardim, a um cantinho,  
cresce um pé sempre verde de azevinho.*

## Os brinquedos do ano passado



### 11 DE DEZEMBRO

Algum tempo antes do Natal, o Pedro e a mãe faziam sempre arrumação na arca e nas prateleiras dos brinquedos velhos.

O Pedro separava-os: um monte daqueles que estavam partidos, outro monte daqueles com os quais já não brincava. Em seguida, a mãe lavava e esfregava as prateleiras e a arca.

O Pedro arrumava depois os brinquedos velhos num caixote. Deste modo havia sempre muito espaço para aqueles que o Pai Natal trouxesse.

«Pronto — dizia o Pedro de si para si, quando acabou o trabalho. — Se o pai Natal me visse agora com o seu óculo, havia de ficar satisfeito comigo.»

Um ano, o Pai Natal olhou precisamente pelo seu óculo para o quarto do Pedro. Viu as prateleiras muito bem arrumadas e ficou satisfeito. Mas quando viu o que o rapazinho estava a fazer, a

cara iluminou-se-lhe com um sorriso. Porque o pai e o Pedro estavam a consertar os brinquedos partidos. Davam também uma pintura naqueles que precisavam.

Quando os brinquedos ficaram prontos e tão lustrosos como brinquedos novos, meteram-nos no automóvel e levaram-nos para o asilo. Naquela grande casa havia duzentos e doze meninos e meninas sem pai nem mãe, e era um trabalhão para o Pai Natal distribuir prendas a todos.

Agora, graças aos brinquedos do Pedro, podiam encher-se os sapatos de todos os meninos.

— Olhem para aquilo! — dizia o Pai Natal com o mais feliz dos sorrisos. — O Pedro deu-me uma bela ajuda!

E estava contentíssimo.

A neve caía, principiava a escurecer, e o Pedro, de regresso a casa, estava tão contente como o Pai Natal.



### Doze pinheirinhos

#### 12 DE DEZEMBRO



*Doze pinheirinhos  
muito perfilados  
à espera do golpe  
de doze machados.*

*Doze pinheirinhos  
verdes cor de esperança  
baloçando os ramos  
com a aragem mansa.*



*Doze pinheirinhos  
sobre a neve pura.  
Verde sobre branco,  
que linda pintura!*



*Doze pinheirinhos  
vindos do pinhal  
são todos agora  
árvores de Natal.*

## Para deslizar

13 DE DEZEMBRO

*Pra deslizar  
não preciso de esquis.*

*Basta-me só  
não partir o nariz.*



Era exactamente  
aquela boneca!

14 DE DEZEMBRO

Havia na loja muitas bonecas, mas aquela era exactamente a que a Sofia queria que lhe dessem pelo Natal. Era uma boneca exactamente do tamanho que lhe convinha, com o cabelo escuro exactamente como a Sofia gostava e um sorriso a que a Sofia correspondia logo.

Além disso, aquela boneca perfeita tinha não sei quê no olhar que se percebia que ela queria pertencer à Sofia e a mais ninguém.

Por isso a Sofia falou nela ao Pai Natal.

Mas depois dessa conversa, durante a qual se mostrara um bocadinho envergonhada (é tão emocionante, tão extraordinário, falar com o Pai Natal!) não ficou muito convencida de se ter explicado bem.

— O Pai Natal vai pensar talvez que eu me contento com uma boneca parecida — disse para a mãe. Iam dentro do elevador, que continuava a subir. Era uma preocupação terrível. A Sofia tinha

a certeza: se não recebesse aquela boneca, da qual já gostava tanto, ficaria cheia de pena para toda a vida.

Pediu à mãe que a levasse outra vez junto do Pai Natal. Só um minuto. Parecia tão desgostosa que a mãe disse que sim.

Subiram, portanto, à secção de brinquedos, e a Sofia correu direita ao Pai Natal. Havia uma grande bicha de meninos e meninas à espera de falar com ele. Por isso a Sofia não demorou um segundo a procurar a sua boneca.

Mas a boneca, com o seu cabelo encaracolado, o seu sorriso, os seus adoráveis olhos escuros, tinha desaparecido. No lugar onde ela sorria, pouco tempo antes, havia outra.

— Oh! — disse a Sofia à caixeira. — Se faz favor, onde está a boneca que estava ali há um instante?

— Está embrulhada — respondeu a caixeira. — Foi vendida.

— Tem a certeza? — perguntou a Sofia com os olhos cheios de lágrimas.

— Tenho — respondeu a caixeira, estendendo-lhe uma grande caixa.

«Vendida», foi o que a Sofia leu na caixa. Mas havia mais coisas escritas.

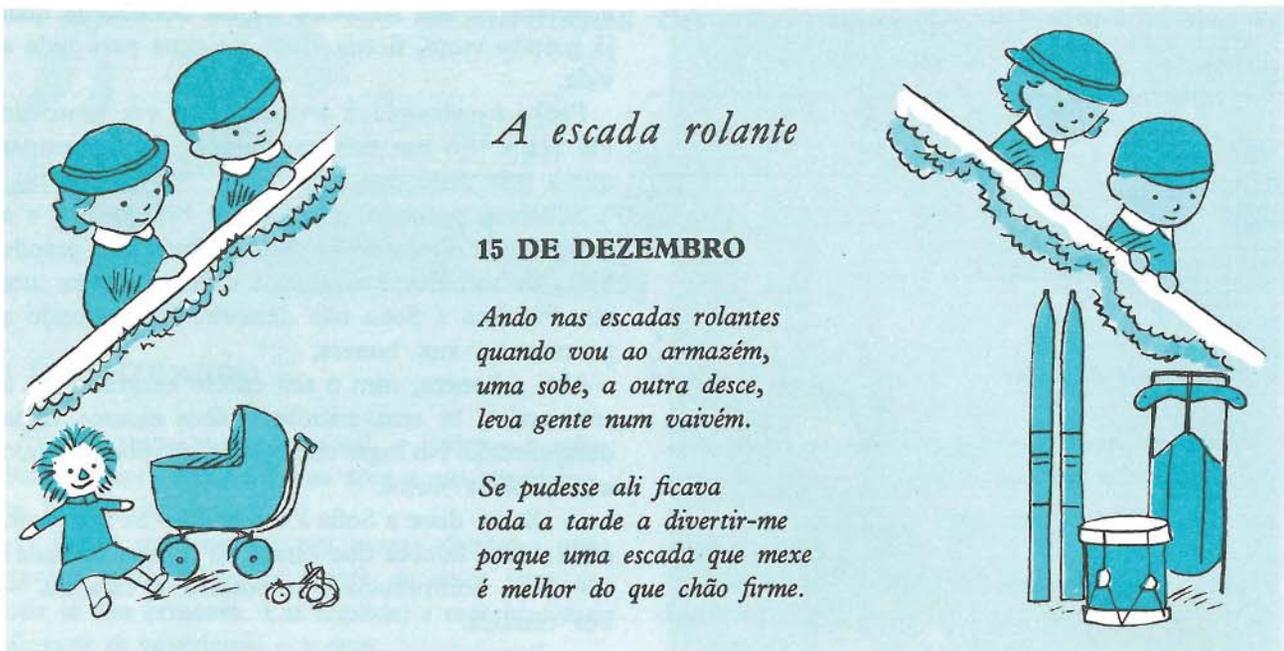
«Para a Sofia, uma menina com muito juízo», leu ela em voz alta.

Soltou um grande suspiro de alívio, agarrou a mão da mãe e dirigiu-se para o elevador.

— Então, Sofia — perguntou-lhe a mãe —, já não queres ir falar com o Pai Natal? Já não tens mais nada a pedir-lhe?

— Agora já não — respondeu a Sofia. — Acho que o Pai Natal sabe muito bem tudo o que é preciso.





## A escada rolante

**15 DE DEZEMBRO**

*Ando nas escadas rolantes  
quando vou ao armazém,  
uma sobe, a outra desce,  
leva gente num vaivém.*

*Se pudesse ali ficava  
toda a tarde a divertir-me  
porque uma escada que mexe  
é melhor do que chão firme.*



## Projectos

**16 DE DEZEMBRO**

*Desta vez é que é certo!  
Não durmo. Fico esperto  
e não apago a luz.  
Quero vê-lo chegar  
e hei-de-lhe falar!  
Ao Menino Jesus.*



## Um presente maravilhoso

**17 DE DEZEMBRO**

Era uma vez uma mãe que andava a preparar um presente para o filho.

Fazia-o com lã, e o menino sabia isto porque, de vez em quando, encontrava fiozinhos de lã fora da sala onde a mãe trabalhava.

Achou um fio de lã encarnada e disse para consigo: «Já sei o que a mãe anda a fazer! É um carapuço de lã encarnada.»

Depois encontrou alguns fios de lã verde: verde-escura, verde-clara; e pensou:

«Não. A mãe deve estar a fazer uma luvas verdes-claras com riscas encarnadas e verde-escuras.»



Mas depois, o menino achou lã branca, azul, castanha e preta.

Pensou então que a mãe devia estar a fazer-lhe uma camisola com desenhos bonitos de todas as cores: E teve a certeza de que ia gostar muito daquela camisola, embora fosse um presente útil e não um brinquedo.

Era isto o que pensava o menino. Mas não era uma camisola que a mãe andava a fazer.

Isso sim!

Era um tapete. Um tapete maravilhoso com lã verde-clara a fazer a relva, e verde-escura a fazer as árvores. Com lã azul a fazer os lagos e os rios. Havia estradas e caminhos de lã castanha, casas de lã branca com telhados e postigos de lã encarnada, e encarnadas eram também as flores que cresciam por toda a parte, e as maçãs das macieiras.

«Quando ficar pronto e estendido no chão — pensava a mãe, sempre a trabalhar, a trabalhar — este tapete será uma verdadeira aldeia para o meu filho.»

Era melhor que um carapuço. Era melhor que umas luvas.

Era melhor até que uma camisola com toda a espécie de desenhos.

E a mãe, olhando para o calendário e para o relógio, começou a trabalhar ainda mais depressa para que o tapete maravilhoso ficasse pronto no Natal para o oferecer ao filho.



## A árvore pequenina

### 18 DE DEZEMBRO

Era uma vez uma espessa camada de neve com uma árvore pequenina no meio.

E a árvore pequenina tinha frio.

— Vai-te embora! — dizia ela à neve.

Mas a neve não se mexia. Continuava sem se derreter e cada vez se tornava mais espessa em volta da árvore pequenina.

— Que linda neve! — diziam as pessoas e as árvores grandes da floresta. — Está tudo branquinho, e com ar de festa para o Natal.

Mas a árvore pequenina, sòzinha no seu lugar, pensava: «Esta neve é má! Daqui a pouco tapa-me toda, e estou perdida!»

Nesse instante, com grande tilintar de guizos, passou um pequeno trenó a deslizar sobre a neve.

Dentro vinha um rapazinho que exclamou:

— Olha aquela árvore pequenina! Era exactamente de uma assim que eu andava à procura!

E enterrou os pés na neve, também.

Cavou a neve em volta da árvore pequenina, tirou-a da terra, sem se esquecer das raízes.

Colocou-a em cima do trenó.

Depois, levou-a para casa para fazer uma árvore de Natal.

E a neve continuava sem se derreter, caía, caía, tornando tudo branco, espesso e silencioso. Mas em toda aquela brancura já não havia sinais da árvore pequenina.

## O meu mealheiro



*Ó meu porquinho de loiça,  
tu desculpa que te diga,  
mas dá para cá as moedas  
que guardaste na barriga.*

19 DE DEZEMBRO



*O Natal não tarda aí,  
as prendas custam dinheiro.  
Estás pesado, meu porquinho.  
Foste um rico mealheiro.*

## O Compadre Leão prepara os presentes

20 DE DEZEMBRO

— Este ano — disse um dia a Comadre Leoa ao marido — faz o favor de ter cuidado com o tamanho das caixas que comprares para meter os presentes de Natal. Lembras-te dos embrulhos horríveis que fizeste o ano passado?

— Lembro — respondeu o Compadre Leão. — Lembro-me muito bem, entre outros, daquela girafa de borracha que foi preciso dobrar ao meio para caber dentro da caixa.

Por isso, quando o Compadre Leão chegou à Baixa, enquanto toda a gente fazia as suas compras de Natal, foi direito ao grande bazar e correu à secção de caixas. Comprou das grandes e das pequenas, das compridas, das estreitas, das largas ... Havia-as de todos os tamanhos.

«Que carregamento! — pensou o Compadre Leão. — Como vou eu transportar tudo isto?»

Realmente, o Compadre Leão tinha os braços carregados de caixas e nem sequer podia ver o caminho. Por isso, era impossível escolher os presentes que havia de meter dentro daquelas caixas.

Se as pousasse no chão, as pessoas que andavam aos encontrões umas às outras pisavam-nas. Mas, com semelhante carrego, o Compadre Leão também não podia aproximar-se de qualquer secção e gritar à caixeira:

— Gostava de ouvir o que toca aquela caixinha de música que está ali.

Só lhe restava tomar um táxi e voltar a toda a pressa para casa.

— Despachaste-te muito depressa! — maravilhou-se a Comadre Leoa, enquanto ele pousava o carregamento de caixas. — Tens a certeza de não ter esquecido ninguém?

— Hum! — respondeu ele, atrapalhado. — Em todo o caso, há uma coisa de que tenho a certeza: não comprei nenhum presente.

Saboreou uns bolinhos que a Comadre Leoa acabara de fazer, e sentiu-se mais encorajado.

— De qualquer forma — disse ele — temos quatro dias para fazer as nossas compras, e este ano que importância tem o feitio dos presentes! Temos a certeza absoluta de arranjar uma caixa de bom tamanho para cada um.



# INVERNO





# Um verdadeiro Natal

## 21 DE DEZEMBRO

Era uma vez uma menina que se chamava Ana. Tinha nascido numa terra onde os dias eram bonitos durante todo o ano, e ali tinha vivido cinco anos.

Mas, algum tempo antes do Natal, o pai e a mãe tinham-na levado para a serra da Estrela. Que mudança!

A Ana teve de vestir imediatamente um *anorak* e um par de calças compridas. O ar glacial picava-lhe o nariz, e todos os charcos estavam gelados.

E ao dar as suas primeiras lições de esqui, a Ana perguntava a si mesma se alguma vez seria capaz de gostar daquela paisagem triste e nua.

Muita vez pensava nos seus amigos, sem dúvida entretidos a fazer um castelo de areia numa bela praia doirada lá naquela terra onde fazia sempre calor.

«A esta hora andam eles com certeza a tomar banho», pensava ela.

Era véspera de Natal, estava um dia escuro e frio. Nesse instante, a Ana viu uma coisa maravilhosa. Grandes flocos brancos desceram do céu em remoinho e começaram a cobrir a paisagem escura e triste.

Cobriram os telhados, amontoaram-se sobre as árvores despidas, e de repente brilharam luzes na bela árvore verde onde o pai da Ana tinha prendido centenas de velas de Natal.

Dáí a pouco acenderam-se luzes em toda a cidade.

A Ana nunca tinha visto um espectáculo tão lindo.

A neve silenciosa caiu durante todo o jantar. A seguir contaram-se histórias de Natal e a Ana ajudou os pais e embrulhar os presentes. Nunca, na sua terra, a Ana se divertira tanto como naquela noite.

Lá, nunca caía neve!

Por isso, quando lançou um olhar à janela antes de se meter pela cama abaixo, a Ana sentiu que ia gostar da sua nova terra.

Sorriu e pensou que o seu primeiro Natal na serra da Estrela era o mais lindo de todos.



*Proibido!*

## 22 DE DEZEMBRO

— Não se mexe no armário.  
Não se abrem as gavetas.  
Também debaixo das camas  
eu não quero que te metas.

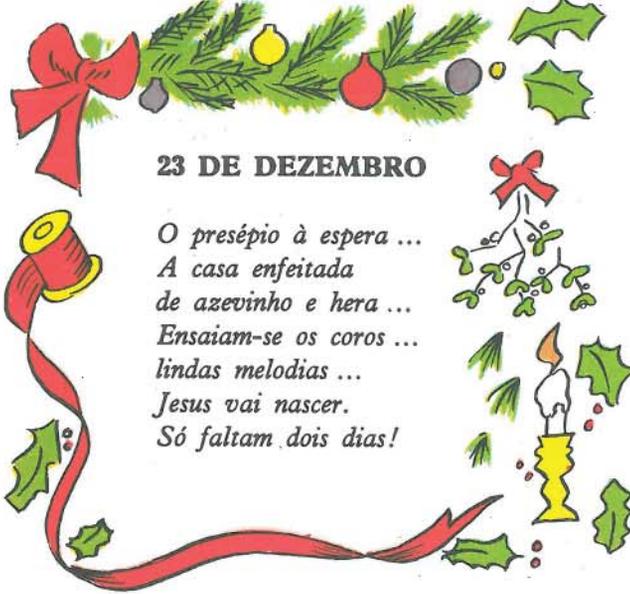


*Não sacudas os embrulhos  
que vieram pelo correio  
porque ser bisbilhoteiro,  
francamente, é muito feio!*



*Diz a mãe, e diz o pai,  
diz o mano mais crescido.  
Mas porque é que neste tempo  
tudo isso é proibido?*

Falta pouco ...



**23 DE DEZEMBRO**

*O presépio à espera ...  
A casa enfeitada  
de azevinho e hera ...  
Ensaiam-se os coros ...  
lindas melodias ...  
Jesus vai nascer.  
Só faltam dois dias!*

A rena

**24 DE DEZEMBRO**

Era uma vez uma renazinha que queria ser grande e forte para puxar o trenó do Pai Natal.

Por isso, durante todo o ano, tinha-se portado muito bem, tinha comido como um lobo e deitara-se cedo todas as noites. Deste modo crescera muito.

«Já estou crescida, já posso agora puxar a toda a velocidade o trenó do Pai Natal», pensava. Todos os dias perguntava à mãe se o Pai Natal a tinha mandado chamar.

— Não — dizia a mãe. — Hoje não.



Na véspera de Natal, à hora de ir para a cama, o Pai Natal continuava sem chamar a renazinha ambiciosa.

Esta foi deitar-se, porque era muito ajuizada. Mas não conseguia adormecer.

Esperou durante muito tempo, de olhos abertos, e com o coração a bater. O Pai Natal também estava à espera. Não se resolvia a partir, sabendo que a renazinha estava acordada e à espera dele.

— Vou chegar atrasado — disse por fim o Pai Natal — e aquele «ninguém de gente» ainda não adormeceu. Que hei-de fazer?

— Eu sei — disse a mulher do Pai Natal.



E segredou qualquer coisa ao ouvido do marido.

— Talvez tenhas razão — respondeu o Pai Natal, pensativo. — Porque é uma renazinha muito ajuizada, e que cresceu muito este ano. Mas tenho de partir sem demora, senão as minhas renas ficam a cair de sono. — Então levantou o auscultador do telefone, marcou o número da renazinha e perguntou à mãe.

— Quer fazer o favor de mandar cá a sua filha? É ainda muito pequena para puxar o meu trenó, mas já tem idade para ir ao meu lado e ajudar-me a distribuir os brinquedos.

— Com certeza, Pai Natal — respondeu a mãe. — Vou já acordá-la.

Mas não foi preciso ir a correr. Porque, de olhos bem abertos, a renazinha tinha ouvido também a campainha do telefone. Dali a pouco descia a escada e os seus pequenos cascos batiam no chão como verdadeiros cascos de rena, e os guizos da sua coleira dos domingos tilintavam tão alegremente como os do trenó do Pai Natal.



## Dois Natais ao mesmo tempo

### 25 DE DEZEMBRO

A Laura e o David moravam no Canadá. Tinham o dobro da sorte dos outros meninos porque festejavam o Natal duas vezes no mesmo ano.

Primeiro, faziam uma festa maravilhosa em casa, e, a seguir, depois de um belo pequeno-almoço, partiam para casa dos avós.

Aí, encontravam uma bela árvore, cintilante de luzes, presentes e grande quantidade de embrulhos.

Sentavam-se então à mesa. Havia tios, tias, primas, em volta da mesa: uma grande mesa muito alegre. O avô trinchava um enorme peru e a avó servia acepipes muito saborosos. Este segundo Natal era sempre muito alegre. A Laura e o David preferiam-no até ao Natal de casa dos pais.

Mas, um dia de Natal, pela manhã, ao saltarem da cama viram que a paisagem tinha desaparecido sob uma espessa camada de neve, e o pai disse que não era possível tirar o carro da garagem, e menos ainda partir a pé através dos campos.

— Havemos de nos divertir muito cá em casa — disse a mãe para os consolar. — Mas vou telefonar à avó para ela não se afligir.

— Oh! — murmurou a Laura. — Quem me dera não ter desejado que houvesse neve pelo Natal!

— Também eu — respondeu o David.

Sentaram-se ambos muito tristes em frente da janela, a ver a neve a cair. Mas, de repente, com um lindo tilintar de guizos, apareceu um grande trenó que parou diante da porta.

Era um trenó vermelho muito parecido com o do Pai Natal, mas puxado por cavalos muito parecidos com os do avô.

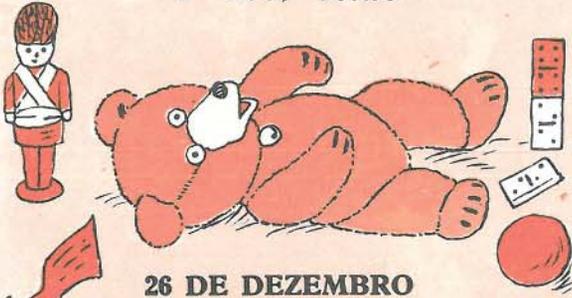
Quando o condutor saltou do trenó, alegre e cheio de animação, a Laura e o David reconheceram o avô.

— Parti de madrugada — disse ele, sorridente. — Pensei imediatamente neste velho trenó que estava a um canto da garagem. Vamos embora. Temos de nos despachar se quisermos chegar a tempo do almoço.

Num abrir e fechar de olhos, cada qual enfiou o casaco e instalou-se no trenó. A Laura levava ao colo a sua boneca nova. O David não se esquecera do seu lindo automóvel. O pai e a mãe iam carregados de embrulhos. O avô, esse, pegava nas rédeas.

Correram por cima da neve, numa revoada de guizos e de neve, para festejarem o seu segundo Natal.

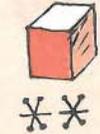
## O urso velho



26 DE DEZEMBRO

*Ai tantos brinquedos  
novinhos em folha  
que o Zé recebeu!  
Difícil a escolha!*

*Mas, adormecido,  
o Zézinho abraça  
o seu urso velho  
roído da traça!*

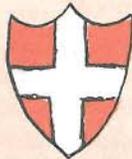


## Os guerreiros

27 DE DEZEMBRO

*Deram-me um batalhão  
de guerreiros antigos,  
mas em vez de espingarda  
têm espada na mão,  
cutelo ou alabarda.*

*O D. Afonso Henriques  
andaria vestido  
como eles também,  
quando tomou Lisboa,  
Palmela ou Santarém?*



## Compadre Texugo

28 DE DEZEMBRO

Naquela tarde fazia frio, estava escuro e o temporal rugia. Compadre Texugo, que tinha saído para comprar o jornal, encontrou um bebé perdido.

Não tinha carapuço nem casaco, e era tão pequenino que nem sequer sabia dizer onde morava.

— Não te aflijas — disse o bom do Compadre Texugo. — Vou embrulhar-te no meu cachecol quente e havemos de encontrar a tua casa.

Mas, antes de ter tempo de desenrolar o cachecol, abriram-se todas as portas da rua e todas as senhoras da vizinhança começaram a ralar com o Compadre Texugo.

— Francamente, Compadre Texugo — indignou-se a senhora Esquilo —, o seu filho coitadinho vai ficar enregelado! Venha cá! Vista-lhe imediatamente este casacão!

— Francamente, Compadre Texugo — ralhou a Dona Rata do Campo —, não vê que o seu filho não pode sair sem botas com um nevão destes! Pegue lá estas e calce-lhas!

— O quê? Compadre Texugo — gritou a senhora Coelha —, avie-se a pôr este carapuço e estas luvas ao seu filho. Perdeu a cabeça, com certeza, para o trazer para a rua dessa maneira!



O pobre do Compadre Texugo não tinha tempo para dizer a mais pequena palavra que explicasse que aquele bebé não era seu filho.

Tinha parado para o vestir, e tentava falar:

— Mas é que ...

Interrompiam-no sempre.

Foi então que a senhora Gata abriu a porta.

— Francamente, Compadre Texugo! — exclamou ela. — Não sabe que o termómetro desceu hoje cinco graus abaixo de zero? Não está tempo para andar com o seu filho a passear!

Mas felizmente a senhora Gata viu o bebé um pouco mais de perto.

— O quê?! — exclamou ela. — É o meu Bichaninho! Mas ele estava a dormir em cima do sofá quando eu fui preparar o jantar!

Desceu os degraus da entrada, pegou no filho ao colo e levou-o para dentro de casa.

— Muito obrigada — gritou ainda. — Foi muito amável da sua parte ter-me trazido o Bichaninho. Não sei o que seria dele sem o senhor!

— Realmente foi muito amável — disseram as vizinhas todas. — Mas porque não disse logo que não era o seu filho?

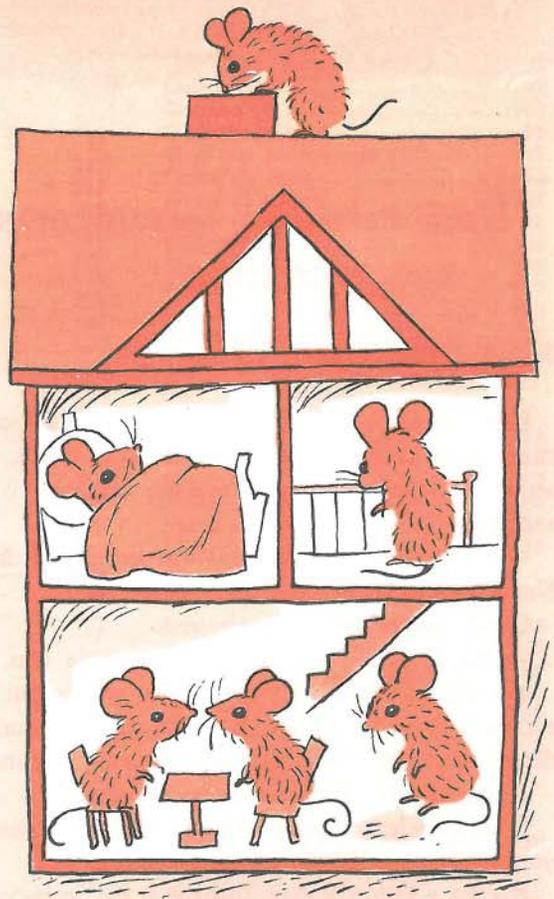
— Não me deram tempo para explicar — respondeu o Compadre Texugo.

## A casa das bonecas

29 DE DEZEMBRO

*A casinha das bonecas  
está muito bem mobilada:  
tem cadeiras e caminhas,  
tem mesas, tem uma escada,  
mas não serve para nada!*

*As donas não agradecem,  
são mudas e paspalhonas.  
Não era melhor que a dessem  
a uns novos inquilinos:  
uma família de ratos,  
pai e mãe com seus meninos?*





## Uma caixa de ferramentas novinha

### 30 DE DEZEMBRO

Pelo Natal, o Filipe tinha tido uma bela caixa, cheia de toda a espécie de ferramentas. Mas, para serrar e pregar pregos, faltava-lhe madeira. E não a tinha.

— Eu queria madeira, pai — pediu ele no dia de Natal à tarde.

O pai respondeu:

— Há-de arranjar-se, Filipe, mas hoje não.

No dia seguinte, o Filipe foi ter com o pai, que estava a ler o jornal, e pediu outra vez que lhe desse madeira. E novamente o pai respondeu:

— Está bem, Filipe, mas agora não.

E respondeu exactamente a mesma coisa no outro dia.

No dia a seguir a esse, quando o Filipe reclamou a madeira, o pai respondeu:

— Também eu queria uma coisa. Queria que tu arrumasses os brinquedos que recebeste pelo Natal. Leva-os para o teu quarto ou para outro lado qualquer. Não se pode dar um passo nesta sala.

— Eu sei, pai — respondeu o Filipe. — Mas o meu desejo e o meu acertam um com o outro. Porque eu quero um bocado de madeira exactamente para fazer prateleiras. Quando estiverem prontas, já posso arrumar os brinquedos no meu quarto.

— Tens razão — disse o pai, que, desatando a rir, acrescentou: — Anda, Filipe, vamos imediatamente à estância de madeiras.

E lá foram.

A partir dessa altura, o pai não pensou mais nos brinquedos espalhados pela sala.

Estava ocupadíssimo a mostrar ao Filipe como se faziam prateleiras, e o Filipe ocupadíssimo a serrar, a pregar pregos, a trabalhar de todas as maneiras com todas as ferramentas que tinha na sua linda caixa nova.



## Passagem do ano

### 31 DE DEZEMBRO

*É dia trinta e um.*

*Está o ano acabado.*

*Por estes dias todos,*

*Pai do Céu, obrigado.*



# ÍNDICE



## A

A sete pés .....	17
À noite na minha cama .....	212
À pesca .....	154
Almoço (O) .....	187
Altos e baixos .....	12
Amiga nova (A) .....	180
Amigos novos .....	216
Amoras (As) .....	148
Anos de casados do casal Urso (Os) .....	36
Anos da mamã esquilo (Os) ...	89
Ao cinema .....	86
Ao trabalho! .....	90
Aonde vão vocês, porquinhos? ...	176
Aranha tecedeira (A) .....	53
Aritmética (A) .....	41
Arrelias do Cágado Ronceirinho (As) .....	28
Artista (O) .....	180
Árvore pequenina (A) .....	225
Árvores no Inverno (As) .....	20
Automóvel (O) .....	202
Automóvel azul (O) .....	46

## B

Bailado nocturno .....	139
Baile de celeiro (O) .....	197
Baile de máscaras (O) .....	37
Baleia que falava (A) .....	136
Balões (Os) .....	122
Baloço (O) .....	131
Barcos (Os) .....	98
Boa solução (Uma) .....	158
Bolotas (As) .....	192
Bolotas aos milhares! .....	206
Bom dia, gémeos! .....	163
Bombeiro dorminhoco (O) .....	15
Borboletas (As) .....	103
Botas da Anita (As) .....	12
Brincadeira nova (Uma) .....	152
Brinquedos do ano passado (Os) ..	222
Búzio mágico (O) .....	159

## C

Cachorrinho que procurava uma casa (O) .....	199
Cada qual para si .....	194
Cada vez maior! .....	100
Cães (Os) .....	178
Caixa de ferramentas novinha (Uma) .....	234
Camelo rezingão (O) .....	183
Caminho das terras quentes (A) ..	196
Camisa à <i>cow-boy</i> (A) .....	50
Cantiga da mãe corvo (A) .....	144
Cantoneiro amável (O) .....	92
Cãozinho maroto .....	215
Caraça (A) .....	195
Cardos (Os) .....	118
Carlos vai patinar (O) .....	188
Carnaval .....	36
Carrinho (O) .....	63
Carro vermelho (O) .....	55
Carrocel (O) .....	121
Carteiro que tinha saudades (O) ..	102
Casa das bonecas (A) .....	233

Casa da cabrinha e do cabrito (A) .....	53
Casa do Joãozinho Coelho (A) ..	137
Casa nova (A) .....	106
Casa para a Dona Ratinha do Campo (Uma) .....	177
Casas de toda a espécie .....	72
Casinha (A) .....	87
Castorzinho preguiçoso (O) ...	64
Chapéu para a Cristina (Um) ...	95
Chuva (A) .....	82
Cinco reis .....	87
Có-có-ró-có preguiçoso .....	99
Coelho hortelão (O) .....	70
Coelho que tinha nascido na Primavera (O) .....	83
Cogumelo (O) .....	139
Coitadinha da aranha! .....	100
Coleccionador (O) .....	178
Colónia de férias (A) .....	148
Com seis grandes almofadas ...	196
Combinação dos Silvas (A) ...	59
Comboios (Os) .....	41
Compadre Leão faz doces (O) ..	189
Compadre Leão prepara os presentes (O) .....	226
Compadre Texugo .....	232
Conheço um senhor ...	220
Corrida do coelho (A) .....	175
Crocodilo rabugento (O) .....	134
Cuco marau (O) .....	35

## D

Damas (As) .....	15
Daniel estava aborrecido .....	217
De noite .....	215
Desastre feliz (Um) .....	24
Descoberta do Vasco (A) .....	185
Desconhecido (O) .....	139
Desfile do circo (O) .....	112
Desgraças de Ninete (As) .....	103
Dispensa (A) .....	42
Detective Daniel (O) .....	124
Dez mochinhos .....	184
Dia de chuva (Um) .....	174
Dia de feira .....	178
Dia diferente dos outros (Um) ..	190
Dia mais comprido (O) .....	117
Disfarces do Fernando (Os) ...	204
Do outro lado .....	118
Dona Cá-cá-rá-cá (A) .....	59
Dona Ratinha num dia de chuva (A) .....	60
Dois macacos (Os) .....	138
Dois Natais ao mesmo tempo ...	231
Dois ouriços (Os) .....	28
Dois sócios (Os) .....	32
Doze pinheirinhos .....	222
Dragão pequenino (Um) .....	200
Duas lagartas (As) .....	168

## E

É Primavera! .....	96
Em cima de uma árvore .....	173
Em Fevereiro .....	33
Encomendas (As) .....	220
Engano da avó (O) .....	142
Época das colheitas (A) .....	192

Era exactamente aquela boneca! ..	223
Escada (A) .....	144
Escada rolante (A) .....	224
Escaravelhos (Os) .....	179
Escorrega (O) .....	127
Esperteza .....	151
Esquilinhos zaragateiros (Os) ...	39
Esquilo (O) .....	35
Estrela de Natal (A) .....	220
Exêrcitozinho valente (Um) .....	211

## F

Falta pouco ...	230
Família dos ursos faz um piquenique (A) .....	126
Feira (A) .....	152
Férias do coelho da cidade (As) ..	21
Festa do Joãozinho Coelho (A) ..	31
Fogão da minha avó (O) .....	13
Fogueira do coelhinho roliço (A) ..	205
Foguetes .....	200
Folha de couve para cada um (Uma) .....	156
Folhas do Outono (As) .....	191
Formigas (As) .....	104
Fugitivos (Os) .....	182
Funileiro (O) .....	209

## G

Gaio (O) .....	141
Galo (O) .....	107
Gatinho (O) .....	163
Gatinhos (Os) .....	95
Gato que foi à escola (O) .....	167
Gosto da água .....	131
Gosto da chuva .....	206
Gosto mais de ser eu .....	32
Gémeos (Os) .....	186
Girafa preguiçosa (A) .....	166
Guarda-chuva do esquilo (O) ...	139
Guarda-chuva mágico (O) .....	119
Guardado está o bocado .....	29
Guerreiros (Os) .....	232

## H

História muito antiga (Uma) ...	213
Homenzinho de pão doce (O) ...	218
Hop! hop! hop! .....	90
Horas de deitar .....	202
Horta desarrumada (A) .....	128
Hortelão apressado (O) .....	70

## I

Ilusionista maravilhoso (O) ...	25
Impermeável e as botas (O) ...	166
Índiozinho (O) .....	168
Inquilinos novos (Os) .....	83
Inverno à porta! .....	169
Inverno do Compadre Leão (O) ..	8
Irmãos a mais .....	79

## J

Jardim de Outono (O) .....	194
Jardim encantado (O) .....	143
Jardim para Filipe (Um) .....	184
Jardim público (O) .....	76
Jerónimo Pato Ganso .....	94



L	
Leitãozinho gordo (O) .....	210
Leiteiro infeliz (O) .....	150
Lição de música (A) .....	131
Loja da pouca sorte (A) .....	219
Lua (A) .....	38
Lua é curiosa (A) .....	112
Lua quebrada (A) .....	97
Lua vai passear (A) .....	170
Luvás do Bichaneco (As) .....	22
Luzes na escuridão .....	130

M	
Macaco medroso (O) .....	20
Manelinho miúdo (O) .....	132
Mangueira (A) .....	156
Manhã de Inverno .....	10
Maquinista Filipe (O) .....	91
Marmotazinha ajuizada (A) .....	117
Medo de quê? .....	183
Menina do meio (A) .....	128
Menina que não gostava do seu nome (A) .....	208
Menina Ratinha no armário (A) .....	43
Menina Sabe-Tudo (A) .....	92
Menino delicado (O) .....	26
Menino Silva (O) .....	76
Merceeiro cuidadoso (O) .....	27
Meu mealheiro (O) .....	226
Meu pomar (O) .....	181
Meu Totó (O) .....	151
Minha camisola (A) .....	180
Minha gata (A) .....	63
Miranda recorda-se .....	113
Mocho com juízo (Um) .....	208
Moita de uva-espim (A) .....	211
Molengão .....	74
Mudança .....	160
Mudança (A) .....	169

N	
Não é esquisito? .....	87
Na piscina .....	151
Na mata .....	88
Na praia .....	101
Natação (A) .....	98
Naufrágio (O) .....	51
Neve, neve, sempre neve! .....	16
Nevoeiro (O) .....	210
No jardim .....	120
No jardim zoológico .....	216
No meio do campo .....	160
No mês de Agosto .....	159
Noites de Inverno .....	40
Nove estudantes .....	165
Nunca se sabe .....	9

O	
Oh, que ventania! .....	49
Oito ursinhos .....	146
Onze abóboras .....	204
Outono (O) .....	193
Ovos da Páscoa (Os) .....	71

P	
Padeiro simpático (O) .....	66
Palhaço mais engraçado do Mundo (O) .....	110
Palhaço triste (O) .....	26
Papagaios (Os) .....	93
Para deslizar .....	223
Para o lado esquerdo .....	67
Parada dos Bombeiros (A) .....	125

Passagem do ano .....	234
Passeio (O) .....	170
Passeio dos cangurus (O) .....	30
Pastor (O) .....	133
Patins (Os) .....	19
Pato ganso (O) .....	179
Patos brancos (Os) .....	96
Pchiu! .....	22
Pedidos .....	221
Pedrinho Terrível .....	43
Pequenina sombra cinzenta (A) .....	108
Pequeno capitão (O) .....	158
Pequeno hipopótamo (O) .....	145
Perdido e achado .....	107
Pêra doirada (A) .....	156
Pessoas crescidas (As) .....	69
Pião .....	155
Pintainho preto (O) .....	72
Pintor (O) .....	105
Piquenique (O) .....	110
Pirilampo (O) .....	146
Pisco prudente (O) .....	13
Pista dos Índios (A) .....	75
Pobre Joãozinho Coelho! .....	82
Pobre Raposa! .....	51
Pobre senhor Pintaroxo! .....	98
Polícia esfomeado (O) .....	56
Pombos da cidade (Os) .....	197
Pónei dos sábados (O) .....	85
Ponte que não ia dar a parte nenhuma (A) .....	37
Porquê? .....	132
Praia (A) .....	134
Presente (O) .....	11
Presente maravilhoso (Um) .....	224
Presente para a Dona Rata do Campo (Um) .....	48
Presentes (Os) .....	220
Primeiras noções (As) .....	198
Proibido! .....	229
Projectos .....	224

Q	
Quando cai neve de noite ... ..	218
Quando eu crescer .....	63
Quatro gatinhos .....	68
Que esquisitos são os espelhos! .....	49
Que eu achei (O) .....	50
Que maçada ser coelho! .....	133
Quem passou por aqui? .....	25

R	
Rainha de Maio (A) .....	84
Ramalhete (O) .....	77
Rapaz dos sete ofícios (O) .....	28
Rapazinho que estava a crescer (O) .....	73
Raposa esfomeada (A) .....	109
Ratinho tonto .....	106
Ratinhos (Os) .....	26
Regresso de Nero (O) .....	135
Relógio (O) .....	112
Rena (A) .....	230
Retirada do Almirante Rã (A) .....	176
Rinoceronte detective (O) .....	78

S	
São João .....	118
Sapatos novos (Os) .....	165
Sapatos novos do Yann (Os) .....	54
Segredo da raposa (O) .....	123
Seis colherzinhas .....	212
Seis tamborzinhos .....	105
Semanada (A) .....	164

Senhor Beltrão (O) .....	140
Senhor Bento (O) .....	207
Senhor Comodista e a chuva (O) .....	81
Senhor Doutor-lá-de-cima e o Senhor Doutor-lá-de-baixo (O) .....	62
Senhor Pelicano (O) .....	136
Sentinelas (As) .....	221
Serpente (A) .....	154
Sete marujinhos .....	127
Silêncio (O) .....	140
Sinos de Natal (Os) .....	19
Sol e eu (O) .....	61
Sorte da Dona Cá-cá-rá-cá (A) .....	77
Surpresa (A) .....	204
Surpresa da Menina Ratinha (A) .....	88
Surpresa do Miguel (A) .....	14

T	
Tempo das cerejas (O) .....	129
Tenho um segredo .....	72
Tesouro (O) .....	73
Toda a espécie de insectos .....	157
Tónio! Tónio! .....	161
Tostão ... Dois tostões ... (Um) .....	108
Trapalhona .....	74
Três coelhinhos (Os) .....	54
Três indiozinhos .....	101
Três leõesinhos .....	46
Três patinhos à descoberta .....	68
Três raposinhos (Os) .....	97
Trovoada (A) .....	149

U	
União faz a força (A) .....	65
Ursinho apressado (O) .....	186
Ursinho constipado (O) .....	10
Ursinho do lado (O) .....	45
Ursinho maroto (O) .....	203
Ursinho molhado (O) .....	147
Ursinho pequenino (O) .....	86
Ursinho torto (O) .....	170
Urso que não queria dormir (O) .....	214
Urso velho (O) .....	232
Ursos travessos (Os) .....	162
Uvas verdes (As) .....	154

V	
Vá lá, depressa! .....	14
Varicela e a papeira (A) .....	38
Veadinho (O) .....	198
Velho muro de pedra (O) .....	191
Velho Tareco (O) .....	120
Vendedor de gelados (O) .....	158
Vendedor novo (O) .....	55
Venham ver! .....	79
Vento (O) .....	60
Vento zangou-se ... (O) .....	173
Verdade ou mentira? .....	66
Verdadeiro Natal (Um) .....	229
Vestuário novo do pobre João-nico (O) .....	162
Viagem que nunca mais acabava (A) .....	42
Viajante (O) .....	120
Viva o rei! .....	195
Vizinhos novos (Os) .....	80

Y	
Yuki II .....	114

Z	
Zebrazinha veloz (A) .....	47



